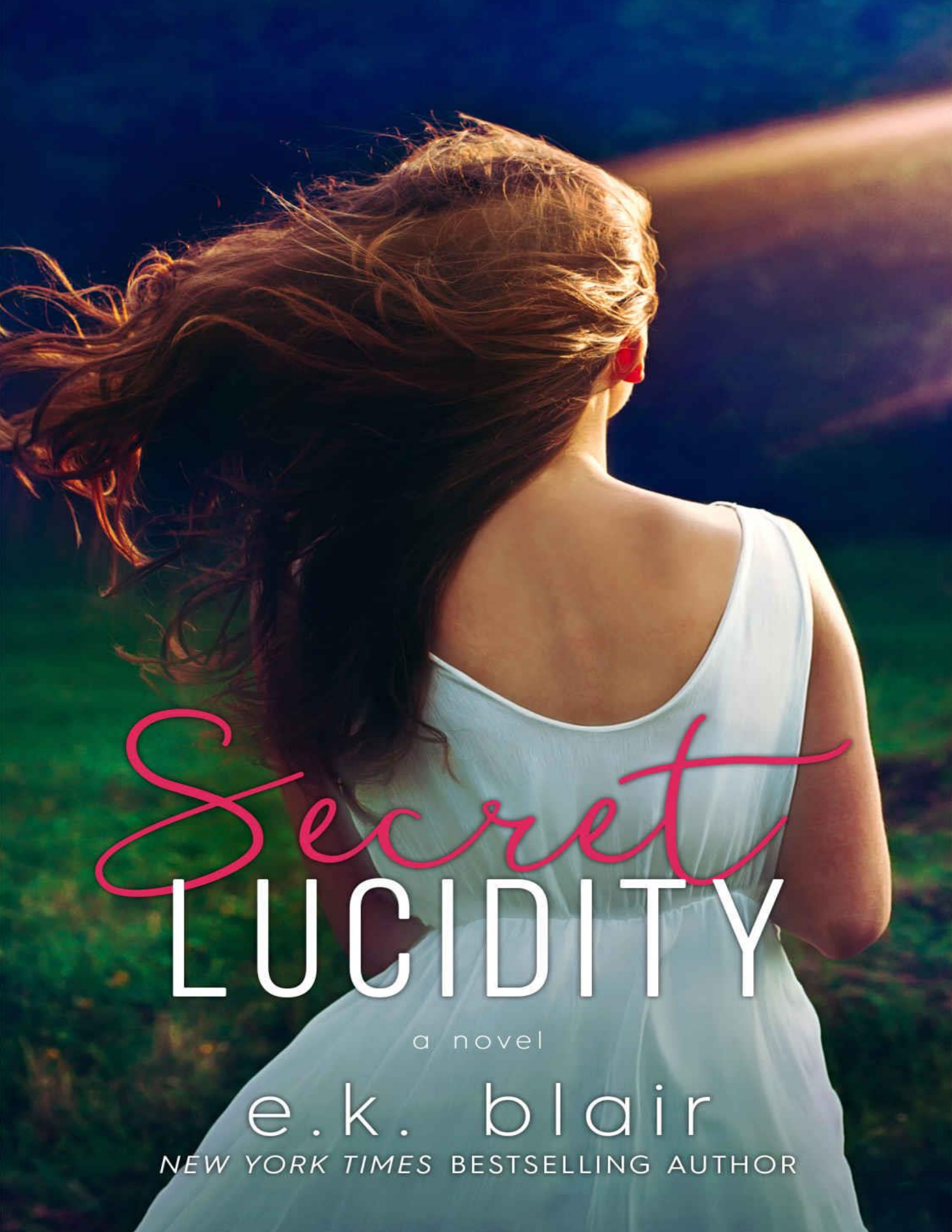

Secret
LUCIDITY
a novel
e.k. blair
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR




# E.K. Blair

Secret Lucidity

Livro Único



**Tradução:** Luna Wings

**Revisão Inicial:** Ágata Wings

**Revisão Final:** Seraph Wings

**Leitura:** Seraph Wings

**Data:** 11/2018

Secret Lucidity Copyright © 2018 E.K. Blair

# SINOPSE

Isso não deveria acontecer.

Mas aconteceu.

Esta não deveria ser a minha vida.

Mas era.

Eu era apenas uma garota típica, vivendo uma vida típica. Nada estava fora do normal até que uma tragédia me lançou em uma roleta da qual eu não conseguia sair. Foi assim, até ele.

Eu nunca imaginei meu coração se apaixonando dessa maneira. Duro, rápido e com uma beleza ilimitada.

O único problema?

Ele estava fora dos limites.

Proibido.

Mas ele tornou-se o meu tudo, e eu tornei-me o dele, então arriscamos tudo. Foi só uma questão de tempo até que eu percebesse que nosso risco vinha com consequências inimagináveis.

Meu nome é Camellia Hale e o dele é David Andrews, e essa é nossa história de amor.

# Capítulo Um

## 15:12

Faltam só três minutos para terminar meu ano júnior[1]. Mais três minutos para o começo do verão.

— Eu mal posso esperar para ser oficialmente uma sênior, — diz Linze, enrolando uma mecha de seu cabelo dourado, na mesa ao lado da minha.

— Eu sei. Vai ser ótimo.

— Eu preciso encontrar um namorado antes do final do verão. Não tem como eu começar o último ano solteira.

— Um relacionamento não é o que você quer, e você sabe disso.

Ela revira os olhos e ri concordando. — Deixe-me reformular isso, preciso encontrar um menino para beijar que seja leal a mim e só a mim.

Nós duas rimos.

A maioria das pessoas acha a sua personalidade explosiva exagerada, mas eu não. Linze e eu somos melhores amigas desde o ensino fundamental, quando a família dela se mudou para cá de Los Angeles. Ela nasceu com a luz do sol em seu sangue, enquanto eu nasci com terra vermelha no meu. Oklahoma, o coração da América onde nada de excitante acontece, tem sido minha casa desde o nascimento. O dia em que Linze chegou foi o dia em que esse estado atingiu o nível máximo de frescor.

— Sentem-se, garotos, — a Sra. Lancaster geme por trás dos óculos de aro de plástico, que estão tortos no rosto. Nossa professora, cuja data de validade venceu faz tempo, ainda se mostra mais detestável a cada dia.

— Os garotos do ensino médio são tão irritantes, — diz Linze sobre as crianças na parte de trás da classe que estão fazendo bagunça.

Eu ignoro a testosterona desagradável atrás de mim e me viro para a minha amiga. — A que horas você quer que eu vá hoje à noite?

---

[1] Nos Estados Unidos, ao chegar ao Ensino Médio, cada ano tem uma nomenclatura: quem está no 1º ano (9th Grade) é chamado Freshman; no 2º (10th Grade), Sophomores; no 3º (11th Grade) Juniors e, por fim, no 4º e último ano do Ensino Médio são os Seniors.

— Quando puder. Quanto mais cedo melhor.

— OK. Bem, eu vou nadar por um tempo e dar algumas voltas.

— Você nunca para, não é?

Sorrindo, eu pego minha mochila debaixo da minha mesa enquanto o ponteiro dos segundos se aproxima do fim de sua rotação final para a liberdade.

Uma erupção de aplausos e exasperados “Graças a Deus” ecoam nas paredes de blocos de concreto pintados quando o ultimo sinal do ano toca. Cadeiras e mesas rangem contra o chão de ladrilhos enquanto os estudantes fogem das salas de aula.

Linze e eu atravessamos os corredores lotados e eu sou erguida em um instante.

— Seniors, gata! — Kroy se gaba em voz alta, provocando excitação dentro mim.

Com meus braços ao redor de seu pescoço, eu sorrio para o seu charme juvenil antes de beijá-lo enquanto o corpo estudantil corre ao nosso redor em total caos.

— É por isso que eu preciso de um namorado, — grita Linze sobre a multidão. — Vocês dois são repugnantemente perfeitos.

Kroy me coloca de pé. — O que está te deixando atacada, Linz?

— Não a deixe começar a falar, — eu brinco. — Resumindo, a garota precisa transar.

Linze me lança um olhar sarcástico. — Oh meu Deus! Para uma virgem, você com certeza fala como uma puta.

— Não se preocupe. Você certamente encontrará um garoto para beijar esta noite.

— Festa na sua casa, certo? — Kroy pergunta a ela enquanto caminha comigo de mãos dadas.

— Sim! Embora, eu tenha que correr. Ligue-me quando estiver a caminho, ok?

Antes que eu possa responder, Kroy pega meu rosto em suas mãos e me apoia contra os armários, murmurando entre beijos, — Talvez possamos consertar esse problema da virgindade hoje à noite.

Cutucando suas costelas, eu tento empurrá-lo para longe, mas sua grande estrutura não se move até que ele olhe para a esquerda.

— Treinador Hale, — ele o cumprimenta em um tom uniforme, dando um passo para longe de mim. — Como está, senhor?

— Eu preciso reiterar a política de PDA[2] da escola?

— Não senhor. Apenas um beijo de comemoração era tudo o que estava acontecendo.

— Pai, — eu gemo baixinho. — Por que você está sempre pegando no pé dele?

— Porque você é minha garotinha. O meu trabalho é atormentar o seu namorado.

— A espingarda não foi tormento suficiente? — Kroy pergunta, ao que meu pai responde: — Nem perto, garoto, — antes de bater a mão no ombro de Kroy e soltar uma cativante risada

Kroy cresceu na minha rua. Ele me atormentava quando éramos mais jovens, mas isso não nos impediu de brincar. Nossas famílias sempre foram próximas, e não foi surpresa para minha mãe quando ele eventualmente me convidou para sair quando estávamos no ano sophomore[3]. Meu pai, por outro lado, teve um pouco de dificuldade com a ideia e fez questão de limpar sua espingarda quando Kroy veio me buscar para o nosso primeiro encontro. Eu sei que por trás das intimidações do meu pai, ele tem muito respeito por Kroy, então não me preocupo.

— O que é essa festa que eu tenho ouvido falar?

— Apenas uma festa, — digo ao meu pai, jogando um sorriso inocente por trás das minhas palavras.

Quando seu pai é professor de história em sua escola, assim como o treinador chefe da equipe de natação da qual você faz parte, nada é segredo. Ele ouve tudo, e é por isso que me asseguro de estar sempre fora do radar e manter minha reputação intacta. Não que eu tenha algo a esconder. Eu sou apenas uma típica garota de dezessete anos. Eu sou uma estudante, tenho muitos amigos, e me mantenho longe de problemas na maior parte do tempo. Como eu disse, nada importante realmente acontece nesta cidade.

---

[2] Abreviação de Public Display of Affection, em português demonstração de afeto em público.

[3] Segundo ano do ensino médio.

— Haverá álcool nesta festa?

— Kroy, me ajude aqui.

— Seu namorado não pode salvá-la de meus interrogatórios, coração.

— Então me diga o que vai, porque o meu ano junior acabou, e você está meio que estragando o meu humor.

— Treinador Hale! — Ecoa no corredor de alguns garotos da equipe de natação que estão bombeando seus punhos em comemoração enquanto saem da escola.

— Eu não pareço estar estragando o humor deles, — ele se defende com um sorriso arrogante.

— Você não é o pai deles.

— Não se preocupe, senhor. Ela estará comigo e eu prometo que nada sairá do controle... — Kroy interrompe.

— Ela é minha princesa...

— O-M-G![4] Você é tão embaraçoso! — Eu exclamo, jogando minha cabeça para trás em um aborrecimento amoroso quando começo a me afastar. — Eu te ligo mais tarde, Kroy.

— Onde você está indo?

— Para a piscina, — digo a ele antes de olhar para o meu pai. — Venha me pegar quando você estiver pronto para ir.

— O novo treinador estava aqui antes, mas acho que ele já poderia ter saído e trancado. — Quando ele diz isso, enfia a mão no bolso e pega as chaves. — Aqui.

— Obrigada, papai.

As chaves não são necessárias quando encontro as portas destrancadas. Eu olho para o pequeno escritório que tem vista para a piscina e vejo um cara que deve ser o novo treinador adjunto.

Ele me vê e sai para o topo da escada. — Eu posso te ajudar com alguma coisa?

— Eu vou dar um mergulho rápido.

— Eu trancarei daqui a pouco.

---

[4] Oh My God em português Oh Meu Deus.

— Treinador Hale é meu pai, — digo a ele. — Eu estou de carona com ele hoje. Pensei em dar alguns mergulhos enquanto espero que ele termine sua aula.

Ele apoia os cotovelos no corrimão. — Então, você é Cam?

Eu aceno com a cabeça.

Eu não posso deixar de olhar. Ele é anos mais novo que meu pai e tem cabelo castanho espesso e perfeitamente estiloso. Sua camiseta e short de ginástica envolvem muito bem seu corpo bronzeado e atlético.

— Holler, se você precisar de alguma coisa. Eu só estou terminando alguma papelada antes de sair.

Ele caminha de volta para o escritório enquanto eu entro no vestiário feminino.

Enquanto me troco para o meu traje de natação, os murmúrios de algumas garotas chamam minha atenção. Aparentemente, o novo treinador era a personificação da fantasia do colegial tornando-se realidade. Não há como negar sua boa aparência e físico, mas o cara tem que ter trinta e poucos anos.

Meu pai teve o mesmo assistente nos últimos seis anos, mas a esposa do treinador Barlow acabou de ter um bebê e decidiram mudar-se para St. Louis para ficar mais perto de sua família. Eu realmente gostava do treinador Barlow. Ele e meu pai nos levaram a mais vitórias do que eu posso contar, incluindo a minha participação no recorde da escola para o nado de cinquenta jardas.

Natação sempre foi minha coisa, e algo que meu pai e eu sempre pudemos compartilhar. Ele passou seus anos de ensino médio na água e continuou a natação na Universidade de Oklahoma com bolsa parcial.

Eu sou uma filhinha do papai por completo. Nós sempre tivemos um vínculo especial, que é diferente do relacionamento que tenho com minha mãe. Eu acho que toda criança tem algo especial com um dos pais. Não que minha mãe e eu não nos damos bem. Nós absolutamente nos damos. Mas com meu pai, existe essa conexão indefinível.

Eu não apenas olho para ele; Eu o admiro.

Eu sou uma nadadora veloz como ele era. Eu não apenas detenho o recorde de tempo da minha categoria na escola, mas também no estado.

Chame isso de obsessão.

Todos chamam.

Mas eu não me importo

Os esportes coletivos nunca me atraíram. É saber que eu sou a única que detém todo o poder de ganhar ou perder, sem ter que confiar em ninguém para carregar esse fardo. Ninguém pode me decepcionar, só eu, e quando a vitória vem na minha direção, o que acontece com frequência, sei que é minha e só minha. Na água, estou em batalha comigo mesma. Mesmo que outras garotas nadem em ambos os lados, ansiosas para tomar o que me esforço para reivindicar como meu, eu estou sozinha. Nada existe na água, apenas a minha vontade de bater o meu último recorde.

O tempo fora da água não existe mais quando mergulho. Eu deslizo acima da faixa preta abaixo de mim que me guia através das minhas braçadas. A queimadura nos meus ombros arde através dos meus músculos e desce pelos meus braços, aquecendo-me em euforia. Assim que fico ligada – como se fosse minha droga escolhida.

Ninguém pode tirar essa adrenalina de mim.

Eu enfrento a situação até que o fogo em meus pulmões se torne muito para tolerar, e atravesso a barreira da água para encontrar o Treinador Andrews no deck acima de mim.

— Bom tempo para uma tarde de natação.

Ele me oferece sua mão e me ajuda a sair da piscina. Pegando a toalha que deixei no deck, eu me seco.

Ele me observa de perto enquanto se senta em um bloco. — Eu pensei que seu pai estava exagerando na verdade quando ele estava se gabando de você. Claramente, eu estava errado.

Eu envolvo a toalha em volta de mim. — Você é o treinador Andrews?

— Eu sou, — ele concorda com um aceno de cabeça. — Depois de tudo o que seu pai me contou sobre você na semana passada, sinto como se fôssemos velhos amigos de família.

— Oh, Deus, — eu gemo com o ataque de mortificação. Só Deus sabe o que meu pai disse a esse homem.

— Não se preocupe. Ele não disse nada que te envergonharia muito. — Ele ri baixinho, e o sorriso enruga a pele nos cantos dos olhos, fazendo algo dentro de mim vibrar.

— Isso não parece convincente.

— Ele está orgulhoso. E deveria estar, com uma filha que pode fazer cinquenta jardas livres em vinte e três ponto vinte e um segundos.

— Ouvi dizer que Tulsa conseguiu uma transferência para fora do estado algumas semanas atrás, — eu digo enquanto tiro minha touca. — Bateu o recorde no Arizona de vinte e três ponto vinte e três segundos.

Ele descansa os cotovelos nos joelhos enquanto se inclina para a frente. — Você está preocupada?

— Papai não mencionou-a para mim, então sim, estou um pouco preocupada. Quer dizer, ano que vem é o ano.

— Ele provavelmente não mencionou isso porque não vê razão para tanto. Você é a detentora do recorde estadual. Continue o que você está fazendo, e você vai ficar bem. — Eu olho para ele cansada, e seu sorriso se alarga. — Você se preocupa muito. É o último dia de aula, e você está aqui na piscina, enfatizando a competição do ano que vem, quando deveria estar fazendo o que quer que vocês crianças fazem.

— E você? — Eu acuso em tom de brincadeira. — Você não deveria estar fazendo o que quer que vocês professores fazem?

— Você está certa. — Ele salta do bloco. — Vá, pegue suas coisas nos armários para que eu possa trancar e sair.

— Não precisa esperar. Eu tenho as chaves do meu pai.

Ele dá um passo em minha direção e descansa a mão no meu ombro, acendendo minha pele com alguma eletricidade desconhecida. — Faça-me um favor, sim? Divirta-se neste verão. Nade, mas certifique-se de se divertir um pouco.

Eu dou-lhe um aceno de cabeça e o observo como uma adolescente bêbada com uma paixão enlouquecedora enquanto ele sai pela porta dupla.

Uma vez vestida, subo correndo as escadas até o escritório para chamar meu pai pelo telefone da escola. Disco seu número e vejo que o treinador Andrews deixou seu portfólio na mesa.

— Treinador Hale.

— Olá, pai. Quanto tempo até você estar pronto para ir?

— Cinco minutos.

— Ok, eu estou a caminho agora.

Agarrando o caderno, eu coloco minha mochila por cima do meu ombro antes de sair e trancar.

— Como foi sua natação? — Meu pai pergunta enquanto eu entro em sua sala de aula.

— Bem. — Eu levanto o portfólio. — Treinador Andrews deixou isso no escritório.

— Você o conheceu?

— Ele é legal.

— Ele já foi?

Eu concordo.

Quando saímos, papai liga para o celular dele, pega seu endereço e diz a ele que vamos passar na sua casa para deixar o caderno.

Nós saímos do estacionamento, que está quase vazio neste momento, e eu me viro no meu lugar. — Ei, pai?

— Hmm, — ele responde, virando o carro para a estrada principal.

— Eu estava pensando se você consideraria estender meu toque de recolher hoje à noite.

— Nada de bom acontece depois das onze horas.

Eu reviro meus olhos. — Nada de bom acontece nunca, pai.

— Então por que você quer ficar fora?

— Porque é meu último verão antes do último ano. Porque eu quero sair com meus amigos. Porque eu mereço isso. Porque eu faço tudo certo. Porque eu nunca me meti em confusão. Porque você pode confiar em mim. — Eu dou-lhe um sorriso exagerado quando paramos em um sinal vermelho antes de acrescentar: — E porque eu nunca faria nada para desapontá-lo.

— Você sabe o quanto eu te amo, certo?

— Então, isso é um sim?

Ele hesita e depois olha para mim com apenas uma sugestão de sorriso.

— Você argumenta com convicção, querida.

— Aprendi com os melhores.

A luz muda para verde, e mantenho meus olhos fixos no meu pai. Seu rosto bonito é marcado por anos de riso. Quando vejo um caminhão vindo em nossa direção, as linhas gravadas em torno de seus olhos se fragmentam em fractais que refletem um caleidoscópio de luzes e cores. Pneus guincham alto, perfurando

meus ouvidos como agulhas. Uma explosão de vidro detona em torno de nós com um barulho tão alto que sinto as reverberações dentro das profundezas do meu peito.

Não consigo respirar.

Tudo se move em câmera lenta enquanto o metal é arrancado do carro, guinchando contra o asfalto enquanto somos jogados do outro lado do cruzamento. O fogo cospe suas chamas no meu couro cabeludo quando minha cabeça colide com o vidro, e eu sou jogada pela janela do lado do passageiro. Minha visão do meu pai borra à medida que a distância aumenta, e o espaço entre nós é cortado por um borrifo de cacos cintilantes que espalham-se ao meu redor como estrelas cadentes no céu enegrecido, acendendo-o apenas por um momento antes de queimarem no nada.

E então tudo fica preto.

# Capítulo Dois

*— Olhe para baixo para o chão para que eu possa aplicar uma camada de rímel. — Minha mãe traz o pincel até o meu olho. — Pisque para mim. — Ela então se move para o meu outro olho e faz o mesmo. — Perfeito, — ela murmura quando termina, torcendo a tampa.*

*— Uau, — eu exclamo quando vejo meu reflexo no espelho. — Posso usar batom também?*

*— Qualquer cor, menos vermelho.*

*— Por quê?*

*Eu faço beicinho quando ela tira um tubo de batom de sua bolsa de maquiagem e abre para revelar um tom suave de rosa. — Porque apenas um certo tipo de mulher fica bem de vermelho em seus lábios. Uma senhora digna de respeito opta pela elegância e sutileza. E você, minha querida, é uma dama. — Ela passa a cor sobre meus lábios e sorri. — Agora, esfregue seus lábios juntos.*

*Eu olho para minha mãe e busco sua aprovação. — Como estou?*

*Ela passa as mãos pelo meu cabelo para garantir que cada fio esteja em seu lugar antes de sorrir para mim. — Absolutamente impressionante. — Ela então me ajuda a colocar o meu vestido branco antes de adicionar um simples colar de pérolas ao redor do meu pescoço.*

*Hoje é o Baile de Inverno para Pai-Filha, que será o meu primeiro baile de debutantes, e eu quero parecer perfeita. Eu tenho me preparado para esta noite nos últimos dois meses, participando de vários cursos de etiqueta e aulas de dança. Eu não estava exatamente feliz quando minha mãe disse que tinha me matriculado, mas quando descobri sobre as danças, eu não podia esconder a minha excitação. Que garota de doze anos não quer se produzir em um vestido extravagante?*

*— Espere aqui, — diz ela. — Eu vou buscar o seu pai.*

*— Okay.*

*Sento-me em frente a cômoda da minha mãe em seu quarto onde tem um espelho e sorrio para o excelente trabalho que ela fez com meu cabelo e maquiagem. Meu rosto praticamente brilha, e meu longo cabelo castanho está perfeitamente preso em um coque francês. Eu mal posso esperar para que todos os meus amigos me vejam hoje à noite.*

*— Camellia, — a voz de minha mãe chama do andar de baixo, e eu me encolho um pouco. Ela é a única que me chama assim; meu pai e todo mundo me chama de Cam. Camellia parece muito elegante para uma garota como eu; embora, para esta noite, pareça adequado.*

*Uma vez eu perguntei a ela de onde veio esse nome, e ela explicou a relação que Coco Chanel tinha com as flores Camellia. Ela disse que essa flor branca não tem cheiro, e que é um reflexo do que toda mulher deve se esforçar para ser, que seria recatada e discreta, e para ela, esse é o epítome da classe. Minha mãe sempre preferiu rótulos de alta classe e uma posição social elevada, apesar de vivermos um estilo de vida modesto de classe média alta. Quero dizer, eu estou apenas chegando aos treze anos e estou bem ciente do termo "Mantendo as aparências". E mesmo que não sejamos ricos, isso não impede que minha mãe tente parecer e representar o papel.*

*Eu olho para o meu pai do alto da escada, e ele tem o maior sorriso no rosto. Vestido com um smoking preto, ele está mais bonito do que nunca.*

*— Meu coração, — ele se maravilha enquanto eu desço as escadas.*

*Mamãe tira uma quantidade obscena de fotos enquanto papai me abraça e desliza um ramalhete branco simples de gardênia em volta do meu pulso.*

*— Vire-se e olhe para mim.*

*Flashes da câmera estão me cegando, e depois de mais algumas poses, eu beijo minha mãe na bochecha enquanto ela sorri orgulhosamente.*

*— Vocês dois tenham um momento maravilhoso, — diz ela enquanto saímos pela porta da frente.*

*Eu me viro para dar adeus antes de entrar no carro.*

*— Não diga isso a sua mãe, mas você é a garota mais bonita que eu já vi.*

*— Você está só falando por falar, pai.*

*— É a verdade. — Ele sorri quando liga o carro e desce a calçada. — Depois desta noite, vou comprar um taco de beisebol.*

*— Para quê?*

*— Para qualquer garoto que tentar chamar sua atenção.*

*O riso enche o carro. — Aí meu Deus, papai! Você é louco. Eu tenho apenas doze anos.*

*— O que significa que você tem quase treze anos. O que significa que é hora de trancá-la no porão até os trinta anos.*

*— Nós sequer temos um porão.*

*Ele se vira para olhar para mim com um brilho encantador nos olhos, acrescentando: — O sótão terá que servir então.*

;

Borrão me rodeiam sem perdão. Nenhuma sugestão de luz ou sombra. Além de uma máquina de bipes que se perde à distância, tudo é silencioso. Eu tento abrir meus olhos, mas meu corpo não deixa.

Eu sinto uma leve sensação de algo no meu rosto, mas querer que minhas mãos se movam não é nada mais do que um esforço fracassado.

*Onde estou?*

*Tem alguém aqui?*

Meus pensamentos se desvanecem lentamente em silêncio úmido.

;

*— Vire, vire, vire.*

*— Estou tentando! — Inclinando-me para a frente, eu alinho meus olhos para encontrar os cones que meu pai arrumou enquanto tento guiar pelo estacionamento vazio. Eu piso nos freios com mais força do que pretendia, lançando ambos para a frente. — Onde estão os cones?*

*— Eles estão debaixo do carro. — Meu pai está rindo tanto que mal posso distinguir suas palavras.*

*— Você está falando sério? — Eu gemo. — Eu nunca vou aprender isso. Eu vou ser a única perdedora na escola sem carteira de motorista.*

*— Pra que você precisa uma licença quando tem a mim para levá-la diariamente para escola?*

*Eu olho meu pai de lado, e ele levanta as mãos em sinal de rendição. — Está bem, está bem. Entendi. Eu não posso esperar que você seja minha garotinha para sempre.*

*— Se a minha falta de capacidade de dirigir não fosse o suficiente, eu acho que é seguro dizer que vou ser sua garotinha para o resto da minha vida. — Ele me dá uma piscada antes de abrir a porta.*

*— Aonde você vai?*

*— Há cerca de cinco cones laranja embaixo do carro que eu tenho que retirar.*

;

— Como ela está?

Eu me esforço para reconhecer a voz que é como um sonho distante.

*Quem está aqui?*

— Ela está estável, — uma mulher responde enquanto me esforço para compreender. — Não podemos cantar vitória; ela está em muito mal estado. Mas agora, as coisas melhoraram.

*Sobre o que ela está falando?*

Tudo é tão nebuloso.

*Acorde, Cam.*

A voz do homem volta a chamar minha atenção quando ele pergunta: — E os ferimentos dela?

— Ela sofreu uma fratura craniana não deslocada com várias lacerações, as quais fechamos com suturas.

*O que diabos aconteceu?*

Meu coração bate acelerado, ecoando batida após batida nos meus ouvidos.

*Pense, Cam. O que aconteceu?*

— Ela tem uma separação de AC[5] no ombro direito, — a mulher, que eu suponho que seja uma médica ou enfermeira, continua, enquanto arrepios de pânico chocam meu sistema em estado de alerta.

*Acorde. Acorde.*

[5] Articulação acromioclavicular.

As vozes estáticas cedem a clareza enquanto continuam a falar. Meus sentidos lentamente voltam à vida, trabalhando juntos para permitir que meus olhos se abram, mas não dura mais de um segundo antes que tudo se transforme em uma névoa de vapor, e eu me sinto afundando de volta no abismo.

;

*— Onde estão minhas rodinhas de apoio?*

*— Você está no jardim de infância, querida. É hora de você aprender a montar essa coisa em duas rodas, — papai diz enquanto está de pé ao lado da minha bicicleta cor de rosa.*

*— Eu estou assustada. E se eu cair?*

*— Então eu vou te pegar, — ele garante. — Pare de se preocupar e amarre seu capacete.*

*A bicicleta balança de um lado para o outro enquanto ele segura a parte de trás do meu assento para que eu possa subir.*

*— Não solte, — eu falo por cima do ombro quando começamos a descer a rua vazia.*

*— Apenas continue pedalando.*

*Com meu aperto firme em torno do guidão, a bicicleta estabiliza, equilibrando-se embaixo de mim e sorrio enquanto as serpentinas prateadas voam ao vento.*

*— Não solte, papai, — eu grito de novo quando pego um pouco mais de velocidade.*

*— Você conseguiu! — Sua voz ecoa longe lá de trás.*

*Ele soltou.*

;

Meu corpo empurra. Uma onda de dor implacável sacode meu sistema e, quando meus olhos se abrem, uma luz ofuscante me acolhe. Eu reajo com um suspiro, mas nada acontece, exceto um doloroso engasgo.

*Meu Deus! Não consigo respirar!*

Minha mão voa até minha boca e fico assustada quando sinto um tubo plástico.

*O que está acontecendo? Alguém me ajude!*

Vozes inundam a sala, e eu surto. Meu corpo sai do meu controle, agonia excruciante vibra em meus ossos, enquanto meu pulso dispara em medo absoluto. Eu pego o tubo enfiado na minha garganta, mas alguém captura meu pulso, prendendo-o na cama enquanto meu outro braço está amarrado no meu peito.

— Tudo bem, — diz uma mulher, e então eu sinto outro par de mãos nos meus tornozelos, me pressionando para baixo e impedindo meu corpo de se mover. — Eu preciso que você olhe para mim, Camellia. Você pode me ver?

Cada um dos meus músculos sacode violentamente em terror e confusão enquanto estremeço contra a dor aguda no meu pescoço e ombro.

— Tudo está bem. — Seu tom é suave enquanto ela tenta diminuir o meu pânico. — Você esteve em um acidente. Você está no hospital, mas está bem.

*Um acidente?*

Minha mente se esforça para encontrar a verdade em suas palavras, mas meu coração descontroladamente acelerado não me deixa pensar direito.

— Você pode me ouvir?

Eu finalmente forço minha atenção para onde ela se inclina sobre mim. Ela tem olhos azuis e é loira, e eu noto um pequeno anjo dourado preso em seu uniforme. Eu aceno enquanto miro seu broche.

As batidas no meu peito acalmam enquanto permaneço focada nesse ponto.

Ela solta meu pulso e continua falando comigo, informando: — Você tem um tubo na garganta para auxiliar na sua respiração. Deixe isso fazer o trabalho, ok?

Outro aceno de cabeça.

Eu percebo que seu broche de anjo tem um pequeno cirte no ouro em uma das asas, expondo uma linha minúscula cinza por baixo.

— Camellia?

— Ela está bem?

Eu viro minha cabeça e encontro um cara parado na pequena sala. Leva um minuto para eu processar que é o treinador Andrews.

*O que ele está fazendo aqui?*

— Camellia, você pode olhar para mim? — Eu mudo minha atenção de volta para a enfermeira. — Eu vou tirar o tubo. Vai parecer um pouco estranho quando eu removê-lo, mas vai ser rápido.

Ela continua falando comigo, me dizendo o que está fazendo a cada passo do caminho. Quando o tubo sai, eu engulo, tossindo e engasgando. Meus olhos lacrimejam enquanto luto contra a vontade de vomitar.

— Já tirei, — diz ela, enquanto eu respiro fundo algumas vezes para reprimir a náusea.

Limpo uma mancha de cuspe do meu queixo e, quando olho para o Treinador, ativa minha memória.

O portfólio.

— Eu sou a enfermeira Hinton, e trabalho no Mercy Hospital, — a mulher me diz quando retorna ao meu leito. — Você foi trazida aqui pela ambulância. Você se lembra do que aconteceu?

Eu fecho meus olhos e vejo prismas de cores antes de piscar de novo.

— Um caminhão nos atingiu.

— Mais alguma coisa?

Aproveito para deixar as lembranças nebulosas se juntarem. Papai. Meus olhos se arregalam. — Meu pai. Onde está meu pai?

A enfermeira olha para o treinador Andrews enquanto ele dá um passo em minha direção e depois para. Seus olhos se movem para os dela e ele parece... nervoso.

Observando esta troca entre eles, minha ansiedade aumenta. — Onde ele está? E a minha mãe? Por que ninguém está aqui?

A enfermeira coloca a mão sobre a minha e, com uma voz gentil, me diz: — Você sofreu um acidente muito grave.

— Onde estão meus pais?

O treinador se aproxima da minha cabeceira. — Cam...

A maneira como ele diz meu nome faz o mundo sair do seu eixo, deixando-me suspensa. Em um instante, tudo fica em silêncio, exceto por ele.

— Seu pai não resistiu.

Suas palavras me estrangulam, tirando minha capacidade de respirar.

*O que ele acabou de dizer?*

Estou paralisada, aleijada mentalmente e fisicamente, incapaz de reagir. Meus olhos se prendem aos dele, desvendando a verdade deles. Eles estão vermelhos e inchados.

*Ele está chorando.*

— Cam?

— Eu vou te dar um pouco de privacidade.

Quando a enfermeira fecha a porta atrás dela, o treinador se senta na beira da cama.

— Diga algo.

— Onde está meu pai? — Minha voz racha, o rosto dele está aflito, eu tento negar o significado por trás de sua reação. — Eu não acredito em você, — eu sussurro como o horror da verdade estilhaçando seu caminho em minha alma.

Ele pega minha mão e eu a afasto. — Não!

— Eu sinto muito.

— Onde ele está?

Ele respira lentamente e, com palavras encharcadas de agonia que me assombrarão até meu último suspiro, me diz: — Ele está morto.

Três palavras me roubam tudo. Eu quero gritar e bater meus punhos contra as paredes, mas meu corpo está com muita dor. Tudo o que posso fazer é murchar internamente me afogando em lágrimas que queimam quando cavam suas garras na carne das minhas bochechas.

Gotas rosadas pingam nos lençóis brancos e, quando levo a mão ao rosto, não sinto nada além de ataduras.

— Você tem alguns cortes muito ruins do vidro.

Eu não dou a mínima para os cortes.

— Eu quero o meu pai. — Eu imploro através dos meus soluços crescentes, enquanto uma pequena voz na minha cabeça me diz que é impossível.

Ele se inclina e gentilmente envolve seus braços a minha volta e, através do meu choro, continuo implorando por aquilo que sei que nunca terei.

— Eu quero o meu pai!

# Capítulo Três

Treinador Andrews me segura enquanto eu choro até cair em um sono profundo e, quando acordo esta manhã, ele se foi. Nada parecia real. Era como se eu estivesse vagando em um universo alternativo.

Isto é, até agora.

Minha mãe está na minha porta e volto à realidade que não estou pronta para suportar.

Tem sido um dia duro, e aqui está ela, na minha frente pela primeira vez desde o acidente. Enfrentando os restos do que sobrou de seu amor, seu marido, meu pai. Um olhar para mim e ela cai no chão em um ataque de gritos torturantes.

Eu quero sair dessa cama de hospital esquecida por Deus e me juntar a ela no chão em sua miséria, mas não posso, então choro sozinha e sem o conforto dos braços da minha mãe em volta do meu corpo quebrado - minha alma quebrada.

Sua habitual aparência equilibrada agora é lamentável. Sob as bochechas encharcadas de lágrimas estão os restos da maquiagem de ontem, manchando os olhos inchados.

— Eu sinto muito. Eu simplesmente não posso fazer isso, — ela murmura antes de levantar e sair, me deixando sozinha e sem um único toque.

;

— Gata, eu sinto muito por não ter vindo antes, — diz Kroy com um vaso cheio de flores na mão. Eu não suporto olhar para ele - dói demais - então viro a cabeça no travesseiro e olho pela janela enquanto o sol brilha no horizonte.

Talvez tenha sido assim para minha mãe quando ela olhou para mim. Parece que tudo é um lembrete de que ele se foi. Rostos e ruídos. Nada é mais o mesmo.

Eu ouço Kroy falar, desejando que ele não dissesse uma palavra. Quando ele me faz perguntas, eu não respondo. Eu não posso. Porque tudo dói. Conversar, mover, dormir, respirar, existir.

Eventualmente, ele me beija e sai.

;

Outro dia passa, e parece que toda vez que eu acordo de um cochilo, há mais flores, mais cartões e mais balões. É como se a festa de aniversário de uma criança tivesse surgido aqui.

Um balão de rosto sorridente colorido flutuando no canto da sala diz: *Fique bem logo!*

Que grande quantidade de porcarias. Bons desejos e condolências não fazem nada para a moral e cura mental. Se eu não estivesse com tanta dor, esfaquearia aquela falsa alegria para que ela parasse de me provocar sobre o que nunca será.

Porque eu nunca vou ficar bem.

Porque o bem não existe mais no meu mundo. — Ei.

Eu não preciso virar a cabeça para saber que Linze está aqui. Sua voz é inconfundível.

— Eu não deveria ter esperado tanto tempo para te ver, eu apenas... — Sua voz flutua na incerteza. — Eu simplesmente não lido bem em situações como esta.

*Sim, eu também.*

— Como você está?

*Eu tenho uma fratura no crânio, um rosto fatiado, minha clavícula está separada, minha mãe está muito arrasada para me visitar e, acima de tudo, meu pai morreu. Mas fora isso, eu estou bem.*

Eu escolho silêncio sobre respostas pessimistas.

A verdade é que eu quero morrer.

Sozinha.

Sem testemunhas.

;

A parte da manhã está cheia de vento e chuva. Nuvens cinza pairam baixo como um véu agitado enquanto eu olho para fora da janela molhada pela chuva. Já se passaram cinco dias desde o acidente, e eu ainda estou presa no hospital, e embora eles digam que hoje é o dia que irei para casa, acho que prefiro ficar aqui. Eu não tenho interesse em enfrentar o mundo além dessas paredes.

Eu não quero ir para casa.

Eu não quero entrar naquela casa se ele não estiver lá. Minha mãe deveria me pegar mais tarde. Eu não a vi desde que ela saiu do meu quarto em lágrimas há alguns dias. Ela me ligou ontem para me dizer que vão atrasar o funeral até eu sair do hospital.

*Ótimo, algo pelo que ansiar.*

— Você está pronta para se vestir? — A enfermeira diz quando coloca a cabeça para dentro.

Eu tive que ligar para o posto de enfermagem há algum tempo, porque eu não podia fazer isso sozinha.

— Eu sinto muito. Isso é muito difícil com apenas uma mão.

— É para isso que estou aqui.

Eu balanço minhas pernas sobre a borda da cama e me pergunto quem vai me ajudar a me vestir assim quando eu estiver em casa. Meu braço está preso em uma tipoia contra o meu peito, uma restrição que eu tenho que usar por dois meses, enquanto a ruptura entre meu ombro e minha clavícula se cura. O médico já repassou todos os prós e contras e o que preciso fazer para voltar a nadar. Como se eu devesse sair daqui e retomar a vida como de costume. Ele então me passou uma lista de referências para aconselhamento, mas eu zombei disso. Eu prefiro não prolongar essa dor sendo forçada a revisitá-la em sessões semanais.

Uma vez que estou vestida com uma bermuda e uma camiseta, ela se oferece para amarrar meu cabelo em um rabo de cavalo antes de me ajudar a me deitar. Quando ela sai, minha cabeça se enche com o barulho da chuva batendo na janela, e eu me perco enquanto assisto as gotas se acumularem no vidro antes que caiam em rebites irregulares.

Uma leve batida chama minha atenção e, quando viro a cabeça, vejo o treinador Andrews parado na porta. Ele parece desconfortável com as mãos enfiadas nos bolsos do jeans e os olhos azuis eletrificados de nervosismo. Fingindo indiferença, eu volto a encarar a janela para esconder o meu constrangimento por ter desmoronado na frente dele no outro dia.

*Apresse-se e diga o que o resto deles dizem. Me diga que sente muito pela minha perda. Me pergunte como estou me sentindo. Olhe para mim como se eu fosse uma lamentável boneca quebrada. Faça isso rapidamente e saia para que eu possa esquecer que você esteve aqui.*

— Como está o seu ombro?

Finalmente, uma pergunta real. Ainda permaneço em silêncio, assim como fiz com todos os outros visitantes.

Seus passos soam quando ele se aproxima de mim antes que pernas de uma cadeira raspem o chão. Eu não tenho que me virar para saber que ele está sentado ao lado da minha cama.

— Eu falei com uma das enfermeiras. Ela disse que você vai para casa hoje.

*Por favor, vá embora.*

Um momento passa, e ele solta um suspiro pesado antes de dizer, com a respiração entrecortada: — Isso é tudo culpa minha, — que é seguido por mais silêncio.

Enquanto os segundos passam no silêncio desconfortável, chego à conclusão de que todos esses visitantes não estão realmente aqui por mim, mas sim, por si mesmos, para fazê-los se sentirem melhor. Como se a culpa de não vir fosse demais, então para aliviar sua consciência, eles me fazem uma visita desconfortável. Se eles realmente quisessem fazer algo para me beneficiar, todos ficariam em casa.

— Você não está sozinha, Cam, — ele finalmente diz. — Nós estamos todos chateados por perdê-lo.

Chateado? Que palavra patética. Isso é muito pouco e insignificante para descrever como me sinto. Porque o que estou sentindo está além da palavra mais miserável que eu poderia imaginar. É tão ruim que não há palavra para isso. É impossível ser medido por meras letras e sílabas. É indescritível, e se você tentasse, poderia fazer sangrar, porque isso é mais do que apenas uma emoção, é uma arma.

Eu sei.

Tortura-me por dentro.

Não passa um segundo em que eu não sinta sua punção perfurando cada veia que leva ao meu coração. Isso está me matando, mas ninguém consegue ver, porque por algum motivo desconhecido, está sendo mantido como refém por dentro, me ferindo em uma agonia abafada.

Ele se move ao redor da cama e senta na borda ao meu lado. Ele está na minha visão periférica, olhando para mim, invadindo meu espaço, sua invasão inoportuna.

— Eu só conheci seu pai por algumas semanas, mas pareceu muito mais tempo, — ele me diz, e depois de um intervalo de tempo, acrescenta: — Eu conheço essa dor de perder alguém. — A tensão em suas palavras me puxa, elas envolvem meu coração e apertam, mas eu luto contra a tristeza que ele está evocando. — Eu sei que parece insuportável agora, mas garanto-lhe que é suportável.

Eu fecho meus olhos quando a dor da saudade queima por trás deles, mas é uma tentativa fracassada de me esconder quando uma lágrima escapa. Demora a deslizar pelo lado do meu rosto e, eventualmente, cai no travesseiro.

— Cam...

— Você pode simplesmente sair?

E ele sai.

;

Quando minha mãe chega e todos os papéis são assinados, a chuva se despede, deixando o ar denso de umidade. Sento-me em uma cadeira de rodas enquanto espero com uma enfermeira que minha mãe busque o carro.

É a primeira vez que saio desde...

É o primeiro sopro de ar fresco desde...

Pela primeira vez desde... Vejo que o mundo não parou de se mover.

Eu luto contra o instinto de chorar como uma criança e de pedir à enfermeira para me levar de volta para dentro. Eu não estou pronta para sair. Não estou pronta para enfrentar isso sozinha.

Minha mãe estaciona e fica sentada ao volante e a enfermeira me ajuda a entrar no carro. É uma coisa boa que estou cheia de analgésicos para abafar o medo de estar em um veículo novamente. Eu não sei se poderia fazer isso sem eles. Em vez de falar, olho pela janela lateral enquanto voltamos para casa.

— Você conseguiu jantar antes de eu chegar? — Ela pergunta. — Não tem muito em casa. Não consegui ir ao mercado.

— Eu não estou com fome.

Nós paramos na farmácia para pegar minhas prescrições e, antes que eu perceba, estamos estacionando na entrada da garagem. Minha mãe desliga o carro e nós duas simplesmente olhamos para a casa. Eu sei que ela também sente isso... o horror. O que costumava ser nossa felicidade, nosso conforto, nossa casa não é mais nenhuma dessas coisas. São dois andares de tijolo e pedra, cercados por um grande quintal bem cuidado. Seus ornamentos de ferro forjado e o lustre rústico que paira sobre as portas duplas da frente estão acesos. Mas não é o que está do lado de fora que importa.

— Eu pensei em vendê-la, mas acho que desistir dela doeria mais do que mantê-la.

Saio do carro, caminho até a varanda da frente e espero minha mãe. Ela leva um momento antes de se juntar a mim e destrancar a porta. Quando entro, a sensação é estranha, e percebo que não vou ouvir a ESPN berrando na sala de estar ou sentir o cheiro persistente da loção pós-barba de meu pai mais uma vez. Esta casa não será mais um reflexo de nossa família.

— Deixe-me ajudá-la a subir, querida.

Eu sigo atrás enquanto ela me leva ao meu quarto. Quando ela acende as luzes, eu ando direto para a minha janela, que tem vista para a piscina em nosso quintal. A piscina na qual meu pai me jogou quando eu era apenas um bebê, gerando meu amor pela água. Depois que ele me ensinou a nadar, costumávamos competir um contra o outro. Se ele estivesse à minha frente, fingiria uma cãibra para que eu tomasse a liderança e vencesse. Ele sempre fez questão que eu vencesse.

— Existe alguma coisa que você precisa?

Eu me viro e, com ligeira hesitação, pergunto: — Você pode me ajudar a me trocar?

Para minha surpresa, ela concorda e me ajuda a tirar minhas roupas e colocar um pijama.

— Mamãe?

Ela olha para mim com olhos vermelhos.

— Eu te amo.

Ela pisca e lágrimas caem pelo seu rosto. — Eu também te amo, — foi o que restou desta noite antes de ela fechar a porta atrás dela, deixando-me sozinha com medalhas, fitas e troféus - lembretes da paixão que meu pai e eu compartilhávamos.

Mais vazia do que uma pessoa jamais deveria ser, apago as luzes, rastejo na cama e ouço os soluços da minha mãe através das paredes de nossa casa que não parece mais um lar.

# Capítulo Quatro

De pé em frente a minha janela, assisto as pessoas se misturando lá embaixo no quintal.

Nós enterramos meu pai hoje.

Depois que todos entraram em seus carros, eu fiquei para trás com minha mãe. Nós os assistimos abaixar o caixão no chão, e quando eles começaram a jogar a terra sobre o mogno envernizado, lutei contra o desejo de pular no buraco para ser enterrada com ele.

Todo mundo estava lá. Amigos da escola, professores, familiares; todos eles caminhando até a frente da igreja para olhar seu corpo e se despedir.

Quando eu morrer, quero um funeral com caixão fechado.

Eu não suportava ver todos olhando para ele como se fosse uma obra de arte mórbida exposta em um museu.

E agora, eles estão todos em nossa casa, relembrando e lamentando. Seu cheiro é quase inexistente neste momento, e com todo mundo perambulando por aí, tocando tudo, eles estão roubando o que restou.

Olhos familiares lá de baixo olham para a minha janela e trancam com os meus. Ele enfia as mãos nos bolsos da calça e abaixa a cabeça sombriamente enquanto nos olhamos. O homem que se sente responsável por minha perda, carrega um fardo doloroso lindamente. O treinador Andrews está em um mar de negro e, de alguma forma, na existência mais solitária que já conheci, não me sinto tão sozinha. Em seus olhos, olhos que me viram chorar quando suas palavras destruíam meu mundo, há uma ligação que o amarrará sempre a meu pai e a mim.

— Eu estive procurando por você. — Eu me afasto da conexão e olho para Kroy enquanto ele fecha a porta do meu quarto antes de vir para o meu lado. — Você está bem?

Eu balanço minha cabeça por sua pergunta estúpida.

Kroy tem ligado e mandado mensagens de texto sem parar, alheio que estou o ignorando e não quero falar, mas aqui está ele... querendo conversar.

Ele me vira para ele e embala meu rosto - até minha reação ao toque dele mudou. Na semana passada, não conseguíamos manter nossas mãos longe um do outro. Se não estivéssemos de mãos dadas, estaríamos abraçados, beijando ou dando uns amassos. Agora, seu toque parece uma invasão.

— Por que você não fala comigo?

— O que você quer que eu diga?

— Qualquer coisa, — ele me diz com preocupação em todo o rosto. — Eu não posso te ajudar se você não me deixar entrar.

— Você acha que eu preciso de ajuda?

— Você nem mesmo chora, — ele sussurra, mas ouço a acusação em suas palavras. — Estou preocupado com você.

Eu afasto minha cabeça das suas mãos e dou um passo para trás. — Por que você precisa que eu chore? Para provar a você que estou sofrendo? Será que minhas lágrimas vão provar isso a eles? — Eu digo, apontando para as pessoas do lado de fora. — Todos vocês dizem as mesmas coisas. Você acha que eu não ouço, mas ouço. “Ela precisa conversar”. “Ela precisa comer”. “Ela precisa sair da cama”. É tudo sobre o que todos querem que eu faça para que se sintam mais à vontade ao meu redor. — Minhas palavras saem duras. — E o que eu quero - o que eu preciso?

— Diga-me o que é, e eu darei a você.

— Eu quero ficar sozinha! — Eu ataco. — Eu quero que todos parem de tocar nas coisas do meu pai e saiam da minha casa para que minha mãe e eu possamos ter uma chance de encontrar algum tipo de paz neste maldito pesadelo.

— Eu sinto que você está me afastando.

— Não é sobre você, Kroy! — Eu ando e me sento na cama, e um segundo depois, ele está ajoelhado na minha frente com as mãos nos meus joelhos. Abaixando a minha cabeça, eu liberto em um sussurro sombrio: — Isso não é justo.

— Eu sei, gata.

— Eu simplesmente não entendo porque Deus faria isso comigo. Por que ele escolheu me deixar sem pai e não outra pessoa?

Kroy se inclina e descansa a testa contra a minha. — Eu gostaria de ter as respostas para lhe dar.

Envolvendo sua mão atrás do meu pescoço, ele me puxa, pressionando seus lábios contra os meus em um beijo suave. Eu quero me perder nisso, do jeito que eu sempre fiz, mas...

— Eu não posso, — murmuro quando me afasto. — Eu só quero ficar sozinha agora.

— Você sabe que eu te amo, certo?

— Eu sei. Eu só...

— Eu sei. Você não precisa dizer novamente.

Com um beijo na minha testa, ele caminha até a porta. — Eu posso ligar para você depois?

— Sim. — Eu digo a palavra, mas já sei que vou ignorar o telefone quando tocar.

;

## (Junho)

Eu tirei meus pontos esta manhã. O médico disse que, com o tempo, a maioria das cicatrizes será mínima, ou nada. Mas há uma laceração que cortou mais profundamente que o resto. Essa vai ficar comigo, uma linha rosa irregular, descendo pela minha bochecha direita.

Um lembrete eterno.

Segurando o tubo de vitamina E na minha mão, fico em frente ao espelho do banheiro e olho para as cicatrizes recentes que cruzam meu rosto.

Eu pareço um monstro.

Eu nunca fui autoconsciente sobre a minha aparência antes. Eu tive sorte de escapar de espinhas e manchas. Minha pele sempre foi uma tela lisa pintada em um tom bronzeado natural com olhos verdes claros e longos cílios escuros. E agora essa tela foi arranhada pelas mãos de um motorista bêbado o qual não posso amaldiçoar porque ele também morreu. Não me resta ninguém para vomitar meu ódio e raiva, então o enterro profundamente em uma tentativa fraca de sufocá-lo em extinção.

Meu corpo estremece quando meu telefone toca na bancada de granito. O nome de Kroy aparece na tela e hesito antes de atender. Eu sei que ele está preocupado comigo.

— Olá.

— Ei gata. Como foi a consulta médica?

— Ok, eu acho.

— Tirou seus pontos?

— Sim. — Eu apago as luzes e caminho até a minha cama.

— Momento perfeito. — Ele diz isso com tanto entusiasmo que me faz pensar se ele acha que remover os pontos fosse tirar todos os outros danos. — Linze e alguns outros estão indo para o lago no fim de semana. O que você diz? Passeios de barco? Andar de jet ski?

— Eu não sei... meu braço...

— Ok, nada de jet-ski, então. — Ele brinca com risadas leves e, em seguida, continua: — Pode ser bom para você sair de casa. Já faz quase um mês, Cam.

*Eu não sabia que havia uma indicação de tempo para o luto.*

Para outros, o mundo apenas desacelerou por alguns dias antes de seguirem em frente e voltar para suas vidas. Mas para mim, o mundo não diminuiu a velocidade. Parou completamente e ainda não recuperou qualquer impulso.

— Vamos, — ele pede. — Caso se torne muito, sairemos. Sem perguntas, ok?

— Eu me sinto estranha em deixar minha mãe aqui sozinha.

— Talvez se ela te ver saindo de casa, tome coragem de fazer o mesmo. Isso pode ser uma coisa boa.

Eu posso dizer que ele não vai desistir. — Talvez só por um dia e não o fim de semana inteiro.

— Vamos deixar rolar.

Com um suspiro relutante, eu desisto. — Tudo bem. Eu irei.

Nós conversamos por mais alguns minutos e, depois que desligamos, ouço um barulho vindo do andar de baixo. Abrindo a porta do meu quarto, eu grito: — Mãe?

— Está tudo bem. Eu só derrubei um copo.

Eu desço para ver como ela está, e quando entro na cozinha, minha mãe está de joelhos juntando os cacos de um copo de vinho quebrado.

— Mãe, pare. — Ela não está nem tentando ser cuidadosa, e linhas vermelhas estão florescendo nos cortes recentes. Eu a ajudo, antes de pegar o aspirador de pó do armário do corredor.

Eu aspiro os cacos enquanto ela cuida dos cortes na pia da cozinha. Ela oscila na sua posição.

— Você esteve bebendo? — Eu pergunto depois que desligo o aspirador.

Ela me olha por cima do ombro; seu rosto está manchado e ela está com um sorriso torto. É um olhar que não reconheço. Depois de secar as mãos em uma toalha, ela caminha pela ilha central, abre a porta da pequena adega de vinho e pega uma garrafa, dizendo: — Seu pai e eu costumávamos tomar um copo de vinho depois do jantar.

Disso eu sei. Mas eu nunca vi nenhum deles do jeito que ela está agora. — Você está bêbada?

Ela ri preguiçosamente. — Você sempre foi tão inteligente, querida. — Ela então se aproxima de mim e examina meu rosto, fazendo-me deslocar desconfortavelmente em meus pés. — Isso vai deixar uma cicatriz? — Ela questiona, passando o dedo na minha bochecha.

— Sim.

Ela se afasta com lágrimas enchendo seus olhos, e antes dela chorar na minha frente, ela pega a garrafa de vinho e sobe para o seu quarto. Fui deixada na cozinha sentindo como se minha beleza estragada fosse uma decepção para ela.

Sua porta do quarto se fecha, bloqueando-a da casa que nada mais é do que uma tumba.

Sem barulho.

Sem risos.

Sem vida.

A geladeira está vazia há dias. Nada mais resta das caçarolas e pratos de comida que os amigos trouxeram. As visitas diminuíram e a campainha não tocou em quase uma semana. Não há nada além de melancolia e pesar dentro dessas paredes.

Minha mãe quase não sai do quarto e, quando o faz, mal fala comigo. Eu gostaria de saber o que dizer ou o que fazer. Na maioria das noites, seu choro alto e cheio de dor me acorda. Ela sente muita falta do marido, não há dúvidas sobre isso.

É difícil o suficiente superar, mas quando você é deixado sozinha, às vezes é insuportável. Eu sigo em frente de qualquer maneira, porque que outra escolha eu tenho? Mesmo que Kroy e Linze se ofereçam para vir, prefiro não infligir a eles essa miséria, que pintou minha alma de preto. Eles estão ocupados demais sendo felizes, se divertindo e aproveitando o verão. Eu estaria mentindo se dissesse que uma grande parte de mim não se ressente disso.

Porque eu deveria estar como eles.

Eu deveria estar aproveitando meu último verão antes do último ano. Eu deveria ter minha família intacta. Eu deveria ser capaz de ser despreocupada e jovem. Eu querer ir à casa do lago de Linze para aproveitar o sol e passar uma noite romântica com meu namorado.

Mas o que deve ser nem sempre é, porque a vida decidiu cuspir sua crueldade na minha cara. Tirou a cola que uma vez manteve nossa família unida, e sem meu pai, minha mãe e eu não somos nada além de poeira ao vento, desesperadas em nos agarrar ao que sobrou. Infelizmente, estamos muito fracas para fazer o nobre esforço necessário, e eu posso sentir-nos à deriva.

;

## (Julho)

A luz da televisão pisca contra as paredes, lançando sua tonalidade prateada através da sala escura. Há uma queimadura na minha pele, que será um bronzeado até amanhã, e Kroy cheira a cloro enquanto arrasta beijos ao longo do meu pescoço.

Nós passamos o dia juntos em seu quintal. Ele tentou me jogar na piscina, mas fui capaz de evitar seus esforços, usando o meu braço como desculpa, uma vez que ainda está preso contra o meu torso em uma tipoia. A verdade é que não consegui entrar na piscina desde o meu último mergulho na escola. A água era minha principal conexão com meu pai. Eu não posso nem pensar em mergulhar

meus dedos dos pés. Isso provavelmente não faz sentido, mas é como me sinto de qualquer maneira.

Então, eu menti para Kroy e, em vez disso, coloquei um chapéu de abas para evitar que minhas cicatrizes escurecessem e reclinei-me em uma espreguiçadeira para queimar meu corpo sob o sol escaldante enquanto a música tocava nos alto-falantes externos. Alguns dos nossos amigos vieram por um tempo, e tentamos jogar conversa fora, mas eles pareciam desajeitados ao meu redor, e eu não sabia como socializar. Eventualmente, eles se cansaram de ficar sentados em silêncio e foram para a piscina. Eu assisti quando os garotos pularam, brincando e tentando afundar um ao outro, enquanto as meninas sentavam na beirada com as pernas balançando na água.

Eu as ouvi fofocando sobre quem andava transando este verão, enquanto me senti a um milhão de quilômetros de distância. Sua descontração e risos contrastavam com minha mente vagando, e comecei a me perguntar o que ainda me ligava a eles.

Eles são meus amigos e, no entanto, sinto que não temos mais nada em comum. Se eu tentasse falar com eles sobre o que estou sentindo, eles não entenderiam. A profundidade das devastações da vida deles chapinhavam em águas rasas, enquanto as minhas romperam as águas hipersalgadas do mar morto e se assentaram na lama negra no fundo.

— Beije-me, — sussurra Kroy. — Você parece tão distante.

— Eu estou bem aqui.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Eu me viro para ele e beijo-o nos lábios, mas a chama há muito tempo se apagou, e meus sentimentos parecem obsoletos na melhor das hipóteses.

Ele se afasta e baixa a cabeça. Ele também sente isso.

— Cam...

— Eu sinto muito... Eu...

— Eu não quero que você se desculpe, — diz ele. — Eu só quero que você fale comigo. Nós costumávamos sempre conversar, mas desde...

Suas palavras flutuam, não querendo mencionar o que ele teme que possa me quebrar. Eu temo isso também. E ele tem razão. Nós costumávamos ficar acordados até altas horas da noite conversando pelo celular ou enviando mensagens de texto, parecendo meio zumbis que mal abriam os olhos no dia seguinte na escola. Mas isso é passado.

— Seus beijos parecem tão vazios.

— Eu sinto muito. Eu não sei o que dizer.

— Você nunca sabe mais o que dizer. — Sua frustração sangra entre suas palavras, mas eu sei que vem de um ato de amor, por que é isso que Kroy é. Ele é amor e ternura e tudo o que uma garota quer em um namorado. Ninguém saberia apenas olhando para ele. Para todos, ele é o zagueiro estrela do time de futebol americano da escola. Sua ampla construção esconde a gentileza que fica abaixo de seu exterior duro. Uma gentileza que só eu tenho o privilégio de ver porque ele me ama. — Você ainda quer estar aqui, porque você mal disse duas palavras para mim hoje.

— Não é tão simples assim.

— É. Ou você quer estar aqui ou não quer.

Eu me recosto amuada no sofá e olho fixamente para a televisão, sem saber como responder a ele sem ferir seus sentimentos.

— Gata.

— Eu não quero te machucar.

— Machucar-me? — Quando eu olho em seus olhos, vejo seu desespero para entender. Como posso explicar para ele quando eu realmente não entendo?

— Tudo está diferente, — eu finalmente digo a ele. — O mundo está diferente e não sei onde pertenço. Eu não sei mais o meu lugar, porque todo o quebra-cabeça caiu em pedaços.

Ele pega minha mão na dele e afirma: — Este é o seu lugar. Bem aqui ao meu lado.

Eu sacudo minha cabeça. — Pareço vazia para você, porque estou vazia.

— Você não está. Você pode pensar que está, mas eu vejo tudo dentro de você.

— Você não vê, — eu refuto. — É mais fácil para você acreditar nisso do que ver a verdade. — Nós encaramos um ao outro por um momento antes de eu confessar: — Eu não consigo nem chorar. Que tipo de pessoa sem coração sequer pode chorar por seu pai morto?

— Uma garota que está com medo. Mas não há nada a temer quando você está comigo, — diz ele. — Vamos, Cam, eu te conheço desde que você tinha seis anos.

— Eu não posso te dar algo que não tenho.

Eu estou oca.

E entorpecida.

— Diga-me o que fazer aqui. Eu costumava ser capaz de dar o que você queria. Eu costumava te fazer feliz. Mas eu preciso que você me diga o que você precisa. Nada que eu faço está funcionando.

— Eu só preciso de tempo.

— Longe de mim?

— Longe de todos, — eu sussurro.

Deixando cair sua testa contra a minha, ele respira pesadamente enquanto o ar ao nosso redor engrossa.

— Eu não quero perder você, Cam.

Eu gostaria de poder dizer que também não quero perdê-lo, mas já perdi todo o meu mundo.

Eu amo Kroy. Eu só preciso de espaço para encontrar o meu caminho para fora dessa nuvem pairando constantemente.

# Capítulo Cinco

## (Agosto)

O tempo passa.

Eu não estou melhor. Nem perto da cura. Nem perto de aceitar.

Os dias passam enquanto continuo observando minha mãe numa espiral descendente, caindo, caindo.

Sua taça diária de vinho se transformou em uma garrafa diária, mas agora ela trocou o vinho pela vodca. Eu mal existo para ela, além dos momentos que ela precisa de mim para encher a despensa com comida, lavar roupa, ou qualquer outra coisa que ela não consegue administrar porque está muito embriagada para funcionar. É como se tivéssemos trocado de lugar e eu fosse a adulta cuidando da criança. Eu mantenho minha boca fechada enquanto minhas frustrações queimam porque sei que a briga será inútil.

Uma vez que vidas imaculadas são agora desleixadas. Porque é isso que ela é - uma bêbada desleixada.

Seu chefe na empresa de contabilidade onde ela trabalhou nos últimos quinze anos a demitiu hoje. Quando lhe perguntei por que, ela me contou uma história estúpida sobre demissões da empresa, mas eu vi através de sua mentira. Ele a demitiu porque ela parou de aparecer, e quando se arrastava para o escritório, estava desleixada e de ressaca.

— Eu pedi pizza para o jantar, — ela fala do sofá na sala quando entro na cozinha.

— Eu estou cansada de pizza. — Ela não responde.

Eu me sirvo de um copo de água, me sento no balcão da ilha e abro meu laptop para verificar meu e-mail. Minha agenda para o próximo ano ainda não foi enviada, então eu clico em um e-mail do Treinador Andrews, que é a programação de dois dias da pré-temporada da equipe de natação, que começa na próxima semana.

Meu peito aperta, sabendo que meus dias estão contados até que seja forçada a voltar para a vida que me foi violentamente tirada quando voei pela janela do lado do passageiro. O verão me permitiu permanecer no vazio, mas em

apenas duas semanas, a escola começará, os horários serão retomados e as reuniões de natação serão anunciadas. Vou ter que enfrentar todo mundo depois de me esconder durante a maior parte do verão.

A campainha toca.

— Há dinheiro na minha bolsa, querida. — Eu rolo meus olhos, irritada com ela.

— Ei! — Linze sorri quando abro a porta. Ela brilha contra a noite com seu cabelo loiro platinado e personalidade combinando.

— Ei, Linz. O que você está fazendo aqui?

— Eu estou aqui para buscá-la. — Ela entra e fecha a porta atrás dela. — Mas você não pode usar isso, — diz ela enquanto me olha da cabeça aos pés.

— Do que você está falando?

Ela pega minha mão e praticamente me arrasta pelas escadas em direção ao meu quarto. — Se você atendesse ao seu telefone, saberia que Kyle e seus amigos estão dando uma festa da fogueira hoje à noite. Todo mundo vai estar lá.

— Eu não quero ver todo mundo, — murmuro baixinho, mas minha objeção é ignorada.

Linze se encarrega de vasculhar meu armário, puxa alguns tops e os joga na cama. Ela então vasculha minha cômoda e pega vários shorts, adicionando-os à pilha.

— Minha mãe acabou de pedir o jantar para nós. — É a única desculpa esfarrapada que sou capaz de pensar através do meu medo crescente.

Ela se vira para mim, inclinando a cabeça para o lado e apoiando as mãos nos quadris. — E daí? — Ela diz, arrastando a palavra.

— Daí que eu não posso abandoná-la e deixá-la aqui sozinha.

— Desde quando você se tornou babá? Ela é adulta, Cam. E esta é a última grande festa do verão.

Eu fico olhando para ela, querendo que ela entenda.

— Vamos. Você não apareceu em nenhuma festa neste verão. Você está evitando a todos.

— Desculpe-me por não estar no clima de festa, — me defendo com tom hostil.

Ela se encosta na minha cômoda e suspira. — Eu sei que tem sido difícil, mas também sei que já se passaram quase três meses desde o acidente. Você não acha que é hora de sair e seguir em frente?

— Seguir em frente?

— Você sabe o que eu quero dizer.

Eu não digo nada enquanto tento amenizar a raiva que está queimando no meu peito. Três meses e devo seguir em frente. Isso não foi apenas um rompimento ou a morte de um animal de estimação. Esse era meu pai. Meu herói. Meu sangue e ossos.

Ela caminha até mim. — Você é minha melhor amiga e senti sua falta. Todos nós sentimos.

— Eu não sei.

— Eu não vou embora até que você concorde em vir comigo esta noite. — Ela pega minha mão e as balança entre nós enquanto o sorriso em seu rosto cresce. — Pooor favooor.

Eu a conheço bem o suficiente para saber que ela não vai desistir. E agora que ela conseguiu entrar no meu quarto, eu vou ser duramente pressionada para ir a festa.

— Vamos lá, Cam. Uma festa. É tudo o que estou pedindo.

— Você sabe que está me forçando contra a minha vontade, certo?

— Isso é um sim?

Com um suspiro amargo, eu desisto. — Eu vou.

Seu sorriso se torna ainda mais amplo. — Isto será muito divertido!

Eu reviro meus olhos contra suas expectativas irrealistas. Eu sou a pessoa menos divertida nessa cidade neste momento. Mas eu mantenho minha boca fechada e faço os movimentos para me vestir e aplico corretivo na tentativa de cobrir a cicatriz que percorre a extensão da minha bochecha. Não importa o quanto de maquiagem eu aplique, não há como esconder isso completamente.

— Vai estar escuro lá fora. Eu duvido que alguém perceba, — Linze observa quando enfia sua cabeça no banheiro.

Fácil para ela dizer. Se essa cicatriz estivesse em seu rosto, ela não sairia do quarto até que tivesse uma rodada de cirurgia plástica para remover a falha. Mas eu não espero que ela entenda, então nem me preocupo em dizer nada sobre isso.

— Está pronta?

Com um encolher de ombros, eu pego as chaves do carro da minha bolsa. — Você não vai ir comigo?

— Caso eu queira sair mais cedo, não quero te tirar da festa. — É mentira. Realmente, o pensamento de alguém dirigindo me apavora. De qualquer forma, fico nervosa quando estou atrás do volante, mas há uma sensação de conforto, sabendo que estou no controle do carro.

Ela abre a porta e eu a sigo pelas escadas.

— Vá em frente, — digo quando ela caminha para a porta. — Eu preciso dizer a minha mãe para onde estou indo. Eu te encontrarei do lado de fora.

Ela aponta um dedo para mim. — Não me abandone, — ela brinca.

— Dê-me um minuto, ok?

Ela sai e fecho a porta, aliviada por ela não ver minha mãe em estado de embriaguez. Todo mundo sabe que minha mãe é uma mulher elegante que está sempre arrumada. Se alguém a visse meio desmaiada no sofá, eles ficariam chocados... e eu ficaria mortificada.

— Mãe. — Ela não responde deitada de bruços com os olhos fechados. Eu sacudo seu ombro e falo mais alto para acordá-la. — Mãe.

— Hmm...

— Eu vou sair com Linze. A pizza ainda não chegou, então você precisa acordar.

— Você vai sair?

— Sim. Eu voltarei mais tarde. Mande-me uma mensagem se precisar de alguma coisa.

Ela senta, lutando para ficar alerta, e faz o possível para me olhar nos olhos quando diz: — Não beba.

— Você sabe que eu não bebo.

— Estou falando sério. Não beba, eu não posso perder... Eu não posso...

— Eu sei, mãe. — Pela primeira vez em muito tempo, meu coração aquece, e eu não me sinto tão abandonada. — Eu prometo a você, eu não farei nada assim.

Ela balança a cabeça e eu a deixo no momento em que suas emoções surgem. Se eu ficar para vê-la desmoronar, corro o risco da minha própria casca protetora se partir.

Com uma mão no volante e a outra presa na minha tipoia, sigo atrás de Linze enquanto percorremos a estrada vazia, passando por Waterloo, onde nada além de campos abandonados existem. Nuvens ondulantes de fumaça cinzenta contra o céu negro guiam o caminho e eu estaciono o carro ao lado da estrada. Quando abro a porta, o riso e a música roubam o silêncio.

— Você veio, — Kroy chama quando se aproxima de mim.

— Eu consegui fazer minha mágica, — diz Linze.

— Mais como me obrigou.

— De qualquer maneira, você está aqui. — Ele me puxa em seus braços, animado por me ver, e eu recuo quando ele coloca muita pressão no meu braço. — Desculpe, gata.

— Tudo bem.

— Quando você vai tirar isso?

— Agora, — eu digo a ele. — Eu o coloquei porque ficou muito dolorido depois da minha fisioterapia hoje cedo.

— Eu não fazia ideia. Por que você não me disse que tiraria?

— Não achei que era grande coisa.

— É uma grande coisa. Isso significa que você pode voltar para a piscina e começar a construir sua força para competir.

Suas expectativas me incomodam. Entrar na piscina é a última coisa que quero fazer.

— Kyle diz que os treinos começam na segunda-feira, — diz Linze, e ela está tão inconsciente do meu humor quanto Kroy.

Eu aceno e começo a andar em direção à fogueira, evitando a discussão sobre natação.

— Ele me convidou para sair amanhã de noite, — ela diz.

— Quem?

— Kyle.

Kyle é um colega sênior e também está na equipe de natação. Ele é alto e irritante, um garoto que se deleita com sua popularidade. Mas ele é um bom nadador e frequentemente vai ao treino da equipe feminina para nos animar. Ele é um bom garoto.

Eu dou-lhe um sorriso e aceno com a cabeça.

— É isso? Meu Deus. Onde está seu entusiasmo?

— Cam! — Algumas garotas gritam quando me veem de longe.

Escondida sob o braço de Kroy, eu fico tensa e me pressiono firmemente contra ele quando toda a atenção se volta para mim.

— Você está bem?

Eu permaneço quieta, e quando a lacuna entre eu e o resto delas se fecha, de repente eu não sei como interagir. Kroy remove seu braço protetor quando Kyle alcança uma lata de cerveja para ele. Ele tira o lacre e joga a cabeça para trás, bebendo enquanto eu assisto em descrença.

Alguns garotos o animam enquanto um punhado de garotas ri.

— Ei, Cam, — Taylor, outra nadadora, cumprimenta quando para na minha frente.

— Ei.

Ela olha por cima do ombro para Kroy e diz: — Você deveria tê-lo visto na última festa. — Ela se vira para mim. — Os garotos estavam jogando beer pong[6], e ele ficou tão perdido que tive que levá-lo para casa.

Eu olho para ela com um olhar sarcástico. Taylor e eu nunca nos demos bem. Ela tem um tesão por atenção e muitas vezes mente para conseguir. Suas provocações geralmente entram por um ouvido e saem pelo outro - todo mundo está ciente de seu comportamento - mas esta noite não é a noite para me tirar do sério.

— Uau, essa é uma cicatriz obscena, — ela anuncia em voz alta, chamando a atenção de alguns outros, e eu me encolho sem querer.

— Vá incomodar outra pessoa, — Linze rosna quando caminha para o meu lado.

[6] É um jogo de mesa em que os jogadores jogam uma bola de ping pong numa mesa com a intenção de efiar a bola num copo com cerveja ou outro liquido na outra extremidade da mesa. Quando uma equipe acerta a bolinha no copo a equipe adversária tem que beber.

— Sem maldade, — diz Taylor antes de recuar. — Vejo você na piscina segunda-feira.

Com os seus olhos em mim ela sai, dou alguns passos para trás antes de me virar e ir embora.

— Cam! Espera!

— Isso foi um erro, — digo a Kroy enquanto vou para o meu carro.

Agarrando meu braço, ele me gira. — Taylor é uma puta, todo mundo sabe disso.

— Bem, eu não estou com vontade de lidar com isso.

— Ela não vai incomodá-la novamente. E vou me certificar disso. — Eu quero acreditar nele, mas não acredito. Não dessa vez. — Basta voltar. — Ele joga o braço em direção à festa, mas tudo que vejo é a lata de cerveja pendurada na ponta dos dedos.

— O que você está fazendo? — Eu questiono com desgosto nas minhas palavras.

— Do que você está falando?

— Bebendo essa cerveja como se você tivesse algo a provar para essas pessoas.

— Essas pessoas? Eles são nossos amigos, Cam.

— Taylor disse que você ficou bêbado em outra festa e ela teve que levá-lo para casa, — eu acuso, chateada que ele fosse tão descuidado após o que aconteceu com o meu pai. — Isso é verdade?

— Aquela garota é cheia de merda, você sabe disso.

— Mas é verdade?

— Sim, eu fiquei bêbado. Não, ela não me levou para casa. Eu peguei uma carona com um amigo. Taylor estava no banco de trás porque ela tinha bebido muito também. Isso é tudo.

Meus olhos se enchem de incredulidade, o que desencadeia uma reação defensiva nele.

— O quê?

— Por que você está agindo assim? — Eu questiono.

Ele muda seu peso de pé e joga a lata de cerveja na grama antes de enfiar as mãos nos bolsos. Eu espero que ele responda, e quando não responde, dou-lhe as costas e ando a distância restante até o meu carro.

— Eu sinto sua falta, — ele grita para mim, e quando olho de volta para ele, ele está dando passos largos em minha direção.

Eu me inclino contra o lado do meu carro quando ele se aproxima de mim, coloca as mãos em ambos lados, me cercando e abaixa a cabeça. Seu hálito cheira a cerveja e eu me forço a não me afastar. — Meu pai morreu por causa de um bêbado.

— Eu sei.

— Então, por que…

— Porque eu estou rasgado por dentro, Cam. — Quando ele levanta a cabeça, eu olho em seus olhos e vejo uma tristeza pela qual sou responsável. — Eu sinto que tenho tentado te segurar por meses, mas você está tão longe.

— Kroy…

— Você ainda me ama? — O medo envolve sua pergunta, mas minha resposta vem facilmente.

— Claro que eu te amo. — Eu o alcanço e toco seu rosto. Não me lembro da última vez em que o toquei, ou a alguém, de bom grado.

— Então por que você não me deixa te amar?

Eu olho para o cara que cresceu comigo. Aquele que me assistiu ir do jardim de infância, para a escola primária desajeitada com aparelho, e depois para a senior que está beirando a se tornar uma jovem mulher. E por sua vez, eu o vi através dos mesmos estágios para o jovem em pé na minha frente. Eu posso sentir seu coração se partindo e sei que não posso continuar machucando-o com minha distância.

— Gata, por favor. Apenas fale comigo.

— Eu me sinto indigna do amor. — Minha voz racha. — Eu estou muito além da perda e não sei como encontrar meu caminho de volta. Eu estou começando a me perguntar se há um caminho de volta.

— Eu sei que você está sofrendo. Mas tenho que ser honesto. Eu sinto que você prefere se afogar do que superar isto.

Afogamento é quase sem esforço. Não tem nada de mais. Você simplesmente permite que o peso da água faça todo o trabalho à medida que você afunda mais e mais.

— Talvez você esteja certo. Talvez eu não esteja pronta para seguir em frente. — Porque seguir em frente significaria deixar meu pai para trás. — A última coisa que quero fazer é arrastar você para baixo comigo.

— O que você está dizendo?

— Eu te amo. Eu amo. Eu apenas...

— Não faça isso.

— Não posso ser o que você precisa que eu seja agora. Eu simplesmente não posso. E honestamente, eu não acho que sou forte o suficiente para sequer tentar. — A tristeza da um nó nas minhas cordas vocais, forçando minhas palavras enquanto eu falo.

— Você é.

— Você precisa confiar em mim quando eu lhe digo que não sou.

Sua cabeça cai novamente antes de me puxar em seus braços.

— Eu preciso de tempo, Kroy. — Eu engasgo com as palavras. — Eu não quero ser a razão da sua infelicidade. E agora você está infeliz por minha causa.

— Cam...

— Eu te amo. Eu direi isto sempre, porque eu amo. Mas, por enquanto, acho que devemos só...

Com as mãos que seguraram as minhas desde que nós brincávamos quando crianças, ele puxa minha cabeça na sua direção e me beija. Um beijo cheio de dor que a maioria dos adolescentes não entenderia. Um beijo que cura e fere tudo ao mesmo tempo. Um beijo que nos une no amor, mas também nos separa no amor. E agora, sabemos que teremos que resistir quando este exato momento acabar, até que eu possa encontrar forças para atravessar esse inferno terrestre.

# Capítulo Seis

Eu entro no estacionamento da escola com minha bolsa de natação posicionada ao meu lado no banco do passageiro. Meus colegas estão reunidos em volta da entrada do ginásio, com sorrisos em seus rostos, felizes por estarem de volta depois das férias de verão. Eu estaciono o carro e os vejo como algum tipo de voyeur. Ver a excitação substitui a pouca coragem que tenho por pavor.

Meu pai era o treinador deles - meu treinador, e temo como será passar por aquelas portas e não tê-lo lá. Meu intestino se contorce em uma mistura de emoções e sei que não deveria ter vindo.

O treinador Andrews chama minha atenção quando o vejo atravessando o estacionamento. Ele destranca a porta e a mantém aberta enquanto todos passam para o primeiro mergulho da temporada. Parado lá em sua calça esportiva e camiseta branca, ele examina o estacionamento depois que a última garota entra. Quando seus olhos encontram os meus, eu congelo, mas apenas por um segundo. Ele olha para mim com curiosidade antes de caminhar na minha direção, mas eu não me movo para sair do carro. Quando ele se aproxima, eu rolo minha janela, mas ele ignora o meu gesto e puxa abrindo a minha porta em vez disso.

Sem recuar, ele pergunta: — Você vem?

O nó alojado na minha garganta bloqueia minhas palavras, então eu simplesmente balanço minha cabeça. Toda a dor que tenho mantido represada em meu corpo, sobe para a superfície na sua presença.

Ele se ajoelha entre a porta e eu. — Eu estive preocupado com você, — diz ele suavemente. — Encontrei o número do seu celular no meu arquivo. Eu pensei em ligar.

— Por que você não ligou?

— Minha consciência culpada não me deixou. Mas isso não me impediu de pensar em você.

— Você não deveria se sentir culpado, — digo a ele. — Isso teria acontecido se estivéssemos dirigindo para sua casa ou dirigindo para minha casa.

— Ainda assim... Não consigo me livrar disso.

Eu me viro e olho pelo para-brisa. — Eu não posso andar até lá.

— Você não precisa, — ele garante. — Somente quando você estiver pronta.

— Treinador!

Nós dois nos voltamos para o prédio.

— Dê-me um minuto, — ele grita de volta e depois se vira para mim. — Eu tenho que ir.

Eu assinto.

— Você vai ficar bem?

Eu assinto novamente.

Ele se levanta e fecha a minha porta, me dando um olhar compreensivo antes de eu partir.

Eu saio porque não consigo enfrentar o que sei que não estará naquele prédio. Sua ausência me quebraria, e a última coisa que quero é ter um colapso no centro do ginásio para todo mundo ver. Eu não quero que eles saibam quão fraca me tornei por causa da minha lesão e olhem para mim com pena.

Quando chego em casa, ainda é cedo e a minha mãe ainda não acordou. Eu ando pela casa e vou até as janelas na sala de estar olhar para a piscina. Por um momento, posso ouvir a água espirrando. Eu sei que é apenas uma memória distante, mas não me importo. Eu fecho meus olhos, pressionando minhas mãos e testa contra o vidro, e fixo nos sons remanescentes na minha cabeça.

*— Marco.*

*— Polo, — eu grito antes de aspirar uma lufada de ar em meus pulmões e me empurrar para longe da parede para escapar.*

*— Marco.*

*— Polo.*

*Papai se vira quando ouve minha voz vindo do outro lado da piscina.*

*— Marco.*

*Ele faz uma corrida louca em minha direção e eu começo a rir, sabendo que estou prestes a ficar presa. — Polo.*

*Seus olhos se franzem quando os cantos de seus lábios se elevam em um grande sorriso enquanto ele desliza pela água com os braços estendidos.*

*— Marco.*

*— Polo! — Eu grito, mas é tarde demais.*

*Ele me captura em seus braços e eu grito de alegria quando ele me gira e me joga para o céu. Eu bato na água com um grande esguicho, e quando subo por ar, nado na direção dele, rindo, — Faça isso de novo, papai.*

*— Novamente?*

*— Desta vez mais alto.*

*Com as mãos nos ombros dele e as dele ao redor da minha cintura, ele conta: — Um, dois, trêêês — antes de me lançar de volta ao ar.*

O barulho de talheres me arranca da minha lembrança, e me viro para encontrar minha mãe vasculhando a cozinha. Ela ainda está de robe e seu cabelo está um trapo. Eu não tenho ideia do que ela está procurando, mas abre armário após armário como se estivesse perdida.

— O que você está fazendo?

— Tentando encontrar as malditas canecas de café. — Suas palavras saem enroladas. Ela ainda está bêbada da noite passada.

— Você as trocou de lugar?

Eu ando até a cozinha e abro o armário onde as canecas sempre ficaram e entrego uma para ela.

— Obrigada, — ela murmura e depois se vira para a cafeteira. — O que você está fazendo aqui? Eu pensei que você tivesse natação.

— Outro dia. — Eu ignoro a pergunta, sabendo que ela não está me ouvindo de qualquer maneira, e se estiver, não terá nenhuma lembrança dessa conversa quando ficar sóbria.

Ela despeja creme em sua caneca, esvaziando a garrafa. — Você precisa comprar mais algumas coisas no mercado.

Típico. Eu literalmente tenho que fazer todas as suas tarefas hoje em dia porque ela tem muita preguiça, está triste demais ou bêbada demais para fazer qualquer coisa sozinha.

— Eu preciso de dinheiro.

— Basta levar o cartão de crédito, — diz ela enquanto se afasta de mim e sobe novamente.

Apertando os punhos em frustração para o que minha mãe está se transformando, eu respiro fundo antes de fazer uma oração silenciosa pelo seu retorno. Mas então me lembro de que eu mudei também. Nós duas, vítimas da dor, nos encontramos tropeçando em caminhos que nunca vimos chegando.

Eu vejo o que me tornei. Mal me socializo mais. Prefiro ficar sozinha na segurança do meu quarto do que sair entre os vivos. As expectativas que os outros têm são demais. Dizem que já passou tempo suficiente e que eu deveria começar a viver a minha vida. Mas como posso? Como colocar um pé na frente do outro quando estou paralisada?

Dói chorar, então eu não choro. Dói sorrir, então eu não sorrio. Dói fingir, então me escondo.

Estou desaparecendo.

Não há outra palavra para descrever meu estado atual. Eu sei que há angústia, mas está presa em um lugar tão profundo dentro de mim que sou incapaz de senti-la. É uma emoção da qual me encolho, porque estou petrificada demais para saber como será quando finalmente emergir.

Não querendo que meus pensamentos me consumam, decido me ocupar com a casa pelo resto do dia. Eu coloco uma carga de roupa na máquina de lavar, esvazio a lava louça e espano o pó antes de aspirar. Quando tudo está terminado, o sol está se pondo e a tarde começa a cair, eu pego meu laptop para ver se os horários das aulas foram enviados. Quando finalmente vejo o e-mail de Edmond Ridge High na minha caixa de entrada, o abro para rever minhas disciplinas, mas paro no meio do caminho quando vejo meu professor de Literatura Inglesa. Meu estômago dá uma rápida aquecida quando vejo o nome do treinador Andrews - Sr. Andrews. Eu congelo em seu nome por um tempo antes de fechar o laptop e voltar à realidade, porque se eu não terminar as funções da minha mãe, elas nunca serão feitas.

Voltando para casa, do mercado, passo na escola e vejo carros espalhados pelo estacionamento. O segundo turno de natação do dia está em andamento, mas não tenho intenção de sequer tentar ser a velha eu. Então, aumento o volume no som do meu carro e deixo a música abafar a culpa, a raiva e a irritação enquanto dirijo para longe de sonhos e compromissos.

;

A fuga traz a culpa sobre a solidão, aumentando o peso à medida que os dias passam. Mesmo em sua ausência, sinto que estou decepcionando meu pai com cada treino que ignoro. Isso é um cabo de guerra entre necessidade e desejo, orgulho e medo, vida e morte.

Nadar é minha paixão - ou era. Era o que alimentava a minha mente, corpo e alma. Era o que unia meu pai e eu ainda mais do que éramos. Era nosso para compartilhar, e agora esse vínculo estava pendurado por fios finos. Eu sei que não posso simplesmente desistir. Se o fizer, carregarei para sempre o fardo de abandonar todas as esperanças que meu pai tinha em mim.

Minha mãe já desistiu e não posso me permitir seguir o mesmo caminho, embora queira muito.

Antes de discutir minha ida até a escola, pego minha bolsa de natação e visto meu maiô, touca de natação e óculos de proteção. Eu passo pelos movimentos como já fiz tantas vezes antes, mas, desta vez, convido a dormência a me dominar.

Quando entro no estacionamento, sou incapaz de lembrar do caminho que fiz para chegar até aqui. O estacionamento está vazio e o treino da tarde não começa por mais três horas. Eu pego as chaves que meu pai me deu no dia do meu último mergulho.

O dia do meu último tudo.

Eu olho para o prédio e permito que a fraca centelha de esperança queime meu desapontamento.

Se isso foi um engano? Se ele sobreviveu e estivesse se escondendo o tempo todo, esperando que eu o encontrasse?

Depressão alimenta fábulas na vida, e por uma fração de segundo, me deixo acreditar que há possibilidade dentro de impossibilidades, do mesmo jeito que me deixei acreditar que é ele ligando toda vez que o telefone toca.

Mas quando saio do carro, me aproximo do prédio e coloco minha chave na fechadura, fico cara a cara com a realidade fria e dura.

A batida da porta atrás de mim ecoa pelas paredes enquanto respiro a infusão de cloro. Eu olho para o vidro do escritório, e outra esperança acende sob minhas costelas.

— Papai?

Meu peito bate enquanto espero a libertação chegar. Eu prendo minha respiração durante isso.

E quando a verdade aponta o vencedor, minha bolsa cai do meu ombro para o chão.

A solidão se tornou mais solitária.

Eu ando até as arquibancadas de metal que cobrem uma das paredes e subo algumas filas antes de me sentar. Olhando para a água azul vítrea, me entrego ao desespero. Como vou fazer isso sem meu pai? Como posso voltar para a água e fazer parte dessa equipe se ele não está aqui? A melhor parte de estar na água era subir em busca de ar depois de chegar na parede e ver seu rosto sorridente lá em cima, radiantemente orgulhoso como treinador e pai.

Eu envolvo meus braços em volta das minhas pernas e deixo minha cabeça cair nos joelhos. Com muito medo de sentir a dor de tudo isso, eu tomo uma respiração controlada e luto contra a dor que cresce dentro de mim, pesando em meu estômago como uma tonelada de tijolos. Meus olhos se fecham e derivo para um lugar sem a memória do meu pai. Um lugar seguro para mim. Um lugar que não pode me assombrar.

Isso é inútil.

Ele está em todos os lugares, mas em nenhuma parte. Não há paz no escapismo, porque ele está preso dentro da minha alma. Meu coração bate, e é o seu DNA que bombeia nas minhas veias. Isso está me mantendo viva, mesmo quando não quero estar, não dando-me nenhuma escolha.

Metais batem, e eu me assusto, erguendo minha cabeça para encontrar o treinador Andrews me encarando do outro lado do ginásio.

Ele coloca sua bolsa no chão ao lado da minha antes de andar na minha direção. Eu deveria levantar e sair, mas estou cimentada onde estou. Quando ele fecha a distância entre nós, viro a cabeça e olho para a piscina.

Eu não quero me conectar a ninguém quando o desânimo é onde eu quero morar em minhas tristezas.

Ele se senta ao meu lado e solta uma respiração profunda. O silêncio se prolonga por um tempo enquanto nós dois olhamos para a água, e dentro desse silêncio está uma farpa. Ela perfura um pouco, mas é o suficiente para me fazer notar. Há uma conexão com o treinador Andrews.

— É difícil não tê-lo aqui, não é? — Sua voz é baixa, mas no espaço vazio do prédio, soa mais alto do que deveria, e eu sei que ele está me observando. — De qualquer maneira, como você entrou aqui?

— Suas chaves, — eu sussurro.

— Você já entrou?

Eu balanço a cabeça e engulo dolorosamente.

Ele apoia os pés ao lado dos meus e descansa os braços nos joelhos. — Diga-me como posso ajudar.

Eu não respondo.

— Você ainda quer ser ajudada?

Olhando para ele, lhe dou a única honestidade que posso... dou de ombros.

— Tudo bem se você não quiser. — Suas palavras me envolvem como um cobertor, me cobrindo em conforto. Finalmente, alguém que não está me apressando a seguir em frente.

— Eles estão falando de mim? — Eu pergunto, embora já saiba que estão.

— Eles estão preocupados, — diz ele. — Inclusive eu.

— Eles estão falando sobre ele? — Minha voz racha.

Ele vira seu corpo para mim, mas me impeço de olhar para ele quando responde. — Tem sido uma semana difícil para eles voltar aqui sem o seu treinador. Alguns estão mais afetados que outros.

Eu olho para o escritório mais uma vez, lutando contra o calor queimando por trás dos meus olhos.

A mágoa se expande por dentro.

Minha pele arrepia.

Eu não posso fazer isso.

Eu pulo das arquibancadas e corro para pegar minha bolsa. — Cam. — Sua voz ecoa nas paredes, mas eu o ignoro.

Se eu parar de me mover, vou perder toda a minha força e desmoronar. Eu estou muito perto da borda do penhasco agora.

— Cam, espere!

E desta vez, por algum motivo... Uma razão que estou relutante em admitir que existe, eu paro.

— Por que você está fugindo? — Ele diz quando para na minha frente, e sem permitir que outro pensamento fraqueje minha consciência, eu entrego outra verdade.

— Porque estou com medo.

Ele estende a mão e coloca no meu ombro bom, hesitando antes de dar um passo em minha direção. Não é até que eu deixo cair a cabeça que ele desliza a mão pelo meu ombro e me puxa para seus braços.

Toque.

Eu envolvo meus braços ao redor dele e derreto em seu abraço caloroso.

Um abraço atado a inocência maculada.

Um abraço do qual não quero escapar.

Seu corpo é firme ao meu redor, emprestando sua força à minha fragilidade, que me mantém protegida dos outros, e me pergunto por que me sinto conectada com ele.

Porque ele estava lá.

As palavras sussurram através do meu coração fraturado, e fecho meus olhos contra a realidade delas. Foi ele quem me segurou enquanto eu chorava mais do que jamais chorei, naquela noite no hospital. Ele foi o único que viu minhas rachaduras antes que eu as escondesse, e admito que há uma pequena porção de conforto nisso.

Então aqui estou, nos braços do meu treinador (meu futuro professor de inglês) e me pergunto se ele sente a mesma angústia que eu.

A angústia do errado sobre o certo - ou será do certo sobre o errado?

# Capítulo Sete

— Aonde você vai?

— Sair por um tempo, — minha mãe diz depois de sair de seu quarto. Ela está vestida com algo diferente de pijama, seu cabelo está lavado e puxado para longe do rosto, e ela está maquiada. *Maquiada*.

Eu estou atordoada e não de um jeito bom. A mulher que não saiu de casa durante todo o verão está agora arrumada e saindo.

— Quando você voltará?

— Não sei.

— Mãe, — eu protesto, minha voz oscilando entre aborrecimento e raiva. Ela pega sua bolsa e seus saltos altos batem enquanto anda até mim com facilidade em seus passos. É um alívio que ela não esteja bêbada, mas isso não quer dizer que não tenha bebido. Ela me oferece um abraço, e embora, seja sem vida, eu aceito.

— Sério. Onde você está indo?

— Desde quando você se tornou a mãe?

*Desde o dia em que você decidiu se tornar uma bêbada.*

Enfiando sua bolsa debaixo do braço, ela suspira. — Vou encontrar uma amiga para comer alguma coisa. — Sua resposta cheira a desonestidade.

— Tanto faz, — resmungo sob a minha respiração, irritada com seu sigilo quando ela sai pela porta e me deixa sozinha em uma casa com muitos fantasmas.

Sem lugar para ir, eu ando pelo quintal. Meus pés descalços me levam até a beira da piscina. A água brilha descontroladamente contra a noite, lançando seu reflexo contra mim em veias onduladas de brilho.

Tenho estado tão confusa com a falta do meu pai. Eu passei os últimos três meses me escondendo daquilo que me lembra dele e ao mesmo tempo desejando estar perto dele. É um labirinto contraditório em que me encontro, e sei que devo escolher um caminho, porque ficar parada está começando a doer mais do que imagino que sentiria se estivesse em movimento.

Eu sinto falta do meu pai.

Eu sinto falta de tudo sobre ele: seu cheiro, seu calor, seu sorriso contagiante, seu amor. Eu era sua garota, e ele se certificou de que todos soubessem disso, se gabando constantemente sobre mim. Sua afeição imensa se destacava muito além dos outros pais, e eu ansiava ser mantida na segurança que apenas seus braços forneciam. Todos os outros ficavam aquém dele.

Por que estou lutando contra isso? Lutando contra a mesma coisa pela qual estou tão desesperada?

Sem esforço ou pensamento, algo maior que esse universo controla meu tornozelo, levantando-o e esticando-o na minha frente. O primeiro toque de água nos meus dedos envia correntes elétricas através dos meus ossos. Eu puxo uma lufada de ar enquanto a água me suga em suas garras. Submersa na santidade paterna, eu absorvo seu abraço, como se fosse um presente do céu. Isso me abraça firmemente; um alívio muito necessário.

Quando meu corpo implora por oxigênio, eu empurro o fundo da piscina e atravesso a superfície. Eu respiro profundamente, meus pulmões famintos, esticando minha cabeça para o céu que abriga o homem que roubaram de mim. Meus músculos relaxam e eu deixo a água me levantar. Eu flutuo de costas enquanto gotas de água rolam pelas laterais do meu rosto, e eu sorrio. Eu abro um sorriso que nunca pensei que encontraria novamente.

Eu fiz isso.

Eu estou na água.

E no momento, limpa e aliviada.

Minhas roupas se agarram ao meu corpo da mesma maneira que me apego à autopreservação. Se eu estou fazendo da maneira certa ou errada, faço o que posso para me proteger da besta da agonia. Eu sei que meu sofrimento poderia ser pior e, é por isso que eu luto todos os dias para mitigar o melhor que posso.

Então, neste momento de alívio temporário, eu flutuo na linha da vida que me conecta a ele até que não seja nada além de pele enrugada e olhos sonolentos.

De alguma forma, eu encontro o caminho até o meu quarto e, eventualmente, minha cama, onde pego o post-it que coloquei na minha mesa de cabeceira onde treinador Andrews escreveu seu número de telefone celular no outro dia na piscina. Um arrepio me atravessa quando leio o nome dele. Ao ver, que ele escreveu isto em vez de treinador Andrews ou mesmo Sr. Andrews o faz parecer mais como uma pessoa do que uma figura de autoridade. Mais acessível,

como se ele me desse seu primeiro nome como um modo de me dizer que estava tudo bem eu me apoiar nele.

*David.*

Apenas seu primeiro nome foi tudo o que ele escreveu.

Eu coloco o número dele no meu telefone e o adiciono como um novo contato antes de abrir uma nova tela de mensagem. Ele me disse há algumas semanas que pensou em me mandar mensagens, mas nunca o fez. E com a excitação do feito de finalmente voltar à água me atravessando, afasto a dúvida e insegurança e envio uma mensagem para ele.

**Eu:** *Ei, é a Cam. Voltei para a água hoje à noite. Eu tinha que contar a alguém e, como duvido que alguém mais entenda, pensei em te contar.*

Eu apertei enviar e segurei minha respiração, me questionando se deveria mesmo estar mandando mensagens para ele. De repente, toda a dúvida que afastei desaba sobre mim. Eu estou exausta quando o telefone vibra em minhas mãos e finalmente respiro.

**David:** *Estou feliz que foi a mim que você contou. Diga-me como se sentiu.*

**Eu**: *Incrível. Mas também triste. Foi uma sensação estranha, querendo sorrir e chorar ao mesmo tempo.*

**David:** *Você diz querer, mas você fez? Você sorriu e chorou?*

**Eu:** *Não.*

**David:** *Por quê?*

Eu rolo de lado, o brilho no telefone é a única luz no meu quarto escuro, e finalmente me abro para buscar conforto.

**Eu:** *Porque estou com medo de chorar. Eu não sou forte o suficiente para sentir esse tipo de dor.*

**David:** *Você é mais forte do que pensa, sabe?*

**Eu:** *Vamos ver.*

*David: O que isso significa?*

**Eu***: Amanhã.*

**David:** *Os primeiros dias são sempre estressantes, não importa quem você seja. Você está preocupada?*

Eu paro antes de responder, querendo mentir e dizer a ele que não, mas então estaria enganando-o do jeito que faço com todos os outros. Eu não quero que ele seja como todos os outros, então vou contra o meu instinto e lhe dou mais verdades.

**Eu:** *Sim.*

**David:** *Do que você tem medo?*

**Eu:** *Tudo.*

Eu me deito na cama e me enrolo em uma bola.

**David:** *Tudo menos o quarto período.*

**Eu***: O que tem o quarto período?*

**David:** *Você tem a mim.*

Meus lábios se curvam em um sorriso, tranquila por não estar tão sozinha amanhã. Que no meio dos amigos dos quais me sinto tão desconectada, há uma conexão a ser feita com ele.

**David:** *Boa noite, Cam. Estou orgulhoso de você por enfrentar um de seus medos hoje à noite.*

Com meu coração formigando, coloco meu celular no meu peito e entro nos sonhos que são realmente memórias do passado me lembrando do quão sortuda eu era de ter meu pai. Mas quando acordo, volto à melancolia e lembro como estou triste por não tê-lo mais por perto.

O peso que estava suspenso na noite passada está caindo sobre mim novamente.

Com apreensão no ar, rolo para fora da cama, cansada para enfrentar aqueles que eu gostaria de evitar. Depois de um longo banho, encontro meu reflexo no espelho. Eu sei que todos vão olhar com aversão a cicatriz que nos lembra todo o horror daquele dia. A evidência de que não foi apenas um pesadelo, mas que realmente aconteceu, está gravada no meu rosto. É a verdade sangrenta da qual ninguém pode se esconder - nem mesmo eu.

Faço o que posso para pintar uma imagem de atratividade, enrolando meus longos cabelos castanhos em ondas soltas e cuidadosamente aplicando minha maquiagem, mas sem sucesso de cobrir minha cicatriz. Ela grita sua presença não importa o que eu faça. Depois de colocar um short branco e um top azul esvoaçante, coloco um par de sandálias de tiras e pego minha mochila.

Eu ando até o quarto da minha mãe e bato na porta, esperando por uma resposta, e quando nada vem, abro para encontrar seu quarto vazio.

— Mãe? — Eu chamo indo até o banheiro, que também está vazio.

Eu volto para o seu quarto, preocupada que algo tenha acontecido com ela. Além dos lençóis amarrotados na cama e uma coleção de garrafas decorando as duas mesinhas de cabeceira, não há provas de que ela voltou para casa ontem à noite.

Eu largo a mochila na cama, pego meu celular e ligo para ela. O pânico é crescente quando vai direto para a caixa postal. Como estamos na mesma conta, eu abro o aplicativo *'Encontre meu Telefone'*, mas ele não é encontrado em lugar nenhum. Eu não sei se ela desligou o celular ou a bateria morreu ou algo realmente ruim aconteceu.

Com mãos nervosas, faço outra ligação.

— Você está pronta para o primeiro dia de aula? — Kroy diz com entusiasmo.

— Algo está errado, — eu o corto em inquietação.

Seu tom muda em um instante. — O que está acontecendo?

— Minha mãe não voltou para casa ontem à noite, e não consigo encontrá-la. Eu estou com medo de que algo tenha acontecido. — As palavras saem da minha boca a um milhão de quilômetros por hora enquanto ando de um lado para o outro. — Eu não sei o que fazer.

— Onde você está?

— Em casa.

— Fique aí. Estou a caminho.

Ele desliga e, como mora no mesmo bairro, leva apenas alguns minutos para chegar até minha casa. Quando abro a porta, ele me puxa em seus braços e me dá o calor que não sinto desde que terminamos há duas semanas.

— E...ela saiu ontem à noite. Disse que ia jantar com u...uma amiga. — Eu gaguejo quando me afasto dos braços dele.

— Você sabe com quem ela saiu?

— Não. Ela não me disse muito por algum motivo, e estou com medo de que algo tenha acontecido com ela.

— Eu tenho certeza que você está exagerando, Cam. Sua mãe é uma mulher muito sensata.

— Não, — eu digo mortificada quando a ansiedade distorce a fala. — Desde o meu pai... Ela está...

— O quê?

— Ela está bebendo.

Ele abaixa a cabeça até o nível dos meus olhos. — Você pode realmente culpá-la? — Ele diz como se não fosse nada.

— Você não entende. Ela bebe muito. Tipo, muito mesmo. Esta... esta é a primeira vez que ela sai de casa no verão todo.

Seus olhos se arregalam. — Por que você não me contou?

— Você conhece a reputação da minha mãe. Eu não queria envergonhá-la... ou a mim.

— Gata, nunca se sinta envergonhada comigo.

— Tudo está desmoronando, Kroy. — As rachaduras na minha fachada estão começando a aumentar, e as lágrimas que estiveram ausentes desde Maio ameaçam chegar, mas as afasto.

— Olhe para mim, — diz ele, e eu olho. — Estando juntos ou não, eu te amo. Eu sempre estarei aqui para você, não importa o que, ok?

Eu assinto.

— Eu não gosto de não ter ideia do que está acontecendo nesta casa quando costumava saber tudo, — acrescenta.

— Eu sinto muito, eu apenas...

— Não há problema em pedir ajuda.

— Eu estou pedindo, — digo a ele. — Foi por isso que liguei para você.

— Se algo tivesse acontecido... algo ruim... alguém ligaria para você. Ela tem o seu número no telefone dela.

— Mas o telefone dela não está ligado. E se a bateria estiver morta e eles não tiverem como me ligar?

Suavizando sua voz na tentativa de me persuadir, ele diz: — Eu tenho certeza de que está tudo bem. Sua mãe te ama; Eu não a vejo sendo imprudente, não depois de tudo que vocês duas perderam.

Mas ele está errado. Ele não tem ideia de quão ruim ela está. — Você quer que minha mãe faça algumas ligações?

— Não, — eu deixo escapar. — Como se isso não fosse humilhante o suficiente. Por favor, não conte a sua mãe sobre isso ou sobre a bebida. Prometa-me, Kroy.

— OK. Respire, Cam. Eu não direi nada a ninguém.

Quanto mais tempo ficamos aqui, mais a minha preocupação começa a se transformar em frustração por ser a única pirando sobre o paradeiro da minha mãe. Deveria ser o contrário. Aqui estou eu, preocupada com a reputação dela e com a da nossa família, enquanto ela está desmoronando mais do que eu.

— Diga-me o que você quer fazer.

— Eu não sei.

— Ou você espera que ela volte ou eu posso levá-la para a escola, onde você ficará distraída. Tenho certeza que quando chegar em casa esta tarde, ela estará aqui.

— Você faz parecer que ir para a escola é a escolha mais fácil.

— Venha aqui, — diz ele, pegando minha mão e levando-me para a sala de estar. Nos sentamos juntos no sofá, nossos dedos ainda entrelaçados. — Nada sobre hoje vai ser fácil, mas é algo que você vai ter que enfrentar, seja hoje, amanhã ou na próxima semana. — Ele é gentil em seu discurso. — Você conseguiu se esconder neste verão, mas isso não é algo que você possa evitar. E sim, vai ser uma merda e vai ser difícil para você. Apenas saiba que você não está sozinha. Você me tem em qualquer momento que precisar.

— Eu estou assustada.

— Eu sei que você está.

— E se eles...

— E se eles o quê?

Eu deixo cair a cabeça antes de admitir que minha cicatriz me incomoda. — Meu rosto...

Ele pega meu queixo e levanta. — Você quer dizer esse rosto? Eu deito na cama todas as noites e sonho com esse rosto. Você é perfeita.

— Eu não sou.

— Você é para mim.

Eu olho nos olhos tão sinceros que me fazem acreditar que tudo ficará bem. Eles me enganam em acreditar que sou forte o suficiente para sobreviver hoje com a cabeça erguida. E quando chegamos na escola, de mãos dadas, sua força me faz acreditar que vou sobreviver a isso ilesa.

# Capítulo Oito

Rostos familiares.

Vozes familiares.

Espaços familiares.

Tudo familiar.

Então, por que me sinto como uma estranha? Como se fosse a primeira vez que eu andasse por esses lugares, entre essas pessoas.

Eles estão espalhados, rostos felizes, abraçando e cumprimentando amigos que não viam desde o ano letivo anterior.

Eu já me ressinto deles, porque deveria estar como eles. Eu deveria estar feliz em começar o meu último ano. Eu deveria estar animada para correr até meus amigos e comparar horários para ver quais classes nós vamos compartilhar. Ver se teremos o mesmo horário de almoço para que possamos fazer planos de sair do campus para comer agora que somos veteranos e, finalmente, privilegiados por ter um período de almoço fora do campus.

Quando nos aproximamos da entrada da escola, eu baixo minha cabeça, inclinando-a contra o peito de Kroy para esconder minha cicatriz. As pessoas gritam o nome de Kroy, felizes em vê-lo, mas quando passamos e elas me veem enfiada contra o seu lado, suas vozes desaparecem em sussurros.

Andando pelos corredores, eu sinto que sou a aberração em exibição enquanto as pessoas assistem e olham, murmurando entre si.

— Lá está Linze, — diz Kroy, e quando eu olho para cima, vejo-a no corredor com Kyle.

Kroy grita chamando a atenção dela, e quando ela me vê, seus lábios se levantam em um sorriso carinhoso.

— Eu estava me perguntando onde vocês dois estavam, — ela diz antes de olhar para as nossas mãos conectadas.

— Mano. — A voz de Kyle soa alta enquanto ergue a mão no ar, e quando Kroy me libera para cumprimentar seu amigo, Linze me puxa para um abraço.

— Vocês dois estão juntos de novo? — Ela pergunta em voz baixa no meu ouvido. Eu recuo e balanço a cabeça.

— Dê-me sua agenda para que possamos ver as aulas que temos juntas.

Eu pego minha mochila e entrego o pedaço de papel. Ela olha para ele e seu rosto se ilumina. — Temos inglês juntas antes do almoço.

Eu forço um sorriso e desejo poder voltar aos dias em que descobrir com quem iria almoçar era minha principal preocupação. Este ano, eu prefiro comer sozinha.

— Você tem o nosso horário de almoço? — Kyle pergunta quando ouve Linze.

Kroy olha por cima do meu ombro na minha agenda, sorrindo. — Nós quatro temos.

*Ótimo. Meu desejo de solidão foi esquecido.*

O primeiro sinal toca, sinalizando seu aviso de cinco minutos antes do início das aulas. Kroy ainda está sorrindo quando pega a minha mão novamente. — Vamos. Eu te levarei para a aula. O que você tem?

— Anatomia com a Sra. Beasly.

Quando ele me deixa e vai para sua aula, paro na porta e respiro fundo, fazendo uma oração silenciosa para que eu passe despercebida quando entrar.

*Outro desejo não concedido.*

A única mesa vazia restante é na primeira fila, e todos os olhos se voltam para mim enquanto caminho até ela e me sento. Pegando meu caderno e uma caneta, mantenho meus olhos baixos e me pergunto se minha cicatriz está iluminada como um letreiro de néon devido ao número de olhos que sinto em mim.

— Ei, Cam, — Ming, uma garota que também está na equipe de natação, diz docilmente da mesa atrás de mim.

— Oi, Ming.

— Está tudo bem? Você perdeu os dois primeiros dias.

— Sim... algumas coisas surgiram, então... — Eu dou de ombros.

— Você vem esta tarde?

— Sim.

Viro-me para a frente da sala depois de lhe contar a minha mentira, mas ela não tem a chance de me dizer qualquer outra coisa quando começam os anúncios matutinos. A voz do diretor nos dá boas vindas de volta à escola e, em seguida, fala sobre os procedimentos no corredor e algo sobre a falta de pessoal no refeitório. Mas não é até suas observações finais que quero me arrastar no esquecimento e desaparecer.

— Para encerrar, eu gostaria que todos nós fizéssemos um minuto de silêncio em memória de um dos maiores profissionais da nossa escola, o treinador Hale.

Eu fecho meus olhos como uma criança fingindo invisibilidade, mas sei bem. Eu sei que eles estão todos olhando para mim com pena. Sentindo pena da aluna outrora extrovertida e popular, com um rostinho bonito, que agora é a história trágica da cidade.

As pontas das minhas orelhas queimam enquanto o silêncio se estende além do necessário. A Sra. Beasly, que está parada na frente da sala, olha para mim como se eu fosse um cachorrinho perdido tremendo na chuva congelante.

*E começamos bem.*

Depois de cinquenta minutos discutindo o programa da classe e revisando as dissecações necessárias, o sinal finalmente toca, me libertando. Mas a liberdade dura pouco quando o próximo sinal me leva a mais cinquenta minutos de tortura infernal. É um conforto pequeno que Kroy está na minha segunda aula do dia, mas no momento em que o terceiro período começa, eu me arrependo de não ter vindo com meu próprio carro para poder me livrar do resto do dia.

É só quando o quarto período chega que sinto o peso do dia diminuir um pouco. Eu entro na aula de inglês, e o treinador Andrews me dá um sorriso amigável. Quando escorrego em um assento vazio, nossa troca de mensagens da noite passada se repete na minha cabeça como uma mão calmante, aliviando minha ansiedade.

Linze deixa cair seus livros ruidosamente na mesa ao lado da minha, dissipando minha veneração. — Meu Deus! Graças aos céus que você não tem Administração comigo. Que pesadelo.

— Tão ruim assim?

— Taylor e sua pequena parceira, Roxy, estão na minha aula.

— Que nojo, — eu murmuro sob a minha respiração. Minha antipatia por Taylor se originou anos atrás no ensino fundamental.

— Ela passou a maior parte da aula me interrogando sobre sua separação com Kroy. Ela é tão irritante. — Ela abre o caderno, acrescentando: — E ela está completamente inconsciente de que é uma puta.

— Eu tenho certeza que ela está ciente.

— Bem, se ela está, é triste, porque ela certamente não parece se importar.

Quando o sinal toca, o treinador Andrews se levanta da mesa e pega uma pilha de papéis. — Bem-vindos a Literatura Inglesa. Eu sou o Sr. Andrews, treinador Andrews para alguns de vocês, — diz ele, olhando na minha direção antes de continuar.

— Se eu soubesse o quão quente seu treinador era, eu teria me juntado a equipe de natação no primeiro ano, — Linze sussurra quando se inclina através do corredor.

Eu reviro meus olhos. — Ele é novo.

Minutos passam enquanto ele passa a lista de leitura do ano, seus olhos pousando nos meus outra vez.

— Você sabe quantos desses livros foram transformados em filmes?

— Sério, Linz?

— Eu *não* vou passar meu último ano com meu nariz preso em um livro. — Ela solta um bufo suave. — Além disso, eu me orgulho do fato de que quase consegui passar a maior parte do ensino médio sem ter que ler um único livro. Eu fui capaz de sobreviver copiando críticas da internet e filmes.

Minha amiga com nota média C sorri de sua façanha. Eu tenho sonhos de sair desta cidade pastoral no entanto. Não que eu anseie em pecar - só desejo estar onde ninguém me conhece. Um lugar onde eu possa livremente abrir minhas asas e permitir que elas me guiem na direção que escolherem. Um lugar onde eu possa começar de novo. Um lugar onde o passado não pode me assombrar.

— Vamos, — anuncia Linze, e quando olho em volta, todo mundo já está saindo da sala de aula.

Eu nem sequer ouvi o sinal tocar.

— Cam, — o treinador Andrews chama da frente da sala, — você pode ficar por alguns minutos?

— Hum, sim. — Eu enfio meu caderno na minha mochila e me viro para Linze. — Eu encontro você.

Ela balança a cabeça e se dirige para a porta enquanto o Treinador caminha até a frente de sua mesa e se apoia contra ela. Quando me sento no meu lugar, ele se move, sentando-se na mesa ao meu lado.

Enquanto as vozes dos alunos chegam do corredor, ele pergunta: — Você está bem?

*Não.*

— Sim.

Ele me olha, vendo através da minha mentira.

— Eu poderia ter ido melhor sem os anúncios desta manhã, — acrescento.

Uma pausa desajeitada vem entre nós antes de ele falar. — Como está o seu ombro?

— Melhor. Ainda está dolorido e ainda uso a tipoia à noite.

— Eu sei que é contra a política da escola, mas se você se sentir mais confortável, eu posso encontrá-la depois do horário para que você não tenha que estar perto dos outros alunos. Não é bom você ter ficado tanto tempo longe da água.

Eu aceno, sabendo que ele está certo. Vai ser preciso muito trabalho da minha parte para voltar para onde eu estava antes do acidente, e não posso continuar adiando.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Qualquer coisa, — diz ele.

— Por que você se importa tanto?

Ele se inclina para a frente, cruzando as mãos entre os joelhos e, quando ergue a cabeça para olhar para mim, diz: — Porque eu devo a você não deixá-la desistir de si mesma.

Eu me inquieto, inconscientemente analisando o esmalte de minhas unhas para evitar a tristeza que ele acabou de evocar. Eu me pergunto se meu pai ficaria desapontado comigo agora. Não. Não há dúvidas sobre isso. Ele ficaria. Ele foi um homem que me obrigou a honrar cada compromisso que tomei. Eu não tinha permissão para sair, que é exatamente o que sinto que estou fazendo.

— Você tem um talento que poucos têm. Eu não quero vê-la jogando fora.

— Você faz isso parecer fácil.

— Olhe para mim, — ele diz, cobrindo minhas mãos inquietas com as dele. — Eu não sei nada sobre isso ser fácil para você. Nunca é fácil perder alguém. Confie em mim, eu sei. Mas você... Me preocupo com você.

— Talvez você não devesse.

— Não?

Eu abro minha boca para mentir mais um pouco, mas não consigo. Eu sei que ele pode dizer que eu quero que ele se preocupe, e quero, porque é bom saber que alguém se importa. Que alguém neste planeta entende. Tão maravilhoso quanto Kroy é, ele não entende verdadeiramente o que estou passando ou a dor que sinto a cada segundo. Mas esse homem... Eu vejo isso em seus olhos, ele está sentindo dor também. Uma dor compartilhada que de alguma forma nos liga, e ele não está desistindo de mim. Embora essa revelação deva acalmar, o medo de permitir muita transparência com ele sussurra para eu recuar.

— Eu deveria ir, — eu digo quando me estico e pego minha bolsa.

— Você vai estar na piscina depois da escola? Há algumas coisas que preciso dar a você.

— Eu não vou nadar.

— Eu não espero isso, — ele diz.

Eu dou-lhe um aceno de cabeça. — Vejo você mais tarde.

Quando saio da sala de aula, evito procurar por Linze ou Kroy e vou para a biblioteca. Eu puxo o livro que estou lendo da minha bolsa e me perco na fantasia. Pelo resto da hora, finjo que estou em outro lugar inteiramente - que sou uma pessoa completamente diferente. Com cada página que leio, me aprofundo em palavras que constroem um mundo ilusório ao meu redor.

Mas as ilusões são apenas temporárias, desaparecendo em um instante quando o sinal toca.

O dia segue em padrões de sussurros e olhares. Eu sei o que eles estão pensando, e sei o que eles estão olhando. Na maior parte do tempo, mantenho a cabeça baixa quando vou do ponto A ao ponto B até o momento em que toca ao sinal final. Eu ando pelos corredores, que estão finalmente esvaziando, e me pergunto como devo fazer isso dia após dia.

— Cam! — Quando me viro, Kroy está correndo na minha direção. — Ei, esqueci de te dizer quando te peguei esta manhã, mas tenho treino. Você pode pegar meu carro e me pegar mais tarde ou esperar por mim. O que você quiser fazer.

— Está tudo bem. Eu vou esperar. Eu tenho que ir ver o treinador Andrews de qualquer maneira.

— Bem, eu tenho que correr senão me atraso, — ele diz antes de beijar minha testa e correr.

Sem pensar, eu ando pelos corredores enquanto vou até a piscina, e logo me vejo indo na direção da sala de aula do meu pai. A curiosidade toma conta de mim, e quando paro na porta e olho para dentro, meu intestino se agita. O novo contratado cobriu a mesa do meu pai com seus próprios pertences, destruindo a peça de mobília que já foi organizada. Este era o seu espaço, e agora esse intruso assumiu, e não tenho nada a dizer sobre isso. Eu sinto uma sensação de propriedade sobre tudo o que tem algo a ver com ele, e ver algo do meu pai sendo tirado me enche de irritação. Eu não conheço esse novo professor, mas já o odeio.

Meu peito começa a vibrar quando as emoções ganham vida. Eu resisto a vontade de gritar para o homem desconhecido tirar sua merda e sair da sala porque ela não pertence a ele.

— Ei. — Sua voz é gentil e vem logo atrás do meu ombro. Então, de uma respiração para a outra, tudo o que tenho segurado hoje, toda lembrança, todo lembrete, incha dentro de mim. Eu deveria me afastar do treinador Andrews, mas não posso. Estou presa, tentando sufocar as emoções outrora adormecidas que estão lentamente ganhando vida.

Eu deveria ser boa em me manter no controle agora, mas dia após dia, estou enfraquecendo.

Sua mão repousa no meu ombro, um único toque baixa mais a minha guarda.

Estou ficando tão cansada.

— Por que eles não deixaram sua sala vazia? — Eu digo olhando o espaço invadido.

Duas garotas passam e, em vozes sussurradas que supõem que não posso ouvir, fazem comentários maliciosos sobre o meu rosto.

— Vamos, — ele diz. Ele também ouviu isso.

Sem palavras, ando com ele até a piscina, envergonhada demais para dizer mais alguma coisa. Quando ele abre a porta para mim, há montes de estudantes espalhados pelo deck da piscina e nas arquibancadas.

— Treinador, posso falar com você muito rápido? — Um garoto novo, presumo que seja um calouro, pergunta.

— Eu já volto, — ele me diz. — Não vá a lugar nenhum. Eu preciso reunir todas as suas ausências para sua mãe assinar.

Eu olho para o escritório e encontro-o cheio de mais calouros. Eles estão rindo e brincando, e assim como na sala de aula, meu sangue começa a ferver. Essas crianças estão contaminando tudo que costumava ser do meu pai. O controle no qual estou pendurada desliza das minhas mãos e agita meu intestino. Eu deixo minha mochila no chão e subo as escadas. Suas mãos estão por toda a parte, sua mesa, seu computador e seus livros. A visão disso faz com que algo dentro de mim se rompa.

— Parem, — eu digo, mas eles estão muito barulhentos e nem me notam. Eu avanço mais para dentro da sala. — Saiam, — eu grito, e todos eles se voltam para olhar para mim. — Saiam!

— Quem é você? — Questiona um garoto, arrogância pesando em suas palavras, e eu me perco.

— Pare de tocar suas coisas! — Eu grito, colocando minhas mãos neles e empurrando-os para fora.

— Qual é o seu fodido problema? — Um garoto aleatório grita na minha direção. Minha cabeça fica nebulosa quando raiva, solidão, abandono, tristeza e tantas emoções indescritíveis desabam como um maremoto. Minhas paredes começam a desmoronar, e não consigo ouvir nada além do zumbido agudo em minha cabeça.

— Tire as mãos das coisas dele!

— Jesus, acalme-se, — outro diz, e eu o agarro pela camisa, forçando-o para a porta.

— Fora! Apenas dê o fora daqui!

Quando empurro o último garoto da sala, eu fecho a porta e depois viro para ver um porta-retratos caído no chão com vidro quebrado em torno dele. Ajoelhando, viro o quadro e fico cara a cara com meu pai. É uma foto nossa do ano passado depois que eu ganhei o estadual. Eu tinha acabado de sair da piscina e ele está com o braço em volta dos meus ombros, um sorriso cheio de orgulho em seu rosto. Uma foto que ele enquadrou e mantinha em sua mesa só para agora algum babaca colocar suas mãos imundas e quebrar.

Eu olho para a foto e me sinto desistir. Manter a força é um feito que não posso mais suportar. Meus olhos ardem em agonia e uma lágrima escapa, descendo lentamente pela minha bochecha, mas não choro quando tudo afunila. Eu agarro a foto contra o meu peito, e tudo que posso ver são flashes dele na

minha cabeça. Visões consomem cada grama do meu foco enquanto o sangue corre pelos meus ouvidos, bloqueando tudo ao meu redor.

Ele se foi.

E eu estou em pedaços - fraca demais para consertar essa ferida sozinha. A vida é cruel. Não vai recuar por mim, não importa o que eu faça.

Eu quero que meu mundo volte ao que era. Não é justo que eu tenha que sofrer, que tenha que continuar sem um pai, que tenha que lidar com essa dor.

— Cam!

Afasto-me de sua voz, mas ele está muito perto. De joelhos na minha frente, o treinador Andrews coloca a mão nas minhas costas e eu recuo.

— Não me toque! — Eu imploro, apavorada por ele estar tão perto das minhas emoções. — Vá embora por favor. Apenas vá!

Ele fecha a porta atrás de si e grita para todos no prédio que o treino está cancelado e para irem para casa. Enquanto eles prosseguem com suas vidas simples, a minha desmorona.

As navalhas começam a serrar sentimentos e artérias, inundando-me na miséria e esvaziando meu coração do sangue que ele anseia.

E bem aqui, sem mais força, o último fio é cortado e eu quebro.

Eu quebro completamente.

Meus gritos são feios, meus sons irreconhecíveis enquanto sangram de dentro de mim. Eu me inclino com meus olhos cerrados, e imploro para o meu pai voltar para mim. Estou desesperada, então libero um lamento agonizante, esperando que, se eu chorar o suficiente, Deus tenha piedade e o traga de volta para onde ele pertence - aqui comigo.

Lágrimas cobrem minhas bochechas, a dor que carregam com elas penetrando de volta para os meus poros, recusando-se a deixar meu corpo apenas para que possam me atormentar um pouco mais. Minha garganta arde, incendiando quando coloco a mão no chão e grito – quebrada e sozinha. Eu não sou nada além de uma garota perdida lamentando, querendo nada mais do que ter seu pai de volta enquanto soluços sacodem meu corpo, enviando arrepios pela minha espinha, lutando por cada respiração.

Não sei por quanto tempo choro, mas quando meus soluços se transformam em lamentos, percebo que não estou sozinha.

Braços me envolvem, e meu rosto é pressionado contra o algodão úmido. Eu estou cercada de calor e, por mais que queira lutar contra ele, uma parte maior de mim quer se apegar a isso. Eu quero aproveitar o conforto que ele oferece, um conforto do qual fui privada, um conforto que minha mãe não me dá. Com a mão, agarro o tecido de sua camisa e enterro a cabeça no seu peito enquanto ele nos balança para frente e para trás.

— Você ficará bem, — o treinador Andrews sussurra acima de mim, mas eu não acredito nele e balanço a cabeça, negando sua afirmação. Seus dedos empurram meu cabelo enquanto ele segura a parte de trás da minha cabeça, afirmando: — Você vai passar por isso.

— Como? — Minha voz arranha minha garganta fechada.

Ele se inclina para trás, e quando eu levanto a cabeça e olho para ele através de olhos embaçados, aço vítreo me atinge, acendendo uma brasa de vida em algum lugar dentro do meu coração desolado.

— Você apenas vai. — Ele passa o polegar pela minha bochecha, coletando minha tristeza e permitindo que seja absorvida pela sua pele.

— Eu não acredito em você.

Afastando algumas mechas soltas do meu cabelo do meu rosto, ele engole duro e seu pescoço se flexiona do esforço. — Eu sei que você não acredita, mas eu prometo a você que vai.

Eu deixo cair a cabeça e respiro fundo, inalando o cheiro de sua colônia. O cheiro alimenta uma carência dentro de mim - uma carência que eu não sabia que existia. De repente, o desejo de ser nutrida e mimada assume o controle. Talvez seja porque ele entende essa dor quando nenhum dos meus amigos entende. Ele é o único que não está me apressando a ser normal novamente.

Há um desejo de que ele nunca me solte, que se arrasta sob a minha pele. Eu sei que ele é meu professor, sei que esses sentimentos não são apropriados, mas os sinto assim mesmo. O fato de eu estar em seus braços agora devia ser o suficiente, mas não é. Preferia estar agarrada a ele. É o desejo de me sentir segura e protegida quando não o sinto há tanto tempo. Talvez finalmente chorar tenha bastado para ser capaz de reconhecer que preciso de alguém para me apoiar, que não posso fazer isso sozinha, que não sou tão forte quanto uma vez pensei.

— Você falou com alguém sobre isso? Sobre o que aconteceu?

— Ninguém entenderia.

— Sua mãe?

Eu balanço minha cabeça, não querendo compartilhar a verdade sobre ela.

— Venha aqui, — ele diz antes de se levantar. Ele pega minhas mãos e me ajuda a ficar de pé. — Você vai falar comigo?

Sua sinceridade me faz querer chorar mais um pouco, mas por uma razão totalmente diferente, então eu choro. E sem qualquer hesitação, vou direto até ele e descanso minha cabeça contra o seu peito. Leva um momento para ele fechar os braços em volta de mim, mas quando o faz, consigo respirar mais facilmente. Quando todo o meu mundo foi abalado no seu núcleo, de alguma forma este homem torna-o um pouco mais estável.

# Capítulo Nove

Com o porta-retratos quebrado do meu pai na minha mochila, eu me escondo no vestiário feminino enquanto me recomponho.

Eu chorei. Finalmente, pela primeira vez desde que saí do hospital, eu chorei de verdade.

E agora eu estou me sentindo mais leve. Isso não é como se uma pedra fosse tirada de cima de mim - mais como um minúsculo átomo - mas é o suficiente para eu notar. Também é suficiente para me esgotar. Este dia, tudo sobre isso, me despojou camada por camada até o ponto que agora sinto como se eu não fosse nada além de ossos frágeis.

Quando saio para o campo de futebol, sento-me nas arquibancadas para esperar por Kroy, pego meu celular e ligo para minha mãe. Desta vez, em vez de ir direto para o correio de voz, ele chama. Ela não atende, então eu desligo, aliviada por ela estar viva o suficiente para carregar sua bateria, mas furiosa por ter que acrescentar mais estresse a esse pesadelo de dia.

Eu me sento e vejo os garotos passar a bola e bater uns nos outros como animais. O sol brilha intensamente acima, e o suor começa a pingar e escorrer pela minha espinha enquanto a equipe treina jogada após jogada.

Eu costumava sentar aqui antes de Kroy e eu começarmos a namorar, e sonhava em como seria ser sua namorada. É um pouco estranho agora sentar aqui como sua ex-namorada, e eu me remexo e fico irrequieta, tentando evitar ser arrastada mais profundamente na tristeza. Tanta coisa mudou tão rapidamente, é difícil para mim descobrir onde me encaixar - se é que me encaixo em tudo.

— Ei, gata, — diz Kroy enquanto vem até mim. — Você está bem?

Eu aceno, não me incomodando em mencionar o colapso monumentalmente embaraçoso que tive antes.

— Eu vou ir para o chuveiro. Dê-me quinze minutos e estarei pronto para ir.

Eu atravesso a escola até o estacionamento e espero por ele ao lado de seu carro. Quando ele finalmente aparece, eu não poderia estar mais pronta para ir para casa e desejar que este dia seja extinto.

— Eu sabia que você iria sobreviver, — diz Kroy do nada enquanto dirige para minha casa.

— O quê?

— Hoje, — ele afirma. — Foi tão ruim quanto você estava antecipando?

— Ehh. — Eu fujo da sua pergunta com um encolher de ombros. Mesmo se eu lhe dissesse, duvido que ele realmente entenderia. — Como foi o treino? — Pergunto, para evitar falar sobre mim mesma.

Isso funciona, e eu passo o restante da viagem ouvindo ele falar sobre futebol, mas ele fica em silêncio quando estaciona em minha casa. O carro da minha mãe está estacionado a esmo, duas rodas na garagem e duas rodas na grama, com a porta do lado do motorista ainda aberta.

Nós dois saímos do carro, sem saber o que dizer enquanto subimos a entrada da garagem. Quando vejo o carro vazio, fecho a porta.

— Você quer que eu vá com você?

— Não, — eu digo a ele. — Eu vou ficar bem.

— Você tem certeza?

— Sim.

— Ligue para mim mais tarde, ok?

— Mãe, — eu chamo quando entro na casa silenciosa, mas não obtenho resposta. Eu vou até a cozinha e depois a sala antes de ir para o andar de cima. Rapidamente, jogo minha bolsa na minha cama e então vou para o quarto dela. Eu não me incomodo em bater, apenas abro a porta para encontrá-la deitada na cama e ainda vestida com as mesmas roupas que ela saiu de casa na noite passada. — Mãe! — Eu chamo em voz alta, despertando-a.

— O que houve? — Ela murmura com o rosto enterrado em seu travesseiro. Abaixando-me, eu a sacudo, forçando-a a reconhecer que estou aqui.

— Acorde!

Ela rola e se apoia nos cotovelos, parecendo uma bagunça absoluta. — Qual é a emergência?

— Onde você esteve?

— Quando?

— Noite passada. Esta manhã. Deus, mãe, eu acordei e surtei quando você não estava aqui.

Ela senta e se arrasta contra a cabeceira da cama. — Eu te disse que iria sair. — Sua voz é desdenhosa e cheia de álcool.

— Para jantar. Você disse que estava saindo para jantar, não que ficaria fora a noite toda. E eu não posso acreditar que você dirigiu para casa bêbada. Como você pôde fazer isso?

— Não se atreva a falar comigo com tanto desrespeito. Eu sou sua mãe.

— Você é? — Eu estou fumegando. A agitação passando por mim é irreal, e não consigo pensar em nenhuma outra vez em que fiquei tão zangada com ela.

Ela olha para mim. — Com licença, mocinha? Eu sugiro que você mude seu tom.

— Você não tem o direito de exigir respeito de mim quando eu não fiz nada além de atender a todas as suas necessidades por meses.

— Você não tem a menor ideia, não é? Você é apenas uma criança; você não entenderia.

Suas acusações inflam a chama.

— Eu perdi tudo! — Ela grita.

E pela segunda vez hoje perco todo o controle. — E eu, mãe? Hã?

— Ele era meu marido. Eu tive vinte e três anos com ele, você não pode entender como é perder um marido. Eu mal posso respirar sem ele, e aqui está você, — ela acusa, jogando o braço na minha direção. — na escola, brincando com seus amigos o dia todo enquanto eu estou me afogando em dor.

— Você acha que não sinto dor? Que eu não me machuquei? Que não desejo que tivesse sido eu a morrer naquele dia?

— Saia do meu quarto.

Eu olho em seus olhos e me pergunto se o álcool a forçaria a falar a verdade. Eu ainda quero a verdade? Ou no fundo já sei disso?

— Era isso que você queria? — Eu pergunto, desejando não me encolher com a resposta dela. — Você gostaria que eu tivesse morrido naquele dia e não papai?

Ela não oferece reação. Ela não é nada além de mármore esculpido, sentada aqui parecendo um desastre total.

— Esqueça isso, — eu exalo sob a minha respiração antes de sair e bater a porta atrás de mim.

Como ela ousa ignorar tudo o que eu passei? Lamentando meu pai, cuidando de todas as responsabilidades desta casa, sendo forçada a cuidar dela e me preocupar todos os dias enquanto ela se embebeda em um buraco. Eu poderia muito bem tê-la perdido também. Não há mais segurança para mim. Eu não tenho nenhum pai para me ajudar ou orientar. Nenhum pai para me confortar ou proteger. O mundo me jogou a pior bola curva que existe, aniquilando a vida que eu conheci e me forçando a seguir sozinha.

Eu estou tão chateada com tudo e com todos que quero dar socos nas paredes. Com tanta coisa aprisionada dentro de mim, minha carne coça por alivio. Meus dentes rangem enquanto ando pelo meu quarto. Eu fecho meus dedos no meu cabelo e entro no meu banheiro. Ligando a água, junto minhas mãos e espirro no meu rosto na tentativa de extinguir a queimação que está coçando sob a minha pele. Molhando meu rosto novamente, meu cotovelo bate na minha bolsa de maquiagem, fazendo com que caia no chão.

— Maldição.

Tudo se espalha ao redor dos meus pés, e quando me ajoelho para limpar a bagunça, minhas mãos param quando pousam no meu cortador de unha. Eu caio de bunda e encosto minhas costas contra a parede enquanto seguro o metal frio na minha mão. Abrigada dentro da estrutura muito apertada, giro a lixa de metal, segurando-a firmemente entre o dedo e o polegar. Todos os meus quatro membros chiam com a tensão reprimida, e quando direciono a ponta da lixa contra o interior do meu antebraço, cerro minha mandíbula, fecho meus olhos e pressiono. Eu prendo a respiração enquanto tento perfurar a pele, mas a lamina é muito cega para penetrar, o que só me deixa mais irritada.

A pressão crescendo por dentro atinge o ponto de testar os limites do meu corpo. Minha pele queima, implorando por alívio, então levo o cortador ao mesmo local no meu braço, pressiono meus lábios e aperto a alavanca, cortando a carne delicada.

Uma espécie de euforia sussurra em minhas veias no momento em que vejo uma bolha vermelha escura saindo do minúsculo corte. Metal bate contra o chão de ladrilhos e jogo a cabeça contra a parede fechando os olhos. Eu relaxo quando sinto minha pele soltar em torno dos músculos e ossos. Meu braço cai ao meu lado e aprecio a sensação de um único fluxo de sangue escorrendo formando uma piscina na palma da minha mão. De um único corte na minha pele, meu bom senso esquece tudo - tudo menos essa morbidez desencadeada.

Eu permaneço aqui, desaparecendo em sincronia com o pôr do sol.

Paz.

;

Eu substituo a moldura quebrada do meu pai por uma que costumava ter uma foto da minha mãe e a coloco na minha cômoda. Então, pego meu laptop, deito na cama e procuro por algo na Netflix para passar o tempo. Eu ainda estou percorrendo os diferentes títulos quando meu telefone toca com uma mensagem recebida.

**Kroy**: *Onde você está?*

**Eu**: *Não estava me sentindo bem esta manhã. Vou passar o dia em casa.*

A verdade é que não posso tolerar o pensamento de ter uma repetição de ontem. Uma vez foi o suficiente, então decidi faltar. Não é como se minha mãe se importasse se soubesse. Ela não sai do seu quarto desde a nossa briga. Nunca na minha vida falei com ela do jeito que fiz ontem e, embora ainda esteja furiosa, a amo, ela ainda é minha mãe. Então, quando acordei, bati na porta dela e me ofereci para fazer alguma coisa para comer. Ela recusou e depois me disse para deixá-la sozinha, então deixei.

Na metade de um filme terrível, que estou com preguiça de desligar, meu telefone toca. Eu congelo quando vejo David Andrews iluminar a tela. Eu me sento na cama e olho para o nome dele, mas não atendo.

Quando o toque para, eu espero em suspense para ver se ele vai deixar uma mensagem de voz, mas ele não deixa. Em vez disso, meu telefone sinaliza uma mensagem.

**David:** *Diga-me que tudo está bem e que eu não deveria estar preocupado com você.*

Eu li sua mensagem de novo, sentindo o mesmo golpe metálico que senti em seu escritório ontem, antes de responder.

**Eu:** *Está tudo bem. Eu estarei na escola amanhã.*

Ele não me responde, e não percebo até acordar no dia seguinte que menti para ele.

Mais um dia matando aula. Em vez de me perder em filmes chatos, decido passar o dia lendo depois de uma hora na piscina, fazendo um pouco de reabilitação no meu ombro na água. Ainda está dolorido, mas é bom fazer um pouco de natação leve.

Kroy e Linze já me mandaram uma mensagem quando eu saí da água. Eu continuo mentindo que ainda não me sinto bem, mas sei que eles não acreditam em mim. É uma desculpa fraca de qualquer maneira.

*Da próxima vez, vou ter que me esforçar mais.*

No terceiro dia de não comparecimento à escola, simplesmente escolho não responder quando eles enviam mensagens. Isso não impede que Kroy apareça na minha porta depois do treino de futebol.

— O que você está fazendo aqui?

Ele me olha de cima a baixo. — Você não está doente, está?

— Dê-me uma folga.

— Eu dei, Cam. Mas quando você começa a mentir para mim... — Ele entra no vestíbulo e espera até que eu feche a porta antes de continuar. — Esta não é você.

— Kroy, por favor, não faça isso.

— Você sabe o quão difícil é isso, vê-la assim?

— Assim como? — Meu tom sai defensivo.

— Você está tão longe de quem você costumava ser.

— Como devo responder a isso? Eu deveria me desculpar por estar triste?

— Não é que você esteja triste, — ele diz, em pé na minha frente com as mãos nos meus ombros. — Você está apenas... *diferente*. E antes que você diga que não entendo, saiba que eu quero. Mas é quase como se você não quisesse que eu entendesse. Como se você estivesse se escondendo de mim porque, por algum motivo, você não quer que possamos nos conectar.

Suas palavras me incomodam, e a ferida no meu braço começa a coçar por baixo do Band-Aid. Eu odeio que ele esteja fazendo isso ser sobre ele, culpando meu comportamento como a causa de seu desconforto ao meu redor. A acusação de que estou fazendo tudo errado machuca. Não é como se a morte me entregou um manual de instruções para o luto e esqueci de lê-lo. Pela primeira vez, eu só quero que alguém me aceite como estou e não tente influenciar as escolhas que faço ou mudar a maneira como estou me comportando. Por que todos não podem simplesmente me deixar, me assegurar que estou bem, me apoiar e parar de julgar todos os movimentos que faço?

— Eu sinto muito se não posso atender às emoções de todos quando estou simplesmente tentando cuidar das minhas.

— Isso não é o que eu estou pedindo, — ele diz.

— Foi por isso que nós terminamos, Kroy. Exatamente isso. Eu te disse que não poderia ser o que você precisa. No entanto, aqui está você, reclamando que não estou dando a você o que você precisa.

Ele solta as mãos da minha e as passa pelo cabelo enquanto dá um passo para trás.

— Eu não estou tentando te machucar, — acrescento. — Mas...

— Eu não sei como *não* estar com você, — ele confessa com uma voz rachada.

— E eu não sei como *estar* com você... Pelo menos não agora. Eu não posso cuidar de você quando estou lutando para cuidar de mim mesma. Não há como eu satisfazer suas expectativas e, para ser sincera, não quero nem tentar. Eu sei que isso pode soar egoísta...

— Não, — ele interrompe, balançando a cabeça. — Eu sou egoísta. Você deixou claro para mim na fogueira, e aqui estou eu, agindo como se você ainda fosse minha garota.

Parece que estamos terminando tudo outra vez.

Eu mantenho minhas palavras, sabendo que tudo o que eu disser só vai torcer a faca mais fundo, e não quero machucá-lo mais do que já machuquei.

Então, assisto em silêncio enquanto ele sai da minha casa para o seu carro que está estacionado ao longo do meio-fio.

Ele olha para mim e, com uma suavidade que ele pode não ser capaz de ouvir, eu lhe digo: — Eu te amo, — antes dele entrar no carro e ir embora.

# Capítulo Dez

Acordei esta manhã e decidi ficar em casa mais uma vez, mas só depois de me prometer que voltaria após este fim de semana. Minha mãe saiu de novo ontem à noite. Ela saiu sem me dizer dessa vez. Eu a ouvi reclamando ao subir as escadas depois da meia-noite, e ela não saiu do quarto desde então.

Eu odeio que ela dirija bêbada, que não se importe com o que acontece com ela, ou comigo, aliás. Quando me tornei tão sem valor que ela esteja disposta a arriscar sua vida e possivelmente me deixar órfã aos dezessete anos? Ainda estou ponderando esses pensamentos enquanto arrumo a roupa que lavei hoje cedo, mas então a campainha toca. Quando encontro o treinador Andrews de pé na varanda da frente, meus lábios se abrem de surpresa. — O que você está fazendo aqui?

Ele segura um arquivo. — Eu nunca dei a você suas ausências, e se você planeja poder nadar este ano, sua mãe precisa assiná-las.

Eu olho por cima do meu ombro, para o topo da escada rapidamente antes de voltar para ele. — Humm... ela está tirando uma soneca agora. Você pode deixar os papéis comigo e vou devolvê-los na segunda-feira.

— Você vai aparecer na segunda-feira?

— Sim, eu estarei lá, — digo a ele, estendendo a mão para o arquivo.

Ele não me entrega, em vez disso, me lança um olhar duvidoso, mas antes que eu possa assegurar-lhe que estarei na escola, minha mãe aparece, perguntando: — Quem está aí?

Viro-me para vê-la descendo as escadas, apertando o roupão de seda e passando as mãos pelos cabelos, como se o leve esforço a fizesse parecer menos com a bêbada que ela se tornou. Meu rosto transpira de humilhação. A mulher uma vez elegante agora está com as bochechas fundas, maquiagem de ontem à noite manchando seu rosto, e um caso diabólico de cabeleira desarrumada.

— Sra. Hale, — ele cumprimenta como se estivesse cego para o visual à nossa frente. — Sou David Andrews, professor de inglês e treinador de natação da Cam.

— Por favor, me chame de Diane.

— Você deveria ir, — eu falo apressada, e seus olhos se afastam de mim e vão até a minha mãe quando ela bate bêbada no meu ombro, cheirando a vodca.

— Não seja tão rude, Camellia.

Vejo a expressão chocada que o treinador Andrews acha que está escondendo. É a mesma expressão que uso também. Porque isso *não pode* estar acontecendo. Ele não pode estar vendo isso.

— Entre, David.

Os dois atravessam o vestíbulo e vão para a sala de estar, e sei que ele pode sentir o cheiro da bebida nela. Ela parece tão desleixada enquanto finge estar sóbria em seu roupão às quatro horas da tarde.

*Devo fugir agora ou esperar até que ele saia?*

— Então, o que o traz por aqui? — Ela pergunta quando os dois se sentam no sofá, enquanto eu mantenho distância, de pé contra a parede do lado oposto do espaço aberto da sala.

Ele lhe entrega os papéis e, enquanto ela assina, ele repassa as reuniões para o ano. Embora ele esteja perdendo seu tempo. Ela não vai se lembrar de nada do que ele está dizendo, porque ela está consumida pela névoa do álcool.

— Então, como está minha filha na escola esse ano?

— A escola acabou de começar, mãe, — murmuro, irritada por ela estar tão sem noção agora.

Ela parece uma idiota.

Minhas palavras são ignoradas, e quando ela se vira para o treinador, ela pergunta: — Bem, como está indo a natação dela?

Ele olha para mim e eu deixo cair a cabeça, desejando que essa parede me engolisse e me cuspisse para outra cidade, outro planeta ou qualquer outro lugar distante daqui.

— Ela está indo bem, — ele diz a ela, me encobrindo, e eu não poderia ser mais grata. — Ela está relaxando e trabalhando em recuperar a força em seu ombro.

— É tão bom ouvir isso. — Seu sorriso é detestável.

— Isso é tudo que você precisava, treinador? — Eu pergunto, ansiosa para ele dar o fora daqui.

Ele fica de pé e, quando ela segue sua liderança, ela cambaleia sobre ele. Ele a segura antes que ela caia.

— Oh, sinto muito. Eu não almocei, e estou um pouco tonta. — Ele ajuda a estabilizá-la, bem ciente da terrível mentirosa que ela finge ser.

— Por que você não senta então? Eu posso sair sozinho.

— Foi muito bom conhecê-lo, — ela diz a ele, sentando novamente no sofá.

— Prazer em conhecê-la também, Diane.

Ele chama minha atenção e acena para eu segui-lo. Quando estamos longe o suficiente do ouvido da minha mãe, ele pergunta: — Você está bem?

Que pergunta estúpida para ele fazer. Minha mãe está bêbada, falando como uma socialite enquanto tropeça em todas as palavras.

— Eu estou bem.

— Cam, essa não parece uma *boa* situação para você estar.

— Ela teve um dia difícil hoje, isso é tudo. Dê a ela uma pequena folga, — eu minto, defendendo a pouca reputação que ela tem neste momento.

— Ela já sabe que você não esteve na escola esta semana?

— Claro que ela sabe. Nós moramos na mesma casa. — Eu me pergunto se sou uma péssima mentirosa como ela.

Uma confusão barulhenta na sala de estar captura nosso foco e, quando ele olha por cima do meu ombro, eu morro um pouco mais por dentro. — Por favor, apenas vá.

— Ela está...

— Ela está bem. Só... — Eu nem consigo olhar nos olhos dele, e ele me oferece clemência quando abre a porta da frente para partir.

— Cam...

— Eu vou te ver na segunda-feira. — Fechando a porta, eu corro de volta para a sala e encontro minha mãe juntando algumas das peças decorativas que ela derrubou.

Ela olha para mim em suas mãos e joelhos, reclamando: — Bem, você vai me ajudar ou ficar parada aí?

Eu balanço a minha cabeça em descrença com quão distante ela está, com quão irreconhecível ela se tornou para mim.

— Por que você está fazendo isso?

— Sem outra de suas palestras infantis, Camellia. Eu não estou de bom humor, e elas são juvenis na melhor das hipóteses. — Metade de suas palavras soam distorcidas quando ela se levanta do chão, tropeçando em seus pés.

— Você sabe que ele viu através de você.

— O que você está divagando?

— Você é uma bêbada desleixada.

Seus lábios apertam enquanto ela caminha até mim, e quando chega bem na minha frente, ela ataca, — E você é uma filha ingrata.

Eu ignoro suas palavras. Elas não significam nada de qualquer maneira. — Você se incomodou em se olhar no espelho antes de vir aqui fazer papel de boba na frente do meu professor? Ou você simplesmente não se importa em parecer uma bêbada maltrapilha?

Sua mão vem rápida e dura, picando minha pele em calor ardente. Rapidamente segurando minha bochecha, eu olho para ela através de olhos lacrimejantes, chocada que ela realmente acabou de me dar um tapa no rosto.

— Eu te odeio, — eu grito antes de virar as costas para ela e correr para o meu quarto. Eu não posso suportar olhar para ela por mais um segundo sem retornar sua violência.

Minutos se transformam em horas, e depois que um punhado delas passa, não estou melhor. A raiva esteve em mim por tanto tempo que se transformou em tristeza. Eu passei os últimos trinta minutos lendo e relendo a mesma página, faminta por uma distração, mas minhas emoções não me permitem escapar. Eu me sinto como uma refém em minha própria pele, mas não tenho que ser refém desta casa.

Sob o brilho metálico da lua, eu dirijo para onde lembranças felizes residem. Com a chave do meu pai que não devolvi, eu entro no ginásio da escola, me troco para minha roupa de natação, e mergulho no que tem agora se tornado meu consolo. Estar aqui, embaixo da água, longe de todos, sem ar, som, gravidade, sinto-me mais perto de meu pai do que em qualquer outro lugar.

Com o meu mundo caindo aos pedaços, não tenho nada para segurar, e desejo conforto. Então eu tomo a pressão da água e deixo que as emoções colidam dentro de mim, me embalando em um momento de paz.

Eu não nado rápido, e não me esforço demais. Eu simplesmente deslizo pela água enquanto cuido do meu ombro.

Quando as lesões gritam sua presença, faço uma pausa e me sento na beira da piscina, com as pernas penduradas na água.

*Eu não estou pronta para dar adeus a este consolo ainda.*

Não há nenhum desengano no fato de que necessito de conforto e afeto. E mesmo que Kroy esteja mais do que disposto a me oferecer exatamente isso, não é o apoio dele que eu quero. De alguma forma, parece fraco vindo dele, como se não tivesse relevância. Como se a maturidade fosse o ingrediente-chave que alimenta o poder daquilo que sinto falta, permitindo que realmente *signifique* algo.

Você não trataria um ferimento a bala com um Band-Aid. E quando os ferimentos são profundos como os meus, você precisa de mais do que apenas tapinhas de encorajamento e abraços de seus colegas.

Eu quero alguém forte o suficiente para que não tenha que romantizar meus demônios por medo de que não saibam o que fazer com isso.

Meu pai tinha uma maneira de me dar tudo isso, e ele fazia muito facilmente. Ele tirou o peso do mundo dos meus ombros e carregou sobre o dele. E enquanto ele fazia isso, eu recebia liberdade. Liberdade das expectativas de ser tudo para alguém ou algo para o mundo todo - eu poderia simplesmente ser eu.

Essas reflexões entram no tecido tenro do meu coração, e a primeira lágrima silenciosa cai dos meus cílios. Meu choro é misteriosamente silencioso enquanto olho para a piscina, para a paixão que era do meu pai.

*Era.*

Eu odeio me referir a ele no passado. É apenas outro lembrete. Uma sombra chama minha atenção e, quando olho para cima, vejo o treinador Andrews do outro lado da piscina.

Como, no silêncio que me cerca, eu não o ouvi entrar?

Ele não diz nada enquanto mantém a preocupação pela maneira como está olhando para mim. Sem urgência, ele anda na minha direção, chuta os sapatos e senta ao meu lado antes de também afundar as pernas na água. Eu não me incomodo em esconder o que está na minha cara da única pessoa que me viu chorar.

— O que você está fazendo aqui?

— Precisava sair da minha casa. — Não havia necessidade em fazer rodeios. Ele estava lá. Ele viu. — Eu menti para você.

— Eu sei. — Ele me dá um sorriso simpático.

— Eu chamei ela de bêbada.

— O que ela disse?

Hesito em lhe dizer, expor outra camada de verdade que é mais profunda do que dar a entender que ela bebe demais.

— Tudo o que você disser ficará aqui entre nós dois, — ele me diz, e eu aceito sua oferta. Pode haver uma chance de que, se eu me abrir, todas as coisas que estou escondendo serão libertadas. Talvez se eu me livrar delas, elas não serão capazes de infligir tanta dor.

— Ela me bateu.

Seu braço envolve-me, puxando-me para ele e eu vou livremente, apoiando a cabeça no seu ombro. Sua camisa molha debaixo do meu cabelo encharcado, mas ele não diz uma palavra.

Mais lágrimas caem silenciosamente enquanto absorvo o calor de sua pele na umidade da minha. Eu resisto ao desejo de colocar meus braços ao redor dele e pegar ainda mais do que ele está dando - do que eu sinto falta.

— Quão ruim foi isso?

— Ela gostaria que tivesse sido eu e não ele. — Ele se afasta em descrença.

— Ela disse isso?

— Talvez devesse ter sido, — eu digo, ignorando sua pergunta. Eu pisco. Outra lágrima cai.

E quando ele arrasta o polegar através do apelo iridescente por socorro do meu corpo, nossos olhos se encontram e outra chama acende. Seu toque se move debaixo dos meus olhos para a minha cicatriz profunda. Ele traça o comprimento dela, começando na minha testa, por toda a minha bochecha, e até o meu queixo, seus olhos nunca deixando os meus.

— É repugnante.

— Nada sobre você é repugnante, — ele diz suavemente antes de fazer uma careta e encostar a testa na minha.

E antes que eu perceba o que estou fazendo, meus lábios roçam os dele, e ele imediatamente recua, colocando espaço novamente entre nós. Eu coro de vergonha quando ele balança a cabeça com os olhos cerrados.

— Isto é errado.

— Sinto muito, — eu murmuro, mas depois, há uma transição, todo o sangue corre para o meu coração quando ele pega meu rosto em ambas as mãos e me beija.

Desesperada para que o seu tudo consuma o meu nada, perco toda a visão de mais de uma maneira quando fecho os olhos e o beijo de volta.

Borboletas com asas afiadas voam dentro do meu estômago, cortando cada boa e má escolha que já fiz, permitindo que elas sangrem e se misturem.

Nada faz sentido.

Mas faz.

Seu corpo é forte e tenso contra o meu macio e frágil. Ele é tudo o que eu não sou e tudo o que preciso neste momento, preenchendo lacunas e consertando pedaços de uma alma decepada.

Ele tira o ar dos meus pulmões, mas suspira uma ou duas vezes quando nossos lábios se separam.

Sua cabeça cai e seu peito bate contra o meu enquanto suas mãos apertam firmemente o meu rosto.

Há hesitação no ar.

— Que porra nós estamos fazendo? — ele diz, sabendo que nenhum de nós tem a resposta. — Cam...

— Por favor... não diga nada.

Não me atrevo a abrir os olhos por medo de que esse momento desapareça no segundo que o fizer, porque isso é errado. Isso é muito errado, mas, ao mesmo tempo, é a única coisa que parece certa desde que acordei no hospital. Ele é meu professor, sim, mas ele é muito mais. E em um mundo onde eu perdi todas as conexões, ele é a única coisa que é capaz de me amarrar. É só com ele que não sinto vontade de desistir completamente e me afogar, porque neste exato momento, com a pele dele tocando a minha, eu não estou mais me alimentando no seio do sofrimento.

# Capítulo Onze

Eu puxo meu lábio inferior entre os dentes enquanto penso em seu beijo. A suavidade de seus lábios contra os meus perdura em pressão fantasma, girando meu estômago em dores agradáveis.

Voltando à escola, como prometi, me agarro aos pensamentos de sexta-feira à noite para passar pelo horror do dia. É a segunda semana, e este é apenas o meu segundo dia de presença. Eu faltei porque não conseguia lidar com os olhares e sussurros, não percebendo que o ato de evitá-los apenas atrairia mais na minha direção. Está pior hoje do que foi no primeiro dia, obrigando-me a fingir para atravessar as horas.

Kroy senta ao meu lado no segundo período. Eu sou grata pelo conforto familiar, mas também sinto uma incrível quantidade de culpa pelo que aconteceu entre eu e o treinador Andrews. Kroy não é o primeiro garoto que beijei. Ele é, no entanto, o único que beijei nos últimos dois anos, e a culpa está incomodando minha consciência. Afinal, ele é meu melhor amigo há incontáveis anos e nós terminamos há algumas semanas. Não há nada que ele não saiba sobre mim, nada que eu não tenha compartilhado com ele, nada até agora. Mas eu não poderia contar a ele, mesmo que quisesse, porque o treinador Andrews é meu professor, e porque tenho apenas dezessete anos, e não quero arriscar que isso nunca aconteça novamente.

O quarto período vem, e o momento em que nossos olhos se encontram é o momento em que minhas fantasias de colegial faíscam em estática. Ele rapidamente olha para longe de mim, desviando sua atenção para outro lugar.

— Encara muito, assustador? — Linze diz quando toma seu lugar.

— O quê?

— Você... Sr. Andrews. Quero dizer, eu entendo, mas relaxa no óbvio.

— Nem percebi, — eu minto. — Estou cansada e ainda me sentindo um pouco perdida.

Outra mentira.

— Ah sério. Eu tentei ligar para você tipo mil vezes. Eu estou começando a ficar complexada.

— Eu estive doente. Nada pessoal.

Ela abre o caderno e começa a rabiscar a página com a caneta.

— Você não está com raiva de mim, está?

Mantendo seu foco no papel, ela responde com uma sombra de agitação, — Só querendo saber quando a velha Cam vai voltar.

Suas palavras me deixam nervosa.

*Ela está brincando, certo?*

O treinador chama a atenção da turma, e o que eu esperava que fosse a minha melhor hora do dia, já foi arruinada pela observação de Linze e pelo fato de que o cara que foi tão gentil comigo na outra noite está descaradamente me ignorando. Se ele está tentando ser discreto com seus olhares divergentes, está falhando miseravelmente.

Então, eu faço o papel de boa aluna, pego meu caderno e faço anotações enquanto ele fala sobre Shakespeare e nos prepara para nosso projeto sobre Othello, que faremos nas próximas três semanas.

O sinal está custando a tocar, mas a tortura não cede quando ele chama: — Senhorita Hale, preciso que você fique depois para que eu possa repassar o trabalho que você perdeu na semana passada.

Minha guarda sobe com sua formalidade, fazendo o que posso para me proteger das dores que se aproximam da rejeição. Eu fico na minha mesa, forçando-o a se aproximar de mim, e quando o último aluno sai, ele vem para a parte de trás da sala e se senta ao meu lado.

— Como você está se sentindo?

— Bem, — eu murmuro, mantendo meus olhos no lápis que estou segurando entre as minhas mãos.

— Eu acho que devemos falar sobre a outra noite.

Eu já posso sentir isso chegando no tom de sua voz, em sua atenção moderada para mim, e seu comportamento formal.

*Foi um erro. Nunca deveria ter acontecido.*

— Isso não pode acontecer de novo, — ele afirma em voz baixa, e eu aceno com a cabeça, completamente humilhada. Tirando o lápis dos meus dedos, ele continua: — Eu me preocupo com você, Cam. E eu ainda estou aqui por você, se você precisar de mim. Mas o que quer que seja isso entre nós... Eu poderia perder meu emprego.

— Eu não sou estúpida.

— Eu sei que você não é, razão pela qual sei que você entende a gravidade do que poderia acontecer.

Por um momento, eu tive paz. Por um momento, eu tive um raio de esperança. Agora estou apenas mortificada.

— Isso é tudo? — Estou ansiosa para dar o fora dessa sala de aula e para longe dessa conversa.

— Olhe para mim, — ele pede, e eu faço. — Eu entendo que as coisas em casa estão difíceis agora, e quero estar aqui por você, eu preciso que você saiba disso. A última coisa que quero é que você sinta que fez algo errado. Você não fez. Eu assumo a responsabilidade pelo que aconteceu. Mas a partir deste ponto, eu só posso ser seu professor e seu treinador, ok?

Calor sobe pelo meu pescoço, e eu concordo com ele rapidamente apenas para acabar com isso, mas ele me prende à chama um pouco mais. — Eu também estou preocupado com a sua natação. Nós temos um evento chegando no final de setembro. Se você quiser nadar, não pode continuar evitando o treino de equipe.

— Tudo bem, — eu solto em um longo fôlego. — Nenhuma equipe hoje, no entanto.

— Individual então?

— Se você está dizendo que eu tenho que praticar hoje, então sim, mas não quero nadar em equipe.

— Esteja na água às cinco.

Sem lhe dar outro segundo, eu pego minha mochila e a pouca autoestima que ele me deixou e consigo sair.

;

— Faça cinco, de cem, batidas de pernas, sobre um de quarenta e cinco, — grita ele. Com a minha prancha na mão, eu trabalho minhas pernas para me impulsionar na raia.

O silêncio é meu amigo e decido abraçá-lo em um esforço para me proteger do constrangimento de toda essa situação entre nós dois. Eu não tenho a opção de evitá-lo, a menos que peça uma transferência de classe e largue a equipe de natação, o que eu me recuso a fazer. Mas ele está mantendo tudo estritamente

profissional, gritando exercícios para construir minha força e resistência. Enquanto eu ficar focada, certamente a tensão acabará diminuindo.

— Pernas para cima, — ele grita, e eu empurro com mais força, fazendo tudo o que posso para ignorar a queimadura em meus quadris enquanto ele me cronometra.

Eu reforço meu peito e chuto, chuto, chuto, até que o fogo corta minha perna esquerda, agarrando-a em uma cãibra excruciante. Assobiando através dos meus dentes, eu flexiono minha perna sob a água e choramingo quando a dor morde de volta contra a minha tentativa de aliviar.

— Você está bem?

Eu não respondo. Não posso. Abandono minha raia e aperto minha perna com as duas mãos, deixando-me afundar abaixo da superfície. Eu ouço um grito distorcido segundos antes de ele mergulhar na água e nadar até o meio da piscina onde estou presa em agonia. Passando o braço em volta da minha cintura, ele nos leva até a parede. Quando estou fora da água, ele começa a cavar os dedos na minha perna para massagear a cãibra.

— Dói demais.

— Não prenda a respiração, — ele instrui calmamente. — Respire.

Incapaz de ficar quieta, eu fecho minhas mãos e mordo enquanto ele trabalha o problema. Quando sinto o músculo começar a relaxar e alongar, respiro lentamente, segurando por um momento antes de liberar mais lentamente.

— Melhor?

— Mm-hmm.

Ele continua a trabalhar as mãos na minha perna, e não demora muito para a pele formigar sob seu toque. É uma reação física que não posso evitar, e tiro minha perna da suas mãos. Sua cabeça levanta com um olhar que ele não pode negar. Nós ficamos assim por segundos que se mascaram de minutos, ambos incapazes de esconder os pensamentos que passam visivelmente em nossos rostos - pensamentos que invalidam sua palestra anterior. Ele não é apenas meu professor. Se fosse, não estaria tentando se livrar de sua luta interna agora, a luta que eu gostaria que ele desistisse. Porque estou sozinha e perdida, e o bálsamo de seu beijo pode momentaneamente apagar esses sentimentos.

Meu coração bate, e me pergunto se ele ouve, mas nada disso importa quando ele se levanta, cortando o que estava tentando nos ligar. Eu pego sua mão quando ele se abaixa para me ajudar.

— Você está bem agora? A cãibra passou?

— Sim.

Evitando pensamentos não ditos, ele se mantém o mais neutro possível. — Tente não se esforçar tanto. Podemos estar com pressa em ter seu corpo em forma, mas podemos prejudicá-lo se você se esforçar demais, — ele diz com uma clara distração em seus olhos antes de olhar para o relógio. — Por que não paramos por hoje? Você completou uma hora cheia, e eu preciso sair dessas roupas molhadas.

Ele espera por mim enquanto tomo banho e me troco com o constrangimento ainda aumentando, e eu não poderia terminar esse dia rápido o suficiente. Uma vez que ele tranca tudo, nós caminhamos para nossos carros, que é quando ele me oferece natação extra pelas manhãs, já que eu perdi todos os treinos.

— Nós precisamos começar a envolvê-la, — ele insiste, e eu concordo.

Mesmo com olheiros me observando no ano passado, ainda não consegui nenhuma bolsa de estudos.

— Ei, — ele diz, e eu me viro antes de abrir a porta do meu carro. — Nós estamos bem, certo?

Para ajudar a aliviar seu conflito, eu minto. — Sim, estamos bem.

Não há como me convencer a acreditar na verdade inegável, que não estou nada bem. Eu estou tão longe disso que é quase impossível reconhecer neste ponto. Muito tempo atrás, esqueci o que é e como é estar bem. Eu pensei que essa sensação tinha voltado quando ele me beijou, mas ele a derrotou com seis palavras.

Pensamentos de angústia adolescente desaparecem quando atravesso a porta da frente e acendo o interruptor de luz.

Nada acontece.

Empurrando para baixo e para cima novamente, encontro-me com a escuridão permanente. — Mãe?

Eu ando pela casa silenciosa e quando chego à cozinha, abro a geladeira.

Está desligada também.

O carro da minha mãe também não está na garagem. Eu volto para a porta da frente, e vejo que as luzes do vizinho estão acesas.

Puxando meu celular, ligo para minha mãe.

Atenda, por favor, atenda.

— Camrrr... Camr... Camrila.

— Mãe, — confirmo depois que ela massacra meu nome. — Onde você está?

— Umm... — Há barulho de vozes ao fundo, e minha a mão aperta o telefone, como se eu pudesse espremer minha irritação frustrante.

— Não importa. A casa está sem eletricidade.

— E daí.

— Você pagou a conta?

— Pergunte ao seu pai.

*Que porra é essa?*

— Mãe! Eu estou falando sério.

— Eu não estou em casa, então não sei o que você está querendo.

— Esquece, — eu grito e depois encerro a ligação.

Eu giro nos meus calcanhares, irritada além da crença. Uma gota de suor escorre pela minha espinha devido à falta de ar condicionado enquanto procuro o número da companhia elétrica. Meu humor vai de mal a pior quando eles confirmam que o serviço foi cortado devido a três meses sem pagamento. Eu desligo após falar com a atendente porque não tenho os cartões de crédito da minha mãe.

Minhas mãos pulsam com raiva, e enfio meu celular no bolso antes que acabe o jogando na parede. Subo as escadas e entro no quarto dos meus pais. Lágrimas hostis lambem minhas bochechas e eu pego os travesseiros da cama e os atiro contra as paredes.

— Eu odeio vocêêêêê! — Eu grito violentamente, esperando que o eco viaje para onde diabos ela está agora. Eu quero que ela saiba o que realmente sinto por ela. Porque eu odeio... eu a odeio tanto por tomar nossa vida destroçada e destruí-la ainda mais.

Eu pego uma das garrafas na prateleira do banheiro. Abrindo a porta do chuveiro, eu jogo a garrafa contra o azulejo. O vidro se estilhaça por toda parte, e o som é tão poderoso que pego mais algumas garrafas e as atiro, uma a uma, contra a parede de azulejos. Mas não é suficiente para diluir a agressão reprimida.

Eu me viro para o lado da pia do meu pai e vasculho as gavetas no escuro até encontrar seu kit de barbear - o que eu lhe dei de Natal do ano passado – sabendo que o verdadeiro presente está esperando por mim no interior do estojo de couro.

Uma vez na segurança do meu banheiro, sento no chão e abro a bolsa. Antes de pegar meu analgésico, levo o couro até meu nariz e inalo o aroma persistente de sua loção pós-barba.

E eu choro.

Eu não quero, porque chorar dói muito mais do que não chorar. Eu pego a navalha, desdobro o cabo e, com bastante cautela, levanto minha camisa. Pressionando a extremidade da lâmina na carne escondida, eu abro uma passagem para a angústia enterrada, libertando-a da gaiola.

As lágrimas secam no meu rosto enquanto derivo em alívio. Eu fecho meus olhos, saboreando o caminho do líquido aquecido enquanto ele desce até o cós da minha calça. A quietude da casa é substituída pelas batidas suaves do meu coração em meus ouvidos. Elas são uma canção de ninar para os meus sentidos, e eu literalmente sinto que estou derretendo na parede que deveria estar me apoiando.

Minha mãe pode escolher o álcool para se automedicar, mas eu vou alegremente escolher isso. Pelo menos estou apenas me machucando. Essas minhas feridas superficiais sararão e cicatrizarão, mas as dela são ácidas, queimando a minha carne e a dela, deixando para sempre suas lesões no cerne de quem somos.

# Capítulo Doze

O calor do verão enfraquece com a chegada do outono. As folhas estão apenas começando a cair, e eu estou morrendo na videira com elas. Esta cidade cheira a decadência quando a mudança da estação entra em vigor. O cheiro de folhas queimando ao longe flutua no ar matutino quando jogo minha bolsa no porta-malas do carro.

Uma ondulação de nuvens úmidas esconde o céu e, antes de partir, corro de volta para dentro de casa para escrever um bilhete para minha mãe. Ela não estava aqui quando acordei, mas tenho um evento hoje e quero que ela pelo menos saiba onde eu estou.

Passei quase um mês duas vezes por dia com o treinador, apesar dos mergulhos matinais não terem sido restritos a nós dois. Ele ofereceu treinos extras para outros três nadadores da equipe. Quando apareci e os vi, ele sussurrou: — É melhor assim.

Era óbvio que ele não confiava em si mesmo ao meu redor e que também estava preocupado sobre como seria se alguém descobrisse nossos treinos clandestinos antes do amanhecer. Eu teria ficado bem com isso, exceto que Taylor era uma das companheiras de equipe que aceitou sua oferta. Ela não só aparece toda manhã armada com gestos de flerte para o treinador, mas também com comentários dissimulados para sabotar minha confiança, que ainda está frágil.

Meus tempos estão melhorando, mas ainda tenho que levá-los de volta para onde deveriam estar. Eu sei que não vou ganhar nenhuma das minhas divisões hoje, mas tenho que continuar me esforçando se quiser sair dessa cidade depois de me formar. Eu não posso depender da minha mãe para pagar a mensalidade da faculdade, alojamento e alimentação quando ela nem se lembra de pagar a conta da água.

Depois de fechar a casa, vou para a escola, onde o ônibus está esperando para nos levar a Norman, que fica a algumas cidades ao sul de Edmond. Eu pensei em dar uma desculpa que justificaria dirigir meu próprio carro, mas nós sempre viajamos para as competições como um time, mesmo que sejam perto de casa. Minha ausência do ônibus teria sido notada, e isso apenas acenderia os holofotes em mim enquanto estou tão desesperada para permanecer nas sombras.

Na maior parte, meus companheiros de equipe me apoiam e me tratam como antes. Mas há algumas garotas que são bestas na melhor das hipóteses, esperando ansiosamente que eu falhe miseravelmente. A garota principal é Taylor, que também nada nos 50 e 100 metros. Ela nunca foi tão rápida quanto eu, nunca até agora. Ela vai me bater hoje, não há dúvida sobre isso, e estou temendo o ego que, sem dúvida, vai inchar em sua cabeça.

Eu estaciono algumas vagas abaixo de onde Kyle está. Ele tem Linze em seus braços e sua língua na garganta dela. Ela parece como uma estranha neste momento. Quando eu não apareci no seu jantar de aniversário na outra semana, ela pirou, e nós brigamos. Não importava qual fosse meu raciocínio, ela não queria ouvir. Ela me disse que eu era uma amiga de merda e que não merecia minha falta de interesse em nossa amizade.

Ela está certa. Ela merece uma melhor amiga que pode ir à festa sem se importar com o mundo, uma melhor amiga que se envolve em todos os aspectos sociais da escola e alguém livre das preocupações cotidianas que me atormentam.

Eu só queria que ela soubesse a verdade sem que eu realmente tivesse que dizer a ela. Pelo menos então, eu não teria que sentir mais culpa do que já sinto.

Kroy surge à esquerda e caminha até Kyle e Linze, quebrando sua pequena sessão de amasso. Eu saio do meu carro, pego minha bolsa no porta-malas e espero poder ir até o ônibus sem ser notada.

— Cam.

*Eu sabia que era uma esperança inútil.*

— O que você está fazendo aqui, Kroy?

— Você sabe que eu nunca perco seus eventos de natação, — ele diz. — Linze vai também.

— Ótimo, — murmuro baixinho.

— Você deveria tentar falar com ela. Ela está magoada.

— Ela me chamou de cadela, você sabia?

— Cam. — Ele puxa minha atenção com um olhar sério. — Somos todos amigos aqui.

Eu olho por cima do ombro dele para Linze e Kyle, e quando seus olhos encontram os meus, eu volto para Kroy. — Eu realmente não quero lidar com isso hoje.

Ele concorda, entendendo a pressão que sinto por esse evento. Ele estende a mão, dizendo: — Vamos, deixe-me ajudá-la com sua bolsa.

Vamos até o ônibus e guardamos a bolsa junto com as outras.

— Você vai se sair muito bem, — ele me diz, e quando dou de ombros, ele me puxa para um abraço. — Eu te vejo lá.

Quando ele volta para Linze, viro-me para pegar o treinador Andrews me observando.

— Esta pronta?

Eu aceno e entro no ônibus. É barulhento com as equipes masculina e feminina e opto por sentar na frente para evitar a comoção na parte de trás. Eu ponho meus fones de ouvido para abafar todo o barulho, mas alguns minutos depois, a solidão é afastada quando o treinador senta ao meu lado.

— Como você está se sentindo hoje? — Ele pergunta quando tiro meus fones de ouvido.

— Ok, eu acho. Não é como se eu tivesse grandes expectativas ou algo assim. Meus tempos estão ruins.

As portas do ônibus fecham e então estamos a caminho.

— Não seja tão dura consigo mesma. Você tem feito muito progresso.

Quando me viro e olho pela janela, ele me chama. — O que realmente está incomodando você?

— Acabei de te falar.

— Há algo mais do que apenas o seu tempo.

*Sim. Meu pai não está aqui.*

— Pode muito bem tirar isso do seu peito, — ele pressiona. — Deixe aqui para que não leve para a água com você depois.

Eu deixo cair a cabeça e depois olho para ele. Tudo o que temos reprimido durante este mês que passou começa a rachar as fissuras. Eu quero lhe dar um gelo porque estou brava com ele por me afastar. Mas também fico com raiva de mim mesma por ser tão egoísta. Eu não tenho o direito de ficar zangada quando é ele quem está fazendo a coisa certa aqui.

— Fale comigo.

— Eu nunca fiz isso sozinha, — eu finalmente confesso.

E com todo mundo tão envolvido em suas próprias conversas, ele se inclina um pouco, dizendo: — Pode parecer que você está sozinha, mas eu juro, você não está.

— Não é a mesma coisa.

— Nunca vai ser. Mas estou aqui e você não está sozinha.

Suas palavras perfuram um lugar especial no meu coração que tenho tentado tão duramente ignorar. Eu gostaria de ser mais forte, que meu coração pudesse se proteger contra ele, e que eu não tivesse que sofrer tanto ao pensar nele.

— Há algo que eu possa fazer?

*Eu posso pensar em mil coisas, mas são todas proibidas - incluindo você.*

— As coisas são como são, certo? — Eu digo com indiferença, porque somos impotentes para mudar o passado, então qual é o ponto em fingir que podemos?

Além disso, estou muito ocupada fingindo não ter sentimentos por ele, ao contrário de Taylor, que deixa seus pensamentos lascivos serem conhecidos por todas as garotas no vestiário.

Eu fico na minha durante a maior parte do dia, o que não é nada fora do comum para mim. Eu gasto meu tempo entre aquecer escutando minha música e bloqueando os outros nadadores. Mesmo com o ombro machucado, me classifico para os cinquenta e cem com pouco esforço.

Quando é a minha vez de subir no bloco para o meu último mergulho do dia – os cinquenta metros rasos - o treinador está bem atrás de mim, batendo palmas e me lembrando: — Mantenha as pernas para cima, Cam. Você consegue.

Leva decepcionantes vinte e cinco segundos e dois décimos até eu atingir a parede. Uma vez fora da piscina, ele está ao meu lado, certificando-se de que meu ombro está bem e me dando suas opiniões otimistas sobre meu tempo. Eu corri para o vestiário, tomei banho, me troquei e depois fui encontrar Kroy nas arquibancadas para me despedir rapidamente antes de voltar ao ônibus.

Ele fica de pé e sorri, dando menos importância aos meus tempos, dizendo: — Bem, você não ficou em último.

Eu rio e balanço a cabeça.

— Sério, mesmo. Você foi incrível.

— Obrigada. Eu realmente aprecio você ter vindo, mesmo assim...

— Não importa, — ele garante. — Eu estou sempre aqui para você.

— Eu tenho que ir para o ônibus, — eu digo a ele, dando-lhe um abraço e agradecendo novamente por ter vindo.

Quando saio das arquibancadas, ouço Linze atrás de mim. — Então você não pode nem mesmo me dar um oi?

Eu me viro para ver sua postura defensiva, que ela aparentemente aceita meu silêncio como um convite para continuar falando. — Quero dizer, estou de pé bem aqui.

— Eu nem sei mais como falar com você, Linz.

— Mas você pode falar com Kroy? — Ela diz. — Você nos abandonou, mas é só comigo que você está sendo uma merda.

— Eu não estou sendo uma merda.

— Linze, só deixe pra lá, — Kroy diz a ela.

— Você não veio aqui por mim. Você só veio por causa do seu namorado, então o que você quer que eu diga?

— Eu acho que nada.

Eu olho para Kroy, jogo minhas mãos no ar e volto para Linze. — O que você quer de mim, porque eu não consigo fazer nada certo?

— Apenas seja minha amiga.

— Eu não sei mais como fazer isso, — falo derrotada. — Eu não posso simplesmente voltar a como as coisas eram no ano passado. Se eu pudesse, confia em mim, eu faria, mas não posso.

— É mais como se você não quer.

— Você está brincando comigo agora?

— Não, eu não estou brincando com você. Você tem sido nada além de uma cadela total para mim.

— Linze, que porra é essa?

— Não, Kroy, — eu digo. — Está tudo bem. Eu não posso mais me ver querendo ser amiga de alguém como ela.

— O que diabos isso quer dizer?

— Isso quer dizer que você está tão envolvida em sua vida superficial que não consegue enxergar além do penteado que deve escolher para o baile de

formatura. Sinto muito se não consigo me relacionar, mas eu estou aqui lidando com merda real.

— Meu Deus! Você está falando sério? Pessoas morrem todos os dias. Lamento que tenha acontecido, mas sério?

Irritação estala dentro de mim, e eu tensiono meu corpo para evitar perder a calma.

— Cam! — O treinador fala do outro lado da piscina.

— O que diabos há de errado com você? — Kroy vocifera para Linze.

— Como você pode defendê-la depois que ela te tratou como merda e te largou?

— O ônibus está partindo, — grita o treinador.

— Eu não posso acreditar em você, — eu queimo através da raiva fervente. — Ele era meu pai.

— Cam, espere, — diz Kroy quando eu viro as costas e começo a andar para o treinador Andrews.

— Me deixe em paz.

Eu sigo passando pelo Treinador, rangendo os dentes enquanto tento dominar a fúria que está à beira da erupção.

— Você está bem?

Eu não falo enquanto ando a passos largos até o ônibus que leva muito tempo para me levar de volta ao meu carro. Com a cabeça pressionada contra a janela, vejo nuvens de tempestade se aproximando. O treinador me pergunta mais algumas vezes sobre o que aconteceu, e quando me recuso a confiar nele, ele me encoraja a mandar uma mensagem para ele, se eu precisar.

Mas não vou, porque quando finalmente chegar em casa, encontrarei tudo o que preciso para me acalmar no estojo de couro do meu pai.

Meu estômago está marcado. Cada cicatriz marca um registro de devastação que eu não fui forte o suficiente para lidar sozinha. Eu corto e, por um momento, sinto-me forte e intocável, mas quando a excitação diminui, sinto-me mais fraca do que antes. É um ciclo vicioso que de alguma forma me viciou.

Eu ouço barulhos no andar de baixo e fecho a navalha, colocando-a de volta no estojo e escondendo os dois debaixo da minha penteadeira. Então, limpo o sangue com um punhado de papel higiênico, levanto e dou a descarga no maço avermelhado antes de correr para o topo da escada.

Eu olho para baixo para ver minha mãe deitada aos pés de um homem. — O que diabos está acontecendo?

— Ela está bêbada, — diz o estranho enquanto eu corro até ela.

— Quem é você?

— William. Sou amigo da sua mãe. — É tudo o que ele oferece antes de se abaixar para pegá-la novamente. — Qual quarto é dela?

Palavras me falham, e quando eu aponto as escadas para a porta do seu quarto, o bom senso me chuta, cravando suas presas na minha carne mais fundo do que eu poderia esperar.

O sangue pulsa fortemente em minhas veias enquanto eu o vejo carregando-a com os braços dela em volta do seu pescoço. Eu estou congelada em choque da verdade sobre o que ela está fazendo quando sai.

Quando William reaparece depois de colocá-la na cama, eu questiono: — Vocês estão namorando?

— Eu não diria exatamente namorando.

Seu sorriso arrogante me diz tudo que eu preciso saber, e uma onda de náusea me estrangula.

— Aqui estão as chaves do carro dela, — acrescenta ele, colocando a mão no bolso.

Eu estendo a minha mão e quando ele as deixa cair, sinto vontade de vomitar.

Ele sai, levando todo o respeito que eu já tive por aquela mulher com ele.

Como ela pôde?

Subindo as escadas, paro na porta e olho para a monstruosidade que está desmaiada de bêbada. Eu aperto as chaves, querendo que elas rasguem minha carne antes de jogá-las em direção ao seu corpo flácido. E finalmente, a erupção vomita suas chamas e me joga além do limite.

Eu fecho meus punhos e grito, chamando-a de vagabunda, chamando-a de prostituta. Metade de mim deseja que o álcool a envenene, mas depois a outra metade reza para que ela não morra e me deixe.

Eu a odeio tanto.

Eu odeio tudo o que ela está fazendo com o que sobrou de nós.

Meu coração bate de forma errática contra o meu peito, tão forte que posso sentir as vibrações, tão forte que posso senti-lo em minha garganta, tão forte que poderia engasgar com ele.

Corro para o meu quarto, bato a porta atrás de mim e caio de cara na cama. Enterrando minha cabeça em um travesseiro, eu lamento. Minha voz rasga através de lágrimas escaldantes para o meu pai vir me salvar, mas não é o suficiente. Eu tenho que sair daqui, então pego minhas chaves e escapo desse purgatório disfarçado de casa.

A chuva cai com força contra o para-brisa enquanto dirijo. Tudo fica borrado em estrias de luz líquida, e eu chego somente até a entrada do bairro antes de ser forçada a parar. Estacionando o carro, eu ouço os limpadores balançando de um lado para o outro enquanto tento recuperar o fôlego.

Eu não posso mais fazer isso sozinha.

Na extrema necessidade de conforto, eu pego meu telefone e ligo para a única pessoa que conheço que pode me fazer sentir segura.

— Está tudo bem?

— Não, — eu engasgo, tentando esconder a angustiante urgência na minha voz, mas sangra de qualquer maneira.

— O que aconteceu?

— Por favor, — eu imploro, tremendo freneticamente. — Você pode vir me pegar?

*Porque eu estou com o coração partido e com medo e não há nenhuma maneira que eu possa dirigir agora.*

— Estou a caminho.

# Capítulo Treze

Eu fico na chuva, supondo que a força da natureza seja forte o suficiente para atenuar.

Inclinando meu rosto para os céus acima, eu me pergunto se elas existem mesmo. E se existem, por que Deus permitiria que isso acontecesse comigo? É difícil não odiar o que quer que esteja no controle aqui, se é que há alguma coisa. Talvez este mundo não seja nada mais do que acontecimentos girando.

Eu estou cansada de sentir.

Eu quero voltar a adormecer.

Os faróis brilham intensamente e, quando me viro para os raios ofuscantes, eles param e a porta do motorista se abre.

— Você está bem? — O treinador Andrews questiona em pânico enquanto corre para mim.

Um estrondo de trovão soa de cima.

Ele rapidamente me coloca debaixo do braço, gritando sobre a tempestade: — Vamos lá, — e me leva até seu SUV.

Eu quero falar algo para acalmar sua preocupação, mas não consigo. Tudo colide com o surrealismo agora que ele está aqui. Quando estou em segurança dentro de seu carro, ele caminha até sua porta, abaixando a cabeça contra a chuva torrencial. Seu carro está quente e seco e pacificamente silencioso, além da chuva e das trovoadas ocasionais.

Sem uma palavra, ele começa a dirigir.

Minhas roupas estão grudadas contra a minha pele, e quando olho para o lado, eu o pego passando a mão pelo cabelo encharcado, deixando-o arrepiado e confuso enquanto as gotas caem das pontas e escorrem pelas laterais do seu rosto. Ele olha e me pega encarando, mas ainda permanece calado. Ele fica assim a cada semáforo e em cada curva que faz antes de entrar na garagem de sua casa de tijolos. Uma vez lá dentro, a porta desce atrás de nós e ele sai do carro.

Nervosa, eu abro a porta e o sigo para dentro da casa. Meu coração bate em um nível muito alto quando entramos na lavanderia.

— Siga-me, — ele diz enquanto entra no closet e pega roupas secas de algumas gavetas. — Aqui. Vista isso. Meu banheiro é bem ali. — Ele aponta para as portas duplas do outro lado do closet.

Eu pego as roupas e entro no banheiro enorme notando que tem ligação com seu quarto. Eu fecho a porta antes de tirar minhas roupas molhadas. Levo a camiseta que ele me deu até o nariz e respiro seu cheiro, fechando os olhos e permitindo que penetre profundamente dentro de mim.

Para quê?

Eu não sei.

Mas não consigo resistir a buscar conforto em todos os lugares que eu possa encontrar.

Eu coloco a camiseta e as longas calças de pijama que me engolem e se arrastam sob meus pés, e então me viro para o espelho, apenas para me deparar com a face da disparidade. Não há como esconder meus olhos inchados e vermelhos, então por que me incomodar?

Recolhendo minhas roupas, eu as levo de volta para a lavanderia e as coloco na secadora. Ando pela casa, seguindo o brilho suave da lareira, que me leva para sua sala de estar. Eu o vejo atirar alguns pedaços menores de lenha, notando que ele também vestiu roupas secas.

O ar está frio e com o cabelo ainda molhado, eu estremeço e envolvo meus braços em volta de mim enquanto paro desajeitadamente. Quando ele se afasta do fogo, vem direto na minha direção e me guia para sentar no sofá com ele.

— Você vai me dizer o que aconteceu?

Suas palavras picam gentilmente contra feridas que não acho que possa mais esconder, e deixo cair a cabeça. Sua mão me envolve por trás, e ele pega meu ombro, me puxando contra ele. Somente esse toque enfraquece a pequena guarda que me resta neste momento.

Eu choro silenciosamente, mas muito dolorosamente.

— Fale comigo.

— Tudo está desmoronando, — eu choro, cada palavra quebrando quando saem.

Seus braços me envolvem inteiramente, uma força reconfortante da qual tenho sido negligenciada por muito tempo, e me inclino para ele.

Eu derreteria se isso significasse poder estar mais perto.

— Minha mãe quase nunca está em casa, — eu admito, precisando me livrar de todos os segredos, para me libertar do peso que está me sufocando. — E quando ela está, eu sou invisível para ela. Tudo o que ela faz é beber, dormir e chorar. Eu estou completamente sozinha.

— Você não está.

— Eu estou. Eu perdi tudo no dia em que perdi meu pai.

— Eu garanto. Você não está, — afirma com fervor.

Eu envolvo meus braços ao redor dele, precisando que suas palavras sejam verdadeiras, porque não posso suportar o pensamento de estar sozinha por mais tempo. Ele me segura perto dele, nunca vacilando em sua força enquanto desmorono em seus braços e choro por tudo que foi tirado de mim. Eu conto a ele sobre minha mãe estar bebendo, sobre as noites em que ela não vem para casa, sobre todas as responsabilidades negligenciadas que sou forçada a cuidar e sobre o homem que a arrastou pela porta da frente hoje à noite. Eu despejo tudo nele e, em vez de me afastar, ele pergunta mais, e então lhe dou tudo até ficar fraca, chorar e adormecer.

Seus dedos correm pelo meu cabelo com a cabeça apoiada em seu colo, enquanto eu observava piscando lentamente o fogo queimando. A madeira incandescente estrala, liberando uma chuva de brasas, e eu solto um suspiro profundo antes de meus olhos se fecharem pela última vez.

;

Suas palavras sussurradas, — Envolva seus braços em volta de mim, — agitam-me, mas não o suficiente para me acordar completamente.

Sem abrir meus olhos, sinto-o me levantar e deslizo meus braços por trás de seu pescoço, flutuando e desaparecendo enquanto seus passos me embalam de volta ao sono.

;

Um arrepio percorre minha pele e eu desperto, percebendo que agora estou em sua cama. Agarrando o cobertor, eu o puxo até meu queixo e abro meus olhos

tempo suficiente para ver a sua sombra em pé na frente das janelas, me observando.

Eu pisco e ele se vira, olhando para fora antes dos sonhos do meu passado roubado me puxarem de volta.

;

Um estrondo de trovão me acorda, e ele está bem aqui comigo, seu polegar arrastando sob o meu olho.

— Você sempre faz isso? — Ele murmura.

— Faço o quê?

— Chora em seu sono.

Quando a névoa do despertar se dissipa lentamente, tomo consciência de quão próximos estamos. Tanto que o calor de seu corpo me aqueceu até os ossos. E, no entanto, minha pele fica arrepiada.

Quanto mais tempo seus olhos seguram os meus, mais forte meu coração bate.

Nada disso faz sentido, porque o meu está quebrado. Não deveria ser capaz de bater, mas acontece. E quando ele está perto, não apenas bate forte, bate descontroladamente. Ele ecoa nos meus ouvidos, silenciando tudo ao redor.

*Beije-me.*

Seus olhos se fecham, e suas sobrancelhas franzem no conflito que eu gostaria que não existisse, mas existe. Está em todos os lugares que estamos, nos seguindo, nos provocando.

Isto está errado.

Mas quando o mundo inteiro está cuspindo seus erros em mim, o que diabos é apenas mais um?

Eu ergo minha mão e toco seu rosto, e quando o faço, ele me puxa e pressiona seus lábios nos meus. As borboletas alegremente dolorosas retornam, despertando todas as minhas terminações nervosas com suas asas vibrando. Elas me cortam por dentro, marcando cada ponto fraco como se fossem delas, determinadas a nunca me deixar esquecer esse momento, marcando-me a ferro com cicatrizes ternas.

Sua mão desce pelas minhas costas e me puxa contra ele com tanta força que nossos corpos estão juntos, e juro que posso sentir seu coração contra o meu.

Relâmpagos, trovões e chuva caem violentamente contra a janela que reflete impulsos pecaminosos que não podemos mais negar.

Nossas pernas se enroscam, e ele desloca seu corpo sobre o meu, prendendo-me com segurança sob ele enquanto nossos lábios se movem juntos. Ele é lento e dolorosamente proposital. Outra lágrima do meu coração partido desliza pela minha testa e pelo meu cabelo. Eu me agarro a ele para me conter, mas escorrego no calor do seu afeto, e não importa o quanto eu lute contra isto, a densidade assume.

Eu choramingo contra seus lábios, mas isso não o impede. Ele só me segura mais em seus braços, me apertando contra ele. Seus beijos suavizam e aprofundam, abrindo meus lábios com os dele, saboreando o gosto implacável de mágoa. Ele lambe para longe, resgatando minha língua com a dele, e eu deixo enquanto deslizo minhas mãos sob sua camisa, pressionando as pontas dos meus dedos em suas costas.

Seus beijos vagueiam da minha boca ao orvalho salgado em minhas bochechas, e eu gostaria que ele fizesse mais do que apenas afastá-las com beijos. Eu gostaria que ele pudesse vencê-las completamente, libertando-me da minha agonia implacável. Mas nós não vivemos em um lugar onde os desejos se realizam. Eu aprendi isso da maneira mais difícil. Então, eu tomo o que ele está disposto a dar, esperando que seja o suficiente para consertar, mas não mais desejando a cura completa, onde a cura completa não existe.

Algumas feridas são eternas.

— Não chore, — ele respira contra o meu pescoço.

— Eu não sei como parar.

Ele recua e olha para mim, mas não é nada mais do que uma bela sombra, iluminada pelos flashes dos relâmpagos do lado de fora. Estremeço sob seu toque quando sua mão desliza sob a barra da minha camiseta e trilha por minha carne nua e entre meus seios.

Cobrindo o meu coração partido com a mão, ele pressiona a pele e os ossos, dizendo: — Tudo o que você está pensando é uma mentira. Você precisa começar a ouvir isso. — Eu bato na palma da sua mão um pouco mais forte, um pouco mais alto. — Essa dor não durará para sempre. E eu vou dizer que você não está sozinha uma e outra vez até que acredite, porque eu estou aqui com você.

— Você vai me afastar de novo.

— Eu não queria.

— Mas você fez.

— Você me assusta. Isso, — ele diz, pressionando contra o meu coração novamente, — me assusta. Se alguém descobrir...

— Eles não vão.

— Eles poderiam, — ele insiste, e eu sei que ele está certo. — Mas não importa quão errado as pessoas possam considerar isso... nós... sentimos, e não importa o risco delas descobrirem... eu quero isso. Eu não consigo parar de pensar em você. Desde o dia em que te vi pela primeira vez. — Sua cabeça cai para a minha, e com os olhos fechados, ele acrescenta: — Diga-me que você sente isso também.

Movendo minhas mãos para seu rosto, eu puxo seus lábios nos meus e o beijo, e ele cai livremente em mim, me beijando de volta. Sua mão se arrasta do meu coração para o meu peito, me espalmando gentilmente e, pela primeira vez em muito tempo, consigo me perder em outra pessoa.

— Eu também sinto isso.

Com minhas palavras, ele me pega em seus braços e nos afundamos mais sob os lençóis quando ultrapassamos os limites da lei e finalmente admitimos que somos fracos demais para lutar contra isso por mais tempo. Enquanto a tempestade cai por todos os lados, continuamos a nos beijar e nos abraçar até o sono nos derrubar.

# Capítulo Quatorze

— Alô?

— Ei, eu acabei de sair de casa e vi seu carro na beira da estrada, — diz Kroy. — Está tudo bem?

Fazendo o que posso para soar o mais normal possível, e nada como uma garota que está na cama ao lado de seu professor, eu digo a ele: — Sim. Eu só fiquei sem gasolina.

— Você está em casa?

— Uh-huh. Acabei de acordar.

— Você precisa de ajuda?

— Não, eu estou bem. Eu tenho um galão de gasolina na garagem. Eu não resolvi isso por causa da tempestade, — eu digo.

— Tem certeza?

— Tenho certeza. Obrigada mesmo assim.

— Quem era? — O treinador Andrews pergunta depois que eu coloco meu celular na mesa de cabeceira ao lado de sua cama.

Virando, enfrento o que parecia um sonho ontem à noite. Mas sei que realmente aconteceu pelo jeito que ele está olhando para mim. Não há uma única linha de resistência em seu olhar.

— Kroy.

— O cara que você estava abraçando ontem?

— Sim.

Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Ele é seu namorado?

— Foi. Após o acidente, as coisas apenas... mudaram.

— E agora?

Deitada frente a frente, enfiada debaixo de lençóis que cheiram a ele, eu me torno autoconsciente e admito: — E agora... Eu mal entendo qualquer coisa.

Enquanto eu estava com Kroy, nunca passamos a noite um com o outro. Ontem à noite foi a primeira vez que eu dormi ao lado de um cara, e o desconforto de não saber o que dizer ou o que fazer me colore em uma timidez que não consigo esconder dele.

— Não faça isso.

— Fazer o quê?

Puxando-me em seus braços, ele enfia minha cabeça sob o queixo, reprimindo meu desconforto.

— Ficar nervosa comigo.

— Não é tão fácil assim.

— É, — ele assegura sem hesitação. — É só você e eu. Cam e David.

— E amanhã? O que seremos então? — Eu pergunto porque não sei como ir da cama dele para a sala de aula, porque esse tipo de situação não vem com um manual de instruções.

Não há nenhum certo quando você decide viver no errado.

— Nós seremos o que temos que ser para que possamos ter isso.

Deitada nos braços fortes de alguém fora dos limites, eu decido deixar o amanhã para aproveitar o hoje. E quando finalmente abandonamos a cama, eu me sento no topo do balcão e assisto enquanto ele prepara o café.

— Você quer uma xícara?

— Não, — eu respondo antes de me virar no meu lugar.

Eu examino a sala de estar, em frente a cozinha e é iluminada pelos raios do sol da manhã. Os pisos de madeira escura contrastam com a pedra cinza clara da lareira que contém as cinzas da noite anterior. Há um corredor no canto da cozinha com várias portas que devem levar a mais quartos.

Eu vejo as luminárias e os detalhes antes de virar para ele com sutileza para não ofender, e digo: — Esta é uma bela casa para o salário de um professor.

Ele toma um gole de café antes de responder com um sorriso. — Fundo fiduciário, pirralha.

Eu não posso deixar de rir. É tão típico desta cidade. Eu também tenho um, mas não tenho acesso a ele até ter vinte e quatro anos.

— Ainda assim, — eu digo, — parece muito espaço para você.

— Não era para ser apenas eu. — Ele contorna a ilha e se senta ao meu lado, colocando sua caneca no granito antes de explicar: — Eu fui noivo uma vez.

— Oh.

— Foi há muito tempo. Eu comprei para nós, mas acabou antes que tivéssemos a chance de nos mudar. — Ele toma outro gole de café. — Ficou vazia por oito anos. Eu me mudei recentemente.

— Oito anos? — Ele balança a cabeça.

Ele parece mais jovem sentado aqui com seu cabelo desarrumado do que na escola, mas eu tenho que perguntar de qualquer maneira: — Quantos anos você tem, treinador?

— David, — ele corrige, e eu me sinto uma idiota considerando o que aconteceu ontem à noite entre nós. — Eu tenho trinta e um. — Eu faço as contas e engulo em seco.

Quatorze anos nos separam, e de repente me sinto tão fora da minha liga com ele - uma criancinha invadindo terrenos proibidos. Áreas que eu desconheço, mas aqui estou eu - sobre elas - porque há algo me atraindo para ele. É uma força além da minha resistência, campos magnéticos que estavam destinados a colidir - e nós o fizemos.

— Me assusta muito também, — ele diz, lendo cada um dos meus pensamentos no meu rosto.

Não querendo agonizar por todas as razões pelas quais não deveríamos estar fazendo o que estamos fazendo, eu recuo alguns passos, perguntando: — Por que você demorou tanto para se mudar?

— Depois que cancelamos o casamento, eu tive que dar o fora daqui, então terminei meu último semestre na faculdade, me formei e me alistei no Exército.

— Isso é o que você fez nos últimos oito anos?

— Sim, — ele responde, inclinando-se para a frente e descansando os cotovelos na bancada. — Eu estava em Operações Especiais. Eu passei meu tempo na unidade de Comando de Operações Psicológicas.

— Isso soa muito mais emocionante do que ser um professor, — eu gracejo, e ele sorri, concordando. — Por que você voltou?

Seus olhos se afastam dos meus, e ele leva um segundo antes de decidir ignorar a minha pergunta completamente. — Você está com fome?

Eu balancei minha cabeça e recuei, percebendo que atingi fissuras. Eu fico de pé e ele estende sua mão, pegando a minha.

— Isso não é algo que eu...

— Você não tem que explicar, — eu digo a ele, me sentindo mal por me aprofundar muito.

Ele puxa minha mão, incitando-me a chegar mais perto, e quando faço, ele espalma minha bochecha. Com os dedos escorregando no meu cabelo, ele passa o polegar pela minha cicatriz.

Eu solto uma respiração lenta e viro minha cabeça para longe de seu toque. — O que houve?

— Nada. — Eu suspiro antes de me afastar e entrar na sala de estar.

Ele segue e se junta a mim no sofá, e quando o braço dele cobre meus ombros, eu lhe digo: — Ela mal consegue olhar para mim por causa disso.

— Sua mãe?

Eu concordo. — Ela costumava me vestir como uma boneca e me exibir. Eu sabia que minha aparência a deixava orgulhosa, e estava feliz por ser seu enfeite. É superficial, eu sei, mas ela me amava profundamente. Não era culpa dela precisar se encaixar em uma certa posição social que a nossa família estava abaixo. Eu achei que devia se originar de sua infância. Mas não é como se eu não fosse feliz - eu era. Eu quero dizer, que garota não gosta que lhe digam que é bonita? — Eu paro, pausando por um momento antes de continuar. — Mas agora, não só o seu enfeite está danificado, mas também serve como um lembrete do que foi tirado dela.

— Ele também foi tirado de você.

— Não aos olhos dela, porque a dor dela é a única com a qual ela se importa.

Ele levanta meu queixo para ele, afirmando: — Sua dor é importante para mim.

— Ninguém entende. — Minha voz treme. — Nem meus amigos mais próximo.

— Como eles poderiam? Eles mal viveram ainda.

— Eu não costumava ser assim.

— Assim como?

Eu olho para ele e nós estamos tão perto que nossos narizes se tocam. Eu duvido de mim mesma quando olho para o seu rosto perfeito. Sua única falha é ser perfeito quando estou tão danificada. Está escrito na minha bochecha, está escrito na minha barriga, está escrito em toda a minha alma desfiada. Ele não pode querer isso – eu – toda essa bagagem de um mundo desmoronando aos meus pés.

— Seja o que for que você está pensando... Pare. Pare de alimentar razões em não ser boa o suficiente.

— Eu não estou.

— Seus olhos falam, você sabia? Eles fazem de você uma péssima mentirosa. — Ele sorri, enrugando os cantos dos olhos antes de deixar cair seus lábios nos meus.

Ele me abraça, seu beijo firme é exatamente o que eu preciso. Sua pele contra a minha. Um toque gentil não destinado à autogratificação, mas a acalmar e consolar. Meu corpo se molda ao dele, e ele me acolhe completamente em seus braços, me embalando contra ele. Cada toque é melhor do que o anterior, dando-me o carinho que tenho desejado.

Quando nossos lábios finalmente se separam, seus olhos pegam os meus, misturando azul com verde, e mil filamentos de eletricidade explodem dentro do meu peito.

Eu estou exatamente onde deveria estar.

Tanto assim, que quando chega a hora de ele me levar de volta para o meu carro, meu intestino se contorce de medo. Quanto mais nos aproximamos da minha realidade, mais quero me esticar e puxar o volante para me levar de volta ao nosso paraíso secreto. O lugar onde eu não tenho que envolver meus braços em torno de mim apenas para fingir que é o toque de outra pessoa, alguém que se importa o suficiente para querer me confortar. Porque é isso que o toque dele faz. Acalma. Mesmo que apenas por um momento, é o suficiente.

Sua mão segura a minha enquanto ele dirige, e antes de virar a esquina que leva à entrada do meu bairro, ele a leva aos lábios e beija meus dedos enquanto assisto.

E então o carro para, e sei que seria estúpido prolongar esse momento - ambos sabemos disso.

— Eu vou te ver amanhã, — ele diz, e eu me preocupo como o amanhã vai parecer quando ele não for mais David, mas sim, o Sr. Andrews.

Eu aceno, hesitante e carente, embora tente não demonstrar.

— Envie-me uma mensagem mais tarde e deixe-me saber que você está bem.

— Eu vou.

Trocando o carro dele pelo meu, vejo-o ir embora antes de voltar para casa.

Quando entro em casa, encontro minha mãe na sala de jantar, revirando o estoque de bebidas. Por um segundo, meu coração para com medo dela saber que não voltei para casa ontem à noite.

Mas o medo se transforma no famoso aborrecimento quando ela me olha. — Eu preciso que você vá até o mercado. Nós estamos sem nada.

— Faz pouco tempo que fui ao mercado.

Ela encontra sua garrafa, fecha o armário e se vira para mim com uma mão no quadril. — Bem, vá de novo. Jesus, você age como se eu estivesse pedindo para você ir à lua.

Ela entra na cozinha e eu sigo atrás dela. — Nós precisamos ir buscar o seu carro primeiro.

— Do que você está falando?

— Você não se lembra?

Ela abaixa a garrafa com um tilintar alto, gritando: — Por que você fala através de enigmas? Como se eu tivesse todo o tempo do mundo para descobrir o que diabos você está tentando apontar.

— Eu conheci William quando ele te trouxe para casa ontem. Você estava bêbada e desmaiada.

Ela se endireita, se equilibrando com um olhar malicioso no rosto.

— Eu espero que você se lembre de onde ele mora, porque seu carro está na casa dele.

— Quão agradável da sua parte se envolver em meus assuntos privados, mas eu posso cuidar de mim mesma.

Farta de sua porcaria, eu reviro os olhos e abro a geladeira para pegar um lanche rápido. Pegando algumas frutas, eu fecho a porta enquanto minha mãe brinca com o celular. Enquanto faço meu caminho para o andar de cima, posso ouvi-la sussurrando: — William, oi.

E acabei de perder meu apetite.

Eu coloco as frutas na minha cômoda, me deito na cama e ligo a televisão. Esta é a minha vida, apodrecendo com a péssima programação de domingo na TV. Eu passo os canais antes de parar em algum reality show insano. Na metade do programa, desisto e decido que uma releitura de Jogos Vorazes seria uma alternativa melhor.

A campainha toca quando os tributos estão sendo escolhidos e eu cuidadosamente abro a porta para espiar lá embaixo. William está de volta e eu sinto o cheiro do perfume da minha mãe. Antes de me sujeitar a ver algo, que nem mesmo ácido queimaria da minha memória, volto para o meu quarto. Quando ouço a porta da frente fechar, sei que ela não voltará tão cedo.

Eu volto para meu livro, mas enquanto encaro as palavras, me vejo incapaz de ler. Minha mente vagueia para a noite passada, sentindo o corpo de David pressionado contra o meu, seu cheiro, seu gosto, acordando em sua cama. Eu fecho meus olhos e revivo aquele momento uma e outra vez porque foi além de incrível. Arrepios beijam minha pele, e quando abro meus olhos, me pego sorrindo, e isso é tão bom. Eu não quero pensar sobre como isso vai funcionar ou me preocupar quando serei capaz de estar com ele novamente como na noite passada. Eu não quero que a realidade de amanhã estrague a memória da noite passada.

Quando o sol dá lugar à lua, eu pego meu telefone e mando uma mensagem para ele.

**Eu:** *Ei...*

**David:** *Ei você. Eu estava preocupado. Como está tudo na sua casa?*

**Eu:** *Melhor agora que minha mãe saiu.*

**David:** *E quando ela estava aí?*

**Eu:** *Prefiro não falar sobre isso.*

Eu chuto meus sapatos e rolo de costas enquanto espero que ele me mande uma mensagem. Minha tela escurece e, alguns segundos depois, volta à vida.

**David:** *Eu posso sentir seu cheiro nos meus lençóis.*

E isso é tudo o que é preciso para desencadear uma reação química dentro de mim. Ele é uma força inegável para a qual não estou pronta a dar boa noite, então não dou. Em vez de mandar uma mensagem de volta, eu ligo.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta quando atende.

— Deitada na cama. Você?

— O mesmo. — Ele solta um suspiro profundo, e eu escorrego debaixo do meu cobertor antes que ele acrescente: — Eu sinto sua falta.

Na escuridão, sorrio novamente. — Eu também sinto sua falta.

E é aí que minha vida se bifurca.

# Capítulo Quinze

Acordo esta manhã com uma avidez fora do normal para mim. Eu estava tão acostumada a sair da cama e ter que me convencer a não matar aula. Hoje, entretanto, é diferente. Quando atravesso as portas do Edmond Ridge High, fico ansiosa apenas por estar no mesmo prédio que ele.

Há algo emocionante sobre esse segredo que guardo agora.

Eu propositadamente saio do meu caminho para passar pela sua sala de aula após o primeiro período. Eu passo por sua porta e pego um vislumbre dele sentado em sua mesa. Ele usa o habitual traje casual que a maioria dos outros treinadores também usa: calças esportivas e uma camiseta polo do Edmond Ridge. Eu mal consigo cinco segundos de satisfação antes de Kroy aparecer atrás de mim.

— Você se perdeu?

— O quê?

— Por que você está deste lado do prédio? Seu primeiro horário não é com a Sra. Beasly?

— Oh, eu só... Eu tive que entregar uma tarefa por ter faltado na semana passada, — eu digo a ele.

Nós caminhamos juntos para a nossa próxima aula, e de repente a emoção diminui. Eu me sinto uma fraude total das mentiras que estão se acumulando entre nós.

— Então, como foi seu fim de semana?

— Bom. Eu não fiz muito. E o seu?

— Saí com Kyle e... — Ele para antes de dizer o seu nome, mas se ele estava com Kyle, então eu sei que estava com Linze também.

— Você pode dizer o nome dela, — eu digo a ele. — Eu sei que Kyle é um de seus amigos. Não é como se eu esperasse que você não saísse com ele por causa do que está acontecendo entre eu e Linz.

— Eu não concordo com ela, só para que você saiba.

— Eu sei, — eu respondo enquanto caminhamos para a aula e tomamos nossos lugares.

A hora se dissipa gradualmente enquanto foco na palestra e tomo notas, quando mais cinquenta minutos passam até que eu esteja caminhando para a Literatura Inglesa. Nem percebo meu nervosismo até que David olha para mim quando entro na sala. O ar ondula em meus pulmões com a incerteza de como deveria agir, e sou tomada por um medo perturbador de que todos podem ver através de nós. Então, eu baixo minha cabeça quando ele cumprimenta, — Senhorita Hale, — com indiferença enquanto eu passo.

Repentinamente paranoica, me acomodo na minha mesa e pego meus cadernos. Quando tenho coragem de olhar na direção dele, ele já está conversando com outro aluno. Eu não deveria olhar, mas olho, e no momento em que sinto os arrepios rastejando pela minha pele, tenho que desviar o olhar.

*Oh meu Deus, isso é mais do que estranho.*

O sinal toca, e Linze passa pela porta, anunciando em voz alta, — Desculpe o atraso, Sr. Andrews.

Ela nem sequer olha para mim antes de tomar seu novo assento na frente da sala de aula. É uma sensação esquisita ser uma estranha para minha melhor amiga, mas uma coisa que a vida me ensinou, é que ela é imprevisível e está sempre mudando.

Ele nos faz retirar nossos livros, e acompanhamos enquanto ele lê e discute Shakespeare. Sou capaz de digerir só metade do que ele diz, porque estou muito concentrada em meus pensamentos, reproduzindo nossa conversa telefônica que durou até as primeiras horas desta manhã. Não houve tempo suficiente entre aquelas palavras e as que ele fala agora para traçar a linha entre o que quer que eu seja para ele fora da escola e a aluna que sou agora. Estou presa no meio do nevoeiro.

Toda vez que nossos olhos se encontram, me afasto mais da garota que eu deveria ser e me aproximo da garota que fui neste fim de semana. Ele é tão confiante na frente da turma, e me pergunto se ele está tão afetado por isso quanto eu.

Antes que eu perceba, o sinal toca, e não tenho ideia do que foi discutido. A sala se enche de conversa e quando ele volta para sua mesa, eu enfio meus livros na mochila, imaginando se ele vai me pedir para ficar para trás.

Mas não me questiono por muito tempo quando a Sra. Fritz, outra professora de inglês, bate na porta já aberta. — Sr. Andrews, você tem tempo para conversar?

Ela caminha até a mesa dele, e eu pego minha mochila para seguir minha rotina normal de me esconder na biblioteca, em vez de ir almoçar.

Quando saio da sala, dou uma rápida olhada por cima do meu ombro e vejo David olhando para mim antes de voltar sua atenção para a Sra. Fritz.

;

O treino de natação vem e vai, e estou secando meu cabelo quando Taylor se aproxima de mim. Ela se inclina para a frente, olhando-se no espelho, e passa um tom hediondo de vermelho em seus lábios.

Eu desligo o secador e começo a puxar meu cabelo em um nó no topo da minha cabeça, e quando ela abre a boca depois de passar o batom, ela fecha a bolsa de maquiagem e conversa com o espelho, dizendo: — É uma vergonha nosso Treinador encerrar nossa natação matinal.

Eu zombo, balançando a cabeça enquanto coloco algumas mechas soltas do meu cabelo atrás das orelhas.

— Oh vamos lá. Não finja que você não babou em cima do corpo dele.

— O cara está na casa dos trinta, — eu respondo fingindo desgosto.

— E daí?

— E daí que ele é velho.

— Como se isso fosse uma coisa ruim? — Ela se vira para mim e inclina seu quadril contra a pia enquanto eu guardo meu secador de cabelo e escova na minha bolsa.

— Sabe, é uma pena que você não pode encobrir essa coisa com alguma maquiagem.

— Qual é o seu problema, Taylor?

— Eu estou apenas tentando ajudar, — ela diz, levantando as mãos em defesa. — As pessoas falam, sabe?

— Sim, eu sei, — eu atiro, pegando minha bolsa antes de dar o fora e ir direto para o meu carro. Eu coloco meu cinto de segurança e, em seguida, fecho os olhos e deito a cabeça para trás, me perguntando por que a sociedade força os adolescentes à tortura do ensino médio. Eu juro que é um disfarce para algum experimento social distorcido, como assistir ao Big Brother de ratos em um labirinto, imaginando como nos adaptaremos aos valentões e cadelas.

Estou tão cansada de lidar com a mesquinhez. Meu celular vibra no assento ao meu lado.

**David:** *Vi você sair. O que está acontecendo?*

**Eu:** *Oh, você sabe, apenas mais um dia cheio de saudável merda infantil.*

**David:** *Se importa de esquecer o sarcasmo e me contar o que aconteceu?*

**Eu:** *Na verdade não.*

**David:** *O que você vai fazer pelo resto da tarde?*

**Eu:** *Desperdiçar minha juventude.*

**David:** *Importa-se de desperdiçar comigo?*

**Eu:** *Ok.*

**David:** *Chegue em dez minutos. Eu vou deixar a garagem aberta. Feche-a assim que você entrar, para que ninguém veja o seu carro.*

*Como um segredo sujo.*

**Eu:** *Vejo você daqui a pouco.*

Em seguida ele me envia seu endereço para que eu saiba como chegar a sua casa, e depois de dirigir em círculos para passar o tempo, após vinte minutos, estou entrando em sua casa.

No momento em que David me vê, ele avança rapidamente na minha direção, dizendo: — Venha aqui, — antes de pegar meu rosto e me beijar com um suspiro. É urgente e tenso, e eu sou forçada a segurar seus pulsos para me estabilizar em meus pés.

— Você não tem ideia de como foi difícil para mim manter distância de você hoje, — ele diz com as mãos ainda me segurando.

— É assim que vai ser? Nós evitando um ao outro até que possamos nos encontrar furtivamente?

— Não é como eu quero, mas é como tem que ser.

Com um suspiro profundo, eu deixo cair a cabeça no peito dele, e sua mão envolve a parte de trás do meu pescoço.

— O que houve?

— Por que a única coisa boa na minha vida tem que ser complicada?

— Diga-me o que aconteceu na piscina. Por que você saiu correndo tão rápido? — Ele pergunta, não querendo se concentrar na dificuldade da nossa situação.

— Taylor tem tesão por você.

Seu peito vibra contra o meu rosto com uma risada silenciosa. — Isso foi o que te deixou chateada? Uma paixãozinha de adolescente?

— Não.

Ele levanta minha cabeça. — Então, o que é?

— Ela é apenas uma cadela e aproveita todas as oportunidades para me lembrar disso.

— Ela está estressada, — ele diz, e semicerro meus olhos em sua tentativa de desculpá-la. — Os pais dela estão se divorciando e tem sido difícil para ela.

— Você está brincando, certo? Aquela garota não é uma cadela porque seus pais estão se separando, ela é uma cadela porque está inserido em seu DNA. E por que ela está falando com você sobre isso?

— Porque eu sou seu treinador. — Ele me envia um sorriso malicioso antes de acrescentar, — E aparentemente, porque ela tem um... como você chama? Um tesão por mim?

Eu rio e, brincando, empurro-o para longe. — Eu nunca deveria ter acariciado seu ego lhe dizendo isso.

— Eu não precisava que você me dissesse. Sutileza não é o forte dela.

— Eu deveria estar preocupada com você oferecendo seu ombro para ela chorar?

— Sem chance, — ele me diz. — E ela não está chorando no meu ombro.

— Ela é nojenta.

— Nós podemos não falar sobre ela? — Ele diz, rindo um pouco, — Porque você está aqui, e o único tesão que deveríamos estar falando é aquele com o qual tenho lutado o dia todo.

Eu caio na gargalhada com o seu humor bruto, e parece tão bom. Eu senti falta de rir. Eu senti falta de muitas coisas que acho que ele é capaz de me dar.

Ele me pega, e eu coloco meus braços em volta do seu pescoço enquanto ele me leva para o sofá antes de me deitar de costas. Eu tomo meu tempo correndo minhas mãos pelos braços sólidos de músculos malhados enquanto me perco em seus beijos profundos. Ele se move com confiança, e quando apoia mais de seu peso em mim, eu aperto seus ombros e aproveito a pressão.

Mergulhando a língua na minha boca, ele a desliza ao longo da minha, e eu juro que ele é a melhor coisa que já provei. Sem quebrar a nossa conexão, ele desliza a mão até a barra da minha camisa, e no momento em que ele a puxa para cima, meu coração congela. Rapidamente, minha mão trava em torno de seu pulso e eu a afasto.

Minha reação o abala e ele levanta a cabeça. — O que há de errado?

— Nada, eu só...

O toque do seu celular me poupa de tentar inventar uma mentira. Eu não quero que ele saiba que sou a aberração automutiladora que sou.

Ele se estende por cima da minha cabeça para onde seu telefone está sobre a mesa e olha para a tela. — Eu tenho que atender isso.

Quando ele sai do sofá e se dirige ao seu quarto para atender a ligação, eu suspiro aliviada e me sento. Eu não saberia como explicar todas as cicatrizes se ele as visse. Mas como diabos vou escondê-las quando estão por toda minha barriga? Não é como se pudesse me cortar em qualquer outro lugar quando visto todos os dias um maiô.

Eu perambulo pela sua casa enquanto me preocupo com o que fiz comigo mesma. Mas quando entro em seu escritório e vejo uma parede coberta de placas e certificados do Exército dos Estados Unidos, minha atenção muda de direção. Eu ando até o seu Certificado de Dispensa Honrosa, onde suas placas de identificação estão penduradas no canto. Eu estendo a mão e as toco, passando o dedo sobre a marca em relevo enquanto leio seu nome, seguro social, tipo de sangue e sua religião assinalada como católica.

— Aqui está você, — ele diz atrás de mim, me assustando. — O que você está fazendo?

Eu olho em volta da sala que está cheia de memórias de seu tempo nas forças armadas, tempo sobre o qual não sei nada.

— O que exatamente você fazia quando estava no exército?

— Eu coletava informações e negociava com os líderes de tribos para encontrar terroristas.

Ele me oferece sua mão, e quando eu a pego, ele me puxa para sentar em seu colo na cadeira de couro.

— Então você ficou muito tempo no exterior?

— Quase quatro anos em três turnês diferentes.

— Isso é muito tempo longe.

— Não havia muito aqui para mim na época, — ele diz.

Eu quero saber o que ele quer dizer com isso, mas também não quero insistir, lembrando-me da rapidez com que ele encerrou a última conversa que nós tivemos sobre seu passado. Então eu prefiro o lado da cautela quando pergunto: — Como foi lá?

— Diferente de tudo que já experimentei. Passei muito tempo com crianças.

— Crianças?

— Eu ia para as aldeias com bolas de futebol e outros brinquedos. Nós chutávamos a bola de um lado para o outro, e eu os fazia sentir como se fôssemos amigos, alguém que poderia ser confiável para que eu pudesse conseguir informações sobre suas famílias, a fim de encontrar nossos alvos. Eu basicamente as subornava para que pudesse manipulá-las. — Ele pega minha mão e enfia os dedos nos meus. — Eu sabia que estava colocando-as em perigo. Se alguma vez suas famílias descobrissem as informações que aquelas crianças estavam me passando...

— Alguma delas se machucou?

— Nunca fiquei tempo suficiente para saber, mas eu não duvido que alguns acabaram mortos por minha causa. — Sua mão aperta mais forte ao redor da minha, mas eu ainda sinto o tremor que ele está tentando mascarar.

— E você? Você já se machucou?

— Eu estive na guerra por quase quatro anos. Você não sai ileso disso.

Eu olho em seus olhos, desejando saber tudo que eles viram. Ele viveu anos além de mim, viu mais, experimentou mais, amou mais e se machucou mais. Eu me sinto juvenil com minhas queixas anteriores sobre pequenas divergências do ensino médio.

— Você me disse na outra noite que desde que seu pai morreu, você se esforçou para encontrar o terreno em comum que uma vez teve com seus amigos.

— Eu aceno, lembrando daquela conversa. — Eu sei como é isso. Quando eu voltei, percebi o quão drasticamente os eventos que passei me transformaram. E agora aqui estou, em casa, e não há um único lugar familiar em que eu me encaixe.

Sem permitir que um único segundo passe, meus lábios estão de volta aos dele.

Seus dedos pressionam minha pele macia e, de algum jeito mórbido, sua dor me conforta. Talvez seja o fato de ele conseguir o que mais ninguém faz. Ele entende o que eu sinto porque ele também sente isso. Uma dor compartilhada que nos abala o núcleo, deixando-me saber que não estou sozinha. Ele me disse isso repetidas vezes, mas descobrindo através dele, eu agora acredito que é verdade, em vez de um cara tentando simplesmente me acalmar.

Eu o beijo ainda mais enquanto nos abraçamos, lambendo as feridas que não entendemos completamente no outro, mas compreendendo o suficiente para saber que precisamos cuidar delas. E em um mundo em que ambos estamos lutando para nos encaixar, e se esse é o lugar onde devemos estar?

Bem aqui.

Bem neste exato momento.

Porque este é o lugar onde nossas peças quebradas se encaixam, conectando-se perfeitamente sem lacunas.

# Capítulo Dezesseis

Esta manhã, pela primeira vez desde seu funeral, eu visitei o túmulo do meu pai. É difícil acreditar que ele se foi há cinco meses.

Cinco meses.

Nem faz tanto tempo, e ainda nada - *absolutamente nada* – é o mesmo que era quando ele estava vivo.

Sento-me de joelhos em frente à lápide, seu nome gravado no mármore de um lado enquanto o outro aguarda a morte da minha mãe. Uma parte minha se pergunta se ele iria querer que ela se deitasse ao seu lado, sabendo que ela já está na cama com outro homem.

E se ela encontrar um novo alguém?

A outra metade da lapide permanecerá vazia - para sempre incompleta?

— Ela não merecia você, — eu sussurro na brisa.

Eu puxo meu casaco de lã firmemente ao meu redor, segurando as lapelas com uma mão enquanto estendo a outra e coloco sobre a pedra e finjo que é ele que estou tocando. — Eu sinto tanto a sua falta, pai. Não é justo. Nada disso é.

Outra rajada de ar passa, deixando folhas mortas em seu rastro.

Estou sobrecarregada por quilos de conflito, raiva e tristeza, e me surpreendo quando as palavras — Por favor, não fique desapontado, — caem dos meus lábios sem pensar. — Ele é o único que me entende agora.

Eu rezo para que suas palavras falem comigo através do vento, que me digam que está tudo bem, que me assegurem que o que estou fazendo com David não é tão ruim quanto a sociedade acha que seja. Eu rezo para que ele me diga que tudo vai ficar bem. Nenhuma confirmação chega no entanto, e eu sei que terei que passar por isso confiando somente na fé.

Com toda a incerteza que me rodeia, a única coisa que sei é que meu pai não aprovaria. A ironia é que se meu pai não tivesse morrido naquele dia, eu nunca teria encontrado David ou precisado dele em minha vida.

Tudo mudou no momento em que ele morreu. Eu não queria acreditar, uma parte de mim ainda não acredita. Algumas noites eu sonho que tudo foi um

engano e que ele está realmente vivo. De alguma forma, em alguma circunstância inexplicável, ele sobreviveu.

Mas então eu acordo e me lembro que na vida milagres não acontecem como as fábulas querem que você acredite. O mundo é muito implacável, e eu não posso continuar tomando decisões baseadas nos desejos hipotéticos de alguém que não tem mais peso neste mundo.

Nada é o mesmo, então quem irá dizer se minhas escolhas estão certas ou erradas. Porque no fim, sou apenas eu. Eu sou responsável por mim mesma, não mais uma dependente de alguém que me nutre com um amor incondicional. Eu fui deixada sozinha nessa vida, para tomar decisões por conta própria, e encontrar um novo caminho agora que o meu antigo não me guia mais.

Eu fico um pouco mais, refletindo sobre memórias passadas que incham minhas emoções antes que o frio no ar se torne demais.

Eu chego em casa sem nada para fazer enquanto espero as horas passarem. David está voltando esta noite. Ele esteve na Flórida nos últimos cinco dias. Um velho amigo do Exército se casou e, como um bando de amigos de combate também estaria lá, decidiram fazer desta viagem um fim de semana prolongado.

Não tê-lo por perto para me distrair despertou uma ansiedade dentro de mim que não me fez bem. Embora tenhamos mandado mensagens de texto incessantemente e falado ao telefone sempre que possível, não é o mesmo que tê-lo aqui. Eu não digo nada sobre isso, porque a última coisa que quero é que ele me veja como uma criança carente - mas a verdade é que, quando se trata dele, eu sou carente.

;

**David:** *já cheguei em casa.*

**Eu:** *A caminho.*

Eu pego minhas chaves e o controle da porta da garagem da sua casa, que ele me deu na semana passada antes de sair da cidade, e então vou para o meu carro. A angústia aumenta e minha expectativa cresce à medida que me aproximo. Eu entro na rua dele e, quando estou fora da vista na sua garagem, corro para dentro.

— David? — Eu grito quando não o vejo.

— No meu quarto.

O ar é preenchido pelo aroma de seu banho e, quando entro em seu quarto, perco a respiração. Ele está desfazendo as malas, vestindo apenas uma calça, e seu peito, mais bronzeado do que quando partiu, está nu com gotas de água pingando de seu cabelo ainda molhado. Não é a primeira vez que o vejo sem sua camisa, mas vê-lo assim, na privacidade de seu quarto, faz algo inexplicável comigo.

Ele tira a mala da cama e a deixa cair no chão antes de me agarrar em seus braços. A umidade de sua pele penetra no tecido fino da minha camisa, e quando ele me gira para me deitar na cama, solto um pequeno grito.

— Diga-me que você sentiu minha falta, — ele diz enquanto paira acima de mim.

— Eu senti sua falta.

Ele sorri e é perfeito, e no momento em que o retribuo, ele o toma. Seus beijos são profundos, roubando a respiração em meus pulmões. Eu deslizo minhas mãos em torno dos músculos em seus ombros e me apoio enquanto levanto minha cabeça levemente, precisando de meu próprio senso de controle para beijá-lo de volta.

Seu corpo desliza asperamente contra o meu, e quando somos forçados a parar em busca de ar, nossos lábios se afastam. Eu corro meus dedos pelo seu cabelo cheio e pego suavemente um punhado em minhas mãos enquanto ele olha para mim.

— Como foi a sua viagem? — Eu pergunto depois de um longo momento de tranquilidade.

— Boa. Eu passei a maior parte do meu tempo na praia.

— Deve ser legal. Eu nunca fui.

— Onde? Para a praia?

Eu sacudo minha cabeça. — Nunca.

— Então, onde você passava as férias? — Ele se afasta de mim e se levanta.

— Minha família é mais das montanhas. Nós fomos para a Disney World uma vez, mas nunca fomos ao litoral.

Ele pega sua bagagem para terminar de desembalar. — Eu realmente morei em Key West por vários meses enquanto estava em treinamento de combate. Eu fui enviado para o deserto logo depois. Eu amo areia, mas gosto de água também.

Eu me levanto e me ofereço para ajudá-lo. O sorriso em seu rosto é um pouco melancólico, mas então seus olhos se voltam para mim e, quando eles se abaixam, seus lábios perdem toda a sua alegria. — Você está sangrando.

— O quê? — Eu olho para baixo para ver que um pouco de sangue vazou por minha camiseta e instantaneamente paraliso. Ele deve ter aberto uma ferida enquanto estava em cima de mim. Cobrindo-a rapidamente com a mão, murmuro: — Devo ter esbarrado em algo ou...

Minhas palavras flutuam, sem saber o que dizer quando ele me olha com desconfiança. Ele estende a mão para o meu pulso e dou um passo para longe dele, apavorada que ele esteja prestes a descobrir o meu segredo.

— O que está acontecendo?

— Nada. Apenas deixe isso pra lá.

— Deixe o que pra lá? — Ele questiona em um tom sério.

Dando outro passo para longe dele, eu seguro a bainha da minha camiseta com a outra mão enquanto meu coração dispara com medo. Todo o meu rosto aquece e eu recuo quando ele anda na minha direção.

— Levante sua camiseta.

— David, não, — eu aviso, minha voz trêmula quando falo.

— Eu quero saber por que você está pirando agora.

Ele estende a mão novamente, e eu a golpeio afastando-a. — Não me toque, — mas sua próxima ação chega muito rápido. Agarrando o tecido, ele puxa para cima, arrancando-o da minha mão.

— Jesus, — ele murmura, e eu luto contra ele, empurrando minha camiseta de volta para baixo.

Meu coração afunda na boca do meu estômago quando vejo a confusão e horror em seu rosto. Lágrimas saem dos meus olhos e empunho minhas mãos, batendo-as contra seu peito, gritando: — Você é um idiota!

Eu empurro contra ele e corro em direção à garagem, mas ele é mais rápido, agarrando-me pelo braço e puxando de volta.

— Solte-me!

— Acalme-se, — ele exige, mas não me acalmo. Tudo o que eu quero fazer é dar o fora daqui.

— Solte! — Eu luto contra o seu aperto, mas ele se recusa a ceder.

— Você não está indo. Não até você me dizer sobre o que são todos esses cortes.

Eu quero morrer. Apertando meus olhos, eu faço uma última tentativa e balanço meu corpo para me libertar de suas mãos, mas ele não cede. Ele prende seus braços ao meu redor, puxando minhas costas contra o seu peito.

Com mais alguns esforços fracos, eu sufoco um gemido alto: — Não me obrigue a fazer isso, — enquanto fico paralisada.

Ele nos desce até o chão quando meus joelhos cedem, e envolve seu corpo sobre o meu enquanto choro, lágrimas caindo pelas minhas bochechas. — Por favor, deixe-me ir.

— Eu não vou deixar você ir, Cam. Você não vai fugir também. Eu preciso que você fale comigo. — Ele me puxa ainda mais para perto dele, seu queixo se encaixa no meu ombro antes de respirar no meu ouvido, — Deus, baby, não chore assim.

Mas como não chorar? No segundo que eu lhe disser a verdade, ele vai perceber a aberração que sou e não querer mais nada comigo.

— Eu sinto muito.

— Pelo que você poderia possivelmente sentir muito? — Ele responde.

Eu fecho minhas mãos em torno de seus antebraços, que estão envoltos em meu peito, e respiro profundamente para me acalmar. Quando consigo me acalmar, ele pergunta: — Você fez isso com você mesma?

Encolhendo-me na humilhação, eu não consigo falar enquanto pateticamente confirmo com a cabeça.

Ele suspira e eu posso ouvir a decepção nisso.

— Por quê?

Eu encolho meus ombros.

— Não faça isso. Não se esconda de mim porque você está com medo.

Ele afrouxa seus braços, liberando a tensão em seus músculos enquanto tenta me virar para encará-lo. Mas eu não posso. Eu estou muito envergonhada para olhar nos olhos dele.

— Não há nada que você não possa me dizer. Você sabe disso, certo? Se você tem medo do julgamento, não tenha. Esse não é quem eu sou.

— Como você não pode me julgar?

Ele pega meu queixo e levanta minha cabeça. E quando finalmente tenho coragem de olhar, ele diz com inegável certeza: — Porque eu me preocupo com você. Mais do que eu provavelmente deveria.

Com suas palavras, mais algumas lágrimas caem desamparadas pelas minhas bochechas. Ele me segura em seus braços, e quando descanso minha cabeça sobre seu coração, ele insiste: — Diga-me por quê?

Meu rosto está quente contra a sua pele, mas eu me enrolo nele independentemente. E depois de respirar fundo, eu revelo: — Porque é bom.

— Você tem que me ajudar a entender, querida.

— Porque... — Eu empurro minha cabeça com mais força contra seu peito, completamente mortificada. — Porque quando me corto, é o único momento que posso escapar de toda a minha tristeza. É mais fácil lidar com a dor física.

— Você sempre fez isso?

— Não.

— E esse sangue... isso aconteceu hoje?

As emoções ressurgem quando penso no quão solitária me senti mais cedo. — Eu sinto muito.

— O que aconteceu? Quando falamos ao telefone você parecia bem.

— Eu estava sentindo falta do meu pai, — eu digo a ele. — Eu fui ao seu túmulo porque queria estar perto dele novamente. — Eu engasgo, e meu corpo treme enquanto eu choro. — Não é justo. Eu nunca tive a chance de dizer adeus. Um minuto estávamos dirigindo e no dia seguinte eu estava acordando no hospital.

— Você está certa; Não é justo, — ele diz suavemente, passando os dedos pelo meu cabelo. — Eu odeio que isso tenha acontecido com você e que você esteja com toda essa dor. Mas você não pode se machucar assim.

— O que isso importa?

Ele se afasta e olha para mim decepcionado. — Você não acha que o que está fazendo importa? — Engolindo sua frustração, sua mandíbula flexiona antes de continuar, — Importa para mim, Cam.

— Por quê?

— Porque você é importante para mim. Porque de alguma forma, desde aquela noite no hospital, não consegui tirar você da cabeça.

— Então você só sente pena de mim?

— Não. Não é nada disso. Há algo muito mais profundo dentro de você que está me puxando há meses.

— Mas eu estou tão ferrada.

— Todos nós estamos ferrados, Cam. E sim, a vida puxou o tapete debaixo de você muito cedo. Eventualmente, você vai ter que se levantar novamente, e você tem que parar de fazer isso, — ele diz, pressionando a mão sobre a minha barriga. — Se você sentir vontade de se cortar, me ligue.

Eu aceno com a cabeça, sabendo muito bem que não é tão simples. Porque o fato é que, tão doentio quanto pareça, eu não quero parar.

# Capítulo Dezessete

— Você gostaria que eu fosse a única a fazer isso.

Ele sorri em diversão desonesta. — Não seja tímida, querida.

— Tímida não é a palavra certa aqui. Mais como enojada.

David fica a poucos metros de mim e toma um gole de sua garrafa de cerveja, me observando em puro entretenimento enquanto franzo meu rosto. Com as mangas empurradas até os cotovelos, seguro a perna fria e úmida do peru e a levanto antes de preparar minhas mãos.

Quando eu hesito, ele brinca: — Eu estou com tanto ciúme desse pássaro agora.

Atiro-lhe um olhar de desprezo por cima do meu ombro e, em seguida, volto-me, encolhendo-me quando enfio a mão na bunda do peru.

— Eeeeca...

David ri da minha teatralidade e, quando puxo o pescoço, quase vomito.

— Uuuuugh!

— Cara, — ele diz, chocado quando fios de meleca escorregam e caem na pia.

Deixo cair e rapidamente ligo a água para tirar a gosma das minhas mãos, estremecendo com a aberração que em breve será nosso jantar de Ação de Graças.

— Essas coisas realmente deveriam vir limpas. — David continua a rir.

Quando ele me perguntou no outro dia quais eram meus planos para o feriado, não pareceu surpreso quando eu disse que minha mãe não tinha mencionado ainda qualquer coisa sobre o Dia de Ação de Graças e provavelmente esqueceria completamente. Ele insistiu para que eu passasse o dia com ele, e concordei, embora me sentisse mal por ele não estar com a família dele.

Tem sido fácil para nós estarmos juntos fora da farsa que somos quando estamos na escola. Minha mãe não poderia se importar menos com o meu paradeiro, se é que ela percebe. Mas se o fizesse, não importaria, porque a

maioria dos finais de semana são repletos de competições de natação, que servem como uma cobertura perfeita.

Apesar de David ter cancelado nossos treinos matinais há quase dois meses, meus tempos melhoraram mais rápido do que eu previra. Eu não fico atrás de Taylor por um tempo agora, o que apenas estimulou sua aversão por mim.

— Como você aprendeu a fazer tudo isso? — David pergunta enquanto esfrego punhados de manteiga sob a pele da ave.

— Eu costumava assistir meu pai, — eu digo a ele. — Ele era o cozinheiro da nossa família e, quando estava na cozinha, eu sempre estava com ele.

— Ainda assim, esta é a primeira vez que você prepara um peru?

— Eu acho que meu pai era mais cavalheiro do que você.

— Mas você parece tão adorável quando você está enojada, — ele brinca, chegando por trás de mim e deslizando os braços em volta da minha cintura.

— Eu estou prestes a bater em você com o pescoço de peru que ainda está na pia. — Nós dois rimos, e quando eu pego a assadeira, ele abre o porta do forno para mim.

— Então, o que seus pais estão fazendo hoje? — Eu pergunto quando ele puxa o saco de batata doce da geladeira.

— Meu irmão está com eles em sua casa junto com todas as nossas tias, tios e primos.

— Eu não sabia que você tinha um irmão. Você tem outros irmãos? — De pé ao lado dele na pia, eu começo a descascar as batatas para ele cortar.

— Não. Apenas Josh.

— Mais velho ou mais novo?

— Mais velho.

— E toda a sua família está aqui? — Eu pergunto quando lhe entrego uma batata para cortar.

Ele concorda. — E você? Tem tias ou tios por aqui?

— Nenhum. Ambos os meus pais eram filhos único, o que é provavelmente o porquê de ambos estarem satisfeitos por terem apenas eu, — digo a ele, entregando-lhe outra batata. — Você e seu irmão são próximos?

— Costumávamos ser. Mas ele está casado e tem dois filhos, então tem suas próprias coisas acontecendo.

Quando a manhã muda para a tarde e toda a comida está pronta, nós olhamos um para o outro, nos dando conta que exageramos.

— O que diabos vamos fazer com toda essa comida?

— Essa é uma pergunta muito boa, — ele responde antes de encher seu prato. Sentados à mesa, comemos nosso trabalho até que não possamos ultrapassar nossa gula.

Eu olho seu prato, notando que ele comeu tudo menos o peru. — O que houve com você que não comeu isso?

Ele olha para mim com um brilho travesso.

— Por que você está me olhando assim? — Eu questiono.

— Não fique brava.

Meus olhos se estreitam enquanto espero o que vem a seguir. — Eu realmente não gosto de peru.

— Você está brincando comigo? — Me exaspero, jogando meu guardanapo nele. — Então por que diabos você comprou um e me fez enfiar a mão na bunda dele?

Ele ri: — Eu não sei. Porque é o Dia de Ação de Graças, e se você gosta de peru ou não, é o que você cozinha.

— Eu não posso acreditar em você.

— Todo o resto está incrível, — ele diz, incapaz de parar de se divertir com a situação, e eu balanço a cabeça antes de me juntar a ele em sua risada.

— Dê-me o seu prato, — digo-lhe em aborrecimento simulado antes de me retirar da mesa para voltar para a cozinha.

Este é meu primeiro feriado sem meu pai. Uma parte de mim nem queria reconhecer o dia, mas acompanhei David independentemente. Eu pensei que ficaria triste, mas aqui estou, sorrindo e rindo, quase esquecendo todas as razões pelas quais eu deveria estar chorando.

Nós continuamos a tagarelar e quando todos os pratos estão limpos e a comida está na geladeira, nos deitamos juntos no sofá, e logo adormeço em seus braços enquanto ele assiste futebol.

;

— Ei, — David sussurra enquanto passa a mão nas minhas costas, me acordando lentamente.

Eu olho pela janela para ver que está escuro lá fora. — Quanto tempo eu dormi?

— Cerca de três horas, — ele me diz enquanto nos sentamos. — Venha. — Ele se levanta, e eu pego sua mão antes de ir para o seu quarto.

Sempre que estou aqui, deixo algumas das minhas roupas para trás. Em vez de me soltar para que eu possa colocar calças de pijama, ele me para e me segura contra seu peito enquanto ficamos ao pé de sua cama. Ele me segura como uma mulher, de um jeito que Kroy nunca poderia. E com minha cabeça embalada sobre o seu coração, respiro fundo enquanto relaxo nas batidas suaves.

Seus braços se tornaram o meu lugar de consolo nestes últimos meses. Eu passei a conhecer bem a força deles, desejando muitas vezes que os tivesse sempre comigo. Mas eu me pergunto se sempre seria o suficiente.

Nós tiramos nossos sapatos e nos arrastamos para a cama. Deitados frente a frente com meu corpo envolvido pelo dele, eu corro minha mão sobre a barba em seu rosto.

— Obrigada.

— Por quê?

Eu beijo seu pescoço antes de dizer: — Por me fazer sorrir hoje.

Ele passa as mãos pelo meu cabelo enquanto olhamos nos olhos um do outro no quarto escuro. O tempo para neste momento de paz, e quando ele passa o polegar pelo meu lábio inferior, eu o beijo antes que ele diga: — Eu me apaixonei por você.

Meu coração triplica as batidas, impulsionando meu desejo de estar ainda mais perto dele, e quando eu o beijo, realmente o beijo. Eu puxo seu ombro e ele segue minha liderança, rolando em cima de mim. A pressão do seu peso sobre mim fornece uma sensação de segurança, de que nada poderia afligir o que temos porque está protegido por ele.

Nós continuamos nos beijando, mas há algo diferente na maneira como estamos nos movendo. Como se, de alguma forma, deslizamos do eixo, e não existe nada mais neste universo além de nós dois.

Minhas mãos correm sob sua camiseta e sobre o peito, arrastando ao longo de sua pele lisa, que está quente contra o meu toque. Ele não perde tempo, puxando-a e jogando-a no chão ao lado da cama. À medida que continuamos a nos mover desta nova maneira, minha camiseta logo se junta a dele. Ele planta beijos ao longo da minha clavícula, até o inchaço dos meus seios, onde beija acima do meu sutiã. Meu corpo lateja de excitação quando ele empurra uma das alças do meu ombro e pelo meu braço, puxando a renda até me expor a ele.

Meus olhos se fecham no momento em que ele cobre meu mamilo com a boca. Ele chupa e arqueio para ele, um movimento além do meu controle, porque parece bom demais estar tão perto dele.

Nós sempre mantivemos os limites implícitos intactos, pelos quais sou grata, pois tenho pouca experiência nessas coisas. Além de sessões ocasionais de amassos, o meu relacionamento com Kroy era muito pré-adolescente. Mas David não é um garoto de dezessete anos, então tem sido um alívio que ele tenha se movido devagar e cautelosamente comigo.

Mas agora, eu preciso mais dele, e ele me dá quando rola a língua, me endurecendo em sua boca. Eu aperto seu cabelo e o mantenho próximo, mas esse próximo não é perto o suficiente, e quando ele inclina a cabeça para olhar para mim, eu sussurro: — Não pare.

Alcançando atrás de mim, ele solta meu sutiã e o adiciona à pilha de roupas no chão. Eu não tenho ideia do que estou fazendo neste momento, mas não me importo. Há uma batalha de emoções internas, e quando suas mãos e boca estão em mim novamente, todas elas desaparecem ao fundo, deixando para trás apenas vontade e desejo.

Ele está sem pressa, e tomamos nosso tempo tirando tudo entre nós até ficarmos nus sob os lençóis. Eu vejo com perplexidade quando ele desliza um dedo em sua boca por um segundo antes de descê-lo.

Meu corpo sacode quando seus dedos escorregam entre as minhas pernas, e eu aperto minha mão em torno de seu pulso.

Seus olhos se movem para os meus. — Deixe-me tocar em você.

Minha respiração acelera quando ele desliza o dedo pelo meu centro. Suor arrepia meu pescoço em prazer aquecido enquanto meu corpo luta para responder a esse toque desconhecido.

Ele é duro onde sou macia, e de repente eu me torno muito consciente do que está acontecendo e de onde isso está levando. Eu finjo normalidade, mas não sei como normal se parece em uma situação como essa. Eu contemplo em pará-lo

e dizer-lhe que nunca fiz isso antes. Mas então temo assustá-lo, lembrá-lo do quanto a vida realmente nos separa. A última coisa que quero que ele faça agora é parar. Porque eu preciso dessa ternura, preciso desse carinho, preciso de tudo o que o seu toque está me dando neste momento.

Eu estou tão perdida em minha cabeça que quando olho em seus olhos, fico muito consciente dele quando empurra minhas coxas e abre minhas pernas. Tentando acalmar minha respiração desconcertante se torna difícil quando ele se empunha em sua mão e desliza a ponta ao longo da minha parte mais íntima. Meu pulso se enfurece, me sufocando em meus próprios medos.

*Eu não sei o que fazer.*

*Quão ruim isso vai doer?*

*Eu serei uma decepção?*

*Ele vai rir de mim?*

*Ele estará completamente alheio a minha absoluta incompetência?*

*Do que eu devo fazer? Como eu devo me mover? O que eu estou...*

O rasgo da embalagem do preservativo puxa cada bocado da minha atenção para ele, e o assisto quando uma espécie de pânico penetra aquilo que bate sob minhas costelas.

— Você está bem? — Ele murmura quando abaixa seu corpo para o meu. Tentando agir o mais calma possível, eu aceno, mas não consigo relaxar minhas pernas que estão tremendo contra seus quadris.

— Você não está bem; você está tremendo.

— Eu estou bem. — Eu só posso controlar essas duas palavras, então pressiono minhas mãos em suas costas, precisando que ele continue.

Mas ele não o faz, e meu coração afunda quando vejo seu rosto cair. — Diga-me que você fez isso antes. — Quando respondo com nada além de vergonha em meus olhos, ele se afasta de mim com um autodepreciativo “Porra”, murmurado sob sua respiração quando ele se vira para sentar na beira da cama.

Sentindo-me muito mais jovem do que sou, me sento e puxo os lençóis para cobrir meu corpo nu.

— Quando você me contou sobre o seu ex... Eu apenas assumi...

— Eu sinto muito.

— Então você não ia me dizer? — Ele fala, olhando por cima do ombro para mim. — Jesus, Cam.

— E...Eu não sabia co...

— Porra, — ele suspira pela segunda vez, deixando cair a cabeça entre as mãos depois de arrancar o preservativo.

Se eu não estivesse nua, já estaria no carro, dirigindo para casa, mas ao invés disso, estou queimando de vergonha enquanto observo sua reação.

— Cam, nós não deveríamos... quero dizer, eu não deveria ser o primeiro a...

Eu puxo meus joelhos para o meu peito, sentindo meu coração vazio pela sua rejeição. A drenagem da bondade que ele me deu ao longo dos últimos meses dói terrivelmente, e o calor das lágrimas ameaçam quando penso em perdê-lo.

Uma gota de insegurança vulnerável cai.

— Deus, querida, não chore, — ele diz, voltando para mim e envolvendo os braços em volta da minha forma encolhida.

Engulo em seco, recusando-me a deixar outra lágrima escapar.

Com minha cabeça pressionada contra o seu ombro, ele diz: — Eu não deveria ter te empurrado.

— Você não fez, — eu digo a ele antes de acrescentar: — Eu quero isso... com você.

Ele me segura mais firme. — Por quê?

A resposta vem imediatamente, mas hesito em revelar o que tenho sido tão relutante em admitir. Quando me calo por muito tempo, ele recua e me olha nos olhos. Eu sei que ele pode ver as palavras que estou escondendo, mas ele ainda insiste. — Diga-me o porquê.

Me apegando no que sei que está nos unindo, dou-lhe minha honestidade quando admito: — Porque acho que me apaixonei por você.

Ele libera uma respiração pesada na minha confissão e me beija suavemente antes de olhar profundamente nos meus olhos. — Eu te amo, Cam. — Sua voz é rouca. — Mas isso não é algo que precisamos apressar. Eu não quero jogar sua idade nisso porque não enxergo você dessa maneira. Eu preciso que você saiba disso. Nós estamos nisso juntos, mas sua primeira vez é muito importante.

— Você age como se eu não soubesse disso, — eu digo, mágoa disfarçada de acusação sangrando em minhas palavras. — Como se eu não soubesse o quanto isso é importante.

— Não é isso. Nem mesmo perto. Eu sei que você é autoconsciente, mas também sei que você está lidando com muito, e só quero ter certeza de que seus olhos estão abertos.

— Eles estão abertos. E mesmo com tudo o que aconteceu, sei o que sinto por você e sei que é real.

Ele engole toda dúvida no momento em que sua boca cai na minha em um beijo amoroso. Um beijo que só ele é capaz, porque é tudo que preciso agora. Um beijo que cura no impacto.

Sem separar seus lábios dos meus, ele pergunta: — O que nós estamos fazendo?

— Eu não sei.

Porque, o que estamos fazendo?

Somos proibidos e escandalosos, escondidos atrás das mentiras e da proteção dessas paredes. Quatorze anos separados em um mundo de julgamento implacável. E, no entanto, aqui estamos nós, alimentando-nos da boca do pecado e do sacrossanto. O que sinto por esse homem é algo que a lei e os padrões sociais não poderiam compreender. Isso é muito mais. É incapaz de ser descrito, somente nosso para ter e entender.

No entanto, nós não entendemos.

Porque não podemos.

Estamos quebrados e amarrados, e quando ele desliza de volta para baixo das cobertas, eu o agarro enquanto ele diz: — Diga-me o que você quer.

— Eu quero você.

Ele olha para mim com a incerteza gravada nas linhas em sua testa.

— Tem certeza, porque não precisamos? Estou bem em esperar.

— O que estaríamos esperando?

— Eu não sei, — ele diz, pausando ligeiramente. — Até que você esteja pronta.

— Estou pronta. Eu estou apenas... Eu não sei.

— Não faça isso. Se vamos fazer isso, você não pode fugir de mim.

Com sentimentos crescentes de inadequação, eu me esforço para entender as palavras quando ele se move e coloca seu peso ao lado do meu na cama. Deitado de lado, ele passa a mão pela curva do meu quadril e ao redor das minhas costas antes de pressionar nossos corpos. Colados um ao outro sem nada entre nós, ele me diz novamente: — Eu te amo. E preciso que você saiba que não estou dizendo isso porque quero fazer sexo com você. Eu me sinto assim há algum tempo. Mas se é isso que você quer, preciso que me diga, porque a última coisa que eu quero é estragar tudo para você.

— Eu estou nervosa, — eu respiro.

— Nós vamos fazer isso no seu ritmo, ok?

Eu aceno quando ele começa a plantar beijos úmidos atrás da minha orelha e no meu pescoço. Eu respiro fundo, aliviada por estar entrando nisso sem aquele segredo pesando sobre meus ombros. Ele leva seu tempo, e eu relaxo mais quando começamos a nos mover juntos. Suas mãos lentamente tocam e acalmam enquanto sua boca saboreia e suga, mas uma parte de mim ainda fica apreensiva.

Ele pega minha mão na sua e desliza para baixo entre nossos corpos.

— Eu não... Eu não sei como... — Eu gaguejo quando ele envolve meus dedos ao redor dele.

— Você sente o que faz comigo? — Ele diz antes de começar a mover minha mão lentamente para cima e para baixo no seu comprimento.

Eu inclino minha cabeça na curva de seu pescoço enquanto ele me mostra como tocá-lo. Ele é quente e suave contra a palma da minha mão, e quando ele solta um gemido inebriante, um prazer desconhecido pulsa entre minhas pernas.

Sua mão permanece na minha enquanto ele continua a me guiar, e quando um segundo entra em outro, ele tira sua mão da minha. Eu ofego quando ele toca entre as minhas pernas e corre o dedo ao longo da minha abertura, mas não dentro.

— Alguém já tocou você assim? — Ele pergunta, evitando entrar em mim.

— Não. — Minha resposta sai como um suspiro quase inaudível.

Eu permaneço na curva de seu pescoço enquanto meu corpo treme em sua mão.

O ar fica espesso ao nosso redor enquanto ele intensifica o prazer crescente dentro de mim, e quando ele me rola de costas, estende a mão para pegar outro preservativo da mesa de cabeceira.

— Você tem certeza disso?

— Sim.

Uma vez que ele tem a certeza de que estamos protegidos, se acomoda entre minhas coxas tomando-se antes em sua mão.

Apreensão ressurge, e quando ele pressiona contra a minha abertura, solicita: — Envolva seus braços ao meu redor, — e eu faço, cruzando-os em torno de seu pescoço enquanto minhas coxas enrijecem contra ele. — Baby, você tem que tentar relaxar, ou vou te machucar. Você me ama certo?

Eu assinto.

— Diga-me.

— Eu amo você, David.

Ele empurra um pouco mais.

— Vá devagar, ok? — Eu digo, e ele me dá um leve aceno antes de beijar-me.

Eu levo um momento, mas quando minhas pernas finalmente se abrem, ele empurra dentro de mim em um impulso rápido. Eu grito em um uivo de dor e agarro-me a ele com mais força. A queimação da invasão dele me pega de surpresa, e movimento-me um pouco para tentar aliviar o desconforto.

— Você está bem? — Sua voz é suave com preocupação.

Eu aceno lentamente enquanto meu corpo se ajusta a sensações bem-vindas e inoportunas.

Ele permanece imóvel dentro de mim e encosta a cabeça no meu peito com um emocional: — Deus, você é perfeita.

Eu estremeço embaixo dele, oprimida pela intensa proximidade que estou sentindo agora.

Ele sussurra o seu “eu amo você” contra a minha pele, e quando pergunta novamente se estou bem, e digo que estou, ele começa a se mover. Ele é gentil e sem pressa, permitindo que eu me acostume a ele, e estamos tão próximos que posso ouvir sua respiração quando começam a ficar mais pesada.

A apreensão circunda minha autoconsciência como um laço. Eu estou com medo de me mover com ele por medo de desapontá-lo. Então, continuo parada.

Cada batida de seus quadris proporciona um desconforto agradável, e quando ele muda, provocando novos lugares dentro de mim, eu estremeço contra a pressão.

— Eu estou machucando você?

Eu não respondo, só garantindo que estou bem quando o beijo, precisando do seu gosto, porque quero mais dele.

Sua mão roça minha lateral e desce para trás do meu joelho antes de levantar minha perna e colocá-la sobre seu quadril para que ele possa nos virar para o lado. Segurando meu rosto em suas mãos e descansando sua testa contra a minha, seu corpo balança para frente e para trás. E quando o laço se parte e a apreensão dá lugar à necessidade, eu não resisto à vontade de fazer amor com ele. Meu corpo não tem certeza do que precisa quando me movo contra ele. Eu estou hesitante no início, mas quando ele geme um apaixonado, “Oh, Deus”, meu corpo se acalma e começa a balançar com o dele.

O quarto se enche da nossa respiração incontrolável de prazer. David envolve seus braços a minha volta, prendendo meu peito contra o dele enquanto nós dois encontramos nosso ritmo juntos. Não há um centímetro no meu corpo que ele deixa intocado enquanto fazemos amor.

O tempo não existe mais neste quarto enquanto nos entregamos um ao outro. Então, dou tudo a ele, confiando que ele seja forte o suficiente por nós dois. E a partir deste momento, sei que nenhum de nós será o mesmo.

# Capítulo Dezoito

— Eu odeio que tem que ser assim, — eu digo a David enquanto ando até a garagem.

— Nós temos seis meses até você se formar. — Ele se inclina para mim, pressionando minhas costas contra o carro enquanto me dá um sorriso charmoso. — Você vai se cansar de mim quando perceber que sente falta de se esgueirar por aí.

Eu reviro meus olhos. — Duvido.

Seu rosto se endireita, abandonando o humor quando ele me puxa contra ele. — Tudo vai ficar bem. Eu não estou indo a lugar nenhum.

Eu suavizo contra seu forte abraço; Eu ficaria para sempre se pudesse. David descansa o queixo no topo da minha cabeça, me embalando perto. Depois da noite de quinta-feira, decidi ficar pelo resto do feriado. Eu não podia deixá-lo, não depois do que aconteceu entre nós.

Mas não foi simplesmente aquela noite. Nós fizemos amor quando acordamos na manhã seguinte e não conseguimos manter as mãos longe um do outro desde então. Cada momento que estamos juntos, eu relaxo um pouco mais, me perco um pouco mais e amo-o um pouco mais. Tem sido estranho para mim, apesar de eu não ter conseguido o orgasmo, mas com suas palavras reconfortantes, ele amenizou minha insegurança sobre isso. Ele me garantiu que chegaríamos lá com o tempo.

David dá um beijo no meu cabelo, e quando olho para ele, vejo tudo o que preciso ver em seus olhos azuis, que estão quase prata agora.

— Seis meses, — ele lembra antes de nos despedirmos.

O momento em que me afasto é o momento em que quero dar meia volta com meu carro. Mesmo que eu o veja na escola amanhã, não é o mesmo. Eu o odeio como Sr. Andrews, eu odeio que seu título nos force a fingir que não somos o que claramente somos. Isso me faz sentir que o que temos é errado e sujo. Mas fora da escola, quando escapamos da camada de estigma, sei que o que compartilhamos é tudo menos sujo.

Eu estaciono ao longo do meio-fio quando vejo um carro estranho na garagem. Nem sequer atravessei pela porta da frente e já estou corada em descontentamento. Mas pelo menos a preocupação de ser pega não me incomoda mais.

Minha mãe não questionou meu paradeiro uma única vez, e acho que, por essa razão, aprecio sua falta de atenção por mim.

Quando giro a chave e entro, toda a apreciação é arrancada de mim. Um homem, que é muito mais novo que minha mãe, desce as escadas com a camisa na mão e o botão de suas calças ainda aberto. Ele passa por mim com um indiferente "Oi".

Eu assisto em descrença quando ele veste sua camisa e sai pela porta da frente. Em apenas alguns segundos, tudo de bom que veio deste intervalo apodrece na minha frente. Eu me preparo para ir até o quarto dela, rezando a cada passo que não seja que eu acho que é. Mas as orações no meu mundo não são nada mais do que centavos manchados no fundo dos poços dos desejos.

Em um mar de lençóis amarrotados, minha mãe está deitada de barriga para baixo e nua - uma desgraça além dos limites das palavras. Meu sangue ferve com veemência, chamuscando minhas veias no caminho para lugar nenhum, porque meu coração está muito além de quebrado – está queimado em cinzas.

Fúria queima minhas palmas, implorando para que eu bata no rosto manchado de maquiagem. Em vez disso, da mesinha de cabeceira, agarro o que ela mais valoriza e mando voando pelo quarto. O vidro quebra contra a parede acordando a fera.

— O que na terra de Deus você está...

— Como você pôde? — Eu grito através do mar de vermelho agora colorindo minha visão. — Você fez sexo com aquele homem nesta cama? Sua cama?

Ela pega seu robe de seda do chão e grita de volta para mim. — O que diabos deu em você? — Enquanto amarra a faixa.

— Eu te odeio! — Lágrimas rolam pelo meu rosto, e eu pego a primeira coisa que encontro. Suas mãos se erguem, e o livro as atinge.

— Saia!

— Você é lixo! Isso é tudo que você é. Como você pode chorar por papai e depois transar com outro homem na cama dele?

— Cale a porra da sua boca, — ela chicoteia, se aproximando de mim.

Eu recuo um passo. — Não se aproxime de mim. Ou juro por Deus que te mato. — Mas ela avança. Mais rápido do que eu posso fugir, ela esbofeteia meu rosto, mas ela está de ressaca, e quando a empurro ela cai no chão.

— Você acha que pode me machucar mais do que já faz? — Minhas cordas vocais queimam em dor ardente quando eu grito com ela. — Olhe para você? Você não pode nem ficar de pé porque tudo o que faz é beber. Você não se importa comigo. Você nem finge se importar comigo.

Ela tropeça em seus pés, mas eu a empurro novamente para o chão.

— Você consegue me ver?

— Você acha que eu não vejo você? — Ela ferve, e desta vez, quando se levanta, eu não a toco. — Eu vejo você o tempo todo. Você me assombra em meus sonhos, lembrando-me repetidamente que é a única que me resta e não ele!

— É isso que você quer? Você quer que eu vá embora?

— Eu quero a minha maldita vida de volta! — Ela grita com os punhos fechados, como se pudesse tornar realidade se quebrasse o vidro com suas palavras.

— Você nunca mereceu a vida que o pai te deu. Você poderia muito bem ter feito xixi no túmulo dele!

— Como você ousa? Eu o amava com toda a minha alma.

Arremessando meu braço em direção à cama, eu grito em ódio pútrido: — Isso não é amor!

— Você não sabe o que é amor, mocinha.

— Não fale comigo como uma criança.

— Mas é isso que você é. Você e Kroy são crianças brincando com a ideia de amor quando tudo o que tem é uma paixão insignificante.

Ela está tão fora de contato, nem mesmo sabendo que eu não estive com Kroy desde o verão.

— Eu sei sobre amor, — me defendo.

— Você não sabe nada. Vocês, crianças, vivem na terra da fantasia. Bem, adivinhe? A vida não é uma fantasia, então acorde!

— Eu estou acordada. Eu sou a única pagando as contas e cuidando desta casa enquanto vejo nosso dinheiro desaparecer porque você está muito bêbada

para conseguir um emprego. Você quer falar comigo sobre viver em uma terra de fantasia? Não sou eu que me embebedo até o esquecimento e me prostituo por aí!

— Cam! — Kroy grita, mas no segundo que o vejo entrando no quarto, minha mãe me esbofeteia mais uma vez.

Isso me desequilibra e eu caio na mesa de cabeceira, cortando o lado do meu rosto na descida. Minha bochecha lateja em um calor pulsante quando o golpe me atinge, borrando meu foco. Antes que eu possa me orientar, as mãos de Kroy estão em mim.

— Tire ela daqui, — minha mãe grita para ele.

— Eu te odeio, — eu grito de volta, e as lágrimas ressurgem. — Eu te odeio muito!

Eu chuto e grito quando Kroy me arrasta pelo corredor até o meu quarto. Uma vez lá dentro, ele bate a porta e nos tranca. Quando me livro dos seus braços, continuo minha histeria. — Ela é louca. Eu não a suporto mais.

— Cam, acalme-se. — Ele caminha na minha direção com as mãos estendidas, mas não é ele que eu quero que me toque. — Eu não consigo te entender quando você está gritando assim.

Ele passa as mãos pelos meus braços, e é quando noto que todo o meu corpo está tremendo. Sento-me na minha cama e respiro fundo algumas vezes, lutando contra a adrenalina que agita meu sistema. No momento em que meu ritmo cardíaco começa a diminuir, a coceira para liberar isso retorna como um castigo.

Quando a cama afunda, olho para Kroy, que está sentado ao meu lado e pergunto: — O que você está fazendo aqui?

— Eu só parei para ver se você estava em casa e eu ouvi os gritos. A porta estava destrancada, mas... o que diabos aconteceu?

— Eu cheguei em casa... — Eu noto meu deslize e rapidamente cubro com uma mentira. — Eu saí para pegar um café e quando voltei, um cara estava saindo. Eu nem sabia que ela estava com alguém ontem à noite.

— Ok? — Ele pergunta, não percebendo.

— Ela fez sexo com um cara aleatório na cama do meu pai, Kroy!

— Merda.

— Eu me descontrolei. Quer dizer, eu tenho lidado com a porcaria dela e evitando-a o máximo possível, mas vendo aquele cara... Eu simplesmente quebrei.

Ele não diz nada e eu não o culpo. Não há coisa certa a dizer, então o silêncio é melhor. Tudo o que eu quero agora é sentir a picada da navalha e depois correr de volta para a casa de David, mas eu não posso. Já foi bastante arriscado passar todo o feriado lá, sabendo que algumas crianças da escola moram em sua vizinhança.

— Você quer ir para minha casa? Sair daqui por um tempo?

— Você se importa? — Qualquer lugar é melhor do que aqui no momento.

— Claro que não.

— Eu vou tomar um banho rápido primeiro, — eu digo a ele, sabendo que não serei capaz de negar o que meu corpo anseia até que eu ceda e o satisfaça em dormência temporária. — Eu vou estar lá daqui a pouco, ok?

Ele é um tolo para a minha mentira, e quando ouço a porta da frente fechar, me tranco no banheiro e acrescento outro registro de memória ruim para juntar a todas as outras.

Quarenta e cinco minutos depois, quando eu saio do meu quarto, consigo ouvir minha mãe chorando enquanto limpa o vidro da garrafa de vodka. Nem uma parte de mim sente muito por ela. Embora, houve um tempo que eu costumava. Não importa quão bêbada ou quão má ela fosse para mim, uma parte de mim empatizava com a dor dela, porque eu também sentia isso. Mas essa ternura por ela endureceu em aço.

Eu desço até a casa de Kroy, e quando bato, a mãe dele responde.

— Camellia querida. Como vai você? — Diz a mulher que cuidou dos meus joelhos machucados quando Kroy, de seis anos de idade, insistiu em me puxar atrás da bicicleta com nada mais do que uma corda de pular e um par de patins.

— Bem, — eu forço um sorriso quando entro, mas mantenho minha bochecha machucada virada para longe dela. É ruim o suficiente que Kroy saiba, eu não preciso da mãe dele fazendo perguntas também.

— Mãe, — diz Kroy quando entra na sala. — Cam e eu vamos estar na sala de TV.

— Está tudo bem?

— Sim. Apenas diga a Bailey que não nos incomode, — ele fala sobre sua irmãzinha.

Ignorando a preocupação dela com a insistência de Kroy para ficarmos sozinhos, eu o sigo até o andar de cima para a sala de TV, que é o mesmo cômodo onde costumávamos namorar. É estranho estar de volta num ambiente tão familiar. Isso traz à tona o quanto mudou nos últimos meses.

— Como você está se sentindo? — Ele pergunta quando nos sentamos em uma das poltronas de couro. Ele toca o alto da minha bochecha e eu recuo. — Isso parece muito ruim. Você precisa de gelo?

— Eu estou bem. Eu tomei um pouco de Tylenol em casa. — Eu tiro meu casaco e coloco sobre o braço no assento ao meu lado. — Eu simplesmente não posso acreditar nela.

— Isso é realmente fodido.

— Nós podemos não falar sobre isso?

— Sim. Eu sinto muito. Eu não queria chatear você.

— Você não chateou. Eu só... Eu só não quero falar sobre ela.

— Filme? — Ele sugere. — Eu vou deixar você escolher desta vez.

Eu sorrio para o cara pelo qual pensei estar apaixonada, mas percebo que talvez minha mãe estivesse certa. Que nós estávamos apenas brincando com a ideia de amor. Porque o que eu compartilhei com ele nem chega perto do que tenho com o David. Com David, não há dúvida de que eu o amo e que o amor é real. Ele faz meu coração em ruínas bater de um jeito que nunca pensei ser possível. E duvido que sua cadência volte ao que era antes dele.

Eu afundo de volta nas almofadas de pelúcia e me faço confortável. Eu meio que não presto atenção ao filme; Estou muito ocupada repetindo os últimos dias na minha cabeça. Memórias das mãos e da boca de David em minhas partes mais secretas, me tocando de uma forma que nunca fui tocada. A dor extraordinária de tê-lo dentro de mim. Os momentos ternos depois, quando ele me abraçou e falou comigo como nenhum homem fez.

Pensamentos de David me levam tão longe que, quando os lábios roçam nos meus, eu quase beijo de volta. O toque é familiar, mas não é David, e eu me assusto.

— O que você está fazendo? — Eu pulo, empurrando os ombros de Kroy.

— Qual é o grande problema?

— Kroy, eu não... nós não somos... — Minhas palavras embolam.

— Relaxe, Cam. Sou só eu.

— Não podemos fazer isso.

— Por quê? Quer dizer, eu entendo totalmente como você estava se sentindo neste verão, mas...

— Mas o quê?

Ele pausa um momento antes de dizer: — Eu sinto sua falta.

— Eu também sinto sua falta. — É uma mentira que vem muito rapidamente, uma que eu não deveria ter dito por que não deveria levá-la adiante.

— Eu não acho que você sente.

— Kroy...

— Eu sinto que você está escapando. Além da nossa única aula juntos na escola, eu nunca vejo você. Você se esconde em vez de almoçar comigo, nossas conversas parecem inexistentes...

— Não faça isso.

— O que está acontecendo com você?

— O que você quer dizer?

Ele se desloca e se vira para mim no sofá. — Eu quero dizer, você nunca mais está por perto. Toda vez que passo pela sua casa, seu carro está desaparecido. Eu dirigi todos os dias neste feriado e hoje foi a primeira vez que seu carro estava lá.

— Então agora você está me espionando? — Eu questiono, ficando na defensiva e também nervosa, sabendo que ele está me vigiando.

— Nós moramos no mesmo bairro, Cam. Eu não chamaria exatamente de espionagem.

— O que é que você está querendo de mim?

— Eu não sei. — Suas palavras são um bufo de frustração. — Talvez eu esteja cansado de sentir que estou do lado de fora quando praticamente passei minha vida inteira com você.

— Por que eu não posso ficar sozinha?

— Você está sozinha. Esse é o problema. Porque eu não quero que você esteja sozinha, porque quero estar com você, porque sinto sua falta. — Suas palavras saem gotejando em desespero para voltarmos no tempo.

Mas nós não podemos.

E agora que tenho David, acho que não gostaria de voltar a quando era fácil com Kroy, mesmo que pudéssemos.

— Aonde você vai quando não está em casa?

Tento esconder minha hesitação antes de alimentá-lo com mais mentiras. — Só ando por aí. Eu vou a qualquer lugar que não seja lá, — eu digo a ele. — Mesmo quando minha mãe sai, não é um lugar fácil para mim. Não há um único cômodo naquela casa que não tenha lembranças do meu pai. Então eu saio. Às vezes, vou à biblioteca, às vezes vou ao shopping e às vezes só dirijo.

— Você sabe que sempre pode me ligar ou vir até aqui.

— Esse é o problema... — Eu levo um segundo antes de continuar. — Eu só quero ficar sozinha. — É uma mentira descarada que ele não percebe. Eu costumava ser verdadeira, mas agora preferia estar com David do que em qualquer outro lugar. Eu o escolhi sobre a solidão. — Eu não estou tentando te machucar, mas eu preciso fazer isso sozinha.

— Você sabe como é difícil não ser o único a ajudá-la?

— Eu acho que, de uma maneira estranha, você está ajudando. Apenas não é do jeito que você quer.

Ele não responde. Ele não diz uma única palavra.

— Talvez eu deva ir, — eu ofereço, e ele nem sequer tenta me impedir quando pego meu casaco e saio.

Eu ando para casa, o mesmo caminho que andei desde que era uma garotinha, mas desta vez, é tão aparente que Kroy não é o garoto dos meus sonhos do jeito que ele costumava ser. E a amizade que tivemos uma vez pode não sobreviver as minhas mentiras. Eu já posso sentir uma rachadura entre nós, provavelmente mais do que ele, porque sou eu quem força nossa separação com minha duplicidade.

Eu levarei a culpa, entretanto.

Eu assumo a responsabilidade.

Aceito qualquer que seja o resultado de nós se isso significar que não tenho que perdê-lo.

# Capítulo Dezenove

Leva-me mais tempo que o habitual para sair de casa esta manhã. Meu reflexo olha de volta para mim enquanto passo a mão sobre a minha bochecha para espalhar a base antes de aplicar uma segunda camada. As marcas vermelhas ainda são evidentes, e agora pareço ainda pior com toda essa maquiagem endurecida no meu rosto.

Eu jogo o meu pincel na pia e, em seguida, tiro toda a base do meu rosto.

Ótimo. Outra razão para as pessoas me encararem.

Enquanto sigo de uma aula para outra, faço o que posso para esconder meu machucado por trás do meu cabelo comprido. O segundo período com Kroy é tenso. Ele mal dirige duas palavras a mim, ainda chateado sobre ontem. Eu não quero empurrá-lo, então mantenho distância e me concentro em tomar notas para me preparar para as finais.

Depois do terceiro período, faço meu caminho para o Inglês. Você pensaria que eu ficaria feliz em ver David, mas verdade seja dita, estou preocupada sobre como ele vai reagir ao ver o estado do meu rosto.

Eu mantenho a cabeça baixa enquanto atravesso os corredores lotados, e quando corro ao toque do sinal, esbarro em outro aluno, jogando os livros em meus braços no chão.

— Merda. Sinto muito, — minha velha amiga diz quando me agacho em frente à porta da sala de aula.

Eu recolho meus livros, murmurando para Linze: — Tudo bem. Eu não estava prestando atenção.

O sinal toca, e ela se inclina para pegar meu caderno que está fora do meu alcance e entrega para mim.

— Tudo bem, garotas? — David pergunta quando sai para o corredor, distraindo Linze de mim.

Ela corre para a sala de aula e, quando levanto, David segura meu braço. Eu rapidamente viro minha cabeça para longe dele, mas é tarde demais.

— O que aconteceu com o seu rosto? — Ele pergunta, notando as marcas vermelhas. — Olhe para mim.

E eu faço, apenas para ser recebida por olhos ameaçadores.

— Diga-me o que aconteceu, — ele exige em voz baixa com uma sala de aula cheia de estudantes a poucos metros de distância de nós.

Eu olho por cima do ombro, e quando vejo que ninguém está prestando atenção, puxo meu braço do seu domínio. — Alguém pode nos ver, — eu sussurro antes de entrar na sala e me sentar na minha mesa.

Ele permanece no corredor por um minuto inteiro antes de entrar, envolto em frustração. Qualquer lição que ele tenha planejado hoje é cancelada quando ele nos pede para pegar nosso livro atual e ler por uma hora. Todos gemem. Todos menos eu. Porque estou muito preocupada com o humor que causei a ele, odiando estar presa no horário da escola que me impede da privacidade que precisamos para conversar. Só Deus sabe o que ele está pensando agora, mas o que quer que seja, o deixa visivelmente chateado.

Ele torce as mãos, e quando seus olhos encontram os meus, dou de ombros em um sinto muito. Eu pego meu livro da mochila e, quando olho, ele abre a tampa do laptop. Quando encontro a página onde parei, meu celular vibra no fundo da minha bolsa.

**David:** *Fique depois da aula.*

O medo me agita, e eu viro o telefone de bruços no instante em que leio o seu texto. Olhando em volta, apavorada com a possibilidade de alguém ver, o coloco no meu colo, para que fique escondido embaixo da mesa e mando uma mensagem para ele.

**Eu:** *Estou bem. Você não precisa se preocupar.*

Meus olhos reviram enquanto o vejo digitar a resposta em seu laptop.

**David:** *Claro que estou preocupado com você. Eu estou enlouquecendo agora.*

**Eu:** *Eu juro a você, estou bem. Eu ficarei para conversar, mas não podemos mais enviar mensagens. Alguém pode ver.*

Enfio meu celular no bolso e pego meu livro, ignorando as vozes na minha cabeça que me incitam a olhar para ele. Eu leio, mas não retenho devido o pânico me atormentando com pensamentos sobre o que aconteceria se alguém me visse mandando mensagens para ele.

Será que eles sabem que era para ele que eu estava mandando mensagens?

Não é como se os alunos não fizessem isso sob suas mesas. Eles fazem o tempo todo, e tenho certeza de que nada parecia fora do comum, mas não posso deixar de me estressar. E se parecesse suspeito? E se eles puderem ver através de

mim? Meu Deus, foi ontem de manhã que eu estava fazendo sexo com o professor que agora está na frente da turma.

Como eles não notam a tensão na sala?

Como eles não veem isso?

Como eles não sentem isso?

Porque eu sinto. Eu ainda o sinto na minha pele. Seu toque, seu cheiro, todo ele sobre mim.

Eu passo o resto da aula com o meu estômago em nós, tentando diminuir a ansiedade que estou sentindo por dentro.

O tempo se arrasta um segundo agonizante após o outro até que se acumulam nos minutos necessários para esvaziar a sala de aula. Tão casualmente quanto posso, jogo minha bolsa por cima do ombro e ando devagar atrás da última pessoa, parando bem perto da porta onde David está. Ele espera um segundo e depois me surpreende quando fecha e tranca a porta.

— O que você está fazendo? — Eu me afasto.

Ele se aproxima de mim, fora do alcance da janela transparente, para que ninguém nos veja.

— O que aconteceu? — Ele pergunta, sem perder tempo. Com as mãos no meu rosto, ele examina a contusão. — Quem fez isto?

Meu coração acelera em um ritmo desigual que não tem uma sensação muito agradável no meu peito.

— David, pare. E se alguém nos ver?

— Diga-me quem fez isso, — ele persiste.

— Minha mãe.

— Ela percebeu que você não estava em casa?

— Ela não percebe ninguém além de si mesma, — eu digo. — Quando cheguei em casa, ela estava com um cara. Tudo saiu de controle e acabamos tendo uma briga feia.

— E ele estava lá?

— Não. Ele estava saindo quando entrei. Foi só minha mãe e eu brigando. Mas eu estou bem.

— Isso não quer dizer muito bem, Cam, — ele exalou um sussurro áspero, eu sei que ele queria que fosse um grito. — Ela bateu forte o suficiente para deixar um hematoma em seu rosto.

Nos encaramos, sabendo que ambos somos impotentes nesta situação, ameaçados pela lei da qual devemos nos esconder. Não há nada que ele possa fazer, e nós dois sabemos disso.

Seus braços, duros e tensos, me envolvem. — Eu odeio isso, — ele suspira. — Você está ferida e eu sou inútil para você. Eu não posso nem te proteger.

— Você não é inútil. Você é a única coisa boa que eu tenho.

Ele beija o topo da minha cabeça, e quando levanto meu pescoço para olhar os olhos que abrigam o desamparo, toda a sensibilidade desaparece.

Eu o beijo.

Eu o beijo mesmo que o mundo me dissesse que não tinha o direito de fazê-lo.

Mas eu faço.

Porque eu o amo. E porque ele me ama. Chame isso de arrogância, eu não me importo. Eu sei como me sinto, e sei que ele também sente isso quando seus lábios acariciam os meus, expressando tanto com tão pouco. Nós temos consciência de que não deveríamos estar fazendo isso aqui, mas a lógica se dissipa no momento em que sinto seu gosto na minha boca.

Isso é tudo, menos errado em um mundo cego pelo medo do amor quando não é do jeito que todos acham que deveria.

— Deus, isso é tortura, — ele murmura contra meus lábios.

Eu devolvo sua ternura quando fico na ponta dos pés e beijo sua testa. Ele pega meu rosto em suas mãos e cerra os dentes antes de professar: — Eu não consigo tirar você da minha cabeça. Tento de tudo para não pensar em você. E saber que quando você me deixa, é isso que acontece. — Ele beija minha contusão. — Isso me mata. Mata-me saber que não posso te proteger e cuidar de você.

— Você cuida, — eu asseguro. — O que ela fez...

— O que ela fez foi errado, e você não tente justificar isso para mim.

— Mas eu estou bem.

— Esse é o problema. O fato de sua vida ter te espancado tanto que isso não afeta você. Isso não está bem para mim, Cam, não quando me importo tanto com você.

— O que você quer que eu faça? Você quer que eu chore ou fique brava e grite? Que diferença faria se eu fizesse isso? Não é como se a vida estivesse me dando escolhas aqui. — Eu deixo cair a cabeça, tão impotente quanto ele. — Eu estou presa. Não importa o quão ruim meu mundo fique... Eu estou simplesmente presa.

E ele sabe disso. Ele sabe que não há nada que possa fazer para mudar minha situação. E se fizesse uma tentativa, ele nos transformaria em duas bombas-relógio.

Então aqui estamos - nos escondendo com medo atrás da porta da sua sala de aula que nos separa deles.

Somos nós... vítimas do amor.

# Capítulo Vinte

A primeira nevasca do inverno fez sua aparição esta manhã quando acordei nos braços de David. Eu observei os flocos caindo do lado de fora de sua janela enquanto ele dava beijos ao longo das minhas costas; Beijos tão quentes que juro ainda sentir a queimadura marcando minha pele enquanto me sento agora no meu quarto, olhando para a pilha de envelopes que tenho evitado.

Mais um mês se passou, nos aproximando ainda mais da liberdade, mas me pergunto como será a liberdade enquanto passo a mão sobre a pilha de papéis que esconde a tinta do futuro.

No ano passado, quando eu quebrei o recorde estadual de cinquenta metros livre, havia vários olheiros presentes. Junto com minha média de quatro pontos, eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes que as cartas de intenção começassem a aparecer. A primeira chegou em setembro. Eu não abri, no entanto. Já faz um pouco mais de três meses, e cinco outras se juntaram à pilha. Todas as escolas que meu pai e eu costumávamos falar sobre participar, e agora aqui estão elas, enviando-me cartas com os pacotes de bolsas de estudos que estão me oferecendo.

Eu estou com medo de abri-las. Assustada e triste, porque eu deveria estar fazendo isso com meu pai.

Essa era a nossa coisa. Tudo era nossa coisa.

O outro envolvido é David. Mesmo que uma das cartas seja da Universidade de Oklahoma, uma grande parte de mim quer sair deste estado e fugir das memórias que este lugar agora guarda. Mas mudar significa deixar David, e isso não é algo que eu queira enfrentar. O pensamento de não tê-lo é praticamente debilitante.

O tempo não está do meu lado neste caso. Eu vou ter que abrir essas cartas em breve e fazer a minha escolha, caso contrário, essas ofertas podem ser desfeitas.

A neve continua a flutuar até o manto branco que agora cobre o chão, e quando olho o horário no meu celular, eu me arrasto até o banheiro para começar a me arrumar.

O baile de inverno é hoje à noite, e quando Kroy me pediu para ir com ele, eu inicialmente disse não. Ele me garantiu que iríamos apenas como amigos, mas ainda parecia estranho por causa de David. Quando eu disse a ele que Kroy me convidou, sua resposta foi uma surpresa.

*'Alguém te convidou para o baile?'*

*Deitada no sofá de David com a cabeça no seu colo, eu olho para ele e rio. 'Você ficaria com ciúmes se alguém o fizesse?'*

*Ele sorri. 'Você quer que eu fique com ciúmes?'*

*'Depende'.*

*'De quê?'*

*'Eu quero dizer, se você for ficar todo psicótico...'*

*'Só responda a pergunta.'*

*Levantando a cabeça de suas pernas, eu sento e o encaro. 'Kroy me convidou na semana passada. Eu recusei.'*

*'Ele ainda está esperando você, não é?'*

*'Acho que não. Ele insistiu que íamos apenas como amigos, e eu acreditei quando ele disse isso.'*

*'E ainda assim você recusou? Por quê?'*

*Ele pega o controle remoto e silencia a televisão antes de dizer: 'Eu não quero ser a razão de você perder essas coisas. É o seu último ano do ensino médio.'*

*'Mesmo se não houvesse você, eu ainda não iria querer ir.'*

*'Você foi no ano passado?'*

*'Sim. Não é igual ao ano passado. Eu não sou mais aquela garota. E neste momento, a maioria dos meus amigos desistiu de mim.' David abre a boca, mas eu rapidamente o calo. 'Antes de dizer qualquer coisa, perceba que é minha culpa. Que eu os excluí. Mas seja qual for o motivo, é o que é.'.*

*Ele se vira para mim. 'Você ainda deve ir.'*

*'Por quê?'*

*'Eu odiaria que você olhasse para trás um dia e se arrependesse.'*

*'Me arrepender de não ter ido a um baile? Meu Deus, espero que meu futuro não seja tão patético que eu ficaria arrasada por não ir a um baile estúpido do ensino médio.' Eu rio do pensamento, mas ele não está achando graça.*

*‘Bem, então talvez você devesse ir como uma salvaguarda para nós.’ Quando eu franzo minhas sobrancelhas em questão, ele acrescenta: ‘Não que eu ache que alguém está suspeitando ou algo assim, mas se alguém estiver, você indo a esse baile com Kroy serviria como uma boa cobertura.’*

*‘Você está brincando, certo?’ Ele não responde, mas o olhar em seu rosto me diz que ele não está. ‘Então, você quer que eu vá a esse baile com meu ex-namorado?’*

*‘Por que não?’*

Eu recuso por um pouco mais de tempo, mas quando ele explica melhor o seu motivo, eu desisto. Eu sei que seu verdadeiro raciocínio em querer que eu vá não é para servir de cobertura como ele tentou me convencer. David não quer a culpa do meu possível arrependimento, embora eu tenha dito que não me arrependeria.

A maioria das garotas estão no salão fazendo cabelo e maquiagem. O baile de inverno na nossa escola é um grande negócio, quase tão grande quanto o baile de formatura. As garotas do grupo que Kroy e eu vamos me convidaram, mas não consegui me animar o suficiente para me juntar a elas. Isso só teria tirado tempo que eu poderia passar na casa de David esta manhã. Eu nunca sou rápida em sair de sua cama quando passo a noite. Deixá-lo é sempre o pior.

Uma vez que a minha maquiagem está feita, eu prendo meu cabelo para trás em um rabo de cavalo baixo antes de colocar o vestido verde profundo que comprei no início da semana. Eu combinei com saltos nude e um leve toque de batom nude.

A campainha toca, e quando desço as escadas, o sorriso radiante e a câmera detestável de minha mãe não estão em lugar algum.

Aquela mulher costumava viver para me ajudar a me preparar para os bailes. Não houve um único que ela tenha perdido até agora.

A limusine está estacionada ao longo do meio-fio quando eu atendo a porta.

Kroy me olha da cabeça aos pés. — Você está incrível, — ele diz suavemente com um toque de melancolia.

Nós sempre fomos para essas coisas como um casal, e seu desejo por nosso relacionamento voltar ao jeito que era, flutua no ar entre nós.

— Você está pronta? Todo mundo está na limusine esperando.

— Um segundo, — eu digo, e ele entra enquanto visto meu casaco marfim.

— Onde você está indo? — Minha mãe fala do alto da escada.

— Só um baile, — eu zombo, irritada por ela estar fingindo se importar sobre onde estou indo. — Voltarei mais tarde.

— É bom ver você, Sra. Hale, — reconhece Kroy, e reviro os olhos quando ela responde com total falsidade: — Vocês, crianças, se divirtam.

— Vamos, — eu murmuro enquanto passo meu braço pelo dele.

Quando Kroy me ajuda a entrar na limusine, todas as garotas estão rindo e cantando junto com a música que está tocando. Não foi há muito tempo que eu era uma dessas garotas, rindo e me divertindo. Mas agora... agora sou uma fraude entre amigos. Enquanto os assisto, eu imagino o que eles pensariam de mim se soubessem o que estou fazendo com nosso professor. Eu olho para Linze, mas ela não olha na minha direção, e quando ela levanta os braços e canta o refrão da música, todo mundo ri e incentiva - até mesmo Kroy. Eu dou um sorriso desajeitado, mas a tensão entre eu e ela é impossível de ignorar.

— Você está bem? — Kroy sussurra baixando a cabeça até meu ouvido. Eu forço um sorriso por causa dele e aceno.

A chegada ao baile é exatamente o que você esperaria. Metade das garotas deixa seus encontros para fofocar e bajular o quão bom todo mundo parece, enquanto outras dançam com o ritmo acelerado da música que o DJ está tocando.

— Cam! — Ming grita. — Você veio!

— Eu amo o seu vestido, — eu respondo quando Kroy tira meu casaco dos meus ombros.

— Eu já volto, — ele me diz antes de ir até o guarda-volumes.

Os olhos de Ming o seguem e depois voltam para mim quando ele está fora dos ouvidos — Vocês dois estão juntos de novo?

Não querendo confirmar ou negar, eu vou junto com a ideia de David, dizendo: — É complicado.

Algumas garotas chamam Ming até elas, deixando-me sozinha no fundo do salão. O grupo com o qual viemos já está na pista de dança e, enquanto os assisto, uma gota de ciúmes pousa em meus ombros. O que eu não daria para me sentir tão livre quanto eles.

A mão de Kroy desliza ao redor da minha cintura, mas ele não diz nada. Nós simplesmente ficamos parados, observando outro momento que resta do nosso último ano. Momentos que David acha que eu deveria estar aproveitando, mas como posso desfrutar de algo onde não me encaixo? Com tanta coisa me

separando deles, eu me tornei uma estranha olhando de fora. Atormentada por medos que são tudo menos adolescentes, não há uma pessoa nesta sala que ainda conheça o meu verdadeiro eu.

Quando a música se torna lenta, todos formam um par.

— Dance comigo.

A adoração que os olhos de Kroy ainda guardam por mim não passa de um produto da minha mentira, e o pensamento traz uma pontada de culpa. Se ele soubesse da minha verdade, soubesse que me afastei tão rapidamente por outra pessoa, ele nunca mais olharia para mim do jeito que está agora. Duvido que ele voltasse a olhar para mim, e esse mesmo pensamento me perfura bem fundo. É a percepção de que só porque a vida virou o jogo contra nós, eu ainda me preocupo com ele.

Ele estende a mão e eu pego, abrigando o medo de que, se ele descobrisse sobre mim, nunca mais me ofereceria a mão. Eu sigo quando ele me leva para a pista de dança, e quando me segura em seus braços e nos balança com a melodia lenta, eu dou a vida a um pouco de ódio por mim mesma.

Kroy merece muito melhor que eu.

*Talvez David também.*

Eu menti para ele quando sugeri que Kroy não tinha mais esperança, porque ele tem. E não deveria, porque não sou mais a garota que ele costumava conhecer. Eu sou uma mentirosa e uma impostora. Todo dia eu saio da cama e finjo ser algo que não sou. É só quando estou com David que a verdade surge por trás da fachada e estou segura em ser eu.

Com a cabeça no peito de Kroy, saboreio o que está desaparecendo diante dos meus olhos: uma amizade ao longo da vida entre corações inocentes que eventualmente se apaixonaram um pelo outro. E embora a sua inocência permaneça, a minha já não faz, e quando a música termina e uma mais rápida começa, eu me agarro à sua desilusão por mais algum tempo. Continuamos abraçados, dançando lentamente contra o ritmo acelerado, e em algum lugar, no meio do caos, há uma tristeza mútua.

Quando a emoção começa a se formar, eu recuo e me desconecto do modo treinei.

— Eu preciso ir ao banheiro feminino, — eu digo a ele, precisando de espaço para me recompor.

Eu atravesso a multidão e vou para o banheiro. Algumas garotas estão de pé na pia refazendo a maquiagem, então me fecho em uma das cabines para um

momento de privacidade. Encostada na porta, concentro meus pensamentos no metal frio onde apoio minhas costas nuas. O contraste de temperatura é uma picada afiada no meu sistema, me dando outra coisa para pensar além da angústia do ensino médio.

Eu fico irritada parada nesses saltos e vestido estúpido, trancada no maldito banheiro quando nem queria estar aqui em primeiro lugar. Mas aqui estou eu, escondida e tão indigna do garoto com quem vim. Eu sou uma farsa, e ele não tem ideia - e isso me faz sentir uma merda completa.

Quando ouço saltos clicando, abro a porta só para trancar novamente quando outro grupo entra.

— Não acredito que Kroy a trouxe.

Meus ouvidos se apuram quando ouço a voz de Christine, uma das garotas que está no nosso grupo.

— Ele pode conseguir alguém muito melhor do que ela, — diz outra garota. — Ela nem é divertida de estar por perto.

— Oh eu sei. E aquela cicatriz... desagradável.

— Não é? — Uma terceira voz soa. — Muito nojenta.

Eu olho para o vaso sanitário, desejando que fosse grande o suficiente para mergulhar, porque é quão desesperada estou para escapar agora. Eu nadaria através das calhas do inferno para estar o mais longe possível daqui. Eu duvido que meu coração possa afundar ainda mais enquanto luto com unhas e dentes para impedir minhas lágrimas escaldantes de cair. Eu posso chorar pelo meu pai, inferno, me permito até chorar por David, mas me recuso a dar a essas putas minhas lágrimas.

— Oh. Meu. Deus. Eu vi a mãe dela ontem à noite no Gaillardia Country Club. Eu estava com meus pais no leilão anual de Natal e ela estava bêbada como um gambá.

— Sério?

E quando eu penso que meu intestino não pode torcer mais, ele torce, espremendo a bile de segredos escondidos. Inundando meu sistema em uma onda de mortificação.

— Sim. Ela estava com um cara também, agarrada nele.

— Como? O Sr. Hale, acabou de morrer!

— Eu sei. Tão vulgar.

Mordendo meus lábios, eu prendo minha respiração, engolindo um soluço feio ameaçando irromper da base da minha garganta.

Que vida é esta?

Como posso ter caído tanto que me tornei fofoca na escola?

— Alguém deve dizer a Kroy para ficar longe de Cam antes que ela arruíne sua reputação.

— Sem brincadeira.

— Ela veio na limusine conosco, — diz Christine. — Ela nem falou. Só ficou lá sentada como um nó repugnante em um tronco.

— O que ele vê nela mesmo? Dê-lhe uma noite comigo e prometo que ele a esqueceria em um instante.

— Você é tão cheia de si mesma. — Todas elas saem rindo.

O constrangimento se transforma em tristeza, e quando a tristeza se dissolve em raiva, não consigo mais aguentar. No momento em que saio da cabine, quatro garotas me encaram com horror por serem apanhadas, mas não fico por perto tempo suficiente para dizer qualquer coisa. O que eu diria de qualquer maneira? Aparentemente, eu sou sem valor e alguém esqueceu de me atualizar da minha mudança de status.

Raiva alimenta o sangue em minhas veias, e tropeço levemente em joelhos fracos enquanto faço meu caminho até Kroy.

Ele me vê e corre. — Você está bem?

— Você pode me levar para casa?

— Acabamos de chegar aqui. O que aconteceu?

— Nada. Eu só quero ir para casa.

— Todos nós estamos juntos, Cam. Ninguém vai querer sair, — ele diz. — Sério, o que aconteceu? Seu rosto está transpirando.

— Eu não estou me sentindo bem. — Eu estou muito humilhada para dizer a ele o que as pessoas estão falando sobre mim.

— Bem, você pode simplesmente sentar? Eu vou pegar um pouco de água.

— Você pode me chamar de Uber ou algo assim? Eu realmente não quero ficar aqui.

Ele solta um suspiro pesado de frustração sobre mim. — Por que você não pode apenas se divertir?

— Eu tentei, Kroy. Mesmo quando não queria, eu fiz de qualquer maneira, — eu discuto quando ele fica irritado comigo.

— Por que você tem que tentar? Você deveria estar feliz. Você adorava vir a essas coisas e sair com nossos amigos.

— Essas pessoas não são minhas amigas.

— Elas são.

Como ele pode ser completamente ingênuo com o quão repugnante elas realmente são? — Não, Kroy, elas não são. E mesmo se fossem, eu simplesmente não me encaixo mais com elas.

— Porque você não quer, — ele diz. — Você nem quer tentar. Aconteceu no verão e, desde então, você não tem feito nada além de inventar desculpas para evitar todo mundo.

— Eu não teria que inventar desculpas se você aceitasse a verdade pelo que é. Mas você não aceita! Todo mundo apenas revira os olhos para mim e levam tudo o que eu faço pro lado pessoal. Bem, noticia de última hora, não era que eu não quisesse estar perto porque não gostava delas - eu estava triste! Eu ainda estou, mas não é suficiente para todos vocês aceitarem.

— Eu estou fazendo o melhor que posso aqui, Cam.

— Eu não posso fazer isso agora, — eu digo a ele e depois vou embora.

— Aonde você vai?

— Casa.

— Cam, espere.

— Deixe-me em paz, — eu digo por cima do ombro, desistindo da noite. Mesmo que meu coração quisesse estar nisso, não há como salvá-la.

Então, eu pego meu casaco, saio para o frio da noite e chamo um Uber. Quando meu telefone pisca dizendo que o carro mais próximo está a vinte e cinco minutos de distância, eu amaldiçoo essa cidade sombria e começo a andar.

Em questão de um minuto, meus membros estão tremendo. Com frio e sozinha, caminhando pela calçada coberta de neve ao lado da rua escura, eu puxo meu celular com dedos quase dormentes, nem mesmo minha raiva pode aquecê-los, então mando um texto para David.

**Eu:** *Nunca me peça para fazer algo assim novamente, porque não vou fazer.*

Eu deslizo o telefone no bolso do meu casaco enquanto cedo ao desespero. A primeira lágrima pica minha pele, deixando uma trilha gelada no meu rosto. Meu casaco vibra com seu texto, mas não tenho força de vontade para lê-lo. Não posso continuar fingindo que sou mais forte do que realmente sou.

Eu não quero chorar. Eu não quero sentir nada. Mas a força necessária para enterrar e manter isso adormecido é mais do que o que tenho em mim.

Outro texto vibra.

Eu tento tão duro diariamente. Eu luto contra tudo, mas tudo que estou fazendo é permitir que corroa a carne delicada que está lutando para me manter unida.

Enxugando as lágrimas no momento em que surgem, fico mais e mais irritada. Irritada com meu pai por morrer. Irritada com o cara que bebeu demais e estava atrás do volante. Irritada com minha mãe por permitir que seu coração partido a destruísse. Irritada com David por ser meu professor. Irritada com Kroy por não ter experiências de vida suficientes para me entender. Irritada com Taylor por fazer da minha vida um inferno pior do que já é. Irritada com o pedaço de vidro que cavou muito fundo, deixando-me com essa cicatriz bizarra.

Ondas vibram em cadência no meu bolso. Ele está chamando.

A ponta do meu nariz e orelhas ardem da temperatura congelante, mas eu vou aceitar essa dor. Vou aceitá-la e alimentá-la, porque é muito mais tolerável do que a dor que minha alma é forçada a suportar.

Apertando meu casaco de lã ao meu redor com mais firmeza, continuo a andar, meus dedos congelados curvados dentro dos meus sapatos. Carros passam em alta velocidade, um após o outro, seus motores quase inaudíveis sobre meus dentes batendo. Mas é quando vejo o SUV de David desacelerando ao longo do meio-fio que paro minha caminhada. Ele voa para fora do veículo e, em menos de um segundo, abre a porta do passageiro e me coloca para dentro.

— Que porra você está fazendo? — Ele rosna enquanto fecha a porta e aciona o aquecedor.

— P-por favor, não g-grite comigo. — Minha voz se quebra em função dos arrepios violentos do meu corpo.

David arranca seu casaco e o usa como um cobertor, colocando-o no meu peito. Ele tira o carro da rua e o estaciona atrás de um pequeno shopping que fica ao nosso lado.

Quando ele nos esconde ao lado de uma lixeira, faz o que pode para me aquecer, envolvendo-me em seus braços. A luz da rua acima de nós pisca enquanto se esforça para permanecer viva, muito parecido com o meu coração agora.

— O que você está fazendo andando nesse frio congelante? Onde diabos está Kroy?

Meus ossos afundam em seus braços que tentam acalmá-los.

— Eu quero ir para casa, David.

— Eu não vou te levar a lugar nenhum até que você me diga por que está andando sozinha nas malditas ruas quando está menos sete graus lá fora. — Suas palavras saem em fúria moderada.

— Eu estou com tanto medo.

— Do quê?

— De sentir que estou tentando não sentir.

— Deus, baby. Não fique. Eu juro pra você, não importa quanta dor você sinta, não vou deixar você se afogar nela.

— Você me promete?

— Venha aqui, — ele diz, puxando-me para ele, e quando eu rastejo sobre o console central, ele me acolhe contra o peito, embalando-me em seu colo. — Eu prometo, você está segura comigo. Se você precisa chorar, então chore. E se ainda não for o suficiente, chore mais um pouco. Chore o quanto você precisar. Bata-me se isso te ajudar a tirar a dor. Eu juro que vou estar aqui para que você não tenha que passar por isso sozinha.

Eu me agarro a cada pedacinho dele enquanto seu corpo derrete o meu, mas minhas lágrimas anteriores se foram. Por alguma razão que não sei explicar, não consigo chorar agora. Então, ele me leva de volta a sua casa, me coloca na cama com ele e me segura enquanto eu falo sobre a briga com Kroy e as garotas no banheiro. Ele nunca me solta enquanto ouve e sussurra em meu ouvido. E quando ele me diz para chorar e digo que não consigo, ele aceita, nunca me pressionando. Em vez disso, ele envolve seu corpo ao redor do meu enquanto adormecemos.

# Capítulo Vinte e Um

— Eu não posso acreditar que você come seus marshmallows assim.

Eu dou a ele um sorriso maligno por trás da chama e depois a apago. — É melhor do que o jeito que você come o seu.

— Do que você está falando? É assim que todos os americanos de sangue vermelho os comem.

— Você estraga tudo com a bolacha Graham[7] e o chocolate. — Sentada em frente a lareira ao lado de David, eu puxo meu marshmallow chamuscado do espeto e enfio a coisa toda na minha boca com um exagerado — Mmmmm.

Ele ri de mim, as gargalhadas: — Você está comendo cinzas.

— E é tão bom, — eu provoco antes de esfaquear outro marshmallow no meu espeto.

É véspera de Natal, e quando acordei com uma dor forte me pesando, levantei e dirigi até aqui. A tristeza que senti no Dia de Ação de Graças nem sequer se compara a esse feriado, e eu não tive que dizer uma palavra a ele. David sabia tudo o que eu não podia dizer no momento em que entrei. Ele enxerga através das minhas lágrimas inexistentes, e eu não poderia ser mais grata por isso. Poupa-me a dor de ter que explicar os porquês do meu humor toda vez que estou me sentindo pra baixo.

— Eu terminei, — ele fala, deixando cair seu S'more[8] meio comido sobre o prato que está entre nós e toma um gole de sua cerveja.

— Eu não. Eu poderia comer essas coisas durante todo o dia. — Eu empurro outra obra-prima queimada na minha boca antes de David pegar minha mão e chupar marshmallow derretido do meu polegar. — Eu pensei que você tivesse terminado?

Ele tira o espeto da minha mão, envolve seus braços em volta de mim, me afasta da lareira e caímos no chão. Uma risada cai dos meus lábios doces e pegajosos enquanto ele rasteja sobre mim. Com as mãos apoiadas em ambos os

---

7 

8 Junção de Marshmallow, chocolate e bolacha graham.

meus lados, eu seguro meu sorriso enquanto olho para os olhos azuis brilhantes. Eu corro meus dedos ao longo da barba por fazer e assisto quando uma mecha de cabelo cai sobre sua testa.

— Você é tão bonita, — ele diz, e eu o puxo para me beijar, saboreando o açúcar em seus lábios.

Eu envolvo meus braços ao redor de seu pescoço, saboreando seu gosto na minha língua. Com o fogo crepitando ao nosso lado, meu corpo absorve o calor de todos os lados. Mãos na pele, ele desliza sob o meu suéter e sobre o meu sutiã.

Ele exala, seus beijos descendo do meu rosto para o meu pescoço e me emaranho nele.

O som da campainha separa nossos corpos, e nos assustamos, sentando em pânico. Seu dedo pressiona meus lábios antes dele pegar minhas mãos e me levantar. Seus olhos espelham o alarme dos meus enquanto nos encaramos.

— Venha aqui, — ele sussurra, me puxando para o seu quarto. — Fique aqui e não saia.

Eu aceno enquanto sento na beira da sua cama. Ele fecha a porta atrás dele, deixando-me sozinha com medo e horrorizada de que de alguma forma fomos descobertos. Mas o medo se transforma em confusão quando ouço a voz abafada de uma mulher. Silenciosamente, ando até a porta do quarto e, quando faço isso, a voz fica mais clara.

— O que você está fazendo aqui? — David questiona.

— Você não atende minhas ligações.

Os saltos clicam no piso de madeira.

— Não há nada a dizer.

— Você não quer dizer isso, — ela diz. — Nós sentimos sua falta. Já se passaram quase nove anos desde que você viu alguém. Por favor, venha para a casa. Venha e passe o Natal conosco.

— Mamãe... — Seu tom parece derrotado, mas porque, eu não tenho ideia.

Eu encosto minhas costas contra a parede e continuo escutando.

— Você nem sequer conhece as crianças.

— Não, — ele adverte asperamente, e meu estômago embrulha em confusão.

— Você é o tio deles. Eles não devem ser punidos por uma briga entre você e seu irmão, — ela diz a ele. — Nove anos, David...

— Uma briga? É assim que vocês chamam isso?

— Você não acha que é hora de superar isso?

— Eu superei isso, — ele afirma. — Esses nove anos nos quais você se agarrou são os mesmos nove anos que passei superando.

— Por favor... nós somos sua família. — Suas palavras vacilam com tristeza. — Você é meu filho. Eu te amo.

— Onde estava esse amor naquela época? Porque se a memória me é correta, todo mundo apenas manteve suas bocas fechadas. Vocês todos os aceitaram enquanto meu mundo foi pelo ralo bem em frente dos meus olhos... literalmente, mamãe. Você tem alguma ideia de como isso foi para mim?

— O que deveríamos ter feito? Eles estavam apaixonados e você fugiu. Nós não ouvimos falar de você por anos.

— Eu não quero repetir isso.

— Como podemos repetir isso quando não tivemos a chance de falar sobre isso?

— Não há mais nada para falar. Ele pegou meu futuro e tem a esposa e as crianças que deveriam ser minhas. Isso está feito, mas não significa que eu simplesmente vou aparecer por lá e fingir que o que eles fizeram foi bom. Que eu os perdoo.

Os saltos se movem pelo piso novamente e depois param. Ninguém diz nada enquanto fico em silêncio, e depois de uma longa pausa, — Sinto muito, eu interrompi alguma coisa?

Nenhuma resposta de David.

— Tem alguém aqui?

Meu coração bate contra minhas costelas. Ela deve ter visto a comida na lareira. Eu coloco minha mão sobre a boca enquanto me afasto da porta indo para o canto da parede.

— Como eu te disse. Superei isso e segui em frente, — ele diz a ela.

— Se há alguém em sua vida, eu gostaria de...

— Eu me recuso a arrastá-la para isso.

*Aí meu Deus, David. Pare de falar!*

— Olha, — ele diz. — Você é minha mãe e eu amo você. Mas perdemos muito tempo e, para mim, voltar atrás, como se esse tempo não tivesse nos mudado, não é algo que eu possa fazer agora.

— Mas é Natal. E você finalmente está em casa.

— Pode ser a sua casa, mamãe. Mas não é para mim.

A fala deles diminui abrindo espaço para o que eu posso imaginar seja David consolando a mágoa de sua mãe. Enquanto estou congelada, escondida atrás da porta, tento dar sentido à conversa que eles acabaram de ter, mas faltam muitas peças. Prendo minha respiração quando finalmente ouço passos, e quando eles se despedem e a porta se fecha, suspiro de alívio e volto para a cama.

Eu espero que David venha me buscar, mas ele não vem. Eu paro e penso se devo ir até ele ou lhe dou um tempo sozinho para lidar com o que quer que seja que eles estivessem falando.

Eu rastejo para o centro da cama, e depois de alguns minutos, a porta finalmente se abre.

— Sinto muito, — ele diz.

— Está tudo bem.

Ele senta na cama ao meu lado. Quando sua cabeça cai em suas palmas abertas e ele se inclina, apoiando os cotovelos nos joelhos, vou até ele e deslizo a mão por cima do seu ombro.

— Era sua mãe?

Ele balança a cabeça antes de resmungar: — Sim.

Eu corro minha mão pelas suas costas, sentindo a tensão dos músculos.

— Eu não tenho sido completamente aberto com você sobre a minha família, — ele me diz, e quando levanta a cabeça e se vira para mim, ele continua: — Eu não falo com eles há anos. Não há praticamente nenhuma relação lá.

— Por quê? O que aconteceu?

Ele se desloca na cama para me encarar, pegando uma das minhas mãos. — Você sabe que fui noivo uma vez, — ele começa, e eu aceno. — Nós nos relacionamos durante toda a faculdade. Eu lhe pedi para casar comigo no início do nosso último ano. Ela era praticamente da família naquela época, e as duas famílias se aproximaram. Tudo estava programado e reservado. Os convites estavam prontos e eu tinha comprado esta casa. Um mês antes do casamento, fui ao loft dos meus pais em Norman, onde meu irmão morava na época enquanto

terminava seu MBA. Eu também tinha uma chave do lugar, e quando passei para pegar algumas caixas minhas que estavam guardadas no sótão, o carro dela estava lá. — Sua mão aperta ao redor da minha. — Eu pude ouvi-los assim que entrei, mas por alguma razão fodida, eu precisava ver. Então, fui até o quarto dele e lá estavam eles. Meu irmão e a garota que usavam meu anel no dedo, fodendo um ao outro.

Eu balancei minha cabeça em descrença. — O que você fez?

— Eu perdi a cabeça. Soquei meu irmão mais vezes do que posso contar, arranquei o anel do dedo dela enquanto ela chorava e se encolhia no canto, e então eu saí.

— Ela disse por quê?

— Alguma merda sobre como eles não planejaram e que eles se amavam. Honestamente, naquele momento, eu estava tão chateado que não me importava com as desculpas deles. Aparentemente, isso vinha acontecendo há meses, — ele me diz. — A merda desmoronou tão rápido, e eu era um maldito desastre. Eu não tinha ideia até então do quanto uma pessoa poderia destruir a outra.

Seus olhos revelam uma tristeza que eu nunca vi antes. Uma cicatriz tão profunda que desafia todos os seus limites - limites que eu assumi eram suaves.

— O que você fez?

— Ela partiu meu coração e deu o dela ao Josh. Isso foi uma transição perfeita da parte dela. Não acho que aquela mulher tenha um osso de consciência em seu corpo. Mas como eu disse, ela realmente me fodeu. Isso colocou uma enorme pressão sobre meus pais também, então eu fiz a única coisa que podia fazer, saí fora e facilitei suas vidas quando entrei para o Exército.

— Foi por isso que você se alistou?

— Eu estava perdido, — ele admite. — Foi uma época sombria.

— Mas sua família...

— Os militares eram minha família naquele momento. Ainda são. Mesmo que a maioria de nós estejamos fora agora e todos moremos longe um do outro, meus irmãos combatentes são simplesmente isso... meus irmãos.

E isso eu vim a saber. Eu nunca conheci nenhum de seus amigos, mas ele fala sobre eles com frequência e mantém contato próximo.

— Eu perdi contato com todos em casa. Era mais fácil simplesmente deixar todos para trás. Minha mãe me enviava cartas, mas elas só serviam como sal nas minhas feridas, então parei de lê-las depois que descobri que Josh se casou com

ela durante minha primeira implantação. Eu poderia dizer que a vida mudou para todos eles, mas eu ainda estava tentando superar isso.

— E eles têm filhos agora?

— Dois. Um menino e uma menina. Eu não os conheço. Eu não vi ou falei com ninguém além da minha mãe desde que voltei.

— Isso é muito tempo para estar sem sua família.

— Como eu disse, eu tenho uma família, só que não são eles. Eu estive fora por muito tempo, é melhor assim, especialmente agora que existem crianças na imagem.

Eu me inclino e o abraço, sentindo toda a dor que ele carrega há tantos anos. É difícil saber como reagir, porque não tenho experiências no meu passado para entender a verdadeira magnitude de sua devastação. É outro lembrete de quanta vida há entre nós, mas ele fecha a lacuna em mais de uma maneira quando se inclina contra a cabeceira da cama e me puxa para o colo.

Com minhas pernas sobre ele, ele me segura perto quando diz: — Eu sempre fui fraco demais para admitir isso a alguém.

— Não há nada fraco em você.

Ele me puxa para baixo e nossos lábios encostam um contra o outro, um toque tão suave que poderia fazer você chorar. Sua respiração se torna minha, e eu suspiro na esteira de seu toque gentil: — Eu te amo muito.

Ele então pressiona sua boca na minha e eu provo sua necessidade enquanto sua língua acaricia a minha. Suas mãos deslizam sob a minha camiseta e sobre os meus seios, me apertando com a quantidade certa de pressão. Eu me perco em um instante, querendo mais de tudo que ele tem a oferecer quando me toca assim.

Meus lábios se arrastam ao longo da aspereza de sua mandíbula e desce pela curva de seu pescoço enquanto ele solta meu sutiã.

— Levante seus braços, — ele murmura em um riso baixo, e quando eu faço, ele desliza minha camiseta e sutiã.

Ao longo do mês passado, David e eu fomos íntimos inúmeras vezes, o suficiente para que minhas inseguranças se dissipassem. Então, quando ele rola meus mamilos entre os dedos, deslizo meu corpo até o dele, gemendo do prazer delicioso.

Eu pego a barra de sua camisa em minhas mãos e retiro-a, expondo os músculos esculpidos ao longo de seu estômago e ombros largos. Ele se inclina

para frente e me deita de costas. Sua boca cai sobre meu mamilo, sua língua trabalhando enquanto ele me chupa gentilmente.

Eu abro minhas pernas, necessitada por seu toque, e quando ele se acomoda entre minhas coxas, já está duro. Empurrando contra ele, ergo meus quadris enquanto seus dedos trabalham rapidamente na cintura da minha calça. Ele a tira, junto com a minha calcinha, pelas minhas pernas, e em seguida, me espalma.

Olhando para mim, ele usa um dedo e arrasta minha excitação ao longo das minhas partes mais delicadas. Mas não é o suficiente quando desço a mão entre os nossos corpos para abrir suas calças e levá-lo na minha mão. Ele é tão quente ao toque, suave e duro ao mesmo tempo, e envolvo meus dedos ao redor dele. Eu o acaricio do jeito que ele gosta quando ele desliza um dedo dentro de mim.

Minha cabeça cai para trás e ele beija meu pescoço enquanto continuamos dando prazer um ao outro. Nós levamos nosso tempo, sem pressa que isso acabe em breve.

— Deus, você é tão quente, — ele respira na minha pele, eu amo como ele fala comigo quando estamos juntos assim, me fazendo sentir como uma mulher.

Ele puxa o dedo, deslizando-o pelas minhas dobras antes de empurrar novamente para dentro de mim. — Sim, — eu gemo, e ele faz isso de novo e de novo até que eu não consiga ficar parada, e comece a mover meus quadris em sincronia com a mão dele. Tudo derrete e obscurece com a atenção que ele está me dando, que nem percebo quando ele coloca o preservativo.

De joelhos entre as minhas pernas, ele afasta minhas coxas enquanto afunda dentro de mim. Minhas mãos apertam seus braços quando ele mete fundo, e geme: — Porra, eu amo a sensação do seu pequeno ao meu redor.

Ele toma seu tempo, deslizando para fora, centímetro por centímetro, um prazer tão intenso que beira a tortura. Eu levanto a cabeça e olho para baixo entre nós, observando enquanto ele bombeia lentamente dentro e fora de mim. É uma visão tão erótica que acende uma chama de calor através do meu núcleo.

David geme de prazer, e quando olho para ele, ele sorri, — Você gosta de me observar dentro de você?

Eu coro. — Sim.

— Abra mais. — Ele desliza o polegar na sua boca e, em seguida, toca meu clitóris. Meus quadris balançam quando ele começa a esfregar em círculos

suaves. Ele senta entre as minhas pernas enquanto faz amor comigo e a me toca tão ternamente. — Você gosta disso?

Incapaz de falar enquanto ele me leva as alturas, eu aceno. Ele desliza a outra mão na minha, segurando-a com firmeza na sua, sussurrando eu te amo enquanto meu corpo vacila. Ele mantém o polegar em movimento e, à medida que o tempo desvanece entre nós, a eletricidade inflama pele e ossos, e fico desorientada. No momento em que minha mão treme na sua, ele coloca seu corpo em cima do meu enquanto continua esfregando meu clitóris.

— Eu quero fazer você gozar, querida. Eu quero que você sinta como isso pode ser bom.

Eu fecho meus olhos e o prazer aumenta. Pacientemente, ele leva o seu tempo, nunca desistindo enquanto movimenta o polegar repetidamente. Meus joelhos apertam e tremem contra seus quadris. O calor começa a construir abaixo da minha barriga, uma nova e deliciosa tensão na qual quero me agarrar e fugir ao mesmo tempo pela maneira que ele está fazendo meu corpo sentir pela primeira vez.

Quando todas as sensações atingem o pico e o ar se torna espesso demais para respirar, minhas costas arqueiam para fora da cama em total abandono. Eu jogo minha cabeça na curva do pescoço dele, liberando um gemido alto quando perco o controle sobre o meu corpo. Um chiado de pura euforia rasga através das minhas partes mais suaves, disparando pelo meu sistema, me enviando para um lugar que nunca estive antes. Um lugar que não tenho certeza se quero deixar.

Travando meu corpo ao dele, sinto-o inchar e latejar dentro de mim. Ele geme enquanto se perde comigo, empurrando profundamente quando meus músculos pulsam ao redor dele, e pela primeira vez, eu finalmente consegui alcançar este nível de intimidade com ele. Faíscas de luz brilham no alto, derramando um brilho reluzente sobre nós, queimando nossas almas enquanto nos agarramos desesperadamente um ao outro. Meu corpo nunca doeu tão lindamente, e eu sei, sem dúvida, que não quero mais nada neste mundo a não ser pertencer inteiramente a ele.

— Nunca me deixe.

— Eu nunca vou deixá-la, — ele promete.

# Capítulo Vinte e Dois

— Eu quero oito centésimos em um e vinte livres. Saídas rápidas, e mantenham as pernas para cima, — David grita do deck da piscina.

Eu rapidamente passo Taylor, que está nadando na raia ao lado da minha. Meus tempos voltaram e eu não poderia estar mais feliz. E apesar de meu ombro ainda doer de vez em quando, não é nada que eu não consiga suportar.

David tem me pressionado um pouco mais ultimamente, o que está causando mais inchaço, mas novamente, estou determinada a aproveitar ao máximo essas últimas competições que temos. Eu odiaria que todo esse trabalho - toda essa luta -fosse desperdiçada. Eu me esforcei demais para permitir que esta temporada final escorregue de mim.

Depois do treino, vou para os chuveiros. Eu fecho a cortina de vinil atrás de mim antes de tirar a toalha, sempre com cuidado para manter minhas cicatrizes escondidas. Mesmo que eu faça o que posso para escondê-las de David, ainda estou surpresa que ele não tenha notado quantas mais eu adicionei desde que prometi parar.

Foi só esta manhã quando me cortei pela última vez. Eu acordei com um rosto manchado de lágrimas e uma miséria tão tenra que estava com medo de tocá-la, então, em vez disso, eu me cortei e assisti isso drenar fora de mim. O alívio foi sensacional. Eu cortei mais fundo do que das outras vezes, me dando uma satisfação ainda maior. Sangrou por um longo tempo depois que enfaixei, e agora, depois de estar na água, a crosta encharcada caiu.

O spray do chuveiro leva uma corrente de sangue pelo ralo enquanto me limpo e lavo meu cabelo. Eu fico debaixo da água um pouco mais de tempo e olho para o corte. Assistir isso me dá ainda mais alivio. É apenas uma sugestão do que sinto quando realmente me corto, mas vou aceitar todo o alivio que conseguir.

Eventualmente, fecho a água e pego minha toalha que está pendurada na haste da cortina para me secar. Quando está seguro ao meu redor, saio e pego minhas roupas no banco. Ecos de riso e falas saltam pelo vestiário. Eu rapidamente coloco minha calcinha e calça, puxando por baixo da toalha que tem uma mancha rosa. Eu seco minha ferida e, em seguida, prendo a toalha ao redor da minha cintura enquanto fecho meu sutiã.

Quando ouço as vozes de algumas garotas se aproximando por trás da meia parede que separa os chuveiros dos armários, estico as mãos rapidamente para pegar minha camiseta. A toalha se solta e, antes que eu possa pegá-la, ela cai no chão molhado.

Meus olhos se encontram com os de Taylor.

Eu pego a toalha e a uso para cobrir meu estômago, mas sua expressão detém o choque da minha verdade. Ela baixa os olhos para o sangue, que mancha a toalha branca, e minha pele se arrepia instantaneamente.

— Oh Meu Deus.

— Deixe-me em paz, Taylor, — eu digo a ela, tentando ignorá-la porque talvez ela não tenha visto a fonte.

— O que é isso por todo o seu estômago? — Ela dá um passo em minha direção e pega minha toalha.

Eu bato na mão dela. — Qual é o seu problema?

— Você está se cortando?

— O quê? — Eu falo muito alto. — Não.

— Então, o que são todas essas cicatrizes?

— Eu não sei do que você está falando.

Ela cruza os braços com presunção. — Largue a toalha então.

Eu bufo alto, assustada e irritada ao mesmo tempo, e me afasto. Ela rapidamente me segue, não me dando privacidade para colocar minha camiseta.

— Sério, Taylor. Me deixe em paz.

— O que está acontecendo? — Uma garota diz enquanto vou até o meu armário, e meus dedos tremem quando uso a combinação da fechadura.

— Cam está se cortando.

— Cala a boca, Taylor! — Eu grito quando me viro, atraindo a atenção de quase toda a equipe.

Eu ainda estou de sutiã quando ela arranca a toalha manchada da minha mão, e o pânico me paralisa em um segundo.

— Eca, que nojento. — Ela reage enquanto várias outras olham com nojo.

Meu corpo arde em mortificação, e eu visto minha camiseta o mais rápido que consigo, coloco minhas sandálias e pego minha bolsa antes de sair correndo.

A água do meu cabelo encharca os ombros da minha camiseta. Eu contorno o deck da piscina para fazer uma fuga rápida, mas Taylor está bem atrás de mim, provocando. — Você precisa mesmo de ajuda.

— Cai fora!

— Ei, — David grita de seu escritório no topo da escada, mas eu não paro. — O que está acontecendo?

Deus, eu quero morrer.

— Cam está se cortando, — Taylor anuncia para todos ouvirem. Todos os olhos pousam em mim, e eu imediatamente escuto David descendo as escadas quando corro. — O estômago dela está cortado e sangrando.

— Taylor! — David grita enquanto corro. — Meu escritório. Agora!

Voando pelas portas, sinto vontade de vomitar. Geada cai do céu, atingindo meu rosto enquanto corro até o meu carro. Em segundos, coloco a chave na ignição e acelero de forma imprudente para fora do estacionamento.

Com o estômago em nós, dirijo rápido demais, passando por sinais de parada para chegar em casa antes de quebrar. Minha respiração está agitada, meus pulmões engasgam antes de eu gritar e bater os punhos contra o volante.

Eu odeio tanto a Taylor que poderia matá-la com minhas próprias mãos. Ela é uma puta, e agora todo mundo sabe a aberração que eu sou. Todos sabem meu segredo e para quê? Então ela poderia ter a satisfação de me derrubar e me humilhar na frente de todos? E o que diabos David está dizendo para ela agora? Seja o que for, tenho certeza que ela está comendo a atenção que ele está lhe dando, mesmo que ele esteja vomitando puro ódio em sua direção. Todo mundo sabe que ela tem uma queda por ele – maldição ela está tão desesperada que ele a note.

Eu gostaria de poder esfaqueá-la com a faca da verdade – que sou eu quem dorme em sua cama - através de seu coração escuro, só para vê-la sofrer.

Batendo a porta da frente atrás de mim, eu deixo ódio fumegante no caminho até as escadas, ao meu quarto, e depois no meu banheiro, onde chuto a porta fechando-a. Com nada a perder, e nada mais para esconder, eu pego a sacola de couro de meu pai pela segunda vez hoje.

Meu cabelo gelado, que ainda está molhado, gruda em volta do meu rosto, e com dedos quase dormentes, eu pego a navalha do meu pai e a abro.

Tremendo.

Respiro fundo, sentindo-me mal do estômago agora que David sabe que eu estava mentindo para ele. Eu me sinto perdendo o controle, então o recupero quando cavo a lâmina profundamente em um novo pedaço de pele.

Eu vejo quando ela afunda na minha carne e, de repente, sou um milhão de cores de remédio anestésico. Sangue escorre, grosso e escuro, e meus lábios se erguem em gratidão pelo prazer. O calor cobre minha pele gelada e deixo cair a navalha, me inclinando mais para baixo até que eu estou deitada no chão. Moléculas e átomos, cada pequeno fragmento de mim irradia, libertando-me do peso do mundo. Minha bochecha está encostada no chão frio de ardósia e encontro paz na sensação.

Eu me afasto para longe, para um lugar onde nada pode me tocar, suspensa em um espaço vazio, o único som vindo do meu coração batendo lentamente. Eu me viro de lado, me enrolo em uma bola e fecho os olhos. Meu celular toca no bolso do meu casaco de lã que ainda está em volta de mim. É David, tenho certeza, porque ele é o único que me liga hoje em dia. Eu perdi todo mundo. Depois do que aconteceu na escola, tenho certeza que vou perdê-lo também.

O toque recomeça, outra chamada que não posso atender porque não estou pronta para ser rejeitada.

*Você mentiu para mim, Cam. Eu não posso estar com alguém em quem não posso confiar. Acabou.*

O silêncio retorna quando o consolo desaparece no medo da tristeza que serei forçada a suportar quando ele se for. Talvez eu nunca tenha sido destinada a tê-lo. Talvez aqui seja onde sempre fui feita para estar, sozinha.

Por que alguém iria querer uma alma tão quebrada quanto a minha?

Eu enfio a mão no bolso do casaco para ver três chamadas perdidas de David antes de desligá-lo, fechar os olhos e voltar para o meu pai.

*— Parabéns pra você. Nesta data querida..., — meus pais cantam enquanto as velas brilham sobre o meu bolo de Dora, a Aventureira.*

*— Vá em frente, docinho, — meu pai diz com um grande sorriso no rosto. — Faça um desejo e apague suas velas.*

*Eu olho para as cinco chamas e faço um silencioso desejo de ter mais cem desejos antes de soprar duas bochechas cheias de ar. Eles batem palmas e meu pai me toma em seus braços e me levanta. Eu envolvo meus braços ao redor de seu pescoço e minhas pernas ao redor de sua cintura.*

*— Podemos comê-lo agora?*

*Mamãe ri. — Dê-me um segundo para cortá-lo.*

*— Dê-me um pedaço do canto, — ele diz a ela, e ela divertidamente aperta a cintura dele.*

*— É melhor você ter cuidado, meu velho, — ela brinca de carinhosamente. — Você vai correr o risco de ganhar pneuzinhos.*

*— O que são pneuzinhos, mamãe?*

*Papai agita seus dedos na minha cintura e eu grito enquanto ele me faz cócegas, dizendo: — Estes são seus pneuzinhos.*

*— Oh, pare com isso, — ela diz. — Ela é uma coisinha minúscula.*

*— Mamãe, me ajude, — eu rio enquanto ele continua a me devastar.*

*— Ela não pode salvá-la, — ele brinca, e quando ela solta a faca do bolo, papai corre para a sala comigo em seu quadril.*

*Eu rio enquanto ela nos persegue. Todos caímos no sofá, enroscados e cheios de alegria. Mamãe me pega em seus braços antes de papai nos puxar para os dele.*

*— Eu amo minhas meninas, — ele fala, e com sorrisos enormes, ambos olham para mim.*

*— Eu não posso acreditar que você já tem cinco anos. Eu gostaria de poder congelar o tempo e mantê-la pequena para sempre.*

*— Eu desejei cem desejos pelo meu aniversário. Você pode ter um deles se quiser, — eu ofereço a ela.*

*— Não, docinho, — ela diz. — Você tem que guardar todos os seus desejos.*

*— Guarde-os, e use-os com sabedoria, querida.*

*— Mas eu não quero que você fique triste por eu estar crescendo.*

*— É um triste feliz, — ela me diz. — Mas não importa o quê, você tem que me prometer que você sempre será minha filhinha.*

*Eu sorrio. — Eu prometo, mamãe.*

A campainha tocando, seguida por uma forte batida, me acorda do piso do banheiro. Eu me sento, sonolenta e nebulosa, e então tropeço em meus pés. Com sangue seco ao longo do meu estômago, puxo minha camiseta para baixo e fecho meu casaco em volta de mim antes de fechar a porta do banheiro atrás de mim. Quando faço o meu caminho até a porta da frente, eu estremeço com uma vibração de ansiedade quando abro para encontrar David. Ele não perde tempo entrando, puxando a porta da minha mão e fechando-a.

— Você está bem?

— O que você está fazendo? — Eu questiono, dando um passo para trás. Eu não estou pronta para lidar com isso ainda.

— Estou preocupado e você não está atendendo minhas ligações.

— Você não pode estar aqui. Minha mãe está em casa.

Seus olhos se estreitam em irritação com minha mentira descarada.

— Então, e se ela estiver? Eu sou apenas um treinador checando um dos meus nadadores.

— Apenas um treinador?

— Diga-me porque você está evitando minhas chamadas, Cam.

O ataque de tristeza que ameaça começar me deixa insegura, torcendo minhas emoções em raiva irracional para evitar a agonia. — É isso o que você é, então? Apenas um treinador? E o que eu sou? Apenas uma nadadora?

Ele estende a mão para mim, mas eu me afasto de seu toque, minha ação apenas estimula sua frustração comigo. — Você sabe que não é tudo o que você é para mim. Você sabe o que sinto por você. Isso não é uma brincadeira pra mim. Então, você pode tentar tudo que quiser para me afastar, mas eu não sou facilmente empurrado. Isso não vai funcionar. Não comigo. Não quando me importo tanto assim.

Ele não fica por perto esperando uma resposta, e quando ele começa a subir as escadas, eu grito: — O que você está fazendo?

— Qual é o seu quarto?

O pânico ressurge e eu o persigo. — David, pare.

— Estou farto de mentiras, — ele diz enquanto se dirige para o quarto dos meus pais. Ele olha e se vira para o meu quarto.

Eu corro para chegar antes, com medo que ele veja o que está no chão do meu banheiro, mas ele é mais rápido que eu.

— O que você está fazendo?

— Onde está? — Ele pergunta enquanto abre e fecha as gavetas da minha mesa de cabeceira.

Eu agarro o braço dele para puxá-lo de volta, mas ele é forte demais. — Por favor. Simplesmente pare.

— Mostre-me. Eu quero ver isto.

— Ver o quê?

— O que você precisa mais do que de mim, — ele grita, virando-se para mim com uma infinidade de emoções nadando em seus olhos. Eu estendo a mão para ele novamente, e quando meu casaco escorrega do meu ombro, e ele vê o sangue seco nas minhas calças e camisa, sua cabeça cai.

— Eu sinto muito. Eu... — Minhas palavras falham quando eu rapidamente fecho o casaco em volta de mim.

Ele se vira com raiva e segue direto para a porta do banheiro.

— David, por favor. — Eu corro para segurá-lo, mas chego atrasada. Ele abre e vê o pesadelo lá dentro.

— Jesus Cristo. — O horror marca cada sílaba quando ele observa a navalha aberta e pequenas poças de sangue no chão.

Ele se abaixa e pega a navalha, e eu digo: — Não toque nisso.

Mas ele não me escuta quando pega o estojo de couro. Eu chego por trás dele, mas ele me bloqueia.

— Onde diabos você conseguiu isso?

— Me dê!

— Por que você está fazendo isso para si mesma?

Eu jogo meu braço ao redor dele novamente, tocando a mão no canto da bolsa, mas ele puxa da minha mão.

— Devolva-me!

— Droga, Cam, — ele late. — Porra, me responda.

— É do meu pai.

Ele vasculha e tira o estojo de barbear.

— Você não pode fazer isso, David!

— Foda-se se eu não posso. — Ele coloca a bolsa no balcão, remove a lâmina ensanguentada da navalha, e desliza-a no estojo com o resto antes de jogar a navalha agora vazia no chão.

— Isso é meu, — eu grito, como uma criança clamando pela segurança de seu cobertor favorito.

— Não mais.

Eu jogo minhas mãos contra ele, gritando: — Eu te odeio!

— Se isso significa sem mais cortes, então me odeie o quanto quiser, Cam.

Eu bato minhas mãos em seus ombros e peito mais algumas vezes até que ele agarra meus pulsos e me domina. — Acalme-se, — ele ordena, mas eu continuo me debatendo antes de finalmente desistir.

Eu recuo, impotente contra ele, e vejo quando ele enfia o estojo de lâmina de barbear no bolso de trás, e quero chorar porque sinto que ele está tirando outro pedaço do meu pai.

— Quando você fez isso?

— Não, — eu respondo com medo.

Ele dá outra olhada para o sangue no chão, e seus ombros caem em derrota quando caminha até o banheiro e se senta em cima da tampa. Ele nem sequer olha para mim quando repete: — Quando você fez isso?

— Por favor, não fique bravo.

— Quando?

Com os olhos baixos, engulo em seco e lhe dou a verdade depois de tantas mentiras. — Cerca de uma hora atrás.

Ele solta um suspiro doloroso, e tudo que posso fazer é ficar de pé e assistir, imaginando o quanto ele está zangado, o quanto ele está com nojo, o quanto ele está arrependido de ter se envolvido com alguém como eu.

O tempo se estende entre nós, lentamente como uma sentença de morte, e eu só quero acabar com isso. Então, por mais que me mate, eu finalmente quebro o silêncio e roubo as palavras da sua língua. — Nós podemos tornar isso fácil. Eu não vou te causar nenhum problema nem nada. E eu... você não precisa se preocupar que eu conte a alguém sobre nós.

Ele permanece imóvel enquanto minhas palavras permanecem no ar, e quando finalmente levanta a cabeça, seus olhos estão vermelhos e úmidos.

— Você acha que estou pronto para ir? Que eu desistiria de você tão facilmente?

— Eu não culparia você.

— Eu te amo, Cam, — ele afirma sem qualquer sinal de hesitação.

Eu me inclino contra o batente da porta e me abaixo no chão antes de admitir: — Eu tenho mentindo para você, no entanto.

— Sim, você tem.

Eu puxo meus joelhos para o meu peito, e quando envolvo meus braços ao redor das minhas pernas, noto todo o sangue seco em meus dedos. Eu olho para ele e o vejo olhando também.

— A mentira para agora.

— Você não pode me pedir para fazer qualquer promessa que eu não possa cumprir.

— Não pode ou não vai?

— Não vou, — eu digo a ele. — Isso não é algo que eu possa simplesmente parar, e mesmo que pudesse, eu não quero. — Meu peito dói com a decepção que sei que estou lhe causando, mas não posso mais mentir para ele. — E eu te amo. Realmente amo, mas se você espera que eu pare por você, não posso. Eu sinto muito, mas não posso fazer isso.

Ele vem até o chão e senta de joelhos na minha frente. — Isso me assusta.

Ele me alcança, e eu apoio minhas mãos no chão quando ele empurra minhas pernas para baixo e levanta minha camiseta. Eu fecho meus olhos e recuo, com medo de olhar para ele enquanto examina cada cicatriz, incluindo os dois novos cortes de hoje.

— David, pare, — eu choramingo sob a minha respiração.

— Ajude-me a entender. — Mas eu não posso. Eu mesma não entendo completamente. — Não me diga para não fazer nada para ajudá-la, porque não vou. Eu não me importo com o que você diz, eu não vou ficar parado e deixar você fazer isso para si mesma. Eu te amo muito.

— Eu não estou tentando te machucar.

— Então me deixe ajudar.

— Como?

— Eu não sei, mas você precisa me deixar tentar.

O pensamento de desistir disso não me faz bem, mas eu também sei que, por mais que o ame, ele não pode me forçar a desistir. Eu vou sair amanhã e comprar novas lâminas, porque esse é o meu vício. Isto é o que me mantém a salvo da minha angústia. Sem isso, eu morreria da dor dentro de mim.

David se levanta e me ajuda a ficar de pé. Eu vejo quando ele pega uma toalha e molha debaixo da torneira.

— Onde estão os seus band-aids?

Eu aponto para a gaveta ao lado da pia. — Lá.

Ele pega a caixa e um tubo de pomada antes de se sentar na beira da banheira.

— Venha aqui, — ele diz, e eu me posiciono entre suas pernas.

Com os olhos nivelados ao meu estomago, ele levanta a minha camiseta, pedindo-me para segurá-la no lugar. Com o meu segredo mais obscuro exposto de tão corajosamente para ele, leva tudo dentro de mim para não me cobrir. Mas eu lhe dou este momento que ele claramente precisa quando tudo que tenho lhe dado são mentiras. Se cuidar das minhas feridas é uma maneira de preencher sua necessidade de me ajudar, não importa o quão pouco pareça, não vou negar.

Ele se move com cautela, limpando os flocos de sangue da minha pele antes de passar a pomada nos cortes. Quando os Band-Aids estão colocados, ele envolve as mãos em meus quadris e deixa cair a cabeça sobre minhas cicatrizes. Eu luto com a pouca força que me resta para não desmoronar em cima dele em uma tempestade de lágrimas, porque está quebrando meu coração saber que estou quebrando o dele.

# Capítulo Vinte e Três

Encontrei os papéis neste fim de semana. Acordei sábado de manhã e fui verificar minha mãe, mas ela não estava em seu quarto - ela não estava aqui.

Nenhuma surpresa.

Mas o envelope aberto do banco estava no chão ao lado de sua cama com os papéis espalhados. Eu os li. Inferno, talvez tenha lido umas dez vezes, e mesmo assim ainda não entendia muito bem o que diziam exceto que minha mãe tinha quatro pagamentos atrasados na hipoteca.

Eu me senti uma criança quando tive que procurar no Google o que era uma hipoteca.

Eu tentei ligar para o David. Eu liguei para ele durante todo o fim de semana para que ele me explicasse o que exatamente estava acontecendo com a casa, mas seu celular estava desligado, deixando-me sem um único contato - apenas o correio de voz.

Deixei várias mensagens antes de desistir e ligar para minha mãe. Ela também não respondeu.

O fim de semana passou devagar, um fluxo constante de ansiedade pairando na boca do meu estômago sobre o porquê de David não ter me ligado ou mandado mensagens. Eu me ocupei com o trabalho escolar para passar o tempo, completando o trabalho de pesquisa para a minha aula de administração que não deveria ser entregue por mais duas semanas.

Desde que o meu alarme soou esta manhã, tenho lutado entre me apressa e protelar enquanto me apronto para a escola. Eu quero ver David - preciso vê-lo - saber que está tudo bem e descobrir por que ele não me ligou. Mas, ao mesmo tempo, quero ficar em casa para evitar os olhares. Aparentemente, nos dias que se seguiram ao incidente da semana passada - os dias em que fiquei em casa e faltei a escola - Taylor se encarregou de dizer a todos o que podia sobre os meus cortes.

— *Eles estão todos falando de mim, não estão?* — Perguntei a David quando liguei durante a sua pausa de almoço um dia depois que tudo desabou.

Ele sugeriu que eu ficasse em casa até o fim de semana e depois voltasse.

Agora é segunda-feira, e quando enfio o envelope com os papéis do banco na mochila, minhas emoções estão a flor da pele.

Depois que entro no estacionamento da escola, eu saio do carro e coloco minha mochila sobre os ombros. Com a cabeça baixa, atravesso as portas duplas e ando pelos corredores lotados enquanto vou direto para a sala de aula de David.

Sua sala já está cheia de alunos do primeiro período, e minha tensão diminui um pouco quando o vejo sentado em sua mesa. Minha presença passa despercebida quando estou na porta.

O pensamento de ter que esperar até depois da quarta aula para falar com ele me estressa, então chamo sua atenção com um discreto — Treinador Andrews.

Ele olha para cima de seu laptop, e imediatamente vejo seu rosto mal barbeado e os olhos cansados.

Sem se levantar da cadeira, ele responde através da tagarelice à nossa volta, dizendo: — Você vai se atrasar para a aula, senhorita Hale, — me dispensando de uma maneira que nunca fez antes.

Mil pensamentos sobre o porquê de ele me rejeitar tão friamente empilham na boca do meu estômago, e não posso negar nenhum deles.

Ele se vira para o computador e passa a mão tensa pelo cabelo despenteado. Eu começo a entrar em pânico, imaginando se ele mudou de ideia sobre mim por causa dos cortes. Meu sangue bombeia mais rápido e o medo dele me deixar catapulta chamas de ansiedade através do meu sistema.

— Cam.

Eu me viro para ver Kroy vindo pelo corredor com passos decididos.

— Eu preciso falar com você, — ele diz, agarrando minha mão úmida e me levando na direção oposta da minha classe.

— Kroy, eu vou me atrasar.

— Você deveria responder meus textos então.

Ele se move a passos rápidos, puxando-me em direção ao auditório.

— Onde nós estamos indo?

Ele abre a porta que leva à área dos bastidores. Com apenas algumas luzes acesas, está escuro, então eu seguro sua mão e sigo de perto enquanto passamos por cima de alguns adereços de palco. Escondido atrás da segurança das cortinas azuis escuras, ele se vira para mim.

— O que está acontecendo, Kroy?

— Isso é exatamente o que eu ia perguntar a você, — ele diz. Nós dois nos olhamos por um momento, e eu já sei onde isso está indo. — Você está se cortando?

Eu solto minha mão da dele e dou um pequeno passo para trás. — Taylor é cheia de merda, você sabe disso.

— Quando se trata de você, não sei em que acreditar.

— O que isso quer dizer?

— Eu não sei mais quem você é, Cam. Você nunca interage, nunca fala comigo... você não vai a lugar nenhum. Você é como um fantasma.

— Eu não sabia que tinha que consultar você.

— Você sabe o que quero dizer, — ele corta, fazendo uma pausa antes de voltar com um tom mais suave. — Você pode confiar em mim. Você sabe disso, certo?

— Eu sei.

Ele hesita por um momento. — Ela me disse que sua barriga está coberta de cicatrizes.

— Sim, bem, assim também está o meu rosto. — Eu atiro minhas palavras nele, ainda temendo que outra pessoa saiba o meu segredo.

— Eu posso ajudá-la se você apenas...

— Eu te disse, — eu digo. — Ela está apenas espalhando rumores como sempre faz. Aquela garota tem feito isso comigo por anos, Kroy.

Sua cabeça inclina-se em dúvida, e eu não deveria estar tão irritada quanto estou, porque ele tem todo o direito de pensar que estou mentindo.

Tenho mentido para ele por tanto tempo. Só estou brava porque ele está me questionando, colocando minhas verdades escondidas em risco de serem expostas.

— Eu não posso apagar a sensação de que isso não é apenas um boato, Cam.

— Então por que estamos aqui? Eu quero dizer, se você acredita em Taylor, então por que até me questionando?

— Porque é você, — ele deixa escapar, cobrindo minhas bochechas com as mãos. — Só porque estamos separados, não significa que parei de me importar com você. Se precisar de ajuda...

— Eu não quero a sua ajuda, — eu grito, empurrando-o para trás. Não são as mãos dele que eu quero de qualquer maneira. — Eu não preciso da sua ajuda, porque não há nada acontecendo.

— Mostre-me, então.

— Você quer que eu mostre meu corpo? Sério?

— Se você não tem nada a esconder, se é apenas um boato, então me mostre. Mostre-me e esquecerei isso.

— Eu não vou mostrar nada a você. É o meu corpo, e não vou tirar minha camiseta para você ou para qualquer outra pessoa neste lugar, — eu digo. — Eu achei que você fosse meu amigo.

— E eu achei que você fosse minha, — ele diz antes de sair, deixando-me sozinha com a minha falsidade.

Eu fico aqui e me pergunto como algo tão bom pode me destruir tanto. Não tenho o direito de estar tratando Kroy do jeito que estou. Acusando-o quando ele não fez nada errado.

Não é justo. Nada disso é justo.

Mas eu ando pelo vale profundo que criei e encaro os olhares e fofocas enquanto vou de uma aula para outra. Kroy nem aparece no segundo período, e quando entro para o quarto no mesmo momento que Linze, ela me lança um olhar simpático.

— Não é verdade, — murmuro baixinho, mas minhas palavras não mudam o olhar triste que ela guarda para mim.

Por que ela se importa de qualquer maneira?

Eu sento no meu lugar entre os olhos curiosos que questionam o que escondo por baixo da minha camiseta enquanto meus olhos pousam em David. Os murmúrios na sala desaparecem quando começo a duvidar de mim mesma e me perguntar o que diabos está acontecendo com ele. A hora passa com olhares indiferentes, e me preocupo que alguém tenha lhe dito alguma coisa. Alguém sabe sobre nós? Ou ele caiu em si e finalmente me vê como o fardo pesado que sou?

Por que diabos ele está agindo tão estranho?

Quando o sinal finalmente toca, eu arrumo meus pertences lentamente, esperando a sala esvaziar, mas ele também está arrumando suas coisas.

— Está tudo bem? — Eu questiono baixinho quando me aproximo de sua mesa. Ele abre a gaveta e tira as chaves do carro. — Eu não posso ficar e conversar direito agora.

— Você não pode olhar para mim também?

Ele para e permite que seus olhos distantes encontrem os meus por apenas um momento antes de pegar seu telefone. — Eu tenho um compromisso que preciso ir. Eu estarei fora pelo resto do dia, então não haverá treino esta tarde.

— O que está acontecendo?

— Vamos lá, — ele diz, ignorando a minha pergunta. — Eu preciso trancar.

Perdida em minha própria preocupação, saio da sala com ele atrás de mim e espero enquanto ele tranca a porta. Eu não sei o que eu espero, mas não é o seu murmúrio de — Eu tenho que ir. Estou atrasado.

Eu viro na direção oposta e, por impulso, vou para o estacionamento dos estudantes. Eu não posso lidar com esse sentimento de incerteza, então acelero meus passos. Eu corro através do estacionamento e entro no meu carro, mas fico presa no tráfego de almoço dos veteranos saindo do campus. Enquanto espero no engarrafamento, vejo o SUV de David saindo do estacionamento dos docentes.

Eu observo para ver em que direção ele vai e, quando chega a minha vez, estou logo atrás. Eu mantenho minha distância enquanto o sigo, e não demora muito para que estejamos fora de Edmond. Sinal vermelho após sinal vermelho, atravessamos Nichols Hills, e eu estou quatro carros atrás quando o vejo virando em Rose Hill Burial Park. Hesito em segui-lo até o cemitério e continuo dirigindo sem saber o que fazer.

Eu penso no quão perdido seus olhos estavam hoje. Quão cansado ele parecia. Quando chego ao próximo semáforo, faço o retorno e volto de onde vim. Dirigindo devagar pelas estreitas estradas pavimentadas, entre séries de lápides, continuo até encontrar o SUV estacionado a algumas ruas ao longe. É distante o suficiente que duvido que ele me veja, então estaciono meu carro e varro meus olhos pela grande propriedade, até localizá-lo.

Ele está parado à beira da água em frente a um monumento negro de cabeça baixa. Quando ele cai de joelhos na neve e seus ombros tremem, eu luto contra o desejo de correr até ele enquanto meu coração trava no meu peito.

Uma rajada de vento sopra através dos galhos nus das árvores, e nada disso parece certo. Eu compartilhei muito de mim com esse homem, e aqui estou,

sentindo como se estivesse olhando para um estranho. Mas ele não é um estranho, ele é tudo menos isso. Então, por que não sei por que ele está aqui ou de quem é o túmulo que está visitando? Porque não sei por que ele está tão distante ultimamente?

Por que ele não me deixa saber o que está acontecendo?

Quaisquer que sejam as razões, sinto que estou me intrometendo em um momento particular. Contra todos os meus instintos, coloco meu carro em movimento e deixo David para trás sofrendo sozinho, desejando o tempo todo que eu pudesse segurar seus sofrimentos em meus braços.

# Capítulo Vinte e Quatro

Minhas mãos seguram o volante, mas não parecem estar no controle quando volta após volta me aproximo da casa dele. Quando chego bem perto, pego o controle da porta da garagem do meu console central e pressiono o botão da rua. No segundo em que meus pneus traseiros estão dentro, fecho a garagem dando uma última olhada por cima do ombro para ter certeza de que ninguém me viu.

Entro pela primeira vez sem que ele saiba, sentindo um grande mal estar.

Eu não deveria estar aqui - não deveria ser tão presunçosa achando que tenho direitos sobre o seu espaço pessoal. Não parto, entretanto. Não porque quero colocar meu carimbo de propriedade sobre ele – nada a ver com isso - é apenas que algo não está certo, e estou preocupada. Eu sei que provavelmente deveria lhe dar espaço, mas há algo inexplicável pesando sobre meus ombros, gritando em silêncio para eu ficar e estar aqui quando ele chegar em casa.

Entrando em sua sala de estar, deixo minha mochila no sofá e olho para a ilha da cozinha para ver uma coleção de garrafas de vidro. Um arranjo ornamental muito semelhante que decora a mesa de cabeceira da minha mãe. Eu ando até a bagunça e começo a pegar latas de cerveja esmagadas e jogá-las no lixo. O cheiro de álcool faz meu estômago revirar – cheira muito familiar a minha mãe. Eu pego as garrafas e enfio-as de volta no armário de bebidas de David antes de recolher os copos e lavá-los, imaginando o tempo todo o que poderia deixá-lo tão perturbado.

Eu limpo porque não sei mais o que fazer, e quando termino a cozinha, eu decido me distrair ainda mais. Eu tiro o envelope do banco da minha bolsa e me sento no sofá. Eu encontro o número de telefone na parte inferior da carta e faço a ligação.

— Fundo de Renda Patrimonial de Oklahoma, — diz o homem. — Como posso ajudá-lo?

— Olá, recebi uma carta pelo correio outro dia e preciso falar com alguém sobre.

— Você pode me dizer sobre o que se refere a carta?

Olhando para o papel, leio o assunto em negrito em voz alta. — Diz que é um Aviso de Execução de Hipoteca.

— Um momento. — Os sons dele digitando seu teclado podem ser ouvidos antes que ele continue. — E com quem estou falando?

— Senhorita Hale, — eu digo, esperando que ele assuma que eu sou minha mãe.

— Srta. Hale, deve haver um número de controle no canto superior direito da carta. Você poderia me dizer?

Eu dou a ele o número, e depois de alguns segundos na espera, ele retorna a linha.

— Obrigado por esperar. Ok, parece que você não pagou o seu empréstimo por quatro meses consecutivos e o credor entrou com um processo judicial para cobrar a dívida.

Suas palavras voam diretamente sobre minha cabeça. — Sinto muito, eu não entendo. Quero dizer, eu entendo a parte do não pagamento, mas você pode explicar o que quer dizer com processo judicial?

— Junto com essa carta, você também deveria ter recebido outra explicando os procedimentos e sua data de comparecimento ao tribunal.

Só Deus sabe onde está essa carta e eu sei que será inútil receber uma resposta lúcida da minha mãe sobre isso.

— Parece que não recebi a carta do tribunal. Você pode me dizer a hora e a data de quando vai ser?

— Sinto muito, mas não tenho essa informação prontamente disponível. O que posso fazer é entrar em contato e fazer com que eles reenviem a carta via correio certificado para garantir que você a receba. Se fizermos isso, você deverá recebê-la até o final desta semana. Como isso soa?

— Isso seria ótimo, — eu digo a ele.

— Há mais alguma coisa em que possa ajudá-la hoje, senhora?

— Umm, você sabe o que vai acontecer no tribunal? — Deus, eu devo parecer uma idiota para esse cara.

— Você comparecerá diante do juiz, e ele informará quanto tempo você tem para pagar o valor integral. Se você não cumprir o prazo do tribunal, será despejada e a casa irá a leilão.

— Então, seremos forçadas a sair?

— Se não resolver sua inadimplência, então sim.

Como minha mãe pode ser tão descuidada colocando nossa casa em risco? Depois de mais um minuto ou dois conversando, encerramos a ligação e eu deixo o meu celular na mesa de café. A gravidade dessa situação está literalmente além da minha compreensão. Eu tenho dezessete anos, e não consegui entender metade das palavras que o homem acabou de me falar. Mas sei o suficiente para entender que, se minha mãe tem que ir ao tribunal, é muito sério. Eu me pergunto se ela sabe, se ligou para o banco como acabei de fazer. Ela está mesmo ciente de que, se não comparecer na data da audiência, nós perderemos a nossa casa?

Eu sei que já gastamos o dinheiro da única conta bancária que ela me permite usar para fazer as compras. É a mesma conta que tenho usado para pagar algumas outras coisas. Mas e as contas bancárias do meu pai? Quantas contas existem? E meu pai deixou algum dinheiro para mim quando morreu? Em caso afirmativo, sobrou algum, ou minha mãe gastou tudo?

As perguntas se multiplicam na minha cabeça, perguntas que nunca pensei até agora. O estresse me oprime quando penso em como isso pode ser ruim.

Eu pego meu telefone de volta para ligar para minha mãe e fico surpresa quando ela realmente atende.

— Mamãe.

— Oi, querida, — ela responde em um inesperado tom coerente que não estou acostumado a ouvir.

— Onde você esteve todo o fim de semana? Você está em casa agora?

— Eu parei algumas horas atrás para arrumar minhas malas, — ela me diz. — Michael tem uma viagem de negócios para Denver, e vai me levar com ele em uma escapadela.

Ela diz o nome dele como se eu soubesse exatamente quem ele é entre os muitos homens que entram e saem do quarto dela.

— Você está indo para o Colorado?

— Nós estamos no aeroporto agora.

É por isso que ela não está bêbada.

Meu tom endurece em aborrecimento. — Então você simplesmente ia deixar o estado sem me dizer?

— Eu estou te dizendo agora.

Inacreditável.

— Quando você estará de volta?

— Nós voltaremos na quinta-feira, — ela diz.

— Oh, docinho, eles estão chamando para o embarque. Eu tenho que ir. Eu falo com você mais tarde.

A linha fica muda antes que eu possa dizer qualquer outra coisa. Eu fico amuada no sofá, completamente irritada pela lunática que minha mãe se tornou, falando comigo como se tudo estivesse as mil maravilhas só para fazer um show na frente do cara com quem ela está. Deus me livre ela expor a mãe horrível que ela realmente é, e comprometer o que ela procura desses homens.

Tudo na minha vida é tão instável neste momento. Estou apavorada com o que vai acontecer depois da formatura. Se não puder depender da minha mãe, o que farei?

A única coisa sólida que tenho é David, mas depois desses últimos dias, parece que até mesmo isso está se desfazendo lentamente abaixo de mim, me deixando ainda mais assustada com o futuro. Nunca antes precisei de alguém para simplesmente dizer que não me abandonariam. Eu estou muito consciente de que David é minha única rede de segurança. Se eu perdê-lo, quem restará para me pegar se eu tropeçar e cair? E se ele ainda estiver aqui, vai ter mais intimidade com as garrafas onde está buscando conforto do que comigo? Vou eventualmente ficar em segundo plano como estou com a minha mãe?

Talvez seja uma reação exagerada, mas é um medo legítimo, então abandonando o sofá, não penso duas vezes em voltar para a cozinha. Uma após a outra, com febre na corrente sanguínea, eu tiro as garrafas do armário e despejo seu conteúdo na pia. O cheiro queima meu nariz, e envio para cima uma promessa ao meu pai que nunca vou consumir uma gota desse veneno. Eu vi a destruição que vem com isso, uma destruição que não quero para David.

Eu jogo as garrafas à lata de lixo, amarro o saco e levo para a garagem.

O tempo não faz nada para me consolar enquanto passa lentamente. Embrulhada em um cobertor que tem o cheiro de David nas fibras, eu deito no sofá e verifico o meu telefone para ver que já passa das cinco. Eu desligo a televisão prosaica que nem estava assistindo e coloco o cobertor debaixo do meu nariz. Fechando os olhos, eu respiro o amor em meus pulmões e faço o possível para não me estressar sobre o porquê, depois de mais de quatro horas, ele ainda não está em casa.

Eu olho pelas grandes janelas e vejo as nuvens descendo, escurecendo os céus. No vazio da sala, eu mergulho no zumbido vago do silêncio antes do vento soprar as primeiras esferas de granizo contra o vidro. Meu coração dói com o pensamento de David lá fora no frio amargo. Tudo o que posso fazer é esperar que ele ainda não esteja no cemitério depois de todas essas horas.

A umidade externa se acumula, aumentando as névoas de gelo. Eu contemplo dirigir de volta até o cemitério antes de mudar de ideia, sabendo que não devo pegar a estrada quando está tudo congelando.

Eu fico de mau humor quando o granizo se transforma em flocos, e dou lugar a olhos cansados, de alguma forma conseguindo dormir com um peso pressionando minhas costelas.

;

Um barulho me agita, me despertando para uma sala escura. Eu sento muito rápido, fazendo minha cabeça girar em uma névoa, e quando a luz suave de uma lâmpada ilumina a sala, tenho que piscar contra a névoa do sono que está embaçando meus olhos.

— David? — Minha voz sai em um tom baixo.

Minha visão aguça enquanto ele entra na sala e tira o casaco e o cachecol, colocando-os sobre a cadeira.

— Que horas são? — Eu pergunto, ainda tentando me orientar depois de acordar tão rápido.

— Quase oito. — Ele acende outra luz, permitindo-me vê-lo mais claramente antes de caminhar na minha direção e cair no sofá ao meu lado com um suspiro pesado.

— O que você está fazendo aqui? — Ele pergunta quando vira a cabeça para olhar para mim.

Eu demoro um momento para responder, e quando o faço, admito com um leve receio: — Eu te segui.

— O que quer dizer com você me seguiu?

— Eu sinto muito. Eu sei que não deveria, mas você tem estado tão distante, e tenho me sentido insegura sobre isso... tudo. Então, quando você saiu da escola hoje...

Deixo minhas palavras pairando no ar entre nós, sentindo uma imensa culpa por atravessar um limite que eu não deveria ter, mas ele pega minhas palavras decaindo, dizendo: — Você me seguiu.

Eu aceno, e ele desvia o olhar, olhando para frente. Tudo o que posso fazer é ficar ao seu lado enquanto percebo a exaustão em seu rosto - seu belo rosto, marcado pela dor, uma dor da qual eu gostaria de poder fazer parte, se ele me deixasse entrar.

— David...

— Você provavelmente deve ir antes que as estradas piorem.

— Por favor, apenas fale comigo, — imploro desesperadamente.

Ele se inclina para frente, apoiando os braços nos joelhos e deixando cair a cabeça. Sem pensar, eu estendo a mão e coloco nas costas dele. Seus músculos enrijecem em reação ao meu toque, e sinto mais necessidade de acalmá-lo.

— Por que você não fala comigo?

Ele levanta as mãos para embalar a cabeça e eu insisto um pouco mais, dizendo: — Apenas me diga o que é.

— Eu gostaria que fosse tão fácil.

— Você vai tentar... por mim?

Sua cabeça treme lentamente em suas mãos e sua recusa em se abrir pica meus nervos.

— Por que não? — Eu questiono, e quando ele continua a me ignorar, tiro a mão de suas costas. — Por que você não fala comigo quando eu te dei tanto? Você sabe todos os meus segredos, David. Você viu as piores partes de mim e eu as entreguei sempre que você pediu. Não foi fácil, mas eu fiz mesmo assim.

Eu pego seu pulso, puxando-o para longe de sua cabeça, e quando ele se vira para olhar para mim, vejo o que ele está tentando esconder. Seus olhos estão cheios de lágrimas não derramadas, e dói vê-lo assim - um homem que é inegavelmente forte, sofrendo tanto.

— Seja o que for, você pode falar comigo sobre isso.

— Eu nunca fui capaz de falar com ninguém sobre isso, — ele admite.

— Eu não sou ninguém, David. Você sabe disso, certo? Mas se eu vou te dar meus pedaços quebrados, então vou querer os seus também. — Eventualmente, ele se inclina para mim com a cabeça contra o meu peito do jeito que uma criança faria. Ele coloca os braços em volta da minha cintura enquanto

eu o seguro. Suas costas sacodem em fracos tremores contra minhas mãos, e posso dizer que ele está fazendo tudo o que pode para lutar contra as emoções que estão ameaçando-o. É uma visão terrivelmente dolorosa e me sinto impotente em consolá-lo, mas isso não me impede de tentar.

Eu mantenho meu controle sobre ele, e quando sua respiração se acalma, sua voz racha roucamente quando ele diz: — O nome dele era Corbin. — Ele se afasta de mim e se inclina para trás nas almofadas do sofá, passando as mãos pelo queixo desalinhado, antes de adicionar, — Corbin Dane.

Sentada de joelhos com os pés dobrados debaixo de mim, olho para ele enquanto ele olha para o nada.

— Foi o túmulo que você foi mais cedo?

Ele concorda, e eu o vejo desligando de novo, então faço o que posso para mantê-lo falando quando digo: — Conte-me sobre ele.

Ela leva seu tempo até que seja capaz de responder, e quando o faz, faz sem olhar para mim. — Ele foi um dos meus melhores amigos enquanto crescia. Ele era barulhento e grosseiro, mas era um grande amigo. Depois que nos formamos no ensino médio, nós dois fomos para UO, e quando a merda se desfez com a minha ex, foi ideia dele dar o fora de Oklahoma e se alistar no Exército. Ele era mais um irmão para mim do que o meu. — Ele para, engasgando antes de se inclinar para frente novamente, apoiando a cabeça de volta em suas mãos. Com os ombros trêmulos, ele libera o som mais doloroso quando ele revela: — Eu não consegui salvá-lo.

Ele está debruçado e o seguro o melhor que posso. Com o lado do meu rosto pressionado contra suas costas, eu rezo pelo poder de absorver toda a agonia com a qual ele está lutando.

— O que aconteceu? — Eu pergunto, lamentando a pergunta invasiva quando ele não responde. Meu sussurro, — sinto muito, — soa patético, e me afasto para dar-lhe algum espaço.

Sua mão segura meu braço que está pendurado na frente dele, apertando-me com força, e em troca, eu aumento meu domínio sobre ele também. Ele não tenta falar e eu não digo nada para encorajá-lo. Eu simplesmente faço o possível para evitar que minhas próprias lágrimas caiam.

Você ouve sobre os soldados que voltam da guerra tão marcados por suas experiências que são fisicamente incapazes de falar sobre elas. Uma coisa é ouvir sobre os homens que lutam em silêncio, mas aqui estou eu, vendo, sentindo as memórias dentro de seus ossos trêmulos sob o meu toque. Seja o que for que está

em sua cabeça, desejo a Deus que pudesse apagar para que nunca o atormente novamente. É um sentimento impotente saber que tudo o que posso fazer no momento para consolá-lo é nada. É uma dor que não consigo tocar porque está muito longe do meu alcance de compreensão. Então, eu sento aqui, sem tirar minhas mãos dele, e espero. Vou esperar para sempre até que ele esteja pronto para falar.

Mas não leva para sempre. Demora um longo tempo, mas eventualmente ele levanta a cabeça e me diz: — Aquela seria sua última turnê. Ele era casado e tinha acabado de descobrir que sua esposa estava grávida antes de sermos implantados. Me disse que era o fim para ele. Que assim que sua implantação terminasse, ele deixaria a vida militar para trás por sua família. — Ele respira fundo e lentamente libera, sentando-se um pouco mais. — Eu conheci aquele garoto a vida toda e nunca o vi chorar até o dia em que a Jennifer deu à luz sua filha. Ele estava tão feliz, pulando como um maldito lunático, — ele diz com uma risada triste.

— Você conhecia bem a esposa dele?

— Sim. Como eu disse, ele era meu melhor amigo... minha família. — O rosto dele cai de novo. — Só restava um mês até podermos ir para casa. Ele estava contando os dias... todos nós estávamos.

— Quanto tempo vocês ficaram implantados?

— Treze meses.

Hesito em perguntar, mas não consigo parar quando sai. — O que aconteceu com ele?

Ele balança para frente e para trás algumas vezes antes de se levantar e entrar na cozinha. Eu me viro e vejo quando ele abre a geladeira e pega uma cerveja. Eu quero dizer-lhe para parar, mas não faço. Ele inclina a cabeça para trás e bebe quase toda a garrafa antes de largá-la no balcão com um tilintar duro.

Colocando as mãos na beira da bancada, ele olha para mim e diz: — Eu passei por cima um IED[9] — e depois abaixa a cabeça. Levanto-me e, enquanto vou até ele, ele acrescenta: — Eu estava dirigindo o Humvee[10]. Eu bati na maldita coisa e tudo voou pelos ares.

---

[9] Improvised explosive device (bomba caseira).

[10] 

No segundo que chego ao seu lado, ele me agarra, colando seu corpo ao meu, e eu o prendo com todas as minhas forças, mas não se compara a dele. Seus músculos são esmagadores, e neste ponto ele não para de falar, explicando através de palavras que se partem enquanto saem. — Eu tive que usar minhas mãos para socar as janelas quebradas. Fiz tudo o que pude para tirar todo mundo, mas não conseguia ver nada através da fumaça e da poeira. Foi um maldito caos, e então tudo explodiu em chamas.

Quando se torna demais para suportar, ele me solta e volta para o sofá enquanto esfrega as mãos sobre os olhos. Provavelmente uma tentativa de toldar as visões por trás de suas pálpebras. Eu sei, porque me vejo fazendo isso frequentemente quando as visões de meu pai se tornam muito dolorosas.

Eu sigo logo atrás dele, e então me sento na mesa de café, de frente para ele enquanto ele senta no sofá.

— Eles me deram uma estrela de bronze por salvar quatro homens, mas é o quinto pelo qual nunca me perdoarei. Aqueles caras tiveram que me impedir de ir atrás dele. Ele queimou até a morte e eu ainda posso ouvir seus gritos até hoje. Nunca poderei esquecer os sons horríveis dele morrendo.

Seus músculos flexionam enquanto ele luta para não se perder, mas a miséria emaranhada através dele é evidente. Não há como negar a gravidade de sua agonia, mas não vou forçá-lo a deixar isso de lado também. Eu também conheço o medo de sentir demais. Então fico parada e dou tempo para ele se recompor.

— Todo ano, quando o aniversário de sua morte chega... Eu não sei como lidar com isso. A responsabilidade que sinto... por deixar sua filha sem pai e sua esposa... — Sua compostura vacila, e então ele pega minha mão na dele. — Me desculpe, eu não falar com você...

— Está tudo bem, — eu respondo com tanta culpa quando ele me puxa em seus braços e em seu colo. — Eu não estava brava; Eu estava apenas preocupada. Eu não sabia o que fazer.

— Isso é exatamente o que eu preciso que você faça. Isso... bem aqui... — ele me garante. — Eu sei que não sou perfeito, mas também não estou acostumado a ter alguém que me ama do jeito que você faz. Tê-la evitado não foi intencional.

— Pare. Você não precisa se desculpar.

Suas mãos correm pelo comprimento do meu pescoço até minhas bochechas com um olhar carinhoso escoando através de seus olhos turvos. — Deus, eu te amo tanto.

E eu também o amo. Amo mais do que eu poderia explicar. Amo tanto que muitas vezes me pego mordendo minha língua e sangrando minhas bochechas a fim de acabar com a vontade de explodir por amá-lo demais.

Eu envolvo meus braços ao redor de seu pescoço, pressiono meus lábios nos dele manchados de lágrimas e o beijo. O beijo devagar e suavemente, lambendo o sal que faz dele o homem que ele é, o homem que encontrou uma maneira de se aninhar com segurança exatamente onde deveria estar - em segurança entre minha terceira e quarta costela.

# Capítulo Vinte e Cinco

Quando 'Mercy'[11] toca, eu aumento o volume, me ergo através do teto solar, e jogo meus braços para o ar. O vento chicoteia meu cabelo, transformando-o em um ninho de desordem quando a mordida da geada de fevereiro lambe minha pele. Eu jogo minha cabeça para trás na noite de obsidiana e sorrio. Um sorriso tão grande que dói, mas eu não me importo. Com meu amor proibido no banco do motorista, minha alma consome com paixão delinquente enquanto nós avançamos pela divisa do estado.

— You're fucking crazy[12], — meu tudo grita em euforia por baixo, e eu rio, porque é a verdade.

Eu sou louca.

Louca de tantas maneiras - tantas maneiras belas e inexplicáveis. Seus dedos rastejam pela minha lateral até ser capaz de agarrar a barra de minha camiseta. Eu desisto quando ele me puxa para baixo. Sem fôlego e feliz, caio no meu assento em um monte de falta de ar.

— Está congelando lá fora, — ele diz, fechando o teto solar, divertido com o simples fato de eu simplesmente não me importar.

Eu pego o prendedor de cabelo do meu pulso e coloco minhas mechas em um coque bagunçado em cima da minha cabeça. David me observa pelo canto do olho com um sorriso tão sexy que não posso deixar de devolver para ele.

— O que é essa música de qualquer maneira? — Ele pergunta, abaixando o som em um nível mais tolerável.

— É Duffy.

— É você, — ele brinca, estendendo a mão e apertando meu joelho, sabendo que sinto cócegas.

Remexendo as minhas pernas, perco toda a compostura em um ataque de risos até que ele para. E quando ele faz, eu curto o resto da música, cantando as letras para ele como se fosse algum tipo de proclamação do meu coração - talvez

[11] Música da banda Duffy.

[12] Letra da música, Você é Totalmente Louca.

seja. Eu canto por seu sorriso que é sincero e genuíno, me amando por tudo que sou.

Quando a música acaba, eu pego meu telefone e clico na minha playlist.

— Quanto tempo mais? — Eu pergunto.

— Cerca de mais seis horas.

David havia me contado sobre esta cabana onde uma vez ele ficou, escondido na pequena cidade de Ruidoso e esquiando nas encostas da Sierra Blanca.

*— Não é nada extravagante, — ele disse. — Apenas discreto e pacífico.*

*— Devemos ir.*

Ele sugeriu que esperássemos até o próximo inverno por razões óbvias. Mas por que esperar?

Nós verificamos o calendário escolar e vimos que havia um feriado pelo Dia dos Presidentes que por acaso era um fim de semana prolongado. Com minha mãe vivendo em seu próprio mundinho, David foi em frente e reservou uma cabana para nós. Assim que o treino de natação terminou esta tarde, eu deixei meu carro na garagem de David e pegamos a estrada.

Eu tenho esperado impacientemente por essa viagem - essa liberdade. Eu sabia que precisava, só não percebi o quanto até agora.

É quase dez horas quando David para em um estacionamento de terra em um restaurante aleatório no meio do nada. Por horas, não tem havido nada além de silos, trilhos de trem e campos vazios. Qualquer pessoa normal pode sentir-se cautelosa ao sair do carro, mas, eu, estou feliz. Grata, que pela primeira vez posso estar em público com o David. Posso tocá-lo e beijá-lo sem medo de alguém que conhecemos nos veja. Então, quando ele abre a minha porta e pega minha mão, parece a felicidade total.

— Você parece muito feliz para estar em um lixão como este, — ele brinca enquanto caminhamos em direção ao prédio degradado.

Quando entramos, somos saudados pela senhora mais doce de cabelo branco que está perfeitamente preso em um coque. Ela pega meu emaranhado e sorri. — Você parece precisar de uma boa xícara de café.

— E uma escova.

Aperto o lado de David em sua observação, e ele pega minha mão na sua enquanto somos levados a nossa mesa. Eu deslizo ao lado dele, e ele coloca o braço em volta dos meus ombros, me puxando contra o seu lado.

— Então, o que posso trazer para vocês dois?

— Vou querer um café, — ele diz.

— E ela vai querer...

— Um copo de água seria bom.

Ela sorri para nós e deixa cair os cardápios na mesa antes de se afastar.

— Isso é legal.

— Você tem baixos padrões.

— Eu quis dizer nós, — eu rio.

— Bom. Eu estava começando a me preocupar, — ele brinca antes de mudar para um tom mais sério. Ele inclina a testa na minha e me dá um beijo suave. — Isso é o que eu tenho sentido falta.

— O quê? — Eu sussurro.

— Ser capaz de ter você assim sem preocupação. — Ele me beija novamente.

— Mais três meses.

— Aqui está, — diz a nossa garçonete quando entrega nossas bebidas. — Eu já volto para anotar o seu pedido.

Nós bisbilhotamos o menu e David sugere ficar longe do Churrasco. Quando pergunto por que, ele diz: — Você está familiarizada com Tobe Cooper[13]?

— Eu deveria estar?

— O Massacre da Serra Elétrica é um clássico do cinema cult, mas você nunca mais verá um churrasco da mesma maneira, — ele diz com um sorriso malicioso.

— Eu não tenho ideia do que você está falando, mas vou aceitar sua sugestão sobre. — Eu fecho o menu. — Eu vou querer o sanduíche de peru.

— Dois sanduíches de peru, — David ordena quando a senhora idosa retorna, e logo, estamos de volta à estrada.

---

[13] William Tobe Hooper foi um diretor de cinema e TV, roteirista e produtor norte-americano mais conhecido por seus trabalhos com filmes de terror.

Usando o casaco pesado de David como um cobertor improvisado, eu fecho os olhos e entro e saio de um sono inquieto pelo resto da viagem.

Com a mudança de horário, é quase duas horas da manhã quando chegamos. Basta um passo para dentro da cabana para me lembrar que David é um garoto herdeiro.

— Eu achei que você tivesse dito que era um lugar discreto, — eu observo enquanto ele caminha pela enorme cabana, acendendo todas as luzes. — Eu estava esperando algo um pouco mais... rústico.

— Essa merda é feita de cedro, — ele grita em defesa bem humorada de uma das salas dos fundos.

Eu rio para mim mesma. Claro, é cedro com contrastantes pisos de madeira escura com um apanhado de tapetes de pelúcia ecléticos ao longo dele. Mas a cozinha é um pouco extravagante, com aparelhos de aço inoxidável e bancadas de granito.

Música suave toca no fundo, e suspeito que o proprietário do imóvel deixou ligado em preparação para a nossa chegada.

Abrindo a porta que da para fora da sala de estar, eu saio para o deck aconchegante, que é cercado por pinheiros incrivelmente altos. Eu posso ouvir passos de um animal abaixo, mas não consigo ver muito na escuridão quando olho por cima do corrimão.

— Então, o que você acha? — David diz quando sai.

Eu me viro e ele me envolve em seus braços. — Isso é perfeito.

Ele me leva para dentro e me mostra o lugar antes de nos instalarmos em nosso quarto. Quando saio do banheiro depois de escovar os dentes, nos arrastamos para a cama. Escondidos sob os pesados cobertores, nos agarramos - quentes e nus - e, em nossa exaustão, fazemos amor devagar até cairmos no sono.

;

Acordamos com a neve caindo em gigantescos flocos brancos. Sem estarmos prontos para enfrentar o frio da sala, passamos a maior parte da manhã na cama. Isto é, até David ficar desesperado por café. Eu vasculho os

sacos de comida que trouxemos, e tomamos café da manhã antes de pegarmos nosso equipamento de esqui e ir para as encostas.

O trajeto até Sierra Blanca é de tirar o fôlego. Tudo está coberto de neve imaculada e, quando vejo uma parada, peço a David que pare para que eu possa tirar uma foto nossa no celular. Quando voltamos para o SUV, eu olho para nós dois na tela. Eu estou sorrindo para a câmera enquanto David beija minha bochecha.

Eu não me importo com o que a lei diz, não há nada de criminoso no nosso amor. O fato de termos que esconder algo tão puro quanto o que temos juntos é o único crime que posso ver. Recusando-me a ter alguma coisa escondida neste fim de semana, afasto esses pensamentos para ter um ótimo dia nas encostas.

Uma vez que estamos preparados com nossas botas, ele me fala sobre uma prancha quando digo que só sei esquiar.

— Você vai adorar, — ele diz.

Nervosa por não ter um bastão, ele me leva até a bunny slope[14] onde me ensina o básico. Depois de várias quedas que tiram boas risadas das crianças que descem correndo, desço mais algumas vezes até me sentir mais confiante na pista.

Nós nos movemos ao longo das diferentes encostas, rapidamente avançando para as pistas fáceis, e quando ele pergunta se quero parar para o almoço, digo-lhe que não. Mas o cansaço finalmente entra em ação, e me esforço para descer uma das pistas, levando um tombo após o outro. Na quinta ou sexta pista, David se move para o meu lado e segura minha mão me ajudando a descer lentamente enquanto outros passam voando por nós.

Uma vez que chegamos no final, eu caio, completamente drenada enquanto David tira minhas botas.

— Você já teve o suficiente?

Eu me deito de costas na neve, suspirando alto, — Eu não acho que conseguiria mais.

— Merda, com a quantidade de vezes que você caiu, fiquei preocupado que estaria preso lá em cima com você, — ele brinca.

Decidimos desistir e fazer planos para voltar amanhã de manhã. O resto do dia é gasto voltando para a cabana, mas em vez de descansarmos, somos incapazes de manter nossas mãos longe um do outro. A primeira coisa que

[14] Pista para iniciantes.

fazemos quando chegamos é banhar nossos músculos cansados na banheira de hidromassagem do lado de fora, mas não dura muito antes que David me puxe para o seu colo e empurre a parte de baixo do meu biquíni para o lado. Jatos beijam o topo dos meus ombros e seios enquanto rolo meus quadris sobre ele.

E mais tarde, quando o sigo para o chuveiro, acabamos fazendo sexo contra a parede com minhas pernas ao redor de sua cintura e meus braços ao redor de seu pescoço.

Com ambos exaustos, deitamos para tirar um cochilo, mas não tenho ideia de quanto tempo realmente durmo antes de acordar sem calcinha e a cabeça de David entre as minhas pernas. Eu estendo os braços e ficamos de mãos dadas enquanto ele usa seus lábios e língua para fazer amor comigo da maneira mais íntima.

Quando a noite cai junto com a temperatura, David joga alguns troncos e acende um belo fogo. Com cobertores enrolados a nossa volta, sentamos em frente à lareira e nos aquecemos com o calor das chamas crepitantes. Eu fecho meus olhos e descanso minha cabeça em seu ombro enquanto ele esfrega minhas costas, e gostaria que pudesse ser assim para sempre.

— Há algo que eu queria conversar com você.

— O que seria? — Eu pergunto levantando a cabeça e olhando para ele.

— Eu tenho conversado com alguns dos alunos da equipe sobre suas bolsas de estudo e ajudando-os em suas aplicações para a faculdade, e isso me fez pensar em você. Você não mencionou nada sobre seus planos para a faculdade. Sei que, com seu tempo na água, você recebeu pelo menos algumas cartas de intenção.

Sua pergunta me pega desprevenida, e penso em uma forma de responder. Eu nem sequer tive coragem de tomar decisões por minha conta ainda. Eu abro minha boca para dizer alguma coisa, mas nada sai.

— O que é?

Eu deixo cair a cabeça por um momento antes de olhar de volta. — Eu não sei. Eu acho... Quer dizer, eu não tinha certeza sobre...

— Sobre o quê? — Ele questiona. — Sobre nós?

Eu aceno.

— Tirando-nos da equação, qual você pensa ser sua melhor opção?

— O negócio é que estou presa porque não posso contar que minha mãe me ajude com dinheiro ou qualquer coisa. Eu tive muitas ofertas, mas apenas duas delas são bolsas completas.

— Quão completas?

— Tudo até os planos de refeição.

— Você está brincando? — Ele responde com um sorriso impressionado. — Isso é extraordinário.

— Eu sabia que nadar nunca me ofereceria muito em termos de bolsas de estudo, então eu dediquei a parte acadêmica.

— Então, de quais universidades estamos falando aqui?

— Stanford e UNC.

— Carolina do Norte?

— Sim. Mas também consegui uma parcial na UO, — eu digo a ele. — Eu poderia conseguir um emprego.

— Por que você faria isso quando tem uma bolsa completa de duas universidades que superam a de Oklahoma?

Meu coração dá um leve salto no meu peito ao simples pensamento de deixar David, e tenho que segurar minhas emoções quando admito: — Por sua causa.

— Querida, — ele diz, tomando minhas mãos nas dele. — É disso que você tem medo? Perder-me?

— Você não tem medo de me perder? — Eu digo, minha voz tremendo de medo dele dizer não, mas ele diz mesmo assim.

— Não.

Meus olhos se fecham, impedindo a tristeza de derramar.

— Olhe para mim, Cam. — Eu não posso, então ao invés disso, deixo cair a cabeça. — Não tenho medo de perder você porque me recuso a perder você.

Com isso, abro os olhos devagar - quase como se não acreditasse ouvi-lo corretamente - e levanto a cabeça.

— Você acha que eu simplesmente deixaria você ir?

Eu encolho meus ombros com uma leve sacudida da minha cabeça.

— Eu te amo. — Suas palavras são fervorosas e sem hesitação.

— Eu posso trabalhar em qualquer lugar.

— Como posso te pedir para deixar sua casa?

— Eu nunca esperei que você me pedisse isto. Mas se você acha que essa casa é minha casa, você está errada. Não há mais nada para mim lá. Você é a única coisa que está me ligando a Oklahoma. — Ele embala meu rosto em suas mãos. — Se você está nisso comigo, então irei para onde quer que você decida.

Minhas mãos cobrem as dele, e deixo de lado qualquer medo que tenha de perdê-lo. No momento em que sinto o calor das lágrimas, seus lábios as pegam, beijam meu rosto, beijam minha cicatriz, beijam minha boca.

Eu sinto meu coração amolecer dentro da gaiola que não precisa mais protegê-lo, porque confio em David para fazer tudo sozinho. O jeito que ele sempre fez. Amando-me com todas as minhas peças feias. De uma maneira que Kroy nunca pode. Eu não preciso de um homem que empurre minha escuridão para um canto distante. Eu preciso de um homem que dance com ela, cultive-a e me diga que em um mundo tão vigoroso, é a coisa mais impressionante que ele já viu. Um homem que vai encontrar traços terríveis em mim e se contentar em me amar de qualquer maneira.

Então, quando os beijos não são suficientes, tiramos as camadas até que estamos pele com pele, e fazemos muito mais do que apenas sexo. Isso é muito simples - muito cru para um momento como esse. Eu, no entanto, faço amor com esse homem até seus ossos.

# Capítulo Vinte e Seis

Com a chegada da primavera as raízes tomando o solo com fome de água e calor, há uma energia que pode ser sentida por toda a parte. O sol está apenas começando a subir em um céu colorido em tons de rosa e roxo. Tudo está coberto de doçura orvalhada e, quando saio do carro, encho meus pulmões com o aroma do renascimento.

É a segunda semana de março, marcando o final da temporada de natação. Este fim de semana é a final do estadual, e o ônibus já está no estacionamento da escola, esperando para nos levar até Norman, que é onde ficaremos pelos próximos dois dias.

Apesar de ser uma curta viagem de quarenta e cinco minutos, partimos antes das sete da manhã para ter tempo de nos instalarmos no hotel e nos prepararmos para um dia de eliminatórias que começarão às dez e meia.

Esta será a última vez que eu nado para Edmond Ridge High, e estou pronta. Nunca estive tão ansiosa para dar adeus a esta escola - a esta cidade. Depois deste ano, estou pronta para meu próprio renascimento, para me mudar para um lugar onde David e eu não teremos que nos preocupar com o que as pessoas vão dizer quando nos virem juntos. Mesmo que eu não seja mais sua aluna, se ficássemos em Oklahoma, as pessoas ainda comentariam. Sempre haveria um estigma ligado a nós. Mas na Carolina do Norte, onde acabei aceitando a oferta de bolsas da UNC, ninguém saberá que ele já foi meu professor.

Nós estaremos livres.

— Bom dia, — David diz quando entrego minhas malas para ele guardar debaixo do ônibus.

Eu dou-lhe um sorriso, um sorriso atado com o nosso segredo escondido que ninguém ao nosso redor imagina.

Quando entro no ônibus, vejo Ming me sinalizando para a parte de trás.

— Cam, eu te guardei um assento, — ela chama em sua voz baixinha.

Eu abro caminho através dos meus companheiros e tomo o lugar ao lado dela. No segundo que sento, gostaria de não ter feito; Eu estou agora sentada do outro lado do corredor de Taylor.

— E aí? — Kyle diz casualmente do assento na minha frente, e devolvo a ele um fraco, — Oi.

Kyle e eu permanecemos semi amigáveis um com o outro, apesar da minha amizade inexistente com Linze.

— Você pode acreditar que esta é a última vez que vamos nadar juntos? — Ming diz enquanto vejo David entrar no ônibus e começar sua contagem. — É tão triste quando você pensa sobre isso, sabe?

— Uh-huh, — eu respondo vagamente, mantendo meu foco fixo em frente.

Seus olhos captam os meus por uma fração de segundo antes dele sentar atrás do motorista.

— Aí meu Deus, — ela diz animada, chamando minha atenção de volta para ela. — Eu não contei a você, mas recebi minha carta de aceitação da Universidade da Flórida! Você acredita nisso? Negociada da porcaria de Oklahoma para a ensolarada Flórida? Eu mal posso esperar!

— Uau, Ming. Isso é ótimo.

Enquanto o ônibus se afasta da escola e entra na estrada principal, Ming continua falando tudo sobre a Flórida: as palmeiras, viagens de fim de semana para as praias, os caras gostosos e tudo mais. Eu aceno e faço o ocasional, "*Parece incrível",* e "*Você vai se divertir muito",* mas depois de um tempo, eu a ignoro e escuto as conversas de Taylor com um pequeno grupo de garotas ao meu lado. Eu tenho certeza que ela quer que eu ouça, considerando que não está tentando manter a voz baixa. Ela está falando sobre uma festa que foi no último fim de semana que Kyle claramente estava quando começou a comentar sobre a noite louca.

Mas é quando ela diz o nome de Kroy que sou toda ouvidos.

— Você ficou com ele? — Uma das garotas diz no que deveria ter sido um sussurro. Mas é alto o suficiente para que algumas pessoas sentadas a nossa frente virem suas cabeças para escutar.

— Sim, ela ficou, — diz outra garota. — Bem na frente de todos.

Pelo canto do meu olho, noto que Taylor dá um sorriso sacana e orgulhoso. — Eu meio que imaginei que ele sempre teve uma queda por mim. — Ela me pega observando-a e se inclina para mim. — Ele me disse que foi você quem terminou as coisas com ele, então achei que você não se importaria.

E não é o fato dela ter beijado Kroy que me faz querer bater na sua puta interior, é que uma e outra vez ela sai do seu caminho para me humilhar, para me lembrar, que a seus olhos, eu sou escória.

— Você achou certo, — eu digo a ela. — Eu não me importo.

Eu me viro e olho em frente quando Kyle olha para mim e menciona: — Kroy estava completamente bêbado.

— Como eu disse, não me importo. Se ele quer beber e andar em má companhia, é problema dele.

Taylor continua a fofocar com as garotas sobre o quão bom beijador Kroy é e blá, blá, blá. Eu sei que sua missão é apertar meus botões, ficar sob a minha pele e me deixar com ciúmes. A coisa é que não estou com ciúmes. Talvez eu ficasse se não tivesse David, mas o amo, e o amo de uma maneira que nunca fiz com Kroy. Bastou David para me mostrar que Kroy e eu nunca deveríamos estar juntos. Então, Kroy pode ficar com Taylor, se é isso que ele quer. Ele pode ficar com quem quiser, porque o ciúme não vive quando não há emoções para alimentá-lo.

— Ela é uma puta, — Ming diz para mim por baixo de sua respiração. — Você deveria ter visto o jeito que ela estava flertando com o treinador Andrews no outro dia após o treino de natação.

— O que aconteceu?

— Nada, o que tornou risível. Eu não acho que ele tenha notado, mas alguns de nós notamos, e foi patético.

— Ela é tão nojenta, — eu murmuro e, em seguida, puxo meus fones de ouvido para ignorar a fofocas repugnantes pelo resto da viagem.

Quando chegamos ao hotel, David distribui os quartos e seguimos nossos caminhos separados. Eu estou com Ming e duas outras garotas que, felizmente, não são piranhas como Taylor.

— Não dê ouvidos a ela. Ela é apenas mais uma garota malvada, — elas me dizem, mas eu já a ignorei. O aquecimento começa em algumas horas, e tenho trabalhado muito para bater meu próprio recorde estadual para deixar alguém como Taylor arruinar isso. Além disso, sua conversa de merda acabou por me motivar ainda mais. Nunca quis bater meu tempo mais do que quero agora, só para mostrar a Taylor que ela nunca será tão rápida quanto eu.

Maldosa?

Sim.

Mas eu não me importo.

Passamos as próximas duas horas agindo como garotas se preparando para um encontro. Quando é hora de ir, saímos ao mesmo tempo em que David sai do seu quarto, que fica no final do corredor. É estranho fingir ser tão distante dele, e me vejo nervosa enquanto compartilhamos um elevador até o saguão.

Quando voltamos ao ônibus, escolho um lugar na frente e tão longe de Taylor quanto possível. Nós chegamos ao centro aquático da Universidade de Oklahoma e entro em modo de competição. David pega as listas de aquecimento, e eu pego um lugar na arquibancada ao lado do deck da piscina no local designado a nossa equipe. Eu tenho três eliminatórias hoje: cinquenta metros, cem metros e o revezamento por equipe. Enquanto espero minha vez, aumento a música no meu celular e coloco os fones de ouvido, ignorando tudo ao meu redor enquanto espero que David me chame para o deck quando chegar a hora de nadar.

A cada aquecimento, ele me dá uma conversa de incentivo antes de ficar atrás de mim quando tomo minha posição no bloco. E a cada vez, depois de vencer as outras garotas da minha divisão, ele está ali, sorrindo para mim da mesma forma que meu pai costumava fazer quando eu rompia a superfície da água.

Taylor olha para mim quando sai da água, chateada por eu ser o foco do treinador no estadual. Mas era eu quem puxava o peso da nossa equipe de revezamento, e era eu quem tinha a melhor chance de chegar ao topo com os melhores tempos.

A noite cai e o dia termina. Quando todos votam em pedir serviço de quarto, voltamos ao hotel. Sabendo que os tempos de amanhã são os que contam, nos recolhemos cedo para ter um sono reparador.

Mas o sono me abandona quando não consigo parar de pensar em David. Eu odeio estar presa dividindo uma cama com Ming quando quero dividir a cama com ele. Eu me remexo e reviro, entrando e saindo de um sono superficial. Eu fico inquieta enquanto assisto a deriva os minutos se transformarem em horas no relógio brilhante demais na mesinha de cabeceira. Eu me inclino e olho para as garotas na outra cama, e elas estão dormindo enquanto Ming ronca levemente ao meu lado.

Volto a me deitar e tiro meu celular debaixo do travesseiro olhando novamente para garantir que ninguém esteja acordada antes de mandar uma mensagem para David.

**Eu:** *Não consigo dormir.*

Ele não me faz esperar muito antes do meu celular vibrar com sua resposta.

**David:** *Eu também não. Saber que você está a algumas portas me deixa inquieto.*

Sorrio, sabendo que ele está sentindo o mesmo que eu.

**Eu:** *Eu não tenho que estar a algumas portas. Todas no meu quarto estão dormindo.*

**David:** *E se um delas acordar? Você precisa ficar. É muito arriscado.*

Eu sei que ele está certo.

**Eu:** *Eu odeio isso.*

**David:** *Eu também, querida. Confie em mim, eu gostaria que você estivesse na cama comigo agora.*

O pensamento de estar com ele me excita. É a tentação sedutora de tocar a chama quando está ao alcance, apenas para sentir seu calor ao meu lado. Eu me sento e olho para as garotas enquanto o pensamento assume, e mesmo que ele tenha me dito que não, a adrenalina em minhas veias está gritando sim.

Eu levanto da cama, deslizo em meus chinelos e pego meu telefone e cartão chave antes de sair do quarto, tomando cuidado para não fazer barulho. Saindo para o corredor, pego a maçaneta da porta enquanto a fecho gentilmente e, em seguida, lentamente solto a maçaneta.

Minha pulsação dispara quando olho para a esquerda e para a direita antes de correr na ponta dos pés até o quarto de David. Com algumas batidas suaves, ele rapidamente abre a porta e me puxa para dentro.

— Que porra você está fazendo? Você está louca? — Ele me repreende em um sussurro audível.

Mas eu o ignoro, jogando meus braços ao redor do seu pescoço e beijando-o. E palavras não são mais pronunciadas, porque é no momento em que nossos corpos se tocam que somos vítimas um do outro.

Ele aperta as mãos nas minhas costas enquanto tropeçamos através do quarto até a cama. Deitando, ele sai de cima de mim e fica ao pé da cama. Eu o observo enquanto ele olha para mim, a lua o banhando em prata. Sem camiseta, ele abaixa o short. Eu levanto meus quadris e empurro minhas calças enquanto ele fica corajoso e nu na minha frente. Eu, então, me ajoelho e tiro minha camiseta. Expostos e inteiramente nus, ficamos imóveis, a apenas alguns centímetros de distância, enquanto nossos olhos se fixam um no outro.

Ele se aproxima devagar e leva a mão ao meu rosto. Eu deixo cair minha cabeça para trás e olho tudo que sempre quis, sabendo que este é o meu futuro - isso – bem aqui na minha frente.

Eu deito de costas e ele se arrasta sobre mim, nossas mãos traçando um ao outro - tocando, acariciando, reivindicando o outro como nosso.

Meu coração bate na palma de sua mão enquanto seus lábios percorrem meus seios, e quando ele encontra sua casa dentro do meu corpo, eu me agarro, braços e pernas, nele, meu apelo para que ele me cubra completamente.

E ele o faz.

Envolvendo-me em seus braços largos, nossos corpos se movem em uma névoa de paixão. Ele solta um gemido inebriante que se mistura com os meus fracos quando começamos a nos perder um no outro.

Sem pressa para que isso termine muito cedo, nos forçamos a desacelerar uma e outra vez, nos aproximando do limiar do êxtase enquanto nos emaranhamos nos lençóis embaixo de nós.

Somos uma união de segredos e falhas, mas nada é mais verdadeiro do que isso aqui. Nossos dois corpos, remendados como um, cobertos de um brilho de suor enquanto imploram para serem abertos pela mera chance de estar ainda mais perto do que o que já estão. Eu rastejaria sob suas costelas se pudesse. Pressionaria meus lábios na pele do seu coração. Nadaria na medula de seus ossos. Eu lhe daria o mesmo se ele me pedisse. Eu me abriria para ele, o forçaria a tomar tudo de mim, porque isso é tudo que anseio - ser dele - só dele, porque na minha alma, ele é meu.

Quando os músculos tremem em uma onda de eletricidade, sua boca cobre a minha enquanto nos entregamos a nossa necessidade de liberação, engolindo os suspiros de prazer um do outro enquanto nos beijamos.

Nunca me senti tão segura e tão amada quanto neste momento, deitada nos braços de David com ele ainda dentro de mim. Eu estou sobrecarregada pela vulnerabilidade quando me permito sentir tudo o que meu coração está me dizendo, e ao invés de David tentar me apressar para voltar ao meu quarto, ele me segura enquanto lágrimas silenciosas derramam diretamente do meu coração para o seu peito.

Suas mãos erguem minha cabeça e vejo suas emoções refletindo as minhas em seus olhos.

— Eu amo você, David.

Ele pressiona seus lábios nos meus. — Eu também te amo, — diz ele antes de encostar minha cabeça no peito dele. — Deus, eu te amo muito.

;

Eu acordo assustada quando vejo o quarto inundado pela luz da manhã.

— Oh meu Deus.

— Porra, — diz David na mesma onda de pânico.

Eu pulo da cama e corro ao redor do quarto, pegando minhas roupas peça por peça e me visto.

— E se elas estiverem acordadas? — Digo aflita enquanto ele está puxando seu short para cima.

— Diga a elas que você acordou cedo e saiu para dar uma caminhada.

— De chinelos e sem sutiã? — Eu exclamo.

— Merda, eu não sei. Eu não acredito que desmaiamos assim.

Eu corro para o banheiro e arrasto os dedos pelo meu cabelo antes passá-lo sob meus olhos, fazendo o possível para me acalmar e pensar em uma desculpa do porque não estou no quarto, enquanto rezo para que elas ainda estejam dormindo. Eu olho para o relógio no balcão e vejo que são apenas sete, então ainda há uma boa chance de elas não estarem acordadas.

— Você está bem? — Ele pergunta quando eu saio do banheiro.

— O que vou dizer?

Correndo as mãos pelo comprimento dos meus braços, ele diz: — Você provavelmente poderia dizer qualquer coisa sem que elas cheguem à conclusão de que você estava comigo a noite toda. Quero dizer, pense nisso.

E ele está certo. A ideia, por mais real que seja, seria tão absurda em suas mentes.

— Diga a elas que você foi até as máquinas de venda automática, diga que saiu para passear, diga que você foi até o saguão tomar uma xícara de café, — ele desabafa.

— Eu nem bebo café.

Ele dá um sorriso fraco antes de me beijar. — Você teve problemas para dormir, então foi até o saguão para ler porque não queria acordá-las, — ele diz enquanto me entrega meu telefone. — Eu vejo você lendo nisso o tempo todo.

Com um último beijo, eu pego o cartão chave e espio o corredor para ter certeza de que ninguém está andando por aí. Quando vejo que a barra está limpa, eu corro para o meu quarto. Quando passo o cartão e abro a porta, ouço outra fechando. Meu coração congela e corro meus olhos pelo corredor em ambas as direções, mas não vejo ninguém.

— Aí está você, — diz Ming.

Eu entro com borboletas se agitando no meu estômago.

— Onde você foi? — Ela pergunta, e uma vez que ainda está na cama e as outras duas garotas parecem estar apenas acordando, a primeira mentira que David me deu vem à tona através do meu pânico.

— Oh, eu... Eu fui até as máquinas de venda automática. — E quando ela olha para minhas mãos vazias, eu rapidamente acrescento: — A maldita máquina comeu o meu dinheiro.

— Eu odeio quando isso acontece, — ela diz com simplicidade, e dou um suspiro de alívio quando ela muda de assunto e começa a falar sobre o evento de hoje.

Uma tensão nervosa fica comigo durante a maior parte da manhã enquanto nos preparamos para descer até o ônibus, mas quando percebo que estou preocupada com algo que eles aparentemente estão alheios, vou relaxando.

Sentada no ônibus, ouvindo uma das minhas playlists, inclino a cabeça contra a janela e atiro meus olhos para David antes de fechá-los. Visões dele da noite passada jogam por trás das minhas pálpebras: a maneira como o peito dele flexionava enquanto ele se movia em cima de mim, o modo como ele guiava meus quadris com suas mãos quando eu estava em cima dele, a maneira como seu corpo se sentia dentro do meu. Eu sorrio antes de perceber que estou sorrindo. Cobrindo a boca com a mão, continuo repetindo a noite até o ônibus parar quando chegarmos.

Mantendo meus fones de ouvido, saio do ônibus com todos os outros e vou para o centro aquático. Com minha música e pensamentos, é fácil para mim relaxar e não focar nos outros nadadores. Andando nas arquibancadas, examino as fileiras de espectadores do lado oposto da piscina, detectando Linze encostada na parede do fundo. Ela está focada em Kyle e não me vê, mas noto, pela primeira vez este ano, que Kroy não está com ela. Ele veio a todas as minhas competições

de natação desde o primeiro ano, e quando continuo a procurar nas arquibancadas por ele, é aparente que ele não vem.

Acho que não o culpo, mas ainda há algo dentro de mim que deseja que ele estivesse aqui. É uma dor interior, saber que ele está desistindo de mim.

Balanço minha cabeça, tentando liberar todos esses pensamentos. Não posso ter nada me distraindo agora.

Estou no final da minha playlist antes que seja hora de nadar no revezamento. Ficamos em primeiro, e Taylor se gaba da nossa vitória compartilhada, mas eu a destruo nos cem metros livres no final do dia.

Embora esse não fosse meu foco hoje.

Não, toda a minha energia está sendo colocada nos 50 metros livres.

Atualmente tenho o recorde estadual em vinte e três ponto vinte e um segundos, e assim que o bati, eu queria quebrá-lo novamente. Mas então meu pai morreu, junto com todos os meus objetivos. E depois veio David, e de alguma forma ele despertou a vida de volta para mim. Ele me pegou uma garota quebrada com uma fratura no crânio e uma lesão de AC no ombro, e me ajudou na reabilitação. Ele se comprometeu na piscina comigo e, lentamente, meus tempos começaram a melhorar. Meu único desejo é que meu pai pudesse estar aqui.

Eu me viro para ver David através de olhos enevoados quando sua mão segura meu ombro.

— Você está bem? — Ele pergunta quando tiro meus fones de ouvido. — Vem cá. — Eu tiro a jaqueta do time e pego minha touca de natação antes de segui-lo para trás das altas arquibancadas. — O que está acontecendo?

— Minha mente vagou por um momento, — eu digo a ele. — Eu estou bem.

— Eu quero você focada, ouviu? Você está em cinco eliminatórias.

Eu concordo com a cabeça e começo a aquecer enquanto ele volta para o deck da piscina, onde Kyle está se preparando para nadar os cinquenta metros na sua divisão. Eu viro as costas para a piscina e sacudo meus braços e pernas. Faço alguns aquecimentos, mas não consigo clarear a cabeça. Ele é uma força muito poderosa para desligar, e entro em pânico quando meu peito fica pesado. Andando de um lado para o outro, ele fala comigo como se ainda estivesse vivo. Como se ele estivesse aqui comigo.

— Cam, o que você está fazendo?

Com a mão sobre o meu peito arfando, David agarra meus ombros. Fechando meus olhos, deixo cair a cabeça e dou alguns saltos para relaxar

minhas pernas, mas David não cede quando insiste: — Você precisa me dizer porque está à beira das lágrimas agora.

Eu respiro profundamente algumas vezes enquanto seus olhos pressionam os meus, e quando seu aperto nos meus ombros aumenta, eu admito: — Eu não consigo parar de pensar no meu pai.

Seu rosto dói, e sei que ele está lutando contra o desejo de me abraçar, mas ele não pode. Porque não podemos ser nós quando não estamos escondidos como um segredo sujo.

— Eu vou ficar bem, — tento assegurar.

— Use-o então, — ele me diz. — Você só vai se estressar de outra forma. Então, se ele estiver na sua cabeça, use-o. O que ele costumava te dizer antes de você pular daquele bloco, é isso que você precisa ouvir, ok?

Eu concordo.

— Você consegue. Eu sei que você consegue.

Com ele ao meu lado, vamos para o bloco. Taylor toma seu lugar à minha esquerda. Viro-me de costas para ela e fecho os olhos enquanto espero a chamada para ocupar nossas marcas. E quando o fazem, eu subo na plataforma. Eu não apenas ouço as palavras do meu pai, mas também as de David atrás de mim.

Quando bato na água, leva apenas vinte e três ponto dezenove segundos para eu ver o sorriso radiante de David enquanto ele bate as mãos.

Eu me volto para o quadro de avisos vendo que bati meu recorde anterior e também o Estadual. Com tudo que tive que superar dos meus ferimentos, consegui conquistar esta última vitória para o meu pai.

Tão exaltada quanto eu deveria estar, não consigo me sentir assim. Então, eu sento sozinha no ônibus de volta para casa com um coração aleijado, desejando o meu pai. Uma vez, quando era uma garotinha pedi cem desejos, mas não sou mais uma criança, e eu estou bem ciente de que a vida não faz concessões. Que não importa quantos desejos eu tenha guardado, nenhum deles jamais se realizará.

Se ele estivesse aqui, eu estaria sentada ao lado dele neste ônibus, ouvindo ele me dizer como estava orgulhoso de mim. E então olho para David, e me pergunto se teríamos nos apaixonado se meu pai ainda estivesse vivo. Como este ano teria sido com meu pai como treinador e David como o assistente técnico? E o que eu faria se fosse forçada a escolher um caminho de vida ou o outro?

Já era noite quando eu saí do ônibus. Eu assisto todos pegando suas malas e entrando em seus carros, deixando-me de pé e olhando através do estacionamento quase vazio para David. Ele sorri para mim e eu agradeço a Deus por nunca ter que fazer tal escolha.

Eu ligo o meu carro, e quando o último dos meus companheiros de equipe se afasta, também o faço. Só que não vou para a esquerda, é certo. Vou para o lugar ao qual o controle de garagem no meu console pertence. Porque é quando eu entro em sua casa e direto em seus braços que sei que encontrei meu verdadeiro lar.

— Estou tão orgulhoso de você, baby.

Eu fecho meus olhos e sorrio para o fato de que estamos um passo mais perto de sermos livres. Mais dois meses é o que está no nosso caminho. A temporada de natação está oficialmente encerrada. Eu tenho a minha aceitação para UNC com a localização do meu dormitório por vir, e David começou a procurar escolas onde lecionar e lugares para morar.

Mas então ele diz algo. Algo que nunca lhe pedi para dizer, mas algo pelo qual estive desejando intensamente.

— Eu sei que hoje foi duro para você. E sei o quanto você perdeu este ano, mas eu prometo a você, nunca vou te abandonar.

Seus lábios pressionam minha cabeça, uma lágrima cai do meu queixo e eu jogo longe noventa e nove desejos, porque não preciso deles quando ele me deu tudo em um único.

# Capítulo Vinte e Sete

**Eu:** *Onde você está?*

Eu espreito por baixo da minha mesa o texto que enviei a David durante o quarto período em que havia um substituto em sua aula. Esperei o dia todo por sua resposta, mas nenhuma chegou, e resta apenas uma hora até o sinal final tocar.

— Sem telefones, Cam. Você conhece as regras, — a Sra. Gillespie repreende da frente da classe.

Eu enfio no meu bolso ao mesmo tempo em que uma chamada soa pelo auto falante.

— Sra. Gillespie?

— Sim.

— Você poderia, por favor, enviar Camellia Hale para o escritório do diretor com seus pertences prontos para sair?

— Claro, — ela responde e depois olha para mim. — Não se esqueça da sua lição de casa que deverá ser entregue amanhã.

Alguns alunos se viram em suas mesas e me dão um olhar rápido de curiosidade quando pego minha mochila, e me pergunto se isso tem alguma coisa a ver com a minha mãe. Sua audiência no tribunal sobre a casa estava marcada para hoje cedo. Dizer que fiquei chocada quando desci esta manhã para encontrá-la sóbria e vestida para a ocasião seria um eufemismo.

Quando entro na ante sala do escritório, o Sr. Sanders está esperando mim.

— Como você está hoje? — Ele cumprimenta.

— Bem.

Ele faz sinal para eu segui-lo até seu escritório, e no momento em que vejo um policial, o sangue drena do meu corpo, me deixando imóvel. Há outra mulher, vestida com calças pretas e um blazer, de pé ao lado do policial, ambos com expressões sérias.

— Vá em frente e sente-se, — o diretor me diz depois que fecha a porta, e eu obedeço, mas não é ele que fala em seguida.

— Oi, Camellia. Sou o oficial Colfax e esta é Julie Sutton, do Serviço de Proteção Infantil.

— Aconteceu alguma coisa com a minha mãe? — Eu deixo escapar, preocupada que alguém tenha dito algo sobre quão negligente ela foi.

Os olhos do Sr. Sanders mudam do policial para mim. — Não querida. Isso não é sobre sua mãe.

— Nós estamos tentando contatá-la, — diz o oficial.

— Por quê? O que está acontecendo? — Eu olho em volta da sala para os três com uma confusão aterrorizada passando por mim.

— Houve uma alegação sobre a qual precisamos fazer algumas perguntas, mas como você é menor de idade, precisamos da sua mãe com você.

*Ai meu Deus. Eles sabem?*

— Uma alegação sobre o quê?

— Você gostaria de tentar entrar em contato com sua mãe? — O oficial pergunta em vez de me responder.

Com as mãos úmidas, eu pego meu celular e finjo ligar para a minha mãe enquanto entro em pânico. Depois de alguns segundos, abaixo o telefone no colo e minto: — Às vezes ela deixa o celular no carro.

Enfiando a mão no bolso, ele pega um cartão e me diz: — Isso tem todas as minhas informações de contato. Quando chegar em casa, faça com que ela me ligue.

O cartão quase escapa dos meus dedos nervosos quando pego dele.

— Você não está em nenhum tipo de problema, — ele acrescenta. — Você não fez nada de errado, ok?

Eu aceno, resmungando um incerto, — Ok, — porque se isso tem algo a ver com David não estar na aula hoje, eu não sei o que vou fazer.

— Nós só queremos conversar, é tudo.

Eu aceno de novo quando o medo crava suas garras em mim, liberando um frio violento em minhas veias.

— Eu vou liberar sua saída mais cedo, — diz o diretor.

— Eu não vou voltar para a aula?

— É melhor que você vá para casa e peça à sua mãe que me ligue, — diz o policial Colfax. — Eu vou levá-la ao seu carro.

Eu dou uma olhada para o Sr. Sanders, o homem com quem meu pai trabalhou tantos anos, o homem que esteve na minha casa com sua esposa para jantar inúmeras vezes. Tenho certeza de que ele pode ver minha apreensão quando seus olhos suavizam e ele me dá um aceno reconfortante. Mas nada pode me tranquilizar quando ninguém está me dizendo nada.

O oficial Colfax não diz uma palavra enquanto me acompanha pelos corredores, pegando os olhos de alguns estudantes que estão vagando sem rumo e quero correr. Eu forço meus pés a acompanhar os seus passos enquanto ele me leva até o meu carro, como se eu fosse algum tipo de criminosa.

Ele enfatiza mais uma vez que eu não fiz nada de errado e me lembra de pedir para minha mãe chamá-lo o mais rápido possível.

No momento em que eu estou fora da escola, corro o mais rápido que posso para a casa de David, passando por placas de pare e gritando com os sinais vermelhos. Eu rapidamente ligo para minha mãe e deixo uma mensagem de voz quando ela não atende.

— Mãe, eu preciso que você não atenda o telefone de qualquer número que você não reconheça. — As palavras caem da minha boca em um frenesi. — Eu estarei em casa mais tarde.

Há um carro preto estacionado na frente a terceira garagem da casa de David. Deveria ser o suficiente para me parar, mas não consigo nem pensar direito neste momento. Eu estaciono meu carro e fecho a garagem atrás de mim antes de entrar em sua casa em um pânico absoluto.

Ele imediatamente se levanta da mesa da cozinha, onde estava sentado com outro homem, e vem direto para mim. Eu sei neste exato momento, com o terror nos olhos de Davi, que tudo está errado.

— O que está acontecendo? — Minha voz treme sobre as palavras.

— É ela? — O homem diz quando David me toma em seus braços, me abraçando de uma maneira que nunca fez antes.

— Eles sabem, — ele sussurra no meu ouvido, e eu começo a chorar.

— Ela tem que ir, — o cara late do outro lado da sala. — Pelo amor de Deus, e se alguém vir seu carro?

— Ela estaciona na garagem, — David diz enquanto me segura.

— David, — eu sufoco através das minhas lágrimas. — A polícia foi até a escola.

Seus braços são músculos sólidos ao meu redor, implacáveis. — Eu sei.

— Você tem que tirá-la daqui.

David me solta e se vira para o cara, atirando: — Dê-me um maldito minuto com ela.

— Quem é aquele?

Ele aperta meus ombros com as mãos trêmulas. — Liam. Ele é um velho amigo meu que é advogado. Eu liguei para ele depois que saí da escola esta manhã. — Ele deixa cair a cabeça na minha antes de acrescentar: — Eles me colocaram em licença administrativa.

— O quê?

Ele me move para o sofá quando minhas pernas quase cedem, e senta ao meu lado.

— Eu não sei como eles descobriram, mas eles sabem. — Lágrimas caem pelo meu rosto.

— Como?

— O diretor não disse...

— Esta é uma situação ruim, — afirma Liam entrando na sala de estar. Ele senta em na cadeira a nossa frente.

David nunca me solta enquanto meu corpo treme contra ele. — O que vamos fazer?

— Eu só posso aconselhar David sobre isso. Se for prestada queixas, não quero ser acusado de interferir com a vítima.

Eu atiro meus olhos para David antes de voltar para Liam. — Uma vítima? De quê?

— Você é menor de idade... e sua aluna. Ele pode ser acusado de estupro em segundo grau.

Eu sinto uma onda de náusea levantando em choque que corta minha capacidade de respirar decentemente.

*Estupro. Como alguém poderia dizer isso sobre David? Sobre nós?*

— Ainda não sabemos quais são as acusações, — ele acrescenta, e quando eu levanto a cabeça, continua: — Eles vão questioná-la antes de questionarem David. Então, neste momento, não sabemos o que foi dito ou quem disse. Mas se é substancial o suficiente, se alguém viu vocês dois se beijando ou qualquer coisa dessa natureza, então temos que nos preparar para o pior.

Eu olho para David por cima do meu ombro, e ele tira as mãos de mim, passando-as pelos cabelos em aflição.

— Ele poderia pegar um tempo de prisão. Então, o que quer que seja isso entre vocês dois, acaba aqui. Sem mais mensagens de texto, sem mais conversas, sem ver um ao outro. Nenhum contato em tudo.

— Eu sinto muito, — diz David através de olhos dolorosamente tristes.

— Acabou. — Eu olho para Liam quando ele diz isso, seu rosto, que é uma parede de pedra ardente, distorce as minhas lágrimas. — Eu vou sair. Diga o que precisa dizer, David, e depois mande-a para casa.

Um soluço me atravessa tão alto que nem ouço a porta se fechar enquanto Liam se dirige para o pátio dos fundos. Eu enfraqueço muito rápido em uma tempestade de emoções que quebram meu coração. Os fragmentos dele caem na boca do meu estômago e me sinto mal. Quando a pressão no meu peito se torna demais para suportar, as costelas estalam e os pulmões falham. Eu não consigo respirar através da minha agonia, mas eu sinto quando David me levanta do sofá, me leva para o seu quarto e me coloca em sua cama.

Nossa cama.

A cama que se tornou um lugar seguro para mim, porque é aqui que, peça por peça, ele me trouxe de volta, consertando o incurável.

Ele se debruça sobre meu corpo desmoronando, cobrindo o meu com o dele, e é através do meu coração despedaçado que o ouço chorando também. Suas lágrimas encharcam minha camiseta e umedecem minhas costas enquanto nossos corpos se destroem em uma dor excruciante.

— Não me faça dizer adeus, — eu lamento, implorando por apenas mais um desejo a ser concedido a meu favor.

Mas está fora de nossas mãos e eu sei disso. Talvez tenhamos sido tolos em acreditar que nada jamais nos separaria. Que éramos invencíveis. Intocáveis. Inquebráveis. Porque aqui estamos nós, desmoronando nas mãos da lei.

— Olhe para mim, — ele finalmente diz, e quando me sento, passo meus dedos em seu rosto e colho suas lágrimas. — Você não pode dizer nada. Eles não podem forçar você a falar, então não. Não importa o quanto eles digam que

sabem, prometa que você nunca vai contar a eles sobre nós, — ele implora aterrorizado, e o pensamento de ele ser punido e ir para a prisão por isso me mata.

— Eu não vou dizer uma palavra, — eu digo a ele, incapaz de me impedir de chorar. — Eu prometo.

Ele passa a mão, sua mão incrivelmente amorosa, pelo lado do meu rosto. — Você nunca foi uma criança para mim. Nunca te vi como nada além de tudo o que estava faltando dentro de mim. Você me deu o que ninguém mais poderia dar. E eu preciso que você saiba que é tão especial e tão bonita, — ele me beija — e que não importa o que eles tentem dizer sobre mim, você nunca foi uma conquista. Você nunca foi forçada, — ele me beija de novo. — Eu juro para você, com todo o meu coração, eu te amo. Eu te amo de uma maneira que nunca pensei que pudesse amar, e nada vai mudar isso.

— Eu não posso ficar sem você, David. Eu não posso, — eu choro. — Eu não sou nada sem você.

— Você é tudo. Você sempre foi. — Ele me segura em suas mãos e abaixa a cabeça para me olhar diretamente. — Eu não sei o que vai acontecer, mas farei tudo o que puder para impedi-la de sofrer mais. Se eu cair, não se atreva a sentir-se culpada por isso, porque não me arrependo de ter me apaixonado por você. — Outro beijo dele provoca mais lágrimas em mim. — E escute, isso pode não significar nada. Nós podemos ficar bem, mas se o pior acontecer, preciso que você me faça uma promessa.

— Qualquer coisa.

Em um tom inabalável, ele diz: — Prometa-me que você não deixará isso destruir você. Que você não vai se machucar.

Meu rosto se contrai porque ambos sabemos que não sou capaz disso. — Tente, — ele implora.

— Eu sinto muito. Isso é tudo minha culpa. Eu nunca deveria ter...

— Você não fez absolutamente nada de errado, ouviu? Nunca se culpe por isso. Nós nos apaixonamos. Isso é tudo. E só você e eu saberemos a verdade do que somos.

Eu sufoco o beijo dele através do medo e do amor, me agarrando a ele com esperança de que esse não seja o último. Que de alguma forma nós vamos passar por isso. Que nosso amor um pelo outro será forte o suficiente para sobreviver ao que nos espera.

— Eu ficaria aqui para sempre, se pudesse, — eu sussurro contra seus lábios.

— Eu sei que você faria.

— Eu te amo. — Nossos olhos cheios de lágrimas travam, e eu dou a ele o adeus que nunca pensei que teria que dar. — Uma parte de mim queria morrer antes de você aparecer. Meu mundo estava tão escuro, e lá estava você, e eu juro por Deus, David, você me salvou. Você me abriu e me mostrou um amor que eu me sentia tão indigna, mas você me deu de qualquer maneira.

— Você sempre terá esse amor. Com ou sem mim, não consigo imaginar viver em um mundo onde não te amo.

Com minhas entranhas se afogando em desgosto, ele me ajuda a ir até a garagem onde nos tocamos e nos beijamos e choramos, rezando com tudo o que temos que nada de ruim virá disso. Que esse não é o nosso adeus. Que vamos passar por isso, porque como não poderíamos com um amor tão poderoso quanto o nosso?

Então dirijo para longe com um coração que não bate mais dentro de mim porque eu o deixei no chão a seus pés. E sei que minha alma estará para sempre manchada pela dele como uma obra de arte, marcada para sempre com o seu amor.

# Capítulo Vinte e Oito

Tempo já não existe.

Horas

Minutos.

Segundos.

Eles não significam mais nada. Eles são apenas marcadores inúteis, não fazendo nada para acelerar o tempo, porque o tempo é inexistente quando seu mundo desmoronou em nada.

Eu me encontro olhando pela minha janela, observando enquanto a transição do sol e da lua se transforma em um tango insensato. Uma dança tão linda, tão simplista, que nunca falha. Você pode confiar neles para aparecer de novo e de novo. E eles aparecem. Lançando calor e luz sobre mim – sobre meu sofrimento.

Quatro novos cortes adornam minha tela marcada. E aqui estou eu, sentada, novamente, no chão do meu banheiro para adicionar um quinto com uma lâmina nova que brilha no cabo da navalha do meu pai.

Estou lendo as últimas mensagens. Nos últimos dias, eu tenho lentamente apagado evidências de David. Lentamente removendo os textos, um por um, revivendo todas as conversas que já tivemos. Lendo-as... e, em seguida, excluindo-as.

Eu disse a mim mesma, dias atrás, para simplesmente apagar tudo de uma só vez, mas não consegui apagá-las tão rapidamente. Então, em vez disso, eu as leio, relembrando e eliminando, e quando não posso ir além, paro para liberar a dor.

*Excluir.*

*Excluir.*

*Excluir.*

E então só sobrou uma.

**Eu:** *Onde você está?*

Faz três dias desde que enviei esse texto. Três dias desde que meu universo desabou. Três dias desde que nos despedimos. Era para ser outro dia típico; foi tudo menos isso. Ambos fomos pegos completamente de surpresa. Primeiro ele e depois eu. Ele estava com tanto medo de me dar um aviso ou qualquer tipo de alerta que nunca respondeu a esse texto.

Eu quero tanto chamá-lo. Eu quero ouvir sua voz, mas já exclui as mensagens de voz que eu tinha salvo no meu telefone. Tudo o que posso fazer agora é imaginar: como ele está? O quanto ele está sofrendo? Ele foi levado para interrogatório?

Eu ainda tenho que falar com a polícia. Minha mãe nunca mencionou a mensagem que deixei em seu celular, então só posso supor que ela nem se incomodou em ouvi-la. Eu decidi não lhe dizer nada por medo e pânico. Em vez disso, tenho faltado a escola, esperando em um estado constante de desespero, imaginando se, ou quando, a polícia fará outra aparição.

Eu estou vivendo no desconhecido e é um lugar assustador para se estar.

*Excluir.*

Com um golpe do meu pulso, a lâmina afunda profundamente na carne macia.

;

— Camellia!

A voz alta da minha mãe me acorda e, quando pisco meus olhos, vejo que o sol voltou mais uma vez.

— Camellia!

— Já vou! — Eu grito rolando da cama depois de outra noite de sono agitado.

Arrastando meus pés pelo chão, eu abro a porta do meu quarto. Quando olho do corrimão no topo da escada e vejo minha mãe ao lado de dois policiais, eu sei que meu tempo acabou. Seus olhos se voltam para mim e meu estômago se contorce terrivelmente.

— O que está acontecendo? — Minha mãe questiona acusadoramente.

Eu engulo em seco e viro isto para ela. — Talvez você devesse atender seu telefone de vez em quando.

— Cuidado com seu tom, mocinha.

— Se vocês duas puderem estar na delegacia em uma hora, — diz um dos policiais.

— Claro, — minha mãe concorda em um tom muito mais doce do que o que ela reserva para mim.

Os policiais dão um aceno para minha mãe e um último olhar para mim antes de sair pela porta da frente.

Minha mãe espera um momento antes de subir as escadas. — O que diabos está acontecendo?

— Nada.

— Não é nada quando a polícia aparece em nossa casa e nos pede para irmos até a delegacia para que possam questioná-la. Agora, vou perguntar mais uma vez: o que está acontecendo?

— Alguém na escola aparentemente começou um boato desagradável que duvido que seja verdade.

— Que tipo de boato?

A mágoa retorna e minha voz sai irregular enquanto tento amenizar sua queimação. — Eu não sei. Eles não me disseram.

— Eles? Quem?

— O diretor e um policial, — eu digo enquanto ela olha para mim com uma expressão preocupada que fiquei sem por muito tempo.

— Eu preciso que você me diga exatamente o que está acontecendo antes de irmos para a delegacia.

Mas eu não posso. Eu fiz uma promessa a David, então digo a ela o que posso. — Mãe, eu não sei de nada. Só que na segunda-feira fui chamada até a diretoria. O policial me disse algo sobre uma alegação sendo feita. Eu perguntei sobre o que era e quem fez tal alegação, mas ele não quis me dizer. Isso é honestamente tudo o que sei.

— OK. Bem, vá se arrumar para podermos ir até lá. — Aparentemente, o medo da polícia ter aparecido na nossa porta está fazendo ela agir mais como uma mãe do que fez durante todo o ano passado. E agradeço a Deus por isso, porque não acho que posso passar por isso sozinha.

Eu tomo um banho rápido e me arrumo enquanto a ansiedade aumenta a cada passo que dou. Quando nós entramos no carro e começamos a dirigir, me preparo mentalmente para o que está por vir. Mas como eu posso me preparar para isso quando não tenho ideia do que estou enfrentando? David me disse para não admitir nada, e é exatamente o que vou fazer. Eu vou mentir até o meu último suspiro, se for preciso, apenas para protegê-lo.

Quando chegamos, somos levadas a uma pequena sala com nada além de uma mesa e três cadeiras e nos oferecem algo para beber. Nós duas recusamos.

— A detetive Banks entrará em breve, — disseram-nos antes de sermos deixadas sozinhas.

Minha mãe e eu não dizemos nada enquanto o nervosismo abala meu sistema, aumentando minha frequência cardíaca. Eu olho ao redor da sala, vejo uma pequena câmera de vídeo montada no canto direcionada para onde estamos sentadas, e minhas mãos começam a suar.

Depois de mais alguns minutos de tortura silenciosa, a porta se abre e uma mulher entra usando um distintivo preso ao cós da calça.

— Bom dia, — ela cumprimenta antes de ocupar o assento ao meu lado. — Eu sou a detetive Banks, e vou lhe fazer algumas perguntas, se estiver tudo bem com você?

— Sim, tudo bem.

— O que é tudo isso? — Minha mãe interrompe a primeira pergunta da detetive Banks antes mesmo de ser questionada.

— Primeiramente, quero que você saiba que esta é uma entrevista voluntária. Eu entendo que isso pode ser uma situação muito estressante, mas garanto que sua filha não fez nada errado. Houve uma alegação feita, e nós só precisamos fazer algumas perguntas à Camellia, — ela diz à minha mãe antes de voltar sua atenção para mim. — Só para você estar ciente, gravaremos esta visita em áudio e vídeo, — ela me disse antes de nos dar mais alguns detalhes sobre meus direitos e assim por diante.

Fingindo calma o melhor que posso, digo a ela que entendo, e ela começa a me questionar: — Então, Camellia...

— Cam, — eu corrijo.

— Eu sinto muito. Cam, pode me dizer como está indo esse ano escolar para você?

— Bem eu acho.

— Último ano, — ela observa, — você deve estar animada para se formar.

— Sim.

— E você é uma nadadora? Você pode me falar sobre isso?

Eu assisti televisão e li livros suficientes para saber exatamente o que ela está fazendo. Se colocando ao meu nível para que eu confie nela o suficiente para lhe dizer o que ela precisa saber, isso não vai funcionar comigo. Se ela acha que pode me manipular, está errada.

Eu respondo suas perguntas triviais, contando a ela sobre minha natação e sobre meus planos para a faculdade, planos que David e eu fizemos juntos, planos que eu nunca compartilhei com minha mãe. Ela fica quieta, mas tenho certeza que ela vai falar sobre isso mais tarde.

— E quem é o seu treinador de natação? — Ela finalmente pergunta, obrigando-me a dizer o nome que ainda tem um gosto tão doce em meus lábios.

— Treinador Andrews.

— David Andrews?

Eu aceno, e ela continua fazendo anotações em um bloco, o que tem feito o tempo todo.

— Você estava em alguma de suas aulas?

— Literatura Inglesa.

— Agora, você sendo sua aluna e uma de suas atletas, haveria algum contato sobre a escola ou informações relacionadas à natação que ele enviaria por e-mail?

— Sim.

— E mensagens de texto?

— Não.

— Telefonemas?

— Não, — eu continuo enquanto meu pulso dispara, e luto para me manter parada.

— Você já recebeu um e-mail, um telefonema ou um texto de David Andrews sobre qualquer outra coisa além de informações relacionadas à escola ou à natação?

— Não.

— Nunca?

Eu balanço a cabeça enquanto milhares de memórias de ficar acordada até tarde e falar com ele no telefone e mandar mensagens para ele durante todo o dia passam pela minha cabeça. Pela primeira vez, agradeço ter apagado cada um deles. Se ela pedir para ver meu telefone, não encontrará um único traço dele.

— Eu quero lembrá-la, Cam, que não importa o que me diga, você não está em apuros. Mas é importante que você diga a verdade aqui.

— Eu estou dizendo a verdade.

Ela balança a cabeça e depois continua, explicando: — Vou lhe fazer algumas perguntas que podem ser desconfortáveis, mas, novamente, preciso que você as responda honestamente, ok?

— OK.

— David Andrews já tocou você de maneira sexual?

— Você está acusando minha filha...

— Senhora. — Detetive Banks se dirige a minha mãe. — Mais uma vez, nós estamos apenas tentando coletar informações que nos ajudarão a confirmar ou negar essa alegação.

— Bem, eu sugiro, antes de seguir em frente, que você explique exatamente que alegação foi feita que diz respeito à minha filha. — A paciência da minha mãe finalmente acaba, e me aquece um pouco a sua proteção sobre mim.

E, finalmente, é divulgado o que foi dito quando a detetive Banks revela: — Nós estamos investigando uma alegação de que você e David Andrews estão envolvidos em algum tipo de relação sexual.

— Isso é insano!

Eu sento em silêncio, congelada no meu lugar.

— Pode ser, — diz a detetive Banks à minha mãe, — mas levamos essas afirmações muito a sério. E de forma alguma sua filha fez algo errado. — Ela então pergunta a mim e minha mãe se pode continuar com seu questionamento, e quando nós duas concordamos, ela pergunta novamente: — David Andrews já tocou você de uma maneira sexual?

— Não.

— David Andrews já tocou em você de uma forma que fez você se sentir desconfortável?

— Não.

— David Andrews já te beijou?

— Não, — eu afirmo, permanecendo firme enquanto gotas de suor se formam na minha nuca.

— Você já fez sexo oral com David Andrews?

— Você já fez sexo vaginal com David Andrews? — Ela pressiona, e eu gostaria que ela parasse de usar o nome dele da maneira que está, como se ele fosse um objeto inanimado em vez do homem carinhoso que tem o maior coração que qualquer um que eu conheça.

— Não.

— Você já fez sexo anal com David Andrews?

— Isso é ridículo, — minha mãe murmura baixinho.

— Não.

— E você nunca mandou mensagens a David Andrews de natureza sexual?

— Não.

— Você já esteve na casa de David Andrews?

Minha boca fica seca, e todas as terminações nervosas do meu corpo parecem estar sendo arrancadas quando eu respondo: — Não.

A detetive Banks pousa o bloco de notas e a caneta e se inclina para a frente, apoiando os braços na mesa. — Cam, eu preciso enfatizar a importância de você dizer a verdade aqui.

— Eu estou te dizendo a verdade. Eu nunca fiz nada com o treinador Andrews, — eu argumento.

— Você não vai protegê-lo mentindo.

— Eu não estou mentindo. — Minha voz sobe em defesa, e eu sei que a mulher que está destruindo meu mundo agora pode ver através de mim.

— Nós temos uma testemunha que diz ter visto vocês dois se beijando. Também temos evidências coletadas que sugerem que o que você está me dizendo não é a verdade.

*Puta merda.*

Meu sangue corre frio, mas eu cumpro a minha promessa. — Mais uma vez, não estou mentindo.

Até minha mãe me apoia. — Se ela diz que está falando a verdade, eu posso assegurar-lhe, que ela está.

— Quem foi que disse ter visto alguma coisa?

— Eu não tenho autorização para dizer, — ela me diz. — Mas eu posso compartilhar isso com você. — Ela então abre o arquivo que está sob o bloco de notas e puxa uma pilha de papéis grampeados. — Estas são mensagens de texto entre você e David. Isso parece familiar?

Oh Deus. Como eles conseguiram isso? David me garantiu ter excluído tudo do telefone quando eu o vi pela última vez. Mas aqui estão elas.

— Estes textos não são meus, — eu minto, mas então o medo me enfraquece no momento em que vejo o número do meu celular destacado em amarelo no topo da página. — De onde você tirou isso?

— Eu obtive um mandado de busca que me permitiu puxar o histórico de texto da operadora de celular de David.

O pânico cristaliza, e meu intestino se agita em choque quando leio alguns dos textos que foram destacados também, textos que são tão íntimos que me fizeram corar quando os trocamos. Minha mãe se inclina, lendo palavras que nunca deveriam ser compartilhadas com ninguém. Então eu fico muda quando a realização bate.

Nós fomos oficialmente pegos.

Como diabos eu devo mentir para sair dessa? De que maneira David mentiu para sair dessa?

— Não diga mais nada, Camellia, — minha mãe diz antes de se dirigir a detetive, — nós já acabamos.

Ela imediatamente pega o celular quando pega meu braço. — Vamos. Estamos saindo agora mesmo.

A sala gira em meio a um furacão de susto, e eu não consigo nem me concentrar no que a detetive está dizendo enquanto minha mãe me puxa para fora. Tudo que ouço é estática na minha cabeça. Eu nem tenho certeza de como estou conseguindo andar quando meu coração está consumido com o que vai acontecer com David.

Como posso salvá-lo disso?

Como posso poupá-lo quando eu deveria estar ao lado dele, levando este tombo com ele? Porque eu sou culpada também.

Mamãe me apressa para o carro, e enquanto dirige para casa, ela começa a fazer ligações, mas eu estou tão longe. Eu me encolho e olho pela janela, tentando lidar com o fato de que estou completamente desamparada. Que não há nada que eu possa fazer para proteger David. Eles já sabem. Se eles têm dezenas de páginas de nossos textos, provavelmente tem centenas de páginas de nossos registros de chamadas que mostram incontáveis horas de conversas.

Entrando na nossa garagem, mamãe desliga o telefone. — O marido de Marlene é advogado, — ela fala de uma das suas velhas amigas do clube de tênis. — Ele vai fazer algumas ligações e vai passar por aqui mais tarde.

E assim que entramos na casa, minha mãe bate a bolsa no balcão da cozinha e mata qualquer esperança de que voltaria a mãe de apoio e amorosa que ela costumava ser.

— Como você pôde ser tão estúpida?

# Capítulo Vinte e Nove

As suas palavras não deveriam me chocar, mas chocam. E eu percebo que, num momento de fraqueza, me abri à ideia de que talvez ela se importasse.

— Meu Deus, Camellia, o que você estava pensando? Ele é um homem adulto!

— Nada aconteceu.

— Essas mensagens de texto contam uma história muito diferente, — ela ataca. — Como você pôde ser tão ingênua para deixar este homem se aproveitar de você?

Suas palavras injustificadas alimentam minha raiva, mas ainda assim, ela continua. — Se isso vazar, você tem alguma ideia de como vai fazer a nossa família parecer?

— Você está falando sério agora? — Eu me perco. — E você? Você está cega para sua própria reputação nesta cidade?

Ela muda de posição e olha para mim. — Eu não sou uma criança abrindo minhas pernas para um homem mais velho, um professor que trabalha na mesma escola que seu pai trabalhou. Graças a Deus ele não está aqui para ver a desgraça que você fez de si mesma. — Ela então abre a porta da geladeira e pega uma garrafa de vinho.

— Eu sou uma desgraça? Eu? Bem, se você acha que o que eu fiz é vergonhoso, só posso imaginar o que ele pensaria do que você está fazendo! — Eu fervo perante ela, cerrando os punhos.

Eu saio de seu alcance no momento em que ela levanta a mão para me bater. — Você não pode mais fazer isso comigo! — Eu grito, cada vez mais emotiva com palavras que racham enquanto lutam para sair de mim. Ela deixa cair a mão, mas eu continuo. — Você não tem sido minha mãe que meu pai morreu. Você me deixou sozinha e me forçou a juntar os pedaços dessa família. Eu não pude nem lamentar a morte dele porque estive muito ocupada cuidando de todas as suas merdas!

— Então isso é minha culpa? Foi por minha causa que você... — Ela joga as mãos para cima e, em seguida, agarra a bancada quando as desce. — Eu ainda

não estou certa do que você fez com aquele homem exatamente. Até onde esse pequeno encontro foi?

— Você realmente acha, por um segundo, que posso confiar em você com alguma coisa sobre a minha vida?

— Bem, eu acho que está muito claro que você não confia em mim. — Ela pega o saca rolhas e começa a abrir a garrafa de vinho. — Eu tive que descobrir em um interrogatória na sala da polícia que minha própria filha vai se mudar para o outro lado do país para ir a faculdade, e de alguma forma não contou à própria mãe. Achei que eu seria incluída na decisão, se vou ter que pagar a conta.

— Pagar a conta? Você realmente acha que eu iria depender de você para pagar por alguma coisa? Quem você acha que mantém nossa eletricidade e nossa água funcionando? Droga, mãe, por sua causa, poderíamos ter perdido esta casa!

Ela toma um grande gole de sua taça de vinho, e tenho que morder minha bochecha para me impedir de avançar nela.

— Está tudo resolvido com a casa, então você pode amenizar os dramas. Temos coisas maiores para nos preocupar, então eu sugiro que você corte a atitude adolescente e me preencha com o que diabos está acontecendo entre você e aquele professor.

— Não há nada para contar. — Por ninguém vale a pena quebrar minha promessa a David, nem mesmo ela.

Ela abaixa a taça e caminha na minha direção. — Isso não é algo que você pode mentir para escapar. Você entende quão sério é isso?

— Eu fui interrogada por uma detetive, mãe. Eu entendo a gravidade da situação, mas não há situação. Nada aconteceu.

— Você sempre foi uma péssima mentirosa. É hora de começar a dizer a verdade.

Mas eu não falo. Eu estou tão farta dela que apenas olho nos olhos que não reconheço. Ela não é a mãe que eu costumava conhecer.

— Então você não vai mesmo dizer nada? — Eu balanço minha cabeça em desafio.

Ela pega a garrafa de vinho pelo gargalo e diz: — O silêncio é incriminador, querida, — e então vira as costas para mim e vai embora.

Incapaz de ficar parada em uma tempestade de raiva, medo e tristeza, eu perco a calma e grito. Com meus olhos fechados, grito com tanta força que são como facas na minha garganta. Cordas inflamam em fogo áspero enquanto tento

liberar a dor e a raiva que estão me comendo por dentro, mas sei que é um esforço desperdiçado, então desisto e seguro a cabeça com as palmas das mãos abertas.

Eu me pergunto com qual de nós meu pai ficaria mais desapontado: eu ou ela?

Qual é o ponto em querer saber, no entanto?

Nós fizemos nossas escolhas, e aqui estamos nós, quebradas com nossos próprios vícios para lidar - o álcool dela, e os meus cortes - mas eu me recuso a acreditar que sou parecida com ela. No entanto, neste momento, não é a lâmina que desejo, é David. Ele está tão perto, tão ao meu alcance, a apenas cinco minutos de carro, e saber que ele nunca foi mais proibido do que é agora, me quebra. Divide-me até o ponto que nada me resta, a não ser a lâmina para buscar conforto.

Então, é o que eu faço.

;

Toc – toc - toc.

— O quê? — Eu digo em aborrecimento por trás da porta do banheiro trancada.

— Randall, o advogado, acabou de ligar. Ele está a caminho.

Eu me arrasto do chão quando ouço a porta do meu quarto fechar e depois olho para o meu telefone, que mostra: 18:43. A fadiga me pesa quando eu limpo as crostas de sangue do meu estômago e, em seguida, tento me tornar apresentável. Não me movo muito rápido, não quero encarar qualquer coisa do outro lado desta porta. Quando finalmente desenterro a coragem de descer, Randall já está aqui.

Minha mãe foi claramente capaz de praticar contenção com a garrafa, para estar aqui hoje, vestida com um suéter de cashmere e um simples colar de pérolas.

Quem ela acha que está enganando?

Mas eu embarco em sua farsa, fingindo como se fôssemos as mesmas mãe e filha felizes de antes do acidente.

— Camellia, é bom conhecê-la, — Randall cumprimenta quando entro na sala de estar. — Eu gostaria que fosse em melhores circunstâncias, mas ainda assim é bom.

Todos assentimos, reconhecendo o constrangimento na sala.

— Então, com o que estamos lidando aqui? — Minha mãe pergunta quando se senta ao lado de Randall no sofá e eu me sento em frente a eles na poltrona.

— Bem, com Camellia sendo menor, o nome dela não será de conhecimento público, — ele informa. — Agora é uma decisão sua, se você concordar e trabalhar com a DA[15] na acusação...

— Não, — eu digo.

— Camellia, escute, — ele aborda com cautela. — Depois de conversar com a detetive designada para o caso e o advogado do Sr. Andrews a respeito das provas até agora... bem... Isso não pinta este homem de uma boa luz. Só as mensagens de texto deixam claro que ele cruzou a linha.

— Você as viu?

— Eu vi o suficiente.

Meu pescoço queima de vergonha e nem consigo olhar para ele. — Isso não é culpa sua. Sujeitos como ele gostam de presa vulneráveis, e com a morte do seu pai, ele se aproveitou. Ninguém está culpando você ou acusando você, mas esses sujeitos não param. É uma compulsão doentia.

Eu quero retrucar, chamá-lo de mentiroso, dizer que ele está errado, porque está. Ele não conhece David como eu. Nenhum deles conhece.

— Esse homem deve ser preso, — minha mãe diz com desgosto.

— Ele está.

— O quê? — Meus olhos se dirigem para Randall.

— Um mandado foi emitido para revistar sua casa, e depois de encontrar uma foto de vocês dois e alguns artigos de roupas femininas, eles sentiram que tinham provas suficientes para apresentar acusações, então eles efetuaram a prisão esta manhã.

*Por que ele guardaria aquela foto?*

[15] Promotoria.

Meu estômago revira, se amarrando a uma rocha. Eu não achei que poderia quebrar mais, mas de alguma forma eu faço quando imagens de David algemado atravessam minha mente.

Eu deixo cair a cabeça em minhas mãos e seguro as lágrimas por trás delas, mas com meu peito arfando em respirações entrecortadas, eles veem através de mim.

— Eu farei o que você me disser para fazer, — diz Randall. — Se você preferir falar comigo sem sua mãe presente, podemos fazer isso, mas você ficar quieta não fará isso desaparecer. É só uma questão de tempo antes que a mídia tome conhecimento. Algo assim é sempre notícia, mas nesta cidade, pode garantir que você vai receber muita atenção.

Eu levanto minha cabeça em horror quando ele me diz isso.

Minha mãe entra em pânico. — Como podemos impedir que isso aconteça?

— Mais uma vez, seus nomes não serão mencionados devido a Camellia ainda ser menor de idade, mas há sempre câmeras no tribunal para essas aparições iniciais em frente ao juiz. Quando ele se apresentar para as acusações serem lidas, a mídia vai ter um dia cheio com a história, então estou apenas avisando.

Eu fico muda e meus pulmões apertam, tornando ainda mais difícil respirar. — Como isso é possível?

— Então, o que fazemos?

— Não há muito que você possa fazer, — ele diz à minha mãe. — Ou você coopera ou não. Você tem o direito de fazer o que quiser. — Ele então volta sua atenção para mim. — Eu vou ser direto com você, no entanto. Li aqueles textos e, pelo que vi, quer você coopere ou não, eles têm o suficiente para apresentar múltiplas acusações de estupro em segundo grau.

— Com mensagens de texto? Como eles podem fazer isso?

— Eles vão indiciar uma alegação a cada vez que acharem que podem provar contato sexual com base em suas conversas.

— Uma alegação? Eu não entendo.

— Uma alegação significa cada vez que o crime ocorreu. Se eles puderem provar que o contato sexual ocorreu duas vezes, eles o acusarão pelo mesmo crime duas vezes, — ele explica. — E por essa acusação em particular, cada alegação contém uma sentença máxima de quinze anos de prisão.

— Ele não fez nada de errado! — Eu explodo meus olhos se lançando entre os dois antes de aterrissar em Randall. — Eu juro, ele não fez nada de errado.

— Você entende que tudo o que me diz é confidencial, certo?

— Sim, mas estou lhe dizendo a verdade.

— Eles encontraram uma foto na casa dele beijando você.

Minha mãe bufou em repulsa do seu lugar ao lado dele e eu estreitei meus olhos. Não havia nada de repulsivo naquele momento que eu imprudentemente capturei e imprimi para ele colocar em seu escritório.

— Foi um beijo na bochecha, isso é tudo, — eu defendo. — Foi puramente inocente, eu juro.

— Não é assim que a promotoria verá isso.

— Bem, se você quer que eu os ajude, não vou. Eu não vou dizer nada.

— Camellia, — minha mãe repreende duramente.

— Não, mãe! — Eu me viro para Randall, implorando: — O que podemos fazer para ajudá-lo. Tem que haver alguma coisa, certo?

— Aquele homem é um pedófilo!

Eu saio da minha cadeira. — Não, ele não é! Oh meu Deus, você está louca? — Eu grito com minha mãe, desejando derramar ácido em suas palavras.

— Se ela não cooperar, certamente eu posso, certo? Sou mãe dela.

— Sim, — diz Randall. — Mais uma vez, já que ela é menor, você pode intervir.

— Você não pode fazer isso!

Seus olhos se estreitam: — Eu posso, e certamente farei.

— Com o quê? Você nem sabe de nada, então, como diabos você acha que vai ajudar?

— Eu não entendo por que você quer proteger este homem quando... — Ela para, e eu vejo a percepção apontar em seus olhos. Por causa das aparências, ela surge como uma mãe preocupada quando suaviza a voz tão ternamente e diz: — Querida, o que você sente por esse homem é apenas o resultado de suas manipulações.

— Você não tem ideia do que eu sinto ou não sinto sobre qualquer coisa.

— Está claro que você quer protegê-lo.

— Porque ele não fez nada de errado.

— Ou talvez porque você sente que o ama?

Eu mordo meu lábio quando ela diz isso, mas não posso impedir meu queixo de tremer. Não há como aliviar o sofrimento vicioso deste amor arrancado tão violentamente do meu peito. Meus olhos queimam com lágrimas que eu rapidamente pisco de volta antes de dizer: — Se isso é sobre punir um homem que você acha que me machucou, então não faça isso, porque ele nunca me machucou. Os únicos que me machucaram foram todos os outros. — E quando não consigo mais suportar a ideia de algo ruim acontecendo com David, minha defesa se quebra e uma lágrima cai. — Estou te implorando... não faça isso. Você tem que confiar em mim. Por favor. Apenas esqueça isso.

A sala fica silenciosa, além dos poucos gemidos que me escapam enquanto a perda me consome. Nunca, nem mesmo depois de perder meu pai, me senti tão exausta e vazia por dentro. É como uma sepultura vazia, esperando que eu desabe e a preencha. E a coisa doentia é que isso nem me assusta. Eu quero abraçar a ideia quando penso no que poderia acontecer com David.

Minha mãe levanta e, em tom calmo, agradece Randall pela visita. — Acho que devemos dar um pouco de tempo a ela. Isso tudo é tão repentino.

— Claro. Por favor, me ligue se precisar de alguma coisa. Até lá, vou manter contato com a promotoria e deixar você saber qualquer nova situação. Embora eu não tenha certeza de quão acessíveis estarão se você não estiver disposto a cooperar.

— Compreendo.

Ela o acompanha até a porta da frente e, sem mais nada dentro de mim, vou para o meu quarto.

Quando passo pela minha mãe, ela deixa cair a fachada e enterra a faca mais fundo. — Eu não posso acreditar que você foi estúpida o suficiente para se apaixonar por esse pervertido. É melhor você esperar que quando isso chegar ao noticiário, ninguém descubra que foi você. Eu não quero que nosso nome seja arrastado pela lama.

Eu me viro e a enfrento encarando-a. — Você sabe, às vezes eu acho que a única razão pela qual você me teve foi porque era o que o pai desejava. Que você nunca realmente me quis. Que talvez você seja tão carente quanto eu por amor que lhe deu o que ele pediu. Então, no final, acho que você é tão estúpida quanto eu.

# Capítulo Trinta

Eu estou cheia de pavor quando me sento na sala do diretor. É difícil acreditar que foi só segunda-feira quando fui chamada aqui.

Em cinco dias, todo o meu mundo se transformou em uma rota de colisão com desastres que alteraram minha vida e que eu duvido que volte.

Dez meses atrás, o universo alterou a minha vida para sempre de duas maneiras muito diferentes. De uma só vez, levou meu pai e me deu David, só para depois levá-lo também. Não houve preparação para o impacto que esses dois eventos teriam em mim. A vida não dá avisos; faz o que lhe agrada, obrigando-nos a aceitar o que decidir distribuir.

Esperei até o final do dia para vir encontrar a orientadora. Ela telefonou mais cedo, enquanto eu estava em casa – matando aula novamente - preocupada sobre minha formatura e insistiu para que eu fosse ao seu escritório imediatamente.

O diretor sai do seu escritório e, quando me vê, me lança um olhar desconfortável. Graças a Deus ele é o único que sabe que sou a razão pela qual David não trabalha mais aqui. Nunca apreciei tanto a discrição.

— Cam, — a Sra. Harlow chama quando espreita pela porta de seu escritório e acena para eu entrar.

Sento-me e olho os cartazes em suas paredes enquanto ela vasculha a pilha de arquivos em sua mesa bagunçada.

Um dos cartazes diz: Todos os nossos sonhos podem se realizar se tivermos coragem.

*Que monte de besteira.*

Mas é o que está pendurado ao lado da porta que faz meus olhos revirar: Ninguém é perfeito. É por isso que temos borrachas.

— Como você está hoje? — Ela pergunta com uma voz anasalada, puxando minha atenção para longe de seus estúpidos cartazes.

— Bem.

— Está tudo bem em casa?

— Sim. Por quê?

— Você faltou quatro dias seguidos nesta semana, — ela me diz. — Todas faltas não estão justificadas.

— Eu estive doente e minha mãe tem estado muito ocupada com o trabalho, por isso provavelmente esqueceu de ligar e justificar essas ausências. — É uma coisa triste quando você percebe que mentir se tornou uma segunda natureza.

— Bem, eu espero que você esteja se sentindo melhor, — ela diz. — Mas, infelizmente, você excedeu em muito suas ausências durante o ano. Eu falei com o Sr. Sanders e ele abonou algumas delas, mas mais alguns dias perdidos farão com que você receba um No Credit[16] nas suas aulas.

— Quantos dias restam?

— Como assim, querida? — Ela pergunta enquanto seus óculos quase caem da ponta do nariz.

— De escola, — eu esclareci. — Quantos dias mais?

Depois de empurrar os óculos para cima, ela abre o calendário no computador e começa a bater a caneta contra o monitor. Ela está contando fisicamente cada dia restante. Tudo me irrita nos dias de hoje, mas isso mais do que me irrita, isso afeta meus nervos. Tudo o que eu realmente quero saber é quanto tempo tenho que suportar a tortura de vir à escola.

— Quarenta e sete dias.

Eu faço uma promessa de voltar a assistir às aulas e depois saio do escritório dela. Antes de ir para o meu carro, decido pegar todos os meus pertences no vestiário enquanto estou por aqui. O sinal final tocou há um tempo atrás, e desde que eu tenho certeza que a piscina está trancada, pego a chave que ainda tenho para entrar, mas ela já está destrancada quando eu abro as portas.

Quando entro, vejo Linze sentada na arquibancada. — O que você está fazendo aqui?

— Esperando Kyle, — ela responde, no mesmo tom de desconforto que o meu. — Ele deixou algumas coisas no vestiário.

Eu abro minha boca para dizer alguma coisa, mas não há nada lá, exceto um puxão leve em uma das minhas últimas cordas do coração. É o desejo de ter

[16] Em geral, os cursos de crédito destinam-se a estudantes interessados em obter créditos universitários para um diploma ou certificado.

alguém – qualquer um - depois que perdi todos. Eu dou-lhe um aceno desajeitado e depois vou embora.

Enquanto estou pegando os meus pertences, eu ouço um tumulto de vozes na área da piscina, e amaldiçoo a intrusão. David não esteve na escola a semana toda, então tenho certeza de que as pessoas já estão começando a questionar seu paradeiro. Eu me pergunto se já foi abordado pela administração que ele não retornará.

Fechando minha mochila, espero sair daqui o mais despercebida possível, mas paro logo depois da entrada do vestiário quando ouço o nome dele sendo mencionado.

— Você já ouviu o boato sobre o treinador Andrews?

Eu espreito ao redor da parede de azulejos e vislumbro Taylor, Ming e um punhado de outras garotas da equipe antes de recuar para fora da vista.

— Não é um boato, — diz Taylor.

— Eca, é tão nojento quando você pensa sobre isso. Quero dizer, se é mesmo verdade.

— Oh, vamos lá, — outra garota diz. — Não é assim tão nojento. O treinador é totalmente quente.

— Ele é velho.

— Não seja tão puritana, Ming. Ele só tem trinta e poucos anos.

— Esse cara era um pervertido total, — diz Taylor. — Uma vez, enquanto ele estava trabalhando em uma das minhas cãibras nas pernas, ele totalmente deu em cima de mim. Eu estou lhe dizendo, ele é um grau A do Chester the Molester[17].

Todas caem em um ataque de risos quando eu cerro minhas mãos inquietas em fúria pelas mentiras descaradas de Taylor.

— Sério mesmo, — ela continua. — O que estou prestes a dizer agora vocês terão que jurar que não vão repetir.

Todas concordam em uníssono ansioso, e inclino a cabeça para ouvir mais de perto quando Taylor abaixa a voz. — Foi Cam. Na semana passada, quando estávamos em Norman, os vi se beijando.

---

[17] Foi uma história em quadrinhos de Dwaine B. Tinsley. A premissa da tira era uma versão irônica de um homem, Chester, que estava interessado em molestar sexualmente mulheres e garotas pré-adolescentes.

Meu coração cuspiu veneno em minhas veias, e não tenho dúvidas de que foi ela quem nos delatou. Veneno preenche minha corrente sanguínea, estimulando a raiva que se espalha e faz meus membros tremerem violentamente.

— Ela é tão trágica. Deve ter sido uma presa fácil para ele.

Tudo dentro de mim se encaixa instantaneamente, e minha visão fica vermelha enquanto perco todo o controle. Eu corro atrás dela, batendo as palmas das minhas mãos em seus ombros e a derrubo.

— Sua puta!

— Que diabos? — Ela grita, e quando a derrubei, o lugar explodiu em um caos alto.

Gritos vem de todas as direções, mas tudo em que me concentro é ela. — Você é uma mentirosa! Como você pôde fazer isso com ele?

Seus braços se agitam loucamente em mim, me acertando no rosto em bofetadas patéticas que não são páreo para o puro ódio que vem de mim. — Saia de cima de mim, sua puta desagradável!

Uma tempestade de vozes explode ao nosso redor, ecoando em meus ouvidos, mas eu continuo gritando e dando socos, golpeando-a o mais forte que posso.

— Acalme-se, Cam! — Kyle grita quando me puxa para longe, prendendo minhas costas em seu peito.

— Solte!

— Você é uma louca maldita, — Taylor cospe enquanto Zane, outro cara da equipe, pisa na frente dela e a segura para trás.

Eu cravo minhas unhas nos braços de Kyle, nunca abrandando com Taylor. — Você estava tão desesperada por sua atenção e todo mundo sabe disso. Você é tão cheia de merda!

— Pelo menos eu não sou uma puta, cara rachada.

O aperto de Kyle em mim aumenta no minuto em que suas palavras saem, e eu começo a me debater com tudo o que tenho.

— Você está morta! — Eu grito, minha garganta queimando com bile azedo da boca do meu estômago. Minha visão borra enquanto vomito meu ódio naquela que é a causa de minha alma ter sido arrancada de mim, por meu amor estar sentado em uma cela de prisão, por destruir algo que era tão bonito - tão perfeitamente bonito. — Você é uma maldita mentirosa!

— Oh, realmente, — ela insulta ao tentar sair dos braços de Zane. — Então, o que você estava fazendo saindo do seu quarto de hotel? Hã? Eu aposto que você foi péssima de qualquer maneira.

Eu me agarro nos braços de Kyle enquanto tento guinchar para ela, e ele assobia quando lhe tiro sangue.

— Zane, porra, tire ela daqui! — Kyle grita, me arrastando na direção oposta.

— Você está destruindo a vida dele por ciúme, — eu grito emocionada enquanto a realidade de David corta a fúria da minha adrenalina.

— Ninguém quer você, Cam, não depois de ter cortado seu corpo nojento. Você não é nada além de lixo.

— Cala a maldita boca, Taylor! — Zane rosna enquanto a puxa de volta para as arquibancadas.

Kyle me ergue mais alto em seus braços, levantando meus pés do chão, e me leva para fora das portas enquanto eu continuo lutando e gritando baixarias para Taylor.

— Pegue sua bolsa, Linz, — ele grita por cima do ombro.

— Coloque-me no chão.

Quando chegamos ao estacionamento, ele me solta e eu me curvo. Com as mãos nos meus joelhos, suspiro enquanto tento recuperar o fôlego.

— Cara, que diabos? — Kyle exclama, e quando eu levanto a cabeça, uma onda de arrepios pica minha pele.

Nunca na minha vida estive tão zangada, tão de cabeça quente.

— Não acredite nela, Kyle. Nada disso é verdade.

— Você não está fazendo nenhum favor a si mesma perdendo a cabeça assim na frente de todos.

— Você o conhece, — enfatizo. — Você o conheceu por todo o ano.

— Sim, Cam. Como meu treinador, — ele diz. — Mas eu não sei o que aquele cara faz em seu tempo livre.

Eu olho para Linze, que está claramente chocada com o que ela acabou de testemunhar. Eu nunca perdi o controle assim e ela sabe disso. Ela sabe quão equilibrada e tranquila eu sou – ou era.

— Não é verdade, — eu digo, sem fôlego para os dois, de repente preocupada com o que eles devem estar pensando.

— Então, por que ficar tão nervosa? — As palavras de Kyle pingam em suspeita, e eu dou um passo para trás, com medo de que essa explosão me entregue.

— Cam nunca faria algo assim, Kyle. — Meus olhos voam para Linze, atordoados e tão agradecidos por ela me defender. — Ela não é esse tipo de pessoa.

Ela está errada.

Eu sou esse tipo de pessoa.

Eu sou a aventura repugnante que caiu vítima do pervertido. É exatamente assim que eles vão pintá-lo, mesmo estando longe da verdade.

Linze estende minha bolsa e, quando a pego, percebo quanta distância acumulamos quando vejo que ela realmente acredita em mim - acredita em minha mentira. Incapaz de controlar minhas emoções depois de me perder, eu me viro e vou para o meu carro sem outra palavra por medo de engasgar em minha tristeza na frente deles.

;

Eu sei que não devia passar pela casa dele, mas não posso evitar.

Não sei o que espero dirigindo até lá.

Talvez seja um anseio desesperado por algum tipo de consolo, mas só me faz sentir pior ao ver sua casa e saber que ele não está dentro. A ardência implacável da solidão parece um ácido pingando lentamente no meu coração, uma vez completamente ferido, que David conseguiu preencher. Ele me trouxe à vida e agora me sinto como a morte. Eu estou tão cansada, tão necessitada de consolo, mas não tenho para onde ir, ninguém a quem recorrer, então volto ao único lugar que detém o que preciso.

O sol se pôs há mais de uma hora, e quando volto para a escola nada resta do caos anterior. Vazio e silencioso, pego a chave do meu pai e entro no prédio. A piscina brilha em azul cintilante no ambiente escuro e eu inalo profundamente, tão profundamente que sinto meus pulmões se expandindo. Mas é tudo que posso fazer para me preencher com o que uma vez foi. Os componentes químicos

do cloro queimam meu nariz e fazem meus olhos lacrimejar enquanto tomo o cheiro que sempre me lembrará de tudo que perdi. É uma fragrância pungentemente forte para a maioria, mas não para mim. Para mim, cheira tão doce que posso saboreá-la na parte de trás da minha língua.

Eu olho em volta deste lugar, que tem tantas memórias. Foi onde meu pai pulou na piscina completamente vestido porque estava muito feliz quando quebrei o recorde escolar. Alguém tirou uma foto do momento e apareceu na primeira página do jornal da escola. Também foi onde compartilhei meu primeiro beijo com David. Um beijo atado em tanta hesitação entre nós, mas um beijo que para sempre me mudou. Sem ele, eu nunca teria experimentado o que é verdadeiramente se apaixonar. Porque foi isso que ele me mostrou - amor em sua forma mais pura.

Eu sinto falta deles.

Eu sinto tanto a falta deles.

Eu nunca soube o quão facilmente a vida poderia escapar, como um segundo você poderia ter o mundo na palma da sua mão, apenas para que ele desaparecesse em um único intervalo de tempo.

Uma coisa que meu coração me ensinou é que você não pode ter medo de morrer para amar.

É um suicídio metafórico.

Você tem que estar disposto a mergulhar de cabeça no penhasco, se você ousar se abrir para o amor. Porque é isso que o amor é; é o mesmo que a morte - é uma separação da realidade. É um momento suspenso no tempo, e quando acaba, é isso - seu momento se foi. Tudo o que lhe resta é isto - isto aqui mesmo, lamentar memórias do que nunca será novamente.

Subo os degraus que levam ao escritório que eu costumava frequentar enquanto meu pai trabalhava. O mesmo escritório em que David e eu costumávamos flertar enquanto todos pensavam que estávamos discutindo os objetivos da competição.

Ao entrar, vejo o gasto moletom da fraternidade de David de sua época de faculdade pendurado no encosto da cadeira. Tomando-o em minhas mãos, eu enterro meu rosto no tecido e caio de joelhos. Seu perfume, tão vibrante, tão vivo quando tudo parece tão morto, soma a minhas feridas, e eu choro. Lágrimas deslizam entre meus lábios, queimando minha língua em amargura pelo que Taylor nos fez.

Nunca meu coração bombeou tanto em minha vida como quando eu estava com David. Deus, ele o fez correr ferozmente, e eu me pergunto se vou sentir essa pressa novamente. Ou se esse foi o meu momento, o meu único momento na minha vida para experimentar esse tipo de amor. Um amor tão intenso, que muitas vezes coloquei minha mão sobre o meu coração por medo de explodir.

Isso é o quão poderoso nós éramos quando estávamos juntos, mas ele era poderoso por conta própria. Ele tinha sido desde o início. Desde aquele primeiro beijo lá no deck da piscina, seus lábios tomaram minha alma e a engoliu inteira, e isso é algo que eu jamais terei de volta. E eu não quero, porque não posso suportar o pensamento de minha alma não estar mais ligada à dele.

# Capítulo Trinta e Um

Acordei com o cheiro de David na minha pele. Com muito medo de abrir os olhos para a realidade, permaneci na cama com o casaco de moletom me cobrindo em conforto ilusório por horas. Não o tirei desde que saí da piscina ontem à noite. Eu também não saí do meu quarto. Qual é o ponto? Não é como se eu tivesse algo para fazer ou alguém para ver.

A maior parte do dia foi gasto lendo. David uma vez compartilhou comigo que seu livro favorito era Cosmopólis de Don DeLinno. Quando perguntei do que se tratava, ele me disse: — *Movimentos e contra movimentos da cultura contemporânea.*

— Parece emocionante. — Meu comentário estava encharcado de sarcasmo.

— Quando você escava as camadas da escrita, e confie em mim quando digo que há muitas ideias exploradas, é basicamente apenas uma história sobre um cara que quer um corte de cabelo.

Lembro-me de rir enquanto ele tentava explicar o livro para mim, mas garantiu que era uma ótima leitura, uma vez que você pegasse o jeito da escrita do autor. Desde que baixei o livro para o meu e-Reader hoje mais cedo, fui consumida por ele, dissecando o que está sendo dito e descobrindo o quanto de nós dois estão dentro dos temas da história. A escrita é além de fascinante e tão brilhante que eu me amaldiçoo por não ter lido no minuto em que ele disse que era o seu favorito. Estou lendo agora, mais do que qualquer coisa, para me sentir conectada a David, experimentar algo que foi capaz de impressioná-lo, tanto assim, que ele leu inúmeras vezes.

Uma batida me assusta, e salto da cama e corro para o corredor. As batidas fortes na porta da frente continuam, e quando desço as escadas, ouço a voz de Kroy do lado de fora.

— Eu sei que você está em casa, Cam. Abra.

Quando eu abro, grito: — Por que você está batendo na porta assim?

Ele força seu caminho para dentro, ignorando a minha pergunta e fazendo a sua. — É verdade?

— Agora não. — Eu empurro as palavras em um fôlego esgotado. Depois da briga de ontem com Taylor, estou exausta. Mas ele já está na minha casa, e com o olhar perturbado em seu rosto, duvido que serei capaz de fazê-lo sair.

Incapaz de ficar parado, ele anda ao redor do vestíbulo. — Eu tenho ouvido os rumores na escola, mas nunca pensei em questionar você porque eles eram tão insanos. Tão longe da pessoa que você é, mas Linze me ligou há pouco e me contou o que aconteceu ontem. Ela me disse que você brigou com Taylor, e que bateu nela, e isso me fez perceber que eu não te conheço mais. Porque a Cam que eu conheço nunca faria algo assim. — Ele então se aproxima de mim e reduz a velocidade de sua fala. — Não posso nem pensar corretamente agora quando penso em você... com ele.

— Não é verdade, Kroy.

— Não é verdade? Isso é tudo que você tem a dizer para se defender contra isso? Você não está nem disposta a mentir melhor para encobrir isso?

— Eu não estou mentindo. É um rumor doentio que Taylor inventou por ciúmes, — eu digo, mas sei que ele não está acreditando.

— Assim como ela mentiu sobre você se cortar? — Ele antagoniza, e no momento em que eu abro minha boca para me defender, ele me ignora e fala em cima de mim, dizendo: — Linze viu os cortes, Cam. Quando Kyle estava te segurando de Taylor ontem, sua camisa foi puxada para cima, e ela viu tudo.

Uma onda de arrepios gelados envolvem minha pele quando ele diz isso, me silenciando enquanto fico na frente dele.

— Você me jurou que não era verdade. Você me pediu para acreditar em você e não em Taylor, — ele lembra. — Eu só estou querendo saber se você vai fazer a mesma coisa agora, me implorar para acreditar que você e o Sr. Andrews não estavam envolvidos um com o outro.

— Kroy, por favor...

— Como isso aconteceu com você?

— Não aconteceu.

Ele passa as mãos pelo cabelo enquanto caminha até as escadas e senta. Quando me sento ao seu lado, suas costas caem e sua cabeça se inclina para a frente.

— Diga-me como isso aconteceu com você, Cam. Como você se tornou essa pessoa, — ele diz, não mais aceitando as minhas mentiras, mas não posso lhe dar a verdade. Quando ele olha profundamente nos meus olhos, uma

compreensão mútua do porquê toma posse. Eu posso negar suas palavras o quanto quiser, mas ele está longe da possibilidade de ainda acreditar em mim. Tudo o que posso fazer é ouvir enquanto ele fala. — O fato de você não admitir isso... que você está mentindo para protegê-lo...

Me dói ver o quanto ele está lutando para expor seus pensamentos.

— Deus, Cam. Por que você quer proteger esse cara quando ele se aproveitou de você?

— Ele...

— Não, — ele interrompe. — O que quer que você esteja prestes a dizer, não, porque o fato é que ele era seu professor. Era meu também. Quero dizer, quantos anos ele tem, afinal? — Ele balança a cabeça, enojado com o pensamento, antes de olhar para mim. — Ele foi a razão pela qual você terminou comigo?

— Não, — eu afirmo, dando-lhe a verdade completa.

— Então o que foi que fez você correr para ele e não para mim? — A tristeza se constrói entre nós, e eu sinto seu desgosto. Eu quero lhe dar a verdade para que ele possa entender. Eu quero lhe dizer que eu era capaz de me relacionar com David de uma maneira que não poderia com ele. Que David me entendeu e que, apesar da diferença de idade, nos conectamos de uma maneira que nunca pensei que fosse possível. Quero que Kroy saiba que ele não fez nada de errado. Foi simplesmente a vida me afetando que me fez precisar de algo diferente, e esse diferente era David.

— Eu quero matá-lo, porra, — ele finalmente diz, fervendo sob sua respiração. — Você não tem ideia do quanto isso está fodendo com a minha cabeça agora. Um segundo, eu quero quebrar a cara daquele cara, e então... — Suas palavras flutuam, e sua mandíbula se flexiona enquanto ele luta para afastar as lágrimas. — E então quero te odiar quando penso em você se dando tão facilmente para outro cara quando eu te amei por tanto tempo e nós nunca... — Uma lágrima escapa e ele abaixa a cabeça.

— Kroy, não, — eu envolvo meu braço em torno dele em uma tentativa de consolo. Eu odeio que minhas ações o feriram, mas não é o suficiente para me fazer lamentar as minhas escolhas.

Mais nenhuma palavra é dita quando nos inclinamos um contra o outro em uma tristeza agonizante, mas é quando meu telefone começa a vibrar no meu bolso que eu me sento e leio o texto que acabou de chegar.

**Ming:** *O treinador Andrews está em todos os noticiários!!!*

Meu batimento cardíaco acelera e eu levanto abruptamente.

— O que está acontecendo, — Kroy chama enquanto corro para a sala de estar. Pegando o controle remoto, ligo em um dos canais de notícias locais e ali está ele.

— Oh meu Deus, — eu grito no momento em que vejo sua foto. Aumento o volume enquanto o âncora do noticiário fala.

— O professor do ensino médio local, David Andrews, foi preso no início desta semana depois que a escola recebeu uma denúncia, alegando má conduta sexual. A vítima, uma aluna dele de dezessete anos.

Eu largo o controle remoto e minhas mãos voam até minha boca.

— O professor foi colocado em licença administrativa imediatamente após a denúncia e desde então renunciou ao seu cargo em Edmond Ridge High. Andrews compareceu ao tribunal ontem, onde foi anteriormente denunciado por três acusações de estupro em segundo grau de uma menor e aliciamento sexual ou contato com uma menor através da tecnologia, tudo isso combinado, estabelece uma sentença máxima de cinquenta e cinco anos de prisão. Ele já foi libertado da prisão por uma fiança de vinte mil dólares e está atualmente em prisão domiciliar.

Um soluço horripilante sai do meu peito e eu caio de joelhos.

Eu gostaria de poder dizer o que aconteceu em seguida, mas tudo girou fora de controle tão rapidamente. Foi uma facada em meu coração e eu sabia, naquele exato momento, que nunca me perdoaria. Porque fui eu que o ignorei quando ele me disse para ficar no meu quarto de hotel. E se eu não tivesse ido até ele naquela noite, Taylor nunca teria me visto sair de seu quarto.

O noticiário divulga a história durante todo o final de semana. Kroy não me contata novamente, não que eu queira ou espere que ele faça isso. Ele estava tão enojado quando saiu da minha casa na tarde de sábado que duvido que volte a falar comigo.

Na segunda de manhã, sou obrigada a voltar para a escola. Me pega de surpresa quando Linze se aproxima de mim quando entro pela entrada principal. Ela não diz nada. Ela simplesmente fica do meu lado e anda comigo pelos corredores para que eu não tenha que fazer isso sozinha. Os rumores já estavam flutuando, e agora que todos viram sua foto e ouviram as acusações, esses rumores se transformaram em fatos. Não importa que a mídia esteja mantendo minha identidade em segredo, todo mundo já sabe que sou eu, e não leva muito tempo para se espalhar pela cidade.

Não há como esconder isso.

Não importa aonde eu vá, alguém olha, alguém sussurra.

Mas a escola é o pior. Se não estão me chamando de puta, como se eu fosse alguma criação de Nabokov[18], me chamam de vítima. Mas não é como eles me chamam de que dói mais, é como eles chamam David.

Pervertido.

Estuprador.

Molestador de criança.

Pedófilo.

Eles estão tomando algo tão bonito e transformando-o em algo tão vil... tão repulsivo.

Há um substituto permanente que assumiu sua classe. Sento-me no quarto período, dia após dia, enquanto os outros alunos olham para mim com uma curiosidade mórbida, sabendo que estavam tão perto do escândalo. Afinal, eles passaram a maior parte do ano nesta sala com David e eu e não tinham ideia do que estava acontecendo bem debaixo de seus narizes. Alguns até têm a coragem de me fazer perguntas sobre o chamado caso sórdido.

É excruciante.

Randall liga de tempos em tempos, mas eu digo a ele que, a menos que haja algo que eu possa fazer para ajudar David, não tenho nada a dizer. Mas isso não o impede de continuar ligando para me dar atualizações sobre o caso.

E depois há a mídia, confundindo nosso amor com um crime. Eles divulgam sua foto a cada boletim informativo e lembram o público das acusações contra ele.

Estupro. É como eles estão chamando. *Estupro*.

Eu quero gritar toda vez que eles dizem isso - às vezes eu grito. Mas na maioria das vezes, me enrolo e me escondo atrás da parede que lentamente fui capaz de me construir em torno do meu coração, que se parece mais como um órgão adormecido escondido na toca das minhas costelas. E nos meus momentos de completa fraqueza, os momentos em que as lágrimas caem pela minha pele rachada, eu me corto.

---

18 Foi um romancista, poeta, tradutor e entomologista russo-americano. Autor do clássico romance Lolita com uma personagem nifeta e perversa.

E mesmo que ele tenha me implorado para tentar não me machucar, eu consegui gravar quase todos os pensamentos dele em minha pele com ousadia. E quando eu penso em como ele ficaria desapontado se soubesse, culpa assume, e me corto ainda mais.

Houve algumas vezes em que segurei a navalha no meu pulso em vez do meu estômago. Pensamentos perversos alimentaram minha mente com toda a beleza que a morte ofereceria. A ideia de que havia um lugar onde a dor não existia me fez implorar a Deus para tirar a minha vida, porque eu iria querer viver quando viver dói tanto assim? Mas cada vez que eu pensava em me matar, ficava apavorada com o horror na minha cabeça, e me acovardava, mantendo minhas veias intactas.

O desgosto é tremendo.

Mal consigo colocar comida no estômago neste momento. Eu não sei quanto peso eu perdi, mas é o suficiente para que minhas roupas agora despenquem. Seu casaco, que sempre foi grande no meu corpo, agora me engole. Eu o usei tanto que substituí seu cheiro pelo meu. O dia em que não pude mais sentir o cheiro dele nas fibras, chorei com tanta força que senti como se bolhas estivessem estourando na minha garganta. Tudo que consigo lembrar desse dia é a dor lancinante de perder outro pedaço dele.

Já se passaram quatro semanas desde que a mídia divulgou a história. Um mês inteiro passou e não estou melhor, mas estou um ano mais velha.

Eu faço dezoito anos hoje.

Ninguém ao menos mencionou isso, nem mesmo minha mãe. Às vezes me pergunto se me tornei invisível.

Mas então o inesperado acontece.

A campainha toca, e eu encontro Linze na minha varanda com um cupcake na mão.

— Melhor sua bunda que a minha, — diz ela em um tom solene, e eu dou-lhe um sorriso fraco.

O tempo não fez nada para curar nosso relacionamento fraturado, mas silenciosamente ela esteve lá. Seja para calar as pessoas na escola quando as ouve falando de mim, ou andando ao meu lado nos corredores, ela oferece apoio.

— Você quer entrar?

Ela acena e segue-me para o andar de cima até o meu quarto.

— Parece uma eternidade desde que eu estive aqui.

Ela está certa. Parece.

Nós costumávamos passar inúmeras horas juntas no meu quarto fazendo coisas típicas de adolescentes. Tanto tempo gasto falando sobre garotos, assistindo filmes e pintando nossas unhas. Lembro-me de contar a ela sobre a primeira vez que Kroy me beijou quando nossa amizade finalmente cruzou a linha para algo mais.

É assustador pensar em como tudo agora está diferente - quão diferente eu estou quando ela ainda parece exatamente a mesma.

Eu coloco o cupcake na minha cômoda e meu estômago dói quando eu lambo um pouco do glacê do meu polegar.

O silêncio é desconfortável entre nós quando nos sentamos na minha cama, mas eventualmente ela é a primeira a falar.

— Estou com medo de não saber mais como falar com você.

— Sou só eu, Linz.

Seus olhos estão marejados. — Não, não é.

Embora ela seja cabeça quente, ela sempre foi sensível, então não é uma surpresa quando suas lágrimas caem.

— Nós costumávamos ser melhores amigas, — ela diz em voz alta. — Eu estive tão preocupada com você. Você não sabe quantas vezes eu quis ligar.

— Por que você não ligou?

— Eu não sabia o que dizer. Eu ainda não sei.

Não lembro da última vez que alguém de bom grado quis falar comigo, a última vez que tive qualquer toque humano. Eu estive tão incrivelmente solitária que isso está abrindo um buraco em mim que estou tão desesperada para preencher. Preciso de apoio, eu só preciso de alguém que se importe comigo, e Linze ter aparecido aqui hoje à noite, ter lembrado meu aniversário quando o resto do mundo esqueceu, me faz mais carente do que nunca por afeto.

— Eu estou tão sozinha, — eu choramingo. — Sinto como se tivesse perdido tudo.

— Você não me perdeu. Eu sei que fui uma cadela antes, e me desculpe. Mas eu estou aqui agora.

Ela envolve os braços ao redor do meu pescoço e nos abraçamos. Seu único toque me faz desejar mais, e me sinto quebrando, enfraquecendo em seu abraço, e meu coração não aguenta mais o peso desse segredo. Eu sei que fiz uma

promessa, mas todos os dias desde então, tenho morrido de uma maneira lenta e dolorosa.

Não importa a distância que este ano tenha colocado entre Linze e eu, ela é minha amiga, e sei que nunca faria nada para me trair. Então, pela primeira vez, finalmente digo em voz alta. — Eu me apaixonei por ele.

Ouvir as palavras, colocá-las aqui no universo onde sempre foram destinadas a estar, é tão agridoce. Ela continua me abraçando enquanto nós duas choramos por corações partidos e tempos perdidos.

— Então é verdade? — Ela pergunta quando se afasta e enxuga suas bochechas.

— Não. Não é nada como as pessoas estão dizendo. Nós apenas... nos apaixonamos.

Ela é vítima de uma nova série de lágrimas quando diz: — Eu sinto muito por não estar lá para você.

— Eu me sinto tão indefesa. Ele não merece nada disso.

— Você fez... você dormiu com ele?

Olho nos olhos da minha amiga que sempre me conheceu por ser a garota que faz todas as escolhas certas, a garota que sempre fez o certo por seu pai e começo a chorar. Minha cabeça cai em seu colo e ela esfrega minhas costas.

— Eu sinto muito, Cam.

Ela fica comigo, me confortando, e quando as lágrimas diminuem, ela fica ainda mais tempo. Eu não falei mais nada sobre David, e ela não pergunta. Em vez disso, ela consegue tirar minha mente de tudo, me contando sobre o quão séria ela e Kyle estão, sobre seus planos para a faculdade, e sobre o novo carro que ela espera ganhar de formatura. Eu não posso agradecer o suficiente por me dar uma conversa normal.

Ela me faz prometer comer o cupcake depois de me dizer que pareço muito magra, mas quando ela sai, eu o atiro no lixo. Meu estômago reduzido provavelmente o vomitaria de qualquer maneira, mas para sempre apreciarei o gesto. Ela veio quando eu mais precisei.

É quase meia-noite quando apago as luzes e deslizo sob as cobertas. Totalmente drenados, meus olhos estão prestes a fechar, mas meu telefone vibra, iluminando o quarto com um brilho suave quando a tela acende.

Eu me inclino para ver a notificação de um texto de um número desconhecido, e quando pego o telefone em minhas mãos e abro a tela, calor me inunda.

Desconhecido: Feliz aniversário, amor.

Não há dúvida - nem uma única - que isso veio daquele que ainda segura minha alma.

Quero enviar-lhe um milhão de mensagens enquanto me sinto explodindo em excitação e amor, mas também não consigo afastar o medo. O juiz estabeleceu uma ordem estrita de não-contato contra mim, e me preocupo que se alguém descobrir sobre isso, poderia significar consequências ainda mais prejudiciais.

Eu sei disso.

Eu sei.

Mas também sei que ele está se arriscando ao me mandar uma mensagem, então respondo com o texto mais afável, um que eu poderia defender, se precisasse.

*Meritíssimo, eu não tinha ideia de quem enviou o texto, mas não podia deixar de agradecer.*

**Eu:** *<3*

Aguardo ansiosamente por outro texto. Inferno, eu até choro por um. Mas depois de uma hora de espera, sei que foi isso, mas foi o suficiente. É o saber que ele está em sua cama, pensando em mim como estou pensando nele, que me permite respirar fundo e finalmente relaxar no sono.

# Capítulo Trinta e Dois

Alguém disse nome dele hoje. Foi um insulto ouvi-lo sendo murmurado tão levianamente, porque quando eu digo seu nome, juro que me enfraquece. Eu fico acordada a maioria das noites pensando nele quando estou tentando não pensar nele, ansiando por ele quando eu estou tentando não ansiar por ele, agonizando sobre ele quando estou tentando não agonizar.

Não há nada de bonito em sentir falta de David. É feio e cheio de muita tortura. É como ser constantemente cutucada por uma tocha cuspindo fogo, e eu me pergunto quanto tempo mais posso lidar com tudo antes que me queime em cinzas.

Todo dia é um castigo. Sou egoísta por pensar nisso dessa maneira, considerando o que David está enfrentando, mas é a verdade.

Eu sou a pária da escola. É um assalto interminável de provocação e julgamento. Eu estava certa quando pensei que Kroy provavelmente nunca mais falaria comigo, porque ele não falou. Não que eu o culpe, mas ainda dói. Os poucos amigos que tive este ano nem sequer falam comigo, porque de forma alguma querem estar ligados a leprosa da escola e se arriscar a ser marginalizados.

Estou tão sozinha. O isolamento é insuportável.

Nunca pude imaginar que meu mundo chegaria a isso. Meu último ano deveria ser o melhor de todos. Havia muita coisa pela qual eu estava ansiosa antes do acidente acontecer: jogos de futebol, baile de formatura, manifestações estudantis. Quando penso sobre essas coisas agora, elas parecem tão frívolas. O dia em que meu pai morreu foi o dia que eu mudei para sempre. Mas foi David quem entrou em cena e, com seu amor inabalável, conseguiu curar partes minha que pensei que ficariam danificadas para sempre. Ele tornou meu último ano um pouco melhor, um pouco mais fácil, um pouco tolerável.

E agora tudo isso se foi, porque ele se foi, porque dizem que nosso amor é um crime. Mas ele não fez nada de errado. Ele nunca se aproveitou de mim. Ele nunca me atacou. Ele nunca me estuprou. É tudo mentira. Mentiras que todos estão usando agora para crucificá-lo.

A devastação está além de palavras incapazes de ser ditas. Quanto mais isso rasga minha alma, mais doce a morte soa. Os últimos dois meses foram

gastos entrando e saindo de ciclos de chorar, dormir e cortar. E aqui estou eu, nada além de uma garotinha fraca que precisa desesperadamente dos braços do único homem forte o suficiente para me amar.

Sofrendo em desolação, sento-me à beira da piscina, com os pés oscilando dentro da água, enquanto olho sem vida para nada em particular. Eu, então, fecho meus olhos e jogo a cabeça para trás permitindo que o sol de maio beije minhas bochechas com seu calor, mas nem chega perto do calor dos beijos do amor perdido.

Era para ser um momento tão emocionante para mim e David. A graduação é daqui a apenas duas semanas. Nós seguramos o futuro pelas pontas dos nossos dedos, mas não foi o suficiente para nos manter em nosso controle, e agora, tudo o que esperávamos ansiosamente se foi.

Nem sequer comprei um chapéu e uma beca. Qual é o ponto? Não é como se minha mãe aparecesse ou qualquer outra pessoa. Além disso, não adianta ficar sentada entre todos apenas para eles ficarem boquiabertos e sussurrarem quando eu atravessar o palco.

— *É ela. Essa é a garota que dormiu com o professor,* — eles dirão.

Eles podem me enviar meu diploma.

Quando meu celular toca, e vejo que é Randall, meu estômago afunda como sempre acontece quando ele liga para me atualizar sobre o caso. É a ansiedade do desconhecido.

— Ei, Randall.

— Oi, Cam. Está aproveitando o seu domingo?

— Você já devia saber que não deve fazer perguntas como essa neste momento, — eu respondo em tom de brincadeira.

— Hoje é diferente.

Eu me sento um pouco mais ereta. — Como assim?

— Você me disse que eu deveria ligar caso houvesse alguma coisa que você pudesse fazer para ajudar o David. Hoje é esse dia.

Uma pressa de urgência vem sobre mim. — O que é?

— No mês passado, contra o meu bom senso, transmiti sua mensagem a Liam, o advogado de David. Bem, ele me ligou agora a pouco. Parece que a acusação está hesitante e simplesmente pediu ao juiz um prazo de tempo maior, a fim de se preparar para julgamento.

— Por quê?

— Desde que são os contribuintes que estão assegurando esse julgamento, eles querem garantir um caso sólido, especialmente porque você e sua mãe não cooperaram. Meu palpite é que eles vão usar esse tempo, principalmente, para pedir sua ajuda. Então, se eles já não ligaram para você...

— Eles ligaram, — eu digo a ele. — Ontem, mas deixei cair na caixa postal.

— E é aí que você entra. — Ele faz uma pausa e depois explica: — Não responda quando eles ligarem. Liam quer jogar um acordo sobre a mesa enquanto ele tem a acusação em um momento fraco.

Meu coração bate em esperança cega. — Que tipo de acordo?

— É um acordo de julgamento diferido.

— Simplifique, Randall.

— Envolve David se declarando culpado de um crime nas três acusações de estupro em segundo grau e uma acusação de aliciamento sexual ou de comunicação com uma menor por meio de tecnologia. Agora, quando David fizer isso, o tribunal não fará um julgamento de condenação.

— Eu ainda estou confusa sobre o que isso realmente significa.

— Basicamente, significa que ele será culpado dos crimes, mas o tribunal vai adiar sua condenação. Ele permanecerá sob supervisão judicial por um período X de tempo e com algumas restrições impostas. Se David cumprir os termos do adiamento pela duração da supervisão, eles abandonarão a condenação.

— Então ele simplesmente ficaria livre? — Eu questiono através da crescente esperança. — Sem mais prisão domiciliar?

— Mais do que provável. Sem absolutamente nenhum tempo de prisão. No entanto, se ele não cumprir as estipulações, eles, então, o condenariam e ele iria para a prisão.

Eu fico de pé e a água escorre pelas minhas pernas quando começo a andar ansiosamente. — O que temos que fazer para que isso aconteça?

— Liam está hesitante que a acusação aceitará este acordo se acharem que têm alguma chance de convencer você a depor no caso. Isso significa que você e sua mãe precisarão ser firmes e definitivas que de forma nenhuma ajudarão a acusação de David. Uma vez que souberem que não há esperança, é improvável que eles queiram ir a julgamento com uma vítima que não coopera, — ele explica. — Mas isso significa que você vai ter que convencer sua mãe.

— Quanto tempo nós temos?

— Honestamente? Isso precisa acontecer pra ontem.

Sem deixar passar outro segundo, eu desligo e corro para dentro de casa com a adrenalina da esperança explodindo em minhas veias. David foi quem me salvou este ano, então eu farei o que for preciso para salvá-lo. Darei minha vida para salvá-lo.

A culpa e responsabilidade que eu suporto por ter sido tão tola e desajeitada com o nosso amor vai pesar para sempre nos meus ombros.

Meu coração bate tão incrivelmente forte que parece que pode explodir, mas é quando entro no quarto da minha mãe que a raiva começa a cuspir sua infecção.

São duas da tarde e, claro, ela está na cama com seu vício manipulador. Sua clareza habita o fundo da garrafa em seu criado mudo e não na realidade aterradora de nossas vidas.

Chegando até onde ela está na cama, eu empurro seu ombro. — Mãe, eu preciso que você acorde.

Ela rola e pisca.

— Acabei de desligar o telefone com Randall e eu preciso da sua ajuda.

A insistência inegável na minha voz a desperta o suficiente para se sentar. O delineador da noite passada está manchado de maneira desordenada sob seus olhos embriagados enquanto sua cabeça balança em uma tentativa de parecer lúcida.

*Não, oficial. Não bebi nada.*

Ela é uma farsa horrível.

— Você ouviu o que eu disse? — Minha voz se lança através do coração batendo de ansiedade.

— Hmm?

— Isso não é brincadeira, mamãe! Eu estou falando sério. Você precisa ligar para a DA. Diga a ela que você não vai ajudar a promotoria. Que você está totalmente à favor de David. Essa é a única chance que temos de ajudá-lo. Se eles não nos tiver do lado deles, provavelmente farão um acordo judicial.

Seu rosto se contorce de desgosto quando digo o nome dele. — Esse homem merece ser punido pelo que fez.

— Você está brincando comigo? — Eu repreendo. — Não se atreva a fingir ter moral sobre certo ou errado.

— Então você admite que aconteceu?

— Eu vou admitir o que você quiser, se isso significa que vai me ajudar.

— E o que o seu pai iria querer?

Como ela se atreve a trazê-lo para isso?

— Papai não iria querer que isso nos arrastasse, mãe. Ele não iria querer mais vidas destruídas. A dele foi o suficiente. — Eu dou um passo depreciativo para trás. Agoniada em pensar nesta mulher sendo a única que poderia estar no caminho do destino de David me mata. — Eu não posso continuar assim. — Eu me esforço para empurrar minhas palavras através do laço emocional em volta do meu pescoço. — Ajude-me. Por favor. Eu estou te implorando para não ter que sofrer mais do que já estou. Nada de bom pode resultar disso, apenas dor prolongada, e eu estou farta! Eu estou farta dessa dor e sei que você também está. Isso não está fazendo nada além de piorar tudo. Quanto mais cedo isso acabar, mais cedo a mídia vai seguir em frente para que nós também possamos!

— Então ele simplesmente sai ileso? É o que você quer?

Emoções acumulam, queimando à base da minha garganta enquanto me penduro em minhas lágrimas.

— Você me decepcionou mais vezes do que posso contar este ano, e aqui estou eu. Eu ainda estou aqui com você. Ainda não te deixei, então, por favor, tudo que estou pedindo é uma coisa. Por mim. Faça isso por mim.

Ela olha para mim como se eu fosse venenosa, e meu medo pelo que vai acontecer se ela recusar queima meu peito.

— Pela primeira vez, coloque-me em primeiro lugar, — eu imploro, e as lágrimas finalmente aparecem. — Eu farei o que for preciso para você ver que esta é a coisa certa a fazer.

— Diga-me a verdade então.

Ela pede o impossível. Não posso fazer isso - não vou fazer isso. Não confio nela para tomar minha verdade e usá-la contra mim, me punindo por sua miséria.

— Você já sabe a verdade.

— Eu quero ouvir você dizer isso.

Eu balanço a cabeça quando o pânico aterroriza minha pulsação. — Eu não posso fazer isso.

— Então eu sugiro que você saia do meu quarto.

— Eu o amo, — eu deixo escapar em quase histeria, esgotada em meu desespero enquanto minhas bochechas se revestem de lágrimas. — Isso é suficiente, porque é tudo que posso te dar. Eu o amo, e não vou dizer mais nada, mas sei que ele é um homem bom, assim como o pai era para você. Por favor... Por favor, não destrua a vida dele só porque você me odeia.

;

## Agosto

## (3 meses depois)

Uma gota de suor escorre pela minha testa e em meus olho, temporariamente me cegando com seu ardor.

— Por que diabos o verão tem que ser tão quente? — Eu lamento enquanto limpo a testa na minha manga e coloco mais uma caixa no porta-malas do meu carro.

— Eu ainda não consigo acreditar que você está indo embora.

Linze me entrega a caixa que está segurando, e eu acrescento as outras antes de me voltar para a única pessoa que me ajudou a passar os últimos meses. Eu não sei o que eu teria feito sem ela. Este verão não tem sido nada mais que uma câmara de angústia congelada no tempo. A única luz que me manteve em movimento foi a contagem regressiva até hoje: dia da mudança. E mesmo que eu esteja triste por deixar a única salvação que me resta, ela não é suficiente para me manter aqui em Oklahoma.

Duvido que exista uma pessoa nesta cidade que não saiba que eu sou a garota que David Andrews “estuprou”. E por que não deveriam quando as câmeras foram permitidas no tribunal no dia em que ele esteve na frente do juiz e se declarou culpado por me estuprar. Eu, junto com muitos outros, sentei-me colada à televisão enquanto meu amor mentia no tribunal. Ouvir essas palavras tão repulsivas saindo da mesma boca que costumava me beijar tão docemente foi uma adaga no meu coração, e eu sangrei durante semanas.

Eu me senti tão dividida depois – ainda estou - é difícil saber se eu deveria estar feliz ou triste por eles terem entrado em um acordo. É uma mistura de emoções que ainda não consegui resolver, mas acima de tudo, eu sou eternamente grata por minha mãe ter ficado ao meu lado. Eu não posso nem explicar o choque quando acordei na manhã seguinte depois de implorar para ela ajudar David.

*— O que você está fazendo? — Eu pergunto quando minha mãe entra na cozinha, sóbria e vestida.*

*Ela pega uma garrafa de água da geladeira e se vira para olhar para mim. Ela não fala imediatamente quando vejo lágrimas em seus olhos.*

*— Eu estou indo até o escritório da promotoria... por você.*

*Uma exalação de alívio desinfla meus pulmões e eu quero correr até seus braços e agradecê-la profundamente, mas não o faço. Eu apenas fico de pé, chocada demais para me mexer. Quando abro a boca, nem consigo falar. Meu peito dói em gratidão ilimitada, e quando uma lágrima cai pelo meu rosto, ela ergue a mão e limpa, tocando minha cicatriz pela primeira vez.*

*— Estou fazendo isso porque eu te amo, — ela diz, sua voz tremendo em emoções que ela enterrou tão profundamente que achei que nunca as veria novamente. Ela pega sua bolsa e começa a se afastar, mas depois para e se vira para mim, acrescentando: — E só porque seu pai era melhor em amá-la do que eu, isso não significa que eu nunca quis você. Eu quis. Eu te queria muito... eu ainda quero.*

Sua confissão naquela manhã tocou cada ferida exposta que ela me causou. Suas palavras não fizeram nada para curar o dano que já havia causado, mas elas me lembraram que, debaixo de toda a tristeza, miséria e álcool, minha mãe ainda estava lá. Que eu não a perdi completamente.

Depois daquele dia, ela voltou a beber. Eu não sei se ela tem força para parar, mas eu gostaria de pensar que, comigo partindo, talvez ela fique um pouco melhor - um pouco mais feliz, porque não vai me ter como um lembrete por tudo o que seu coração chora.

— Ok, se despeça de mim antes de eu comece a chorar, — diz Linze.

Eu olho para a Loira Selvagem, que, em um ponto, foi praticamente minha irmã. Nós nunca voltamos para a amizade que tivemos antes de meu pai morrer, não que eu esperasse. Eu mudei muito para que as coisas fossem iguais entre nós, mas temo o mal que poderia ter feito a mim mesma se ela não tivesse voltado para mim.

Eu provavelmente não estaria aqui agora.

Eu envolvo meus braços ao redor dela em um abraço sincero. — Eu não sei como agradecer a você.

— Apenas me prometa que você vai para a Carolina do Norte e vai se divertir. Muito em breve, toda essa bagunça será uma lembrança distante.

— Vou sentir saudades de você.

No minuto em que seus olhos lacrimejam, ela abaixa os óculos escuros. — Dirija com segurança, — ela diz, tentando não chorar. — Ligue para mim quando chegar lá, ok?

— Eu vou.

Observo enquanto ela caminha até o carro e, quando abre a porta, ela diz: — Lembre-se... Divirta-se!

— Entendi. Vou me divertir! — Eu digo a ela antes de ir embora, mas não sei se posso seguir com essa promessa.

Eu não tenho ideia de como devo começar uma nova vida e esquecer a que estou deixando para trás. Duvido que algum dia esqueça de David. Como posso? Ele é o primeiro e único homem pelo qual eu realmente me apaixonei. Ele é meu primeiro tudo. Minha pele ainda sente suas mãos quando estou deitada na cama à noite porque ele foi o primeiro a me tocar do jeito que fez - com amor, afeto e adoração inabalável. Deus, ele era tão bom em me amar. Eu tenho que seguir em frente. Eu tenho que de alguma forma deixar ir, mas estou com tanto medo de me libertar dele. Eu quero ficar com ele para sempre, mas a lei roubou isso de nós.

Nosso sonho era ir para a Carolina do Norte juntos, mas agora eu tenho que fazer isso sozinha, enquanto David fica para trás por ordem do tribunal. O acordo foi que ele será mantido sob supervisão do tribunal por quatro anos e que deve comparecer ao tratamento semanal de agressores sexuais. Ele também não pode deixar o estado por dois anos. Depois disso, ele só pode sair com a permissão do promotor público. Além disso, há uma ordem de não-contato em vigor com qualquer menor de dezoito anos. Mas a pior parte é... eles colocaram uma ordem de não-contato contra mim - por quatro anos.

Quatro anos!

Com tudo carregado no meu carro, eu fecho o porta-malas e volto para o meu quarto uma última vez. É difícil pensar sobre o que essas quatro paredes viram no ano passado. É difícil para mim também, então não penso. Eu pego o livro que acabei comprando de Cosmopólis da minha cômoda. Eu leio todas as noites antes de ir para a cama, como uma forma de me sentir conectada a David,

mesmo que não devesse, sabendo que são coisas desse tipo que tornarão impossível seguir em frente, mas eu não estou pronta para deixar ir ainda.

Eu diria adeus a minha mãe se ela estivesse aqui, mas ela saiu algumas noites atrás e não retornou. Então, eu tranco a casa atrás de mim, e depois de jogar o livro ao lado da minha bolsa no banco do passageiro, um familiar carro preto estaciona ao longo do meio-fio.

Eu vejo quando a porta do lado do motorista se abre e Liam sai. Mesmo que Liam tenha mantido contato com Randall por minha causa, eu não o vi ou realmente falei com ele desde aquele dia na casa de David.

— O que você está fazendo aqui?

— Algo que eu não deveria fazer, — ele diz quando se aproxima do meu carro, e quando para na minha frente, acrescenta: — Mas quando se trata de você, David é insistente.

Meu estômago revira a menção de seu nome, e eu me pergunto quando esse sentimento vai começar a desaparecer.

Ele olha por cima do meu ombro e vê as caixas empilhadas no meu banco traseiro. — Você está saindo da cidade?

— Há apenas uma coisa aqui para mim, mas eu não posso tê-la, então não há por que ficar.

— É provavelmente o melhor. E eu não estou dizendo isso para ser um idiota. Eu estou dizendo que vocês dois não serão tentados a fazer algo estúpido.

— Eu nunca faria nada para pôr em risco esse acordo. — Eu sei que Liam está certo, mas a acusação em sua voz é afiada.

Ele tira um envelope branco do paletó e o estende para mim.

— O que é isso?

— Algo que eu aconselhei contra, — ele diz, e eu pego de sua mão. — É uma carta.

— Obviamente, mas eu...

— Como eu disse, — ele interrompe. — Você partir é a melhor coisa para ele. Ele não precisa da tentação de viver a cinco minutos de distância.

Eu olho para o envelope, passando a mão sobre as fibras do papel que suas mãos tocaram e meu coração fica pesado.

— Como ele está?

Liam enfia as mãos nos bolsos das calças e suspira. — Ele está destruído, o que provavelmente é o mínimo. A mídia foi implacável, mas, além disso, ele queria que eu dissesse que ele sente a sua falta e que tudo o que você precisa saber está na carta.

Eu dou-lhe um aceno com a cabeça, porque se eu tentar falar em torno do nó na minha garganta, só explodiria em lágrimas.

— Eu esperaria para ler isso. Pelo menos até você chegar onde está indo.

Eu aceno de novo, segurando a coisa mais próxima que eu tenho do meu amor proibido em minhas mãos.

Antes de sair, seus lábios se levantam em um sorriso sutil. — Eu nunca vi um amor tão intenso quanto o que aquele homem tem por você.

— Você pode dizer algo a ele por mim?

— Claro.

Um milhão de palavras inundam minha cabeça de uma vez, mas eu vou com o que eu nunca tive a chance de dizer. — Você pode dizer a ele que eu disse *'Obrigada por não ter medo de me amar'?* — Sem nenhum controle, as lágrimas já estão escorrendo pelo meu rosto. — E diga a ele que eu o amo. Que eu realmente o amo.

Liam balança a cabeça e me dá um segundo para recuperar a compostura antes de dizer: — Boa sorte para onde quer que você esteja indo.

Eu acabei de dar a ele o último remanescente de mim mesma para levar de volta a David, e é quase debilitante. Então, quando eu deslizo atrás do volante, deixo cair a cabeça e solto soluços angustiantes em minhas mãos. Eu choro enquanto fico balançando entre uma faca de dois gumes - amando o universo por me dar alguém tão especial quanto David, e odiando o universo por arrancá-lo de mim tão violentamente e sem qualquer aviso.

Eu não sei quanto tempo sento aqui e choro, mas é tempo o bastante para que as cristas das minhas bochechas queimem com o sal do amor perdido. Quando eu não aguento mais, enfio o envelope no livro, giro a chave e parto para a costa leste.

Eu abro as janelas e respiro um pouco de ar fresco. E com o vento no meu cabelo, sei que, não importa o que digam, não importa o quão errado nós fomos fazendo o que fizemos, juntos todos os erros criaram o mais primoroso acerto.

Então, é isso.

É assim que termina nossa história de amor.

;

*Cam,*

*Eu tenho muito a dizer, mas não sei por onde começar, então eu acho que vou começar com isso: eu nunca tive medo da liberdade. Eu só fiquei apavorado com isso, uma vez que significava viver sem você.*

*Deus, Cam, eu não tenho ideia de como diabos deveria superar você.*

*Eu sabia que não tinha direito de ter você, mas fui egoísta e tomei você como se fosse meu direito eterno. Você me surpreendeu desde o início, mas nunca imaginei quão forte eu me apaixonaria por você. Você tocou minha alma. Você tocou e deixou suas impressões por toda parte. Eu nunca deixei ninguém chegar tão perto de mim, mas não é como se você tivesse me dado uma escolha. Nunca foi uma questão se eu queria me abrir tanto quanto fiz com você, isso simplesmente aconteceu. De alguma forma, você se infiltrou no meu coração, e eu não tenho sido mais o mesmo desde então.*

*Nunca me perdoarei pelo o que me amar fez a você. Sou um desastre constante, imaginando o quanto você deve estar sofrendo e se está com medo. Eu me preocupo com você, porque se não estou cuidando de você, então quem está?*

*Tudo o que eu posso fazer é esperar que você esteja lidando e encontrando uma maneira de curar tudo isso. Eu só queria poder estar lá por você.*

*Mas há outra coisa que preciso dizer. Eu preciso que você me prometa algumas coisas.*

*Eu sei que você está sofrendo agora, e sempre lamentarei que nosso amor tenha se voltado contra nós e agora cause dor.*

*Eu não quero que o que aconteceu te destrua mais do que já fez.*

*Eu te amo. Não tem como negar isso. Eu te amo tanto que não quero ser a razão pela qual você se impeça de viver. Eu preciso que você seja feliz e siga em frente.*

*Com isso dito, vá para a UNC. Não faça isso por nós, faça isso por você. Abra-se a novos amigos. Vá a festas e solte-se, mas fique segura. Aproveite este momento para cometer erros e se divertir. Continue nadando, porque você é incrível nisso. Mas o mais importante, eu não quero que você tenha medo de se apaixonar novamente, porque você faz isso lindamente.*

*Mais uma coisa, daqui a alguns anos, quando você estiver feliz e estabelecida, se eu alguma vez cruzar sua mente, quero que se lembre de todas as vezes que me fez sorrir. Porque sempre me lembrarei de você como a garota vibrante, saindo do teto solar do meu carro com aquele lindo sorriso louco no rosto. Eles roubaram o suficiente de nós, não os deixe tirar o que nós dois sabemos que é real. Lembre-se sempre do que éramos antes de transformarem o nosso amor em algo feio.*

*Você é a melhor coisa que já aconteceu comigo, então nunca duvide que meu amor por você foi uma das coisas mais reais que já senti em minha vida. Nunca te esquecerei.*

*Eu sinto sua falta mais do que você jamais saberá.*

*Eu te amo. Eu sempre amarei.*

**David**

# Epílogo

## Maio

## (4 anos depois)

### (David)

Uma vez eu escrevi uma carta para Cam. No entanto, foi uma total besteira. Eu não poderia dizer a ela o que realmente queria, porque aquela garota tem o coração mais terno que todos que já conheci. Ela é sensível e delicada, embora faça o melhor para esconder isso.

Levou tempo para ela confiar em mim o suficiente para me deixar entrar, mas quando ela o fez, me mostrou o quão suave realmente era, e foi por isso que eu não pude dizer a ela naquela carta que estava falando sério quando disse que nunca a abandonaria e que iria até ela assim que pudesse. Você vê, se eu tivesse dito isso, ela teria cavado um buraco para viver enquanto esperava por mim. Eu não podia deixá-la fazer isso. Ela precisava viver e experimentar a vida.

Quebrou meu coração escrever aquela carta, dizer a ela para sair e se apaixonar de novo, porque o coração dela é meu para cuidar e de mais ninguém. Ela o entregou de forma tão completa e livre para mim, e o pensamento de outra pessoa ter o que eu queria que fosse só meu, me matou. Eu era todo dessa garota e ela era minha. Ela ainda é. Depois de todo esse tempo, eu ainda a amo.

E agora estou aqui do lado de fora de um café na UNC.

Eu pulei em um avião logo depois que o juiz assinou o arquivamento da minha sentença, encerrando meus quatro anos de supervisão judicial e finalmente encerrando o caso. Eu não tenho ideia do que vou dizer a ela, mas tenho que vê-la. Se por nada, só para ter certeza que ela está bem. Não há nenhum plano em vigor além de aparecer em seu apartamento, o qual consegui encontrar o endereço. Eu teria ligado para ela, mas seu antigo número de celular agora pertence a outra pessoa.

Mas nenhum plano é necessário quando o riso alto de um grupo de garotas saindo da cafeteria me chama a atenção.

Eu tenho que olhar duas vezes quando a vejo com um enorme sorriso no rosto, um rosto que amadureceu, mas que é inegavelmente dela. Meu coração

quase pifa ao vê-la depois de tantos anos tendo apenas sua memória. Mas vê-la agora, tão cheia de vida, rindo e sorrindo, ela parece tão incrivelmente feliz.

Ela é tão bonita quanto era há quatro anos, na calçada, parecendo mais adulta do que a de dezessete anos que permaneceu na minha cabeça. Ela usa o cabelo mais curto agora, seu corpo tem mais curvas e sua pele brilha com mais cor do que antes. Eu poderia ficar aqui para sempre e olhar para o que estava morrendo de vontade de ver por muito tempo. Nunca alguém foi capaz de me fazer sentir do jeito que ela faz, e estou em descrença de que depois de tudo o que aconteceu, aqui está ela, bem na minha frente.

Quando a ouço dizer adeus a seus amigos, e ela fica para trás enquanto os outros atravessam a rua, eu dou um passo nervoso em sua direção ao mesmo tempo em que ela vira a cabeça na minha direção. No momento em que nossos olhos se encontram, ela congela e seu rosto se assusta em completo choque.

Eu luto para falar quando tudo que não sentia em quatro anos volta correndo com uma vingança. No momento em que sinto meu sangue aquecer, levanto os lábios em um sorriso sutil. Ela não se move enquanto fica paralisada em um ponto. Eu ando em sua direção, e no momento que estou perto o suficiente para sentir seu calor, quero agarrá-la em meus braços, mas temo que a assuste.

Ainda tão pequena, parada a minha frente, sua mão treme quando ela a ergue. No momento em que ela toca meu peito, minha pele se irradia com uma onda que viaja direto para o meu coração, dificultando a respiração.

— Isso é real? — Suas palavras são ofegantes e cheias de descrença, e ouvir o que eu estava perdendo por tanto tempo, explode através da fachada que tive que me forçar a viver no momento que a perdi.

— Deus, eu senti falta do som da sua voz.

Seus braços voam ao meu redor em um aperto de morte, e eu a envolvo ferozmente, segurando a garota que nunca parei de amar.

Ela é tão quente, assim como eu me lembro. Quando ela aninha a cabeça no meu peito, ela começa a chorar. Eu a abraço mais forte, completamente inseguro se sou forte o suficiente para nos manter juntos. Minhas próprias emoções vacilam, me enfraquecem, e eu estou desesperado para ver seu rosto. É tudo que preciso agora, para me assegurar que isso é real.

Eu a afasto para olhar para mim e seus olhos verdes brilham por trás das lágrimas. — Diga-me que você está bem.

— Eu estou bem.

Ela passa a mão pequena pelo meu rosto e eu sorrio porque ela é tão perfeita em todos os sentidos possíveis. Eu lutei sem ela por muito tempo, e agora ela está aqui, vinte e dois anos contra os meus trinta e seis. Quatorze anos ainda nos separam, mas agora em um mundo que aceita a divisão.

— Eu senti tanto a sua falta. — Minha voz fica tensa enquanto olhamos nos olhos um do outro.

Recuso-me a deixá-la ir enquanto seu corpo treme contra o meu.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu tinha que ver você. Eu tinha que ter certeza de que você estava bem.

— Mas... — Suas sobrancelhas franzem em preocupação.

— Acabou, — eu asseguro. — Eu peguei o avião depois que saí do tribunal ontem. — Mais algumas lágrimas escorrem por suas bochechas, e eu as enxugo enquanto ela libera a mais bela exalação de alívio.

— E você veio direto pra cá?

— Como poderia não vir?

Ela enterra o rosto contra mim mais uma vez, e eu deslizo meus dedos pelos seus cabelos e a abraço com força contra mim. Eu beijo o topo de sua cabeça, cauteloso para não ultrapassar meus limites com ela, e então o pensamento de que eu não tenho qualquer direito a ela me golpeia.

— Por que não nos sentamos, — eu sugiro enquanto a guio em direção a uma mesa que percorre a grande janela do lado de fora da cafeteria.

Assim que ela senta, agarra minhas mãos, e eu amo que ela ainda é carente de meus afetos.

— Não passou um dia que eu não tenha pensado em você e me preocupado com você, — eu digo a ela.

— Eu não achei que o veria novamente. Depois que Liam me entregou aquela carta... Eu pensei...

— Eu te fiz passar por muito. Eu não suportava a ideia de você se machucar por mais tempo. Tudo que eu queria era que você fosse feliz e sabia que você não teria sido capaz de fazer isso se ainda estivesse ligada a mim, — eu digo a ela. — Mas nunca houve um segundo em que parei de amar você.

Ela abaixa a cabeça e aperta minhas mãos antes de olhar para mim com um sorriso choroso e feliz. — Eu mal posso acreditar que você está aqui.

— Eu também não posso acreditar. — Eu paro para me recompor. — Você está maravilhosa... Você está feliz, certo?

Ela acena com a cabeça. — Demorou um pouco, mas sim, eu estou feliz. Ainda mais feliz agora que você está aqui. E você?

— Não tem sido fácil, mas consegui encontrar coisas que me fazem feliz. — Hesito em perguntar o que está queimando em mim, mas faço de qualquer maneira, porque preciso saber. — Você está vendo alguém?

— Não. Eu tentei. Eu namorei alguns garotos, mas... nunca deu certo.

Eu engulo em seco contra o pensamento dela com outra pessoa, mas não tenho o direito ao ciúme quando fui eu quem disse a ela para seguir em frente. Ainda assim, arde.

— E sobre... — Ela leva um momento antes de olhar para mim com uma compreensão silenciosa do que estou perguntando.

— Eu tenho visto uma terapeuta. — Ela afunda em si mesma e se desloca um pouco, afastando-se de mim. — Já faz um ano desde que me machuquei.

Suas mãos escapam das minhas e eu percebo que ela está ficando desconfortável.

— Eu sinto muito.

— Não sinta, — eu digo a ela enquanto observo sua tensão surgir. Ela sempre foi transparente com suas emoções e, embora esteja mais velha e mais madura, ainda posso ver através dela. Ela está sobrecarregada. — Diga-me o que você está pensando.

— Que isto é muito. Eu nem sei o que pensar. Estou em choque, porque é você. E estou começando a me sentir realmente inundada agora, porque mesmo que tenham passado quatro anos, parece que o tempo não mudou como me sinto em relação a você quando achei que tinha começado a superar. — Ela se torna mais emocional com cada palavra dita, mas eu não a paro porque nunca a vi tão consciente de si mesma antes. — Eu olho para você, e isso desencadeia aquela garota de dezessete anos em mim, mas eu não sou mais aquela garota, então sentir tudo isso agora... isso me assusta. Eu só não esperava isso, e agora, aqui está você. E eu não sei o que isso significa porque não consigo controlar meus pensamentos.

— Eu entendi. Isso é muito para ser jogado em você do nada. Tudo bem se você se sentir confusa e oprimida. Se você precisar de tempo...

— Eu preciso, mas estou com medo de não ver você de novo.

— Eu também. Eu estou com medo de te perder de novo. Mas a última coisa que quero é que você fique com medo. — Eu pego suas mãos nas minhas e a olho diretamente nos olhos. — Escute-me. Eu nunca vou me afastar de você. Não, a menos que você me peça. Então, se você precisar de tempo, tudo bem. Eu não vou a qualquer lugar.

Ela acena com hesitação.

— Eu posso ver o seu telefone?

Ela puxa para fora do bolso e entrega para mim. Eu abro seus contatos e digito o número do meu celular e o nome do hotel no qual estou hospedado junto com o número do quarto.

— Eu vou estar no Siena Hotel, — eu digo quando entrego o telefone de volta. — Eu não vou partir até ver você, ok? Portanto, leve o tempo que precisar.

Eu me certifico de que as minhas palavras cheguem seguras e certas, mas no momento em que ela se levanta e se afasta, fico preocupado que ela não volte. Essa preocupação me segue até o meu quarto de hotel, onde não consigo ficar parado. Eu ando pelo quarto incessantemente enquanto medo e insegurança que me atormentaram no passado voltam para me assombrar.

Esses quatro anos sem ela foram um inferno, e ter que me sentar em reuniões com agressores sexuais semana após semana com um monte de molestadores de crianças e estupradores me confundiu muito. A merda que eu ouvi foi o suficiente para me fornecer uma vida inteira de pesadelos. Sem mencionar a mentalidade distorcida que tive que lidar ao ser forçado a sentar-me entre eles como se eu fosse um deles.

Houve um ponto em que eu realmente comecei a lutar com a ideia de que realmente me aproveitei de Cam. Que talvez eu tivesse um ponto muito doentio na minha cabeça, e que a usei para satisfazê-lo. A vida ficou muito escura durante esse tempo, e não havia nada que eu pudesse fazer. Eu debati ver um terapeuta, mas achei que me tratariam como um molestador de crianças também no momento em que lhes falasse sobre Cam. Então, sofri com os pensamentos perversos e pesadelos que descreviam nós dois de uma maneira que eu nunca quis ver.

Mas Cam foi à terapia, e se ela foi tratada como minha vítima? E se ela pensa em mim como um predador e essa é a verdadeira razão pela qual ela estava tão nervosa na cafeteria?

Eu fico ainda mais ansioso quando vejo o céu escurecer depois que o sol se põe. Eu verifico meu telefone pela sétima vez para ter certeza se o volume está

ativado e não perdi uma ligação ou um texto. Eu penso em pedir o jantar, não porque estou com fome, mas mais pela distração de ter algo para fazer ao invés de deixar minha cabeça mexer comigo.

Meu coração quase explode quando ouço uma batida frenética na minha porta. No momento em que abro, ela cai em meus braços e eu a levanto do chão, chutando a porta enquanto a esmago contra mim.

— Diga-me o que isso significa, — ela implora com urgência. — Diga-me por que você veio.

— Porque eu amo você, Cam. Eu sempre te amei.

Eu a beijo em uma onda de fervor e ela chora contra meus lábios. Não me desculpo por ser lento enquanto abro sua boca para provar o que senti tanta falta, porque ainda a amo. Mesmo com o tempo perdido e tudo o que sofremos, ela ainda é aquela que eu amo. E num instante, toda a angústia desaparece quando ela me beija de volta.

Seus braços me envolvem enquanto a levo para a cama, e nós não somos nada mais do que corações partidos desesperados por cura. As palavras caem dos lábios que se recusam a parar de beijar, confessando nossos medos, sofrimentos, *eu senti sua falta, eu amo você, e eu nunca quero ficar sem você* enquanto lambemos as feridas um do outro.

E quando a tenho nua na cama, ela me olha como se eu fosse seu tudo, mas ela entendeu tudo errado. Porque é ela. Sempre foi ela quem nos fez o que somos quando estamos juntos.

Suas pernas se abrem tão prontamente para mim, como se eu fosse a peça que faltava para ela estar inteira. Deus sabe que ela é a minha peça faltando também. Eu abaixo meu corpo para o dela e tomo meu tempo enquanto lentamente me afundo dentro dela. No momento em que tenho seu calor a minha volta, o fogo acende em minha espinha, e sei que é onde eu deveria estar. Que isso não é algo doentio e fodido do jeito que eles queriam que nós acreditássemos.

A intensidade entre nós é infinita, e como se o tempo não tivesse passado, nossos corpos se movem juntos sem falhas. Eu me apoio nos cotovelos e a vejo olhando para mim enquanto me seguro ainda dentro dela. Suas bochechas estão rosadas enquanto lágrimas continuam a cair pelos lados de seu rosto, e quando ela passa as mãos pelo meu queixo mal barbeado e vai para trás do meu pescoço, ela sussurra pesadamente, — Como você faz isso?

— Faz o quê?

— Me fazer amá-lo como se fosse uma necessidade?

Ela geme tão docemente quando eu empurro profundamente dentro dela, desejando-a diferente de tudo que já desejei antes. Necessitados para compensar o tempo perdido, nos mantemos perto com corações batendo contra o peito um do outro, enquanto fazemos amor da única maneira que sabemos: desesperadamente.

Quando não podemos continuar e o quarto está cheio do cheiro do nosso sexo, Cam está em paz em meus braços, usando meu ombro como travesseiro. Eu a respiro e corro minha mão ao longo de sua espinha úmida, e maldição se eu não sinto vontade de chorar. Tê-la de volta em meus braços tão intimamente, sua pele toda sobre a minha, é algo pelo qual eu rezei tanto. Eu dormi tantas vezes com ela em minhas lágrimas que comecei a duvidar que estaríamos juntos novamente.

Ela passa a mão no meu peito e eu agarro seu pulso, levando a palma da mão à minha boca para beijá-la. Eu pressiono meus lábios no centro da sua mão, e quando arrasto meu polegar pelo interior de seu pulso, eu sinto a carne saliente. Eu puxo a mão dela e encontro uma cicatriz profunda percorrendo o comprimento de seu pulso, e cada osso em mim engrossa brutalmente em devastação.

Eu esperaria que ela estivesse em pânico agora, mas em vez disso, ela permanece calma enquanto inclina a cabeça para trás e olha para mim enquanto eu examino sua perturbadora tentativa fracassada de morte.

— Por quê?

— Porque tentar superar você foi a coisa mais difícil que eu já tive que fazer.

Meu peito afunda em imensa culpa pelo que eu a fiz passar, e fecho meus olhos quando beijo a cicatriz.

— Eu estou muito mais forte agora, — ela diz. — Não estou perfeita, mas aprendi a lidar melhor.

— Eu sinto muito por não estar lá para você quando mais precisava de mim.

— Não é sua culpa. — Ela coloca a mão de volta no meu peito, mas não importa quantas vezes ela tente me convencer, eu sempre suportarei o peso da responsabilidade pelo que aconteceu conosco.

É uma coisa que duvido que algum dia eu possa esquecer. Saber que essa garota queria tanto morrer que cortou seu pulso é um soco violento na minha alma. Eu odeio que ela não tivesse ninguém a quem recorrer, ninguém que

estivesse cuidando dela. Que ela foi deixada sozinha em sua miséria. Tudo o que alguém tinha que fazer era olhar para saber que ela não era forte o suficiente sozinha. Ela levava sua dor no exterior para todos verem, embora achasse que se escondia tão bem.

Eu viro de lado e a encaro. — Eu prometo a você, que nunca terá que sofrer sozinha novamente.

— Eu não tenho motivos para sofrer. Isso é tudo que eu sempre quis. Você é tudo que eu sempre quis.

Sua voz gentil corta o osso sólido da minha caixa torácica para curar meu coração, e eu me recuso a deixar mais tempo se interpor entre nós.

— Venha para Chicago comigo.

— Chicago?

— É onde eu moro agora, — eu digo a ela.

— Eu pensei que você não poderia deixar Oklahoma?

— Eu tive que pedir aos tribunais. Eu moro lá há nove meses.

— Por que Chicago?

— É onde eu trabalho. Sou parceiro de um velho amigo meu e nós somos proprietários de uma empresa de aquisições de pequenas empresas.

— Então você está no ramo empresarial agora?

Eu concordo. — Nós temos vários projetos em andamento em Chicago, e foi por isso que precisei me mudar para lá. — Eu corro minha mão sobre a pele nua de seu quadril e a puxo para mais perto. — Venha comigo. Não me faça sair daqui sem você.

— David, eu não posso simplesmente sair. Eu vou me formar em algumas semanas e minha mãe vai voar para cá.

— Sua mãe? — Eu questiono, lembrando dela como uma bêbada ruim que tratou Cam como um pedaço de merda. — O que está acontecendo com vocês duas?

Ela encolhe os ombros. — É complicado. Ela foi para a reabilitação alguns anos atrás e tem tentado se esforçar mais, mas muito dano já havia sido feito. Nós não conversamos com frequência, mas ela queria muito estar aqui quando me formasse.

E é agora que percebo o quanto precisamos aprender um sobre o outro quando eu pergunto: — Em que você está se formando?

— Comunicações Estratégicas. Eu também vou receber um diploma em Relações Públicas.

— O que você está querendo fazer?

— Eu gostaria de trabalhar com esportes ou algum tipo de entretenimento.

— Olhe para mim, — eu digo, e ela olha. — Eu vou ficar aqui até você se formar. Vamos tomar as próximas duas semanas para nós, mas quando eu entrar no avião para voltar a Chicago, eu quero que você venha comigo.

Seus olhos brilham.

— Eu te amo, Cam. E eu farei o que for preciso para não te perder de novo. — Eu a rolo de costas e olho nos olhos que não são mais proibidos. — Diga-me que você vem comigo.

O sorriso dela cresce, e eu nem consigo explicar a mudança no meu coração quando ela sorri: — Sim. Eu irei com você.

Ela me puxa para baixo e me beija, envolvendo as pernas em volta da minha cintura, e meu corpo reage instantaneamente. Seus quadris se elevam para mim, ansiando por proximidade, e quando dou a ela, ela diz: — Você sempre foi a única coisa que me fez sentir em casa, e mesmo que eu tenha encontrado um jeito de existir sem você, uma parte de mim sempre esteve perdida... — Eu me movo dentro dela e ela agarra meus ombros enquanto toma uma lufada de ar. E quando ela libera, duas palavras caem — até agora.

*Fim!!!*

Um ponto e vírgula é usado quando um autor poderia ter escolhido terminar a sentença, mas optou por não fazê-lo.




O autor é você e a sentença é sua vida.

Se você está sofrendo de depressão, vício, autolesão ou pensamentos suicidas, há esperança e há ajuda.

O Projeto Semicolon é uma organização sem fins lucrativos empenhada em sensibilizar para questões de saúde mental, ao mesmo tempo em que pretende ser uma fonte de inspiração.

Visite o website. Junte-se a grupos. Conecte-se com seus pares.

www.projectsemicolon.com

National Lifeline Prevention Suicídio 1-

800-273-TALK (8255) — Sua história ainda não acabou.

;

Aqui no Brasil temos o Centro de Valorização da Vida – CVV

https://www.cvv.org.br/

Ou Ligue 188